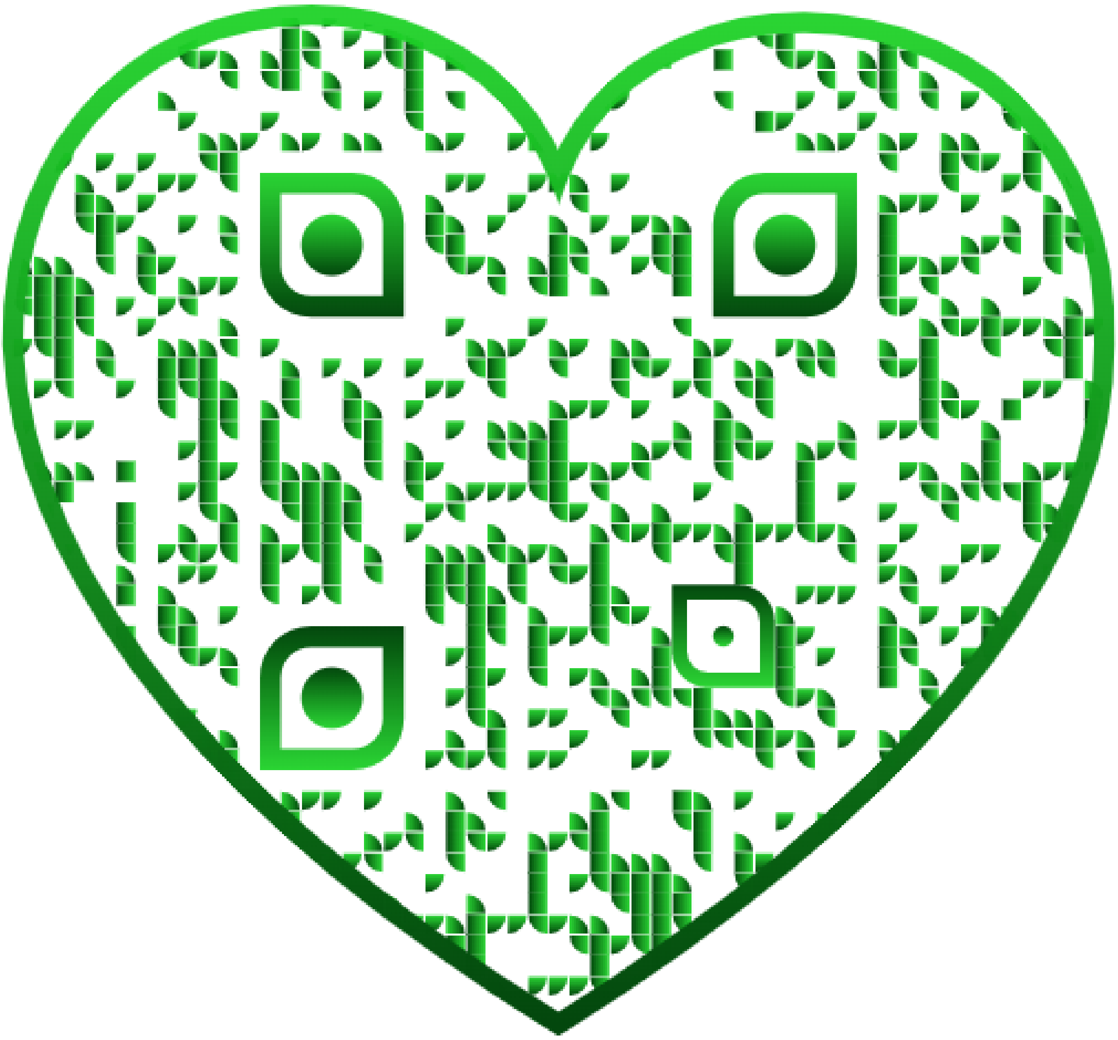
TOM ROB SMITH
AUTOR DE criança 44
O discurso
SECRETO
ROMANCE
"Mais uma história absurdamente empolgante
de Tom Rob Smith." THE INDEPENDENT
RECORD



TOM ROB SMITH
tradução de
ANA MARIA MANDIM

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO

2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Smith, Tom Rob
S649d O discurso secreto / Tom Rob Smith; tradução de Ana Maria Mandim. -Rio de Janeiro: Record, 2010.
Tradução de: The secret speech ISBN 978-85-010-8713-3
1. Serviço secreto - União Soviética - Ficção. 2. União Soviética - História -1925-1953 - Ficção. 3. Romance inglês. I. Mandim, Ana Maria. II. Título
Título original em inglês: THE SECRET SPEECH

Copyright © 2009 by Tom Rob Smith
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 -Tel.: 2585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução
Impresso no Brasil CDD: 823
CDU: 821.111-3
Seja um leitor preferencial Record. Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.
ISBN 978-85-010-8713-3

EDITORA AFILIADA

A minha irmã e meu irmão, Sarah e Michael

União Soviética Moscou

3 de junho de 1949

Durante a Grande Guerra Patriótica ele demoliu a ponte em Kalach para defender Stalingrado, detonou fábricas com dinamite, reduzindo-as a escombros, e incendiou refinarias indefensáveis, deixando o horizonte decorado com colunas de óleo em chamas. Ele não hesitava em destruir o que quer que pudesse vir a ser requisitado pela invasiva Wehrmacht. Enquanto seus compatriotas choravam ao ver suas cidades natais serem devastadas, ele supervisionava toda aquela destruição com sombria satisfação. O inimigo conquistaria a desolação de uma terra queimada, de um céu repleto de fumaça. Sempre Capaz de improvisar com qualquer material que estivesse à mão — balas de canhão, garrafas de vidro, desvio de combustível dos caminhões militares abandonados e virados —, ele ganhou a reputação de ser um homem com quem o Estado podia contar. Nunca perdia a calma, nunca cometia um erro, mesmo quando operava em condições extremas: noites congelantes de inverno, mergulhos em rios de correnteza rápida, a posição que costumava assumir sob fogo inimigo. Para um homem com tanta experiência e temperamento, o trabalho de hoje deveria ser rotina. Não havia urgência, nenhum projétil silvando sobre a cabeça. Ainda assim, aquelas mãos, conhecidas como as mais firmes do negócio, tremiam. Gotas de suor rolavam para dentro de seus olhos, forçando a secá-las com a ponta da camisa. Ele se sentia mal, como um novato, como se fosse a primeira vez que o velho herói de guerra de 50 anos Jekabs Duvákin tivesse explodido uma igreja.

Havia mais uma carga a ser colocada, exatamente em frente a ele, que estava posicionado no santuário onde o altar uma vez estivera. O trono do bispo, os ícones, os castiçais Menalia — tudo tinha sido removido. Até a lâmina de ouro havia sido arrancada das paredes. O lugar estava completamente vazio, exceto pelos volumes de explosivos amarrados nas colunas de sustentação e espalhados pelos alicerces da catedral. Apesar do estado deplorável, continuava a ser um espaço vasto e impressionante.

O domo central, com uma coroa de janelas de vidro colorido, era tão alto e tão cheio da luz do dia que parecia fazer parte do céu.

Com a cabeça inclinada para trás e boquiaberto, Jekabs admirava o topo do domo a cerca de 50 metros acima dele. Raios de sol entravam pelas janelas altas

iluminando afrescos que logo seriam despedaçados, decompostos em suas partes constituintes: 1 milhão de partículas de tinta. A luz se espalhava pelo chão de pedra liso, não muito longe de onde ele estava sentado, como se quisesse alcançá-lo, uma palma de ouro esticada.

Ele murmurou:

— Não existe deus.

Disse novamente, desta vez mais alto, as palavras ecoando dentro do domo:

— Não existe deus!

Era um dia de verão; evidente que havia luz. Não era sinal de nada. Não era divino. A luz não significava nada. Ele estava pensando demais, esse era o problema. Ele nem mesmo acreditava em Deus. Tentou lembrar-se das muitas frases antirreligiosas do estado.

A religião pertenceu a uma época em que era cada homem por si e Deus por todos.

Este edifício não era sagrado ou abençoado. Ele deveria enxergá-lo como nada mais que pedra, madeira e vidro — e com dimensões de 100 metros de comprimento por 60 de largura. Não produzia nada, não servia a nenhuma função qualificada, a igreja era uma estrutura arcaica, erigida por razões arcaicas por uma sociedade que não existia mais.

Jekabs sentou-se, correndo a mão pelo chão de pedra fria, alisado por centenas e milhares de fiéis que assistiram às cerimônias durante muitas centenas de anos. Tomado pela magnitude do que estava prestes a realizar, ele começou a engasgar como se tivesse algo preso na garganta. A sensação passou. Ele estava cansado e exausto — isso era tudo. Normalmente, em um projeto de demolição dessa escala, ele seria ajudado por uma equipe, com a carga de trabalho dividida. Neste caso, ele decidiu que seus homens podiam ter um papel periférico. Não havia necessidade de dividir a responsabilidade, nem de envolver seus colegas sem motivo. Nenhum deles tinha o pensamento tão objetivo quanto o dele. Nenhum deles se havia purgado de sentimentos religiosos. Ele não queria homens com motivações conflitantes trabalhando ao seu lado.

Durante cinco anos, começando ao nascer do sol, ele havia cuidado de cada carga — explosivos estrategicamente posicionados para assegurar que a estrutura caísse para dentro, os domos cairiam em cima de si mesmos. Estava longe de ser uma demolição caótica, havia ordem e precisão em seu trabalho, e ele sentia orgulho dessa habilidade em particular. Esse edifício apresentava um desafio único. Não era uma questão moral, mas um teste intelectual. Com uma torre de sino e cinco cúpulas douradas, a maior das quais se sustentava sobre um tabernáculo de 80 metros de altura, a demolição controlada e bem-sucedida do

dia de hoje seria uma conclusão condizente com a sua carreira. Ao fim de tudo isso, havia sido prometido a ele uma aposentadoria precoce. Falava-se até que receberia a Ordem de Lênin, pagamento por um trabalho que ninguém mais desejava fazer.

Ele sacudiu a cabeça. Não devia estar aqui. Não devia estar fazendo isso. Deveria ter fingido uma doença. Deveria ter forçado alguém a colocar a carga final. Isso não era trabalho para um herói. Mas os perigos de evitar um trabalho eram muito maiores, muito mais reais que alguma ideia supersticiosa de que seu trabalho poderia ser amaldiçoado. Ele tinha uma família para proteger — uma mulher, uma filha — e ele as amava muito.

LAZAR FICOU DE PÉ ENTRE A MULTIDÃO, fora do perímetro da catedral de Santa Sofia, a uma precavida distância de 100 metros, sua solenidade contrastava com a excitação e o burburinho dos que estavam a sua volta. Ele decidiu que eles eram o tipo de multidão que assistiria a uma execução pública, não por princípio, apenas pelo espetáculo, apenas para ter algo que fazer. Havia uma atmosfera festiva, as conversas borbulhavam de animação. Crianças enganchadas nos ombros dos pais, impacientes para que algo acontecesse. Uma catedral não era o bastante para elas: a catedral precisava desabar para entretê-las.

Na frente de uma barricada sobre um pódio especialmente construído para fornecer um plano elevado, uma equipe de filmagem estava atarefada montando tripés e câmeras — discutindo os melhores ângulos para capturar a demolição. Foi dada uma atenção particular para garantir que eles registrariam todas às cinco cúpulas, e havia uma ardente especulação sobre se os domos de madeira realmente se despedaçariam no ar quando se chocassem uns com os outros antes de atingirem o solo. Isso dependeria, raciocinavam da habilidade dos especialistas que posicionaram os explosivos lá dentro.

Lazar se perguntou se haveria tristeza também entre a multidão. Ele olhou à esquerda e à direita, procurando espíritos semelhantes ao seu — o casal a distância, ambos em silêncio, com faces lívidas, a mulher idosa com a mão no bolso. Ela havia ocultado algo ali, um crucifixo, talvez. Lazar queria dividir essa multidão, separar os enlutados dos animados. Queria ficar ao lado daqueles que avaliavam aquilo que estava prestes a ser perdido: uma igreja de 300 anos de idade. Chamada e designada como a catedral de Santa Sofia em Gorki, ela havia sobrevivido a guerras civis e mundiais. O dano recente causado por bomba era uma razão para preservá-la, não para destruí-la. Lazar lera desdenhosamente o artigo publicado no Pravda, alegando instabilidade estrutural. Tal alegação não era mais que um pretexto, uma isca de lógica falsa para tornar o feito palatável.

O Estado havia ordenado à destruição da igreja e, o que era pior, muito pior, a ordem tinha a aquiescência da Igreja Ortodoxa. Ambos os participantes desse crime afirmavam que era uma decisão pragmática e não ideológica. Listavam uma série de fatores que contribuíam para isso: danos causados pelos ataques da Luftwaffe. O interior requeria renovações elaboradas que não podiam ser pagas. Além disso, o terreno no centro da cidade era necessário para um projeto de construção crucial. Todos numa posição de poder estavam de acordo. Esta igreja, uma das mais bonitas de Moscou, deveria ser demolida.

A covardia estava por trás do arranjo vergonhoso. As autoridades eclesiásticas, que haviam reunido todas as congregações da igreja pelas costas de Stálin durante a guerra, eram agora um instrumento do Estado, um ministério do Kremlin. Esta demolição era uma demonstração da subjugação. Eles a explodiriam por nenhuma outra razão a não ser como prova de humildade: um ato de automutilação para atestar que a religião era inofensiva, dócil, domada. Não precisava mais ser perseguida. Lazar entendia a política do sacrifício: não era realmente melhor perder apenas uma igreja do que perder todas? Quando jovem ele testemunhara seminários teológicos serem transformados em alojamentos para trabalhadores, igrejas convertidas em salões de exibição antirreligiosa. ícones haviam sido usados como lenha, padres tinham sido presos, torturados e executados. Perseguição contínua ou rápida subserviência: essa havia sido a escolha.

JEKABS OUVIU O SOM da multidão reunida do lado de fora, o burburinho enquanto esperava o espetáculo começar. Ele estava atrasado. Já deveria ter concluído a tarefa. Mas durante cinco minutos não fora capaz de se mover, fitando a carga final completamente petrificado. Ouviu atrás de si o estalido da porta. Olhou por cima do ombro. Era seu colega e amigo. Ele gritou, a voz ecoava:

—Jekabs! Algo errado?

Jekabs respondeu:

— Está quase pronto.

O amigo de Jekabs preferiu não comentar a situação, suavizando a voz:

— Vamos beber esta noite para celebrar sua aposentadoria? De manhã você terá uma dor de cabeça terrível, mas à noite já se sentirá muito melhor.

Jekabs sorri diante da tentativa de consolação do amigo. A culpa não seria nada pior que uma ressaca. Passaria.

— Me dê cinco minutos.

Com isso, seu amigo o deixou sozinho.

Ajoelhando-se em uma paródia de prece, o suor escorrendo, os dedos

escorregadios, ele enxugou o rosto, mas não fez diferença, a camisa ensopada não absorvia mais nada. Finalize o serviço! E ele nunca mais teria de trabalhar. Amanhã levaria sua filhinha para um passeio à margem do rio. No dia seguinte compraria algo para ela, observaria seu sorriso. Já teria esquecido esta igreja no fim da semana, os cinco domos dourados e a sensação do chão de pedra fria.

Finalize o serviço!

Ele agarrou o detonador, agachou-se diante dos explosivos.

OS VITRAIS SALTAVAM à volta de toda a igreja, cada janela estilhaçando simultaneamente — o ar repleto de fragmentos coloridos. A parede de trás transformou-se de uma sólida massa em uma agitada nuvem de poeira. Pedaços pontiagudos de pedra se levantaram e depois se chocaram com o solo, mastigando a grama, rolando na direção da multidão. A frágil barreira não ofereceu proteção, abriu-se de golpe com um retinido penetrante. À direita e à esquerda de Lazar as pessoas caíam como se suas pernas tivessem sido tiradas de debaixo delas. Crianças nos ombros dos pais tapavam o rosto, cortado por pedras que assobiavam e cacos de vidro. Como se fosse uma única entidade, um grande cardume, a multidão recuou em uníssono, agachando-se, escondendo-se uns atrás dos outros, temerosa de que mais fragmentos a rasgassem.

Ninguém esperava que coisa alguma acontecesse ainda; muitos sequer estavam olhando na direção certa. As câmeras de filmagem ainda não estavam montadas. Havia trabalhadores no perímetro da explosão, um perímetro completamente subestimado, ou uma explosão mal calculada.

Lazar ficou de pé, os ouvidos zunindo, olhando fixamente para as plumas de poeira, esperando que assentassem. Quando a nuvem se afinou ela revelou um buraco na parede que era o dobro da altura e da largura de um homem. O dano causado fazia com que parecesse que um gigante havia acidentalmente encostado a ponta de sua bota na igreja e depois apologeticamente a recuara, poupando o resto do edifício. Lazar olhou para os domos dourados. Todos em volta dele fizeram o mesmo, uma única pergunta na mente de todos: as torres cairiam?

Com o canto do olho Lazar podia ver a equipe de filmagem apressando-se para pôr as câmeras em funcionamento, limpando a poeira das lentes, abandonando os tripés, desesperada para capturar as imagens. Se perdessem a queda, não importaria a desculpa, suas vidas estariam em jogo. Apesar do perigo, ninguém se afastou, permaneceram fixos no local, procurando até pelo menor movimento, uma inclinação ou sacudidela — um tremor. Parecia que inclusive os feridos estavam silenciosos em expectativa.

Os cinco domos não caíram, alheios ao pequeno caos abaixo deles. Enquanto

a igreja continuava de pé, muitos na multidão estavam sangrando, feridos, chorando. Tão certo como se o céu se tivesse fechado de nuvens, Lazar sentiu a atmosfera mudar. Dúvidas apareceram.

Algum poder não terreno interviera e impedira esse crime? Os espectadores começaram a sair, uns poucos devagar, depois outros se juntaram a eles, mais e mais, apressando-se a ir embora. Ninguém queria assistir mais nada. Lazar lutava para conter uma gargalhada. A multidão não, mas a igreja sobrevivera! Ele se virou para o casal esperando partilhar o momento com eles.

O homem de pé estava imediatamente atrás de Lazar, tão próximo que os dois quase se tocavam. Lazar não o ouvira aproximar-se. Ele estava sorrindo, mas seus olhos eram frios. Ele não usava uniforme nem tinha um cartão de identificação. Não havia dúvida, entretanto, que era segurança do Estado, um oficial do serviço secreto, um agente do MGB — dedução possível não pelo que estava presente em sua aparência, mas pelo que estava ausente. À direita e à esquerda havia pessoas feridas. Mas esse homem não estava interessado nelas. Ele tinha sido plantado no meio da multidão para observar as reações das pessoas. E Lazar havia falhado: ficara triste quando deveria ficar feliz e feliz quando deveria ficar triste.

O homem falou com um pequeno sorriso, seus olhos imóveis não se afastavam de Lazar:

— Um pequeno empecilho, um acidente, facilmente reparável. Você deveria ficar: talvez ela aconteça hoje, a demolição. Você quer ficar, não quer? Você quer ver a igreja cair? Será um espetáculo perfeito.

— Sim.

Uma resposta cuidadosa e também a verdade, ele de fato queria ficar, mas não, não queria que a igreja caísse e com certeza não diria isso. O homem continuou:

— Este lugar será uma das maiores piscinas cobertas do mundo. Assim nossas crianças poderão ser saudáveis. Isso é uma boa, nossas crianças serem saudáveis. Qual é o seu nome?

A mais prosaica das perguntas e ainda assim a mais aterrorizadora.

— Meu nome é Lazar.

— Qual é a sua ocupação?

Não mais disfarçada de conversa casual, era agora um interrogatório aberto. Subjugação ou perseguição, ser pragmático ou ter princípios — Lazar tinha de escolher. E ele de fato tinha uma escolha, à diferença de muitos de sua irmandade que eram instantaneamente reconhecíveis. Ele não precisava admitir que era um padre. Vladímir Lvov, ex-procurador-chefe do Sínodo Sagrado, havia argumentado que padres não precisavam se distinguir por sua vestimenta e que

podiam jogar fora seus hábitos, cortar o cabelo e se transformar em mortais comuns. Lazar concordava. Com a barba aparada e aparência comum, ele podia mentir para este agente, renegar sua vocação e esperar que a mentira o protegesse. Ele trabalhava em uma fábrica de sapatos ou fazia mesas — o que fosse menos à verdade. O agente aguardava.

Mesmo dia

Durante aquelas primeiras semanas em que estiveram juntos, Anísia não havia pensado muito no assunto. Maxim tinha apenas 24 anos de idade, formando do Seminário Teológico Acadêmico de Moscou, fechado desde 1918 e pouco antes reaberto como parte da reabilitação das instituições religiosas. Ela era seis anos mais velha que ele, casada, inacessível, uma tentadora perspectiva para um jovem que ela supunha ter uma experiência sexual limitada, se é que alguma. Introspectivo e tímido, Maxim nunca socializava fora da igreja e tinha poucos amigos ou familiares, ao menos nenhum vivia na cidade. Não era de surpreender que tivesse desenvolvido uma espécie de paixão. Ela tolerava os olhares prolongados, talvez até se lisonjeasse com eles. Mas de forma alguma os estimulara. Ele havia entendido mal seu silêncio, inferindo uma permissão para continuar a cortejá-la. Foi por isso que ele agora se sentia confiante o suficiente para segurar a mão dela e dizer: — Deixe-o. Venha viver comigo.

Ela estivera convencida de que ele nunca acharia coragem para agir com base no que só poderia ser, sempre, um devaneio infantil — os dois fugindo juntos. Ela havia se enganado.

De forma notável, ele escolhera a igreja do marido dela para cruzar a linha da fantasia particular para a proposta aberta: os afrescos dos discípulos, demônios, profetas e anjos julgavam seus movimentos ilícitos de suas alcovas sombreadas. Maxim arriscava tudo para o que havia sido treinado, enfrentando a desgraça certa e o exílio da comunidade religiosa sem esperança de redenção. Seu pedido sério e sincero era tão indevido e absurdo que ela não pôde evitar reagir da pior maneira possível. Ela emitiu uma risada curta, surpresa.

Antes que ele tivesse tempo de replicar, a pesada porta de carvalho se fechou com uma batida forte. Espantada, Anísia se virou e viu o marido — Lazar — apressando-se na direção deles com tanta urgência que ela apenas pôde presumir que ele havia interpretado erradamente a cena como uma prova da infidelidade dela. Ela se afastou de Maxim, um movimento súbito que apenas compôs a impressão de culpa. Mas à medida que ele se aproximava, ela percebeu que Lazar, seu marido havia dez anos, estava preocupado com outra coisa. Ofegante, como se tivesse estado correndo, ele segurou as mãos dela, mãos que apenas segundos antes tinham sido seguradas por Maxim: — Fui escolhido no meio da multidão. Um agente me interrogou. Ele falou rapidamente, as palavras saíam emboladas, sua importância empurrando para longe a proposta de Maxim. Ela

perguntou: — Você foi seguido?

Ele assentiu:

— Me escondi no apartamento de Natasha Niurina.

— O que aconteceu?

— Ele ficou do lado de fora. Fui forçado a sair pelos fundos.

— Será que vão prender Natasha e interrogá-la? Lazar levou as mãos ao rosto: — Entrei em pânico. Não sabia mais para onde ir. Não deveria ter ido para a casa dela.

— Se o único meio de eles nos encontrarem é prendendo Natasha, então temos pouco tempo.

Lazar sacudiu a cabeça.

— Eu disse a ele meu nome.

Ela entendeu. Ele não mentiria. Não comprometeria seus princípios, nem por ela, nem por ninguém. Os princípios eram mais importantes que suas vidas. Ele não deveria ter ido assistir à demolição: ela o avisara de que era um risco desnecessário. A multidão seria inevitavelmente monitorada e ele seria um observador privilegiado. Ele a ignorara, como era o seu jeito, parecendo sempre contemplar o conselho dela, mas nunca o seguia. Ela não havia pedido a ele que não se afastasse das autoridades eclesiásticas? Estariam eles em posição tão forte que pudessem ter inimigos tanto no Estado quanto na Igreja? Mas ele não tinha interesse na política de alianças: ele só queria dizer o que pensava mesmo que aquilo o isolasse, criticando abertamente o novo relacionamento entre os bispos e os políticos. Teimoso, obstinado, ele exigia que ela apoiasse a posição dele, mas não deixava que ela opinasse. Ela o admirava, um homem íntegro. Mas ele não a admirava. Ela era mais jovem que ele e tinha apenas 20 anos de idade quando eles se casaram. Ele estava com 35. Às vezes ela se perguntava se ele se casara com ela porque, sendo um padre branco, uni padre casado, fazer um voto monástico era por si só uma declaração reformista. A ideia o atraía, combinando com seu esquema liberal, filosófico. Ela sempre esteve preparada para o momento em que o Estado cruzaria suas vidas. No entanto, agora que o momento havia chegado, ela se sentiu enganada. Ela estava pagando pelas opiniões dele, opiniões para as quais ela nunca contribuíra ou tivera permissão para influenciar. Lazar pôs a mão no ombro de Maxim.

— Seria melhor se você voltasse para o seminário teológico e nos denunciasse. Como vamos ser presos, a denúncia serviria para distanciá-lo de nós. Maxim, você é jovem. Ninguém vai pensar mal se você for embora.

Vinda de Lazar, a oferta de fugir era uma proposta falsa. Lazar considerava tal comportamento pragmático abaixo de si, apropriado para outros, homens e mulheres mais fracos. Sua superioridade moral era sufocante. Longe de oferecer

a Maxim uma saída, ela o aprisionava.

Anísia interrompeu, tentando manter sua voz amigável.

— Maxim, você deve ir embora. Ele reagiu bruscamente:

— Quero ficar.

Insultado pela risada anterior de Anísia, Maxim se obstinou, indignado. Falando em um duplo sentido, invisível para o marido, ela disse: — Por favor, Maxim, esqueça tudo que aconteceu, você não ganhará nada ficando.

Maxim sacudiu a cabeça:

— Tomei minha decisão.

Anísia observou o sorriso de Lazar. Não havia dúvida de que seu marido gostava de Maxim. Ele o havia posto sob sua asa, cego para a paixão tola de seu protegido por ela, alerta apenas para as deficiências em seu conhecimento das escrituras e de filosofia. Ele ficou satisfeito com a decisão de Maxim de ficar, acreditando que tinha alguma coisa que ver com ele. Anísia aproximou-se de Lazar: — Não podemos permitir que ele arrisque a vida dele.

— Não podemos forçá-lo a partir.

— Lazar, esta luta não é dele. Também não era a luta dela.

— Ele tomou-a para si. Respeito isso. Você também deveria respeitar.

— Não faz sentido!

Ao modelar Maxim à sua semelhança, o mártir, seu marido havia escolhido humilhá-la e condená-lo. Lazar exclamou: — Chega! Não temos tempo! Você quer que ele fique em segurança. Eu também. Mas se Maxim quer ficar, ele fica.

LAZAR CORREU EM DIREÇÃO AO ALTAR de pedra, deixando-o rapidamente vazio. Todas as pessoas ligadas à sua igreja estavam em perigo. Ele pouco poderia fazer pela mulher e por Maxim: os dois tinham uma ligação muito estreita com ele. Mas sua congregação, as pessoas que haviam confiado nele, que compartilhavam seus medos — era essencial que seus nomes continuassem em segredo; Com o altar vazio, Lazar agarrou um lado dele:

— Empurre!

Não o mais sábio, mas obediente, Maxim empurrou o altar, fazendo pressão para baixo. A base áspera de pedra arranhou o chão também de pedra, deslizando vagarosamente para o lado e revelando um buraco, um lugar para ocultar-se cerca de vinte anos antes, durante os ataques mais intensos à igreja. Toda a base de pedra tinha sido removida, expondo a terra que havia sido cuidadosamente cavada, com fileiras de suportes de madeira para evitar que parasse de descer, criando um espaço de 1 metro de profundidade e 2 metros de largura. Continha um caixa de aço. Lazar desceu e Maxim o seguiu, alcançando o lado oposto da caixa, pegando-a e depositando-a no chão, pronta para ser aberta.

Anísia levantou a tampa. Maxim se agachou ao lado dela, incapaz de ocultar seu espanto.

— Música?

A caixa estava cheia de pautas musicais escritas à mão. Lazar explicou: — O compositor assistia às missas aqui, um jovem; não muito mais velho que você, estudante do Conservatório de Moscou. Ele veio até nós uma noite, aterrorizado por estar para ser preso. Temendo que seu trabalho pudesse ser destruído, ele nos confiou suas composições. Grande parte de seu trabalho foi condenada como antissoviética.

— Por quê?

— Não sei. Ele também não sabia. Ele não tinha a quem recorrer, nem família ou amigos em que pudesse confiar. Então, veio até nós. Concordamos em tomar posse do trabalho de sua vida. Logo depois ele desapareceu.

Maxim deu uma olhada nas notas musicais:

— A música... é boa?

— Ainda não a ouvimos sendo executada. Não ousamos mostrá-la a ninguém, nem fizemos com que fosse tocada para nós. Poderia provocar perguntas.

— Vocês não têm ideia de como soa?

— Não sei ler música. Nem minha mulher. Mas Maxim, você não está entendendo. Minha promessa de ajuda não dependia dos méritos do trabalho em questão.

— Estão arriscando a vida de vocês? Se isso não tem valor... Lazar o corrigiu: — Não estamos protegendo esses papéis; estamos protegendo o direito de existir dessa obra.

Anísia achava a tranquilidade de seu marido irritante. O jovem compositor em questão viera a ela, não a ele. Por isso ela havia feito o pedido a Lazar e o convencera a aceitar a música. Ao recontar a história ele havia aplainado suas dúvidas, ansiedades — reduzindo Anísia a nada mais que uma apoiadora passiva. Ela se perguntou se ele sequer estava consciente dos ajustamentos que fizera na história, automaticamente elevando a sua própria importância, recentralizando a história em torno de si.

Lazar pegou toda a coleção de pautas musicais que estavam soltas, talvez umas duzentas páginas no total. Misturados entre a música, havia documentos relativos ao trabalho da igreja e vários ícones originais que tinham sido escondidos, substituídos por reproduções. Ele rapidamente dividiu o conteúdo em três pilhas, conferindo o melhor que podia para que composições musicais completas ficassem juntas. O plano era contrabandear para fora parcelas mais ou menos iguais. Dividindo a pilha em três, havia uma chance razoável de que

alguma música sobrevivesse. A dificuldade estava em encontrar três esconderijos diferentes, três pessoas dispostas a sacrificar a vida por algumas páginas com as notas musicais apesar de não conhecerem o compositor nem jamais terem ouvido sua música. Lazar sabia que na paróquia muitos ajudariam — também era provável que muitos estivessem sob algum tipo de suspeita. Para essa tarefa eles necessitavam da ajuda de um soviético perfeito, alguém cujo apartamento nunca fosse ser revistado. Tal pessoa, se existisse, nunca os ajudaria. Anísia dava sugestões: — Martemian Sirtsov.

— Muito falador.

— Artiom Nakaev.

— Ele concordaria, pegaria os papéis e depois entraria em pânico, perderia a calma e os queimaria.

— Niura Dmitriêva.

— Diria que sim, mas nos odiaria por termos pedido isso a ela. Ela não dormiria. Ela não comeria.

No final, dois nomes—isso era tudo com que eles concordavam. Lazar decidiu manter parte da música escondida na igreja, junto com os ícones maiores, tornando a guardá-los na caixa e empurrando o altar de volta para a posição inicial.

Uma vez que era mais provável que Lazar fosse seguido, Anísia e Maxim deveriam levar parte da música para os dois endereços. Eles podiam partir separadamente. Anísia estava pronta: — Vou primeiro. Maxim sacudiu a cabeça:

— Não. Eu vou.

Ela imaginou o motivo para o oferecimento de Maxim: se ele conseguisse escapar, então ela teria chance de escapar também.

Eles destrancaram a porta principal, levantado à grossa tranca de madeira. Anísia sentiu Maxim hesitar, sem dúvida com medo, finalmente compreendendo a dificuldade da situação em que se encontrava. Lazar sacudiu a cabeça. Maxim olhou para Anísia por cima do ombro do marido dela. Quando Lazar estava pronto, Maxim deu um passo na direção de Anísia. Ela o abraçou e observou-o partir na noite.

Lazar fechou a porta, trancando-a, reiterando o plano.

— Esperamos dez minutos.

Sozinha com o marido, ela sentou-se em um banco perto da porta da frente da igreja. Ele se juntou a ela. Para sua surpresa, em vez de rezar, ele segurou a mão dela.

Dez minutos se passaram, eles caminharam até a porta. Lazar levantou a tranca. Os papéis estavam em uma bolsa pendurada em seu ombro. Anísia parou do lado de fora. Eles já se haviam despedido. Ela se virou, observando Lazar

fechar a porta atrás dela. Ela ouviu a tranca ser recolocada no lugar. Caminhando em direção à rua, ela procurou rostos nas janelas, movimentos nas sombras. Subitamente teve o pulso agarrado. Espantada, ela se virou rapidamente.

— Maxim?

O que ele estava fazendo ali? Onde estava a música que carregava? Detrás da igreja uma voz gritou, dura, impaciente: — Liev?

Anísia viu um homem de uniforme escuro — um agente da MGB. Havia mais homens atrás dele, juntando-se como baratas. Suas perguntas se dissolveram, e ela se concentrou no nome chamado: Liev. Com o empurrão de uma simples palavra, o nó de mentiras se desfez. Eis por que ele não tinha amigos ou família na cidade, por que ficava tão quieto nas aulas de Lazar: ele não sabia nada das escrituras, ou de filosofia. Eis por que ele queria deixar a igreja primeiro, não para protegê-la, mas para alertar a segurança, preparar-se para a prisão deles. Ele era da Cheka, um chekista, um agente da polícia secreta. Ele enganara a ela e a seu marido.

Ele se infiltrara na vida deles a fim de reunir o máximo de informação possível, não apenas sobre eles, mas também sobre as pessoas que simpatizavam com eles, desferindo um golpe nos bolsões de resistência remanescentes dentro da catedral. A tentativa de seduzi-la havia sido um objetivo transmitido por seus superiores? Eles a haviam identificado como fraca, ingênua e instruído esse bonito policial a compor uma persona — Maxim — para manipulá-la?

Ele falou calma e intimamente, como se nada tivesse mudado entre eles: — Anísia, você pode ter mais uma chance. Venha comigo. Deixei tudo pronto. Eles não estão interessados em você. Estão atrás de Lazar.

O som da voz dele, terna e preocupada, era chocante. A oferta que Maxim fizera antes, para que fugisse com ele, não havia sido uma fantasia ingênua. Tinha sido romântica. Tinham sido os cálculos de um agente. Ele continuou: — Aceite o conselho que você me deu, denuncie Lazar. Posso mentir por você. Quero proteger você. É ele que eles querem. Não conseguirá nada continuando a ser leal.

LIEV ESTAVA FICANDO SEM TEMPO. Anísia tinha que entender que ele era sua única chance de sobrevivência, não importava o que pensasse dele. Ela não ganharia nada por apegar-se a seus princípios. O oficial superior de Liev, Nikolai Borisov, caminhava na direção deles. Quarenta anos de idade, tinha o corpo de um veterano levantador de peso, ainda forte, mas afrouxado pelo excesso de bebida: — Ela está cooperando?

Liev estendeu a mão, seus olhos pedindo a ela que entregasse a bolsa.

— Por favor?

Em resposta, ela gritou o mais alto que pôde:

— Lazar!

Nikolai deu um passo à frente e esbofeteou-a com as costas da mão. Ele gritou para seus homens: — Vão!

Machados foram trazidos contra a porta da frente da igreja. Liev viu ódio no rosto de Anísia. Nikolai puxou a bolsa dela.

— Ele tentou salvá-la, sua puta ingrata.

Ela se inclinou para frente, sussurrando no ouvido de Liev: — De fato acreditou que eu pudesse terminar amando você? Não foi?

Policiais agarraram os braços dela. Arrastada por trás, ela sorriu para ele, um sorriso cruel.

— Ninguém jamais amará você. Ninguém!

Liev virou as costas para ela, desesperado por vê-la ser levada embora. Nikolai pôs uma mão consoladora em seu ombro: — Você se complicaria explicando por que ela não era uma traidora. É muito melhor assim. Melhor para você. Há outras mulheres, Liev. Sempre há outras.

Liev havia completado sua primeira prisão.

Anísia estava errada. Eleja era amado — pelo Estado. Ele não queria o amor de uma traidora: isso não era amor de jeito nenhum. Engano, traição — esses eram os instrumentos dos policiais. Ele tinha um direito legítimo a eles. Seu país dependia da traição. Soldado antes de se tornar agente do MGB, ele havia experimentado necessidades selvagens na derrota do fascismo. Até as coisas mais terríveis poderiam ser desculpadas pelo bem maior que eles serviam.

Ele entrou na igreja. Em vez de tentar escapar, Lazar estava ajoelhado perto do altar, rezando, aguardando seu destino. Ao ver Liev, seu orgulhoso desafio se desfez. Naquele momento de compreensão ele pareceu envelhecer vários anos: — Maxim?

Pela primeira vez desde que se conheceram ele olhou para seu protegido em busca de respostas.

— Meu nome é Liev Stepanovitch Demidov.

Lazar permaneceu em silêncio durante vários segundos. Finalmente, disse: — Você foi recomendado a mim pelo patriarca...

— O patriarca Krasikov é um bom cidadão.

Lazar sacudiu a cabeça, recusando-se a acreditar. O patriarca era um informante. Seu protegido era um espião mandado até ele pela mais alta figura religiosa. Ele havia sido sacrificado ao Estado da mesma forma que a catedral de Santa Sofia havia sido sacrificada. Ele era um tolo, avisando aos outros para terem cuidado, pregando cuidado, quando a seu lado, tomando notas, havia um

policial da MGB.

Nikolai deu um passo à frente:

— Onde estão os papéis que faltam? Liev fez um gesto para o altar: — Embaixo.

Três agentes o puxaram de lado, revelando a caixa. Nikolai perguntou: — Ele deu outros nomes?

Liev respondeu:

— Martemian Sirtsov. Artiom Nakaev. Niura Dmitriêva. Moisei Semachko.

Ele olhou de relance o rosto de Lazar: choque transformado em repulsa. Liev deu um passo na direção dele: — Olhe para o chão!

Lazar não se virou. Liev empurrou o rosto dele.

— Olhos no chão!

Lazar levantou a cabeça novamente. Desta vez Liev deu-lhe um soco. Vagarosamente, com o lábio partido, Lazar levantou a cabeça, pingando sangue, olhando para ele, repulsa misturada com desafio. Liev respondeu, como se os olhos de Lazar tivessem feito unia pergunta: — Sou um homem bom.

Segurando seu mentor pelo cabelo, Liev não parou, soco atrás de soco, continuando mecanicamente como um soldadinho de corda, executando a mesma ação repetidamente, até os nós dos dedos doerem e o lado do rosto de Lazar ficar mole. Quando ele finalmente parou e o soltou, Lazar caiu no chão, sangue se juntando em sua boca, que tomou a forma de um balão de fala.

Nikolai pôs um braço em torno do ombro de Liev, observando enquanto Lazar era levado para fora, deixando um rastro de sangue do altar até a porta. Nikolai acendeu um cigarro.

— O Estado precisa de gente como nós.

Dormente, Liev enxugou o sangue nas calças, observando: — Antes de irmos, gostaria de um momento para checar a igreja. Nikolai aceitou a proposta pelo que parecia ser.

— Um perfeccionista, isso é bom. Mas ande depressa. Hoje à noite vamos beber. Não tomou um drinque em dois meses! Você esteve vivendo como um monge!

Nikolai riu de sua própria piada, dando uns tapinhas nas costas de Liev antes de sair. Sozinho, Liev foi até o altar de pedra arredado para o lado e olhou dentro da cavidade. Preso entre um lado da caixa e a parede de terra havia uma única folha de papel. Ele se abaixou e pegou-a. Era uma pauta musical. Seus olhos correram pelas notas. Decidindo que seria melhor não saber o que tinha sido perdido, ele levantou a folha até a chama de uma vela próxima, observando o papel ficar preto.

SETE ANOS DEPOIS

Moscou 12 de março de 1956

Diretor de uma pequena gráfica acadêmica, Suren Moskvin se tornara famoso por produzir livros didáticos da pior qualidade, usava tinta que manchava e o papel mais fino que havia, tudo unido por uma lombada de cola que começava a soltar páginas poucas horas depois que o livro era aberto. Não era por ele ser preguiçoso ou incompetente. Longe disso, ele começava a trabalhar de manhã cedo e só parava tarde da noite. A razão para os livros serem de tão pouca qualidade era devido à precária matéria-prima distribuída pelo Estado. Apesar de o conteúdo das publicações acadêmicas ser cuidadosamente monitorado, não era um recurso prioritário. Preso a um sistema de cotas, Suren era forçado a produzir um grande número de livros com um papel da pior qualidade, no menor período de tempo. A equação nunca mudava e ele ficava totalmente à mercê, profundamente envergonhado por sua reputação haver caído a um nível tão baixo. Havia piadas — com dedos manchados de tinta, estudantes e professores diziam sarcasticamente que os livros de Moskvin deixavam marcas nas pessoas. Ridicularizado, ele estava achando difícil levantar da cama pela manhã. Não estava nem mais comendo direito. Bebia o dia todo, e tinha garrafas escondidas nas gavetas, atrás das fileiras de livros. Aos 55 anos, ele descobrira algo novo acerca de si mesmo: não tinha estômago para humilhação pública.

Inspecionando as máquinas de imprimir linotipos, remoendo os seus fracassos, ele observou um jovem próximo à porta. Suren se dirigiu a ele defensivamente:

— Sim? O que é? Não é normal ficar aí sem se anunciar.

O homem deu um passo à frente, em traje típico de estudante, um casaco comprido e um cachecol preto barato. Segurava um livro no braço esticado. Suren o arrancou da mão dele, preparando-se para mais reclamações. Deu uma olhada na capa: O Estado e a revolução, de Lênin. Eles haviam imprimido um novo volume na semana anterior, distribuído há apenas um dia, e este homem, parecia, era o primeiro a localizar algo incorreto. Um erro em um trabalho seminal era um assunto grave: durante o governo de Stálin um erro desses seria suficiente para garantir uma prisão. O estudante se inclinou para frente e abriu o livro, folheando-o até o início.

Impressa na página do título havia uma foto em preto e branco. O estudante

comentou:

— O texto no pé da página diz que é uma foto de Lênin, mas... como pode notar...

A foto era de um homem que não se parecia nada com Lênin, um homem diante de uma parede, uma parede completamente branca. Com o cabelo todo revolto. E olhos rebeldes.

Suren fechou o livro com violência e se voltou para o estudante:

— Você acha que eu poderia ter imprimido mil cópias deste livro com a foto errada! Quem é você? Qual é o seu nome? Por que está fazendo isso? Meus problemas se devem às limitações de material, não a um descuido qualquer!

Puxado de volta, o livro bateu em seu peito, o cachecol em torno do pescoço do estudante se afrouxou, revelando a extremidade de uma tatuagem. A visão fez Suren paralisar. Uma tatuagem era incongruen-te com a aparência de um típico estudante. Ninguém, exceto os vory, os criminosos profissionais, marcariam a pele de tal maneira.

Com o ímpeto da indignação de Suren, o homem aproveitou a hesitação dele e saiu rapidamente. Sem entusiasmo, Suren seguiu logo atrás, ainda segurando o livro e olhando a figura misteriosa desaparecer dentro da noite. Inseguro, fechou a porta, trancando-a. Algo o aborrecia: aquela fotografia. Ele tirou os óculos, abriu o livro e examinou aquele rosto um pouco mais de perto: aqueles olhos aterrorizados. Como um navio fantasma emergindo de um denso nevoeiro marinho, a identidade do homem surgiu para ele. Aquele rosto era familiar. Os cabelos e os olhos estavam desordenados porque ele havia sido preso e arrastado da cama. Suren reconheceu a foto porque ele a havia tirado.

Suren nem sempre dirigira uma gráfica. Antes, ele tinha sido empregado da MGB. Vinte anos de serviço leal, a carreira de Suren na polícia secreta se havia estendido mais que a de muitos de seus superiores. Cumprindo uma série de tarefas banais — limpar celas, fotografar prisioneiros — sua baixa posição na hierarquia tornara-se uma vantagem e ele havia sido hábil o suficiente para nunca exigir mais responsabilidade, nunca ser notado, evadindo-se das purgas cíclicas dos escalões superiores. Eram exigidas difíceis tarefas. Ele havia cumprido seu dever sem vacilar. Naquele tempo ele era um homem temível. Ninguém fazia piadas sobre ele. Ninguém ousaria. A saúde debilitada o forçou à aposentadoria. Embora bem remunerado e confortável, ele achou a ociosidade impossível. Ficar na cama sem nenhum propósito para o dia, sua mente vagara, flutuando pelo passado, lembrando-se de rostos como o agora preso a seu livro.

A solução fora permanecer ocupado, encontros e reuniões. Ele precisava de uma ocupação. Não queria relembrar.

Fechando o livro, ele deslizou o volume para o bolso. Por que isso havia

acontecido hoje? Não poderia ser mera coincidência. A despeito de seu fracasso em produzir um livro ou jornal de alguma qualidade, ele fora inesperadamente solicitado a publicar um importante documento do Estado. Ninguém havia falado sobre a natureza daquele documento. No entanto, o prestígio da missão significava recursos de alta qualidade — bom papel e boa tinta. Finalmente teve a oportunidade de produzir algo de que poderia orgulhar-se. Eles iriam entregar o documento naquela noite. E alguém ressentido estava tentando sabotá-lo exatamente quando sua sorte estava para mudar.

Ele deixou a área de produção da fábrica, correu para o escritório, ajeitando cuidadosamente para o lado seu fino cabelo cinzento. Ele usava o seu melhor terno — tinha apenas dois, um para todo dia e é outro para ocasiões especiais. Aquela era uma ocasião especial. Ele não havia precisado de ajuda para sair da cama hoje. Havia acordado antes da mulher. Barbeou-se murmurando uma canção. Tomou um café da manhã completo, o primeiro em semanas. Chegando à fábrica cedo, pegou a garrafa de vodca que estava na gaveta e despejou seu conteúdo na pia, antes de passar o dia limpando, varrendo, tirando o pó — tirando as manchas de graxa das máquinas de linotipo. Seus filhos, ambos estudantes universitários, haviam feito uma visita, impressionados pela transformação. Suren lembrou-os de que era uma questão de princípio manter imaculado o local de trabalho. O local de trabalho era onde uma pessoa adquiria sua identidade e o senso de si mesma. Os filhos deram um beijo de despedida no pai, desejando sorte com a nova e enigmática encomenda. Finalmente, depois de muitos anos de segredo e os últimos anos de fracasso, eles tinham razão para se orgulhar dele.

Conferiu o relógio de pulso. Eram 7 horas. Eles estariam ali em um minuto. Ele devia esquecer-se do estranho e da foto, não era importante. Não podia deixar que isso o distraísse. Subitamente, desejou não ter jogado a vodca fora. Um drinque o acalmaria. No entanto, eles poderiam sentir o cheiro em seu hálito. Melhor não tomar nada, melhor ficar nervoso — isso mostraria que ele levava o serviço a sério. Suren estendeu a mão para a garrafa de Kvass. Uma bebida não alcoólica de centeio de pão fermentado: isso teria que bastar.

Em sua pressa, com a coordenação trêmula pela abstinência de álcool, ele virou uma bandeja de moldes de letras de aço. A bandeja caiu de cima da mesa, esvaziando-se todo de seu conteúdo, as letras se espalhando no chão de pedra.

Clinque, clinque

O corpo de Suren ficou rígido. Não mais em seu escritório, Suren estava em um estreito corredor de tijolos, uma fileira de portas de aço de um lado. Ele se lembrava daquele lugar: a prisão Oriol, onde ele tinha sido guarda no início da

Grande Guerra Patriótica. Forçado a recuar pela rápida aproximação do exército alemão, ele e seus colegas guardas tinham recebido ordens de liquidar os prisioneiros, sem deixar para trás recrutas simpáticos aos invasores nazistas. Com os edifícios sendo bombardeados a todo momento por Stukas e Panzers, eles enfrentaram o dilema logístico de eliminar vinte celas lotadas de criminosos políticos em uma questão de minutos. Eles não tinham tempo para balas ou armadilhas. Tinha sido ideia sua usar granadas, duas jogadas em cada cela. Ele andou até o fim do corredor, abriu a portinhola de aço e jogou-as dentro — clinque, clinque — o som da casca da granada no chão de concreto. Ele fechou a portinhola para que elas não pudessem ser atiradas para fora, correndo de volta pelo corredor para fugir da explosão, imaginando os homens apalpando em busca das granadas, com os dedos sujos escorregando, tentando lançá-las pela janela pequena e gradeada.

Suren apertou os ouvidos com as mãos como se pudesse parar a memória. Mas o barulho continuou cada vez mais alto, granadas no chão de concreto, cela após cela.

Clinque, Clinque

Ele gritou: — Chega!

Tirando as mãos dos ouvidos, ele percebeu que alguém batia à porta.

13 de março

A GARGANTA DA VÍTIMA TINHA SIDO BRUTALMENTE atacada com uma série de cortes profundos e irregulares. Não havia ferimentos acima ou abaixo do que restava do pescoço do homem, causando a impressão contraditória de frenesi e controle. Considerando a ferocidade do ataque, apenas uma pequena quantidade de sangue se havia espalhado à direita e à esquerda das incisões, fazendo uma poça com a forma de asas de anjo com penas. O matador parecia ter atirado a vítima ao solo, imobilizando-a ali e continuando a cortá-la por muito tempo, mesmo depois que Suren Moskvin — 55 anos, diretor de uma pequena gráfica acadêmica —já estava morto.

O corpo de Suren fora encontrado de manhã cedo, quando seus filhos, Vsevolod e Akvsenti, entraram na gráfica, preocupados porque o pai não fora para casa no dia anterior. Perturbados, eles contataram a milícia, que encontraria um escritório saqueado: gavetas puxadas para fora da escrivaninha, papéis no chão, arquivos arrombados. Concluíram que havia sido um roubo malfeito. Somente no fim da tarde, cerca de sete horas após a descoberta, a milícia finalmente avisara ao departamento de homicídio chefiado pelo ex-agente da MGB Liev Stepanovitch Demidov.

Liev estava acostumado a esses atrasos. Ele havia criado o departamento de homicídio três anos antes, usando a influência que conquistara por solucionar os assassinatos de mais de 44 crianças. Desde a sua concepção, o relacionamento do departamento com a milícia regular era difícil. A cooperação era errática. Muitos milicianos e policiais da KGB consideravam que a própria existência do departamento implicava um grau de crítica inaceitável tanto ao seu trabalho quanto ao Estado. Na verdade, eles estavam corretos. O motivo para Liev formar o departamento era uma reação contra seu trabalho como agente. Ele havia prendido muitos civis durante sua carreira prévia, prisões que ele havia feito baseado em nada mais que uma lista de nomes impressos entregue por seus superiores. Em contraste, o departamento de homicídio buscava uma verdade apoiada em provas, não uma verdade politizada. O dever de Liev era apresentar os fatos de cada caso a seus superiores. O que eles faziam com aquela verdade era com eles. A esperança particular de Liev era que um dia ele pesaria sua folha de prisões, o número de culpados ultrapassando o de inocentes. Mesmo numa estimativa conservadora, ele ainda teria um longo caminho a percorrer.

As liberdades concedidas ao departamento de homicídio resultavam em seu trabalho sendo sujeito ao mais alto grau de sigilo. Eles se reportavam diretamente às mais altas figuras do Ministério do Interior, operando como uma subseção secreta do Escritório Principal de Investigações Criminais. A população em geral ainda precisava acreditar na evolução da sociedade. As taxas de crime declinantes eram um dogma dessa crença. Fatos contraditórios eram filtrados da consciência nacional. Nenhum cidadão poderia entrar em contato com o departamento de homicídio porque nenhum cidadão sabia que isso existia. Por essa razão Liev não podia transmitir pedidos de informação ou pedir a testemunhas que se apresentassem, pois tais ações seriam equivalentes a propagandear a existência de crime. A liberdade que fora concedida a Liev era de um tipo muito especial e ele, que havia feito tudo que estava a seu alcance para deixar para trás sua antiga carreira na polícia secreta, agora se encontrava chefiando um tipo muito diferente de força policial secreta.

Inseguro com a explicação inicial por trás da morte de Moskvin, Liev estudou a cena do crime, seus olhos se detendo na cadeira. Normalmente posicionada em frente à escrivaninha, a cadeira estava ligeiramente inclinada. Ele andou até ela, agachando-se, correndo o dedo por uma pequena linha de fratura em uma das pernas de madeira.

Ao testar com seu próprio peso, inclinando a cadeira para trás, a perna da cadeira imediatamente cedeu. A cadeira estava quebrada. Se alguém tivesse sentado ali, ela teria tombado. Ainda assim, estava posicionada em frente à mesa como se pudesse ser usada.

Voltando a atenção para o corpo, ele pegou as mãos da vítima. Não havia cortes, arranhões — nenhum sinal de que este homem se defendera. Ajoelhando-se, Liev aproximou-se do pescoço da vítima. Praticamente não sobrara nenhuma pele, exceto a da parte de trás, a área que encostava no solo, protegida dos cortes. Liev puxou uma faca, enfiando-a embaixo do pescoço da vítima e levantando a lâmina, expondo um pequeno pedaço de pele que não havia sido destruído. Ele estava contundido. Baixando o pedaço de pele, retirando a faca, Liev estava a ponto de se levantar quando viu de relance um bolso no terno do homem morto. Ele o alcançou, tirando dali um livro fino — O Estado e a revolução, de Lênin. Antes mesmo de abrir o livro, ele podia ver que havia algo incomum com a encadernação: uma página tinha sido colada dentro. Virando a página em questão, ele viu a foto de um homem desgrenhado. Embora Liev não tivesse ideia de quem fosse aquele homem, ele reconheceu o tipo de fotografia — o pano de fundo completamente branco, a expressão desorientada do suspeito. Era a foto de uma prisão.

Intrigado com essa anomalia elaborada, Liev se levantou. Timur Nesterov

entrou no gabinete, olhando para o livro:

— Algo importante?

— Não estou certo.

Timur era o colega mais próximo e amigo de Liev. A amizade que eles desenvolveram era do tipo reservado. Eles não bebiam juntos, não brincavam nem falavam muito, exceto sobre trabalho — uma parceria tipificada por longos silêncios. Para os cínicos, havia razões para supor ressentimento em suas relações. Embora quase dez anos mais novo Liev era agora chefe de Timur, a despeito do fato de que antes havia sido seu subordinado, sempre dirigindo-se a ele como general Nesterov. Objetivamente, Liev se havia beneficiado mais do sucesso conjunto.

As pessoas insinuavam que ele era um aproveitador, individualista e carreirista. Mas Timur não demonstrava ciúme. A questão de cargo era algo incidental. Ele estava orgulhoso de seu trabalho. Sua família era cuidada. Ao se mudar para Moscou, ele finalmente, depois de aguardar em listas de espera, tinha sido indicado para um apartamento moderno, com água quente corrente e suprimento elétrico durante 24 horas. Não importava como a relação deles podia parecer para os de fora, eles confiariam suas vidas um ao outro.

Timur fez um gesto em direção à área principal da fábrica, onde ficavam as imensas máquinas de linotipo, gigantescos insetos mecânicos:

— Os filhos chegaram.

— Traga-os aqui.

— Com o corpo do pai aqui?

— Sim.

Os filhos tinham recebido permissão para sair, mandados para casa antes que Liev tivesse oportunidade de interrogá-los. Ele pediria desculpas por eles terem de ver o corpo do pai novamente, mas Liev não linha intenção de confiar em informação de segunda mão passada a ele pela milícia.

Chamados, Vsevolod e Akvsenti — os dois de 20 e poucos anos — teceram à porta, lado a lado. Liev apresentou-se:

— Sou o policial Liev Demidov. Entendo que isso deva ser difícil. Nenhum deles olhou para o corpo do pai, mantendo os olhos em

Liev. O filho mais velho, Vsevolod, falou:

— Nós respondemos as perguntas da milícia.

— Minhas perguntas não vão demorar. Esta sala está como vocês a encontraram pela manhã?

— Sim, está.

Vsevolod era quem falava. Akvsenti permaneceu em silêncio, os olhos ocasionalmente piscavam. Liev continuou:

—Esta cadeira estava perto da mesa? Ela pode ter sido virada, na luta, talvez?

— A luta?

— Entre seu pai e o matador?

Houve silêncio. Liev continuou:

— A cadeira está quebrada. Se você se sentar, ela cairá. É estranho uma cadeira quebrada em frente a uma mesa. Não se pode sentar nela.

Os filhos se viraram na direção da cadeira. Vsevolod replicou:

— Você nos trouxe de volta para falar sobre uma cadeira?

—A cadeira é importante. Acho que seu pai a usou para enforcar-se.

A sugestão devia ter soado ridícula. Eles deviam sentir-se ultrajados. Mas permaneceram em silêncio. Sentindo que a especulação atingira o alvo, Liev apresentou sua teoria:

— Acho que o pai de vocês se enforcou talvez em uma das vigas da fábrica. Ele ficou de pé sobre a cadeira e depois a chutou de debaixo dos pés. Vocês encontraram o corpo pela manhã. Arrastaram-no até aqui, recolocaram a cadeira no lugar, sem notar que tinha sido quebrada. Um de vocês, talvez os dois, cortaram a garganta dele na tentativa de esconder a cicatriz da queimadura da corda. O escritório foi arrumado como se tivesse sido invadido.

Eles eram estudantes promissores. O suicídio do pai poderia terminar as carreiras e destruir as perspectivas dos dois. Suicídio, tentativa de suicídio, depressão — até mesmo verbalizar o desejo de acabar com a vida — tudo isso era interpretado como blasfêmias contra o Estado. O suicídio, assim como o assassinato, não tinha lugar na evolução de uma sociedade mais avançada.

Os filhos estavam evidentemente decidindo se seria possível negar a acusação. Liev abrandou o tom:

— A autópsia vai revelar que a espinha está quebrada. Tenho de investigar seu suicídio de modo tão rigoroso quanto investigaria seu assassinato. A razão do suicídio dele me preocupa, não o compreensível desejo de vocês de encobri-lo.

O filho mais jovem, Akvsenti, respondeu, falando pela primeira vez:

— Eu cortei a garganta dele. O jovem continuou:

— Eu estava acomodando o corpo. Percebi o que ele havia feito com nossas vidas.

— Vocês têm alguma ideia de por que ele se matou?

— Ele estava bebendo. Estava deprimido com o trabalho. Estavam falando a verdade, apesar de incompleta, ou por ignorância, ou por cálculo. Liev pressionou:

— Um homem de 55 anos não se mata porque seus leitores ficam com tinta

nos dedos. Seu pai sobreviveu a problemas muito piores que esse.

O filho mais velho irritou-se:

— Passei quatro anos da minha vida treinando para ser médico. Tudo para nada; nenhum hospital me contratará agora.

Liev levou-os para fora da sala, para a área de produção da fábrica, longe da vista do corpo do pai:

—Vocês não se alarmaram porque seu pai não chegou à casa até de manhã. Vocês tinham a expectativa de que ele trabalharia até tarde, ou teriam ficado preocupados na noite passada. Neste caso, por que não há páginas tipográficas prontas para impressão? Há quatro máquinas de linotipo para impressão. Nenhuma página foi colocada. Não existe nada que indique que algum trabalho estava sendo feito aqui.

Eles se aproximaram das enormes máquinas. À frente havia um instrumento parecido com uma máquina de escrever, um painel de letras. Liev se dirigiu aos filhos:

— Neste momento vocês precisam de amigos. Não posso descartar o suicídio de seu pai. Posso pedir aos meu superiores que não pratiquem ações que tenham impacto sobre a carreira de vocês. Os tempos são diferentes agora: os erros de seu pai não precisam se refletir sobre vocês. Mas precisam merecer minha ajuda. Contem-me o que aconteceu. Em que seu pai estava trabalhando?

O filho mais velho se mostrou indiferente:

— Ele estava trabalhando em algum tipo de documento de Estado. Não o lemos. Destruímos todas as páginas que ele montou. Ele ainda não havia terminado. Achamos que ele podia estar deprimido porque ia imprimir outro jornal mal produzido. Queimamos a cópia de papel. Misturamos as páginas montadas. Não restou nada. Essa é a verdade.

Recusando-se a desistir, Liev apontou para a máquina:

— Em qual máquina ele estava trabalhando?

— Nesta.

— Mostrem-me como trabalha.

— Mas destruímos tudo.

— Por favor.

Akvsenti olhou rapidamente para o irmão, evidentemente esperando permissão. O irmão assentiu:

— Você opera a máquina a partir de teclas. O aparelho coleta os moldes das letras ao fundo. Cada linha é formada por moldes individuais agrupados com moldes de espaço entre elas. Quando a linha é terminada, ela é fundida em uma mistura de chumbo derretido e estanho e forma um espaçador. Esses espaçadores

são colocados nesta bandeja até você ter uma página inteira de texto. A página de aço é então coberta de tinta e o papel é passado por cima: o texto é impresso. Mas, como dissemos, nós derretemos todas as páginas. Não restou nada.

Liev andou em volta da máquina. Seus olhos seguiram o processo mecânico, a coleção de moldes de letras para a linha de montagem. Ele perguntou:

— Quando eu teclo, os moldes de letras são colhidos nessa malha de montagem?

— Sim.

— Não há linhas completas de texto. Você destruiu aquelas, mas nessa malha de montagem há uma linha parcial, uma linha que não foi terminada.

Liev apontava para uma fileira incompleta de moldes de letras.

— Seu pai estava no meio de uma linha.

Os filhos espiaram dentro da máquina. Liev estava certo.

— Quero imprimir essas palavras.

O filho mais velho começou a dar tapinhas nas barras de espaço, observando:

— Se acrescentarmos espaços no final da linha, ela ficará no tamanho completo e pronta para ser modelada como um espaçador.

Moldes de espaço individuais foram acrescentados à linha incompleta até que a malha de montagem estivesse cheia. Um embolo comprimiu chumbo derretido dentro do molde e um espaçador retangular estreito caiu — as últimas palavras que Suren Moskvin teclou antes de tirar a própria vida.

O único espaçador ficou de lado, suas letras viradas, longe da vista. Liev perguntou:

— Está quente?

— Não.

Liev pegou a linha espaçadora e colocou-a sobre a bandeja. Cobriu a superfície com tinta e colocou uma folha de papel branco em cima, fazendo pressão para baixo.

Mesmo dia

Sentado na mesa de sua cozinha, Liev olhava fixamente para a folha de papel. Três palavras eram tudo o que restava do documento que havia resultado no suicídio de Suren Moskvin:

Sob tortura, Eike

Liev havia lido aquelas palavras repetidamente, incapaz de tirar os olhos delas. Apesar de fora de contexto, o efeito daquelas palavras era algo hipnótico. Rompendo o encanto, ele afastou a folha de papel para o lado e suspendeu sua pasta, deitando-a sobre a mesa. Ali dentro havia dois arquivos secretos. Para obter acesso a eles havia precisado de uma permissão. Ele não havia tido dificuldades em olhar o primeiro arquivo, sobre Suren Moskvin. O segundo, no entanto, havia suscitado dúvidas. O segundo arquivo requisitado era sobre Robert Eike.

Abrindo o primeiro conjunto de documentos, Liev sentiu o peso do passado daquele homem, o número de páginas acumuladas sobre ele. Moskvin havia sido um agente de segurança do Estado — exatamente como Liev —, um chekista, por muito mais tempo do que Liev havia servido, mantendo seu emprego enquanto milhares de policiais eram fuzilados. Incluída no arquivo havia uma lista, as denúncias que Moskvin havia feito ao longo de sua carreira:

Nestor Iuróvski. Vizinho. Executado

Rosália Reisner. Amiga. 10 anos Iakov Blok. Lojista. 5 anos

Karl Uritski. Colega. 10 anos

Dezenove anos de serviço, duas páginas de denúncias e quase uma centena de nomes — mas ele só entregara um membro de sua família, lona Radek. Primo. Executado.

Liev reconhecia uma técnica. As datas das denúncias eram ao acaso, muitas caindo em um só mês e depois nada durante vários meses. O espacejamento caótico era deliberado, ocultando um cuidadoso cálculo. Denunciar o primo quase certamente tinha sido estratégico. Moskvin precisava assegurar que sua lealdade ao Estado não terminava em sua família.

Para cobrir sua lista de credibilidade o primo tinha sido sacrificado: proteção contra a acusação de que ele só dava o nome de pessoas que não tinham significado pessoal para ele. Sobrevivente consumado, esse homem era um suicida improvável.

Comparando as datas e os locais onde Moskvin havia trabalhado, Liev reclinou-se na cadeira surpreendido. Tinham sido colegas: ambos empregados na Lubianka sete anos antes. Liev era investigador, fazendo prisões, seguindo suspeitos. Moskvin tinha sido guarda, transportando prisioneiros, supervisando detenções. Liev fizera o máximo para evitar as salas de interrogatório no porão, como se acreditasse que os assoalhos o protegessem das atividades executadas lá embaixo, dia após dia. Se o suicídio de Moskvin era uma expressão de culpa, o que havia detonado tais sentimentos extremos depois de todo aquele tempo? Liev fechou a pasta, voltando a atenção para o segundo arquivo.

A pasta de arquivo de Robert Eike, era mais grossa, pesada, a capa estampada com CONFIDENCIAL, as páginas amarradas como se para manter alguma coisa nociva dentro delas. Liev desamarrou o cordão. O nome parecia familiar. Dando uma rápida olhada naquelas páginas, ele viu que Eike havia sido membro do partido desde 1905—antes da revolução — numa época em que ser membro do Partido Comunista significava exílio ou execução. Sua ficha era impecável: um ex-candidato ao Politburo do Comitê Central. Apesar disso, ele fora preso em 29 de abril de 1938. Não havia dúvidas de que aquele homem não era um traidor. Mas Eike havia confessado: o protocolo estava no arquivo, página após página detalhando sua atividade antissoviética. Liev havia rascunhado demasiadas confissões pré-preparadas para não reconhecer esta como o trabalho de um agente, pontuada de frases curtas — sinais do estilo "da casa", um documento padrão em que qualquer pessoa poderia ser forçada a assinar o nome. Inclinando-se para a frente, Liev descobriu uma declaração de inocência escrita por Eike enquanto estava na prisão. Em contraste com a confissão, a prosa era humana, desesperada, lamentavelmente repleta de elogios ao partido, proclamando amor ao Estado e apontando com tímida modéstia a injustiça de sua prisão. Liev leu, respirando com dificuldade:

Não sendo capaz de sofrer as torturas a que fui submetido por Ushakov e Nikolaiev — especialmente o primeiro, que utilizou o conhecimento de que os meus quadris quebrados não se haviam emendado adequadamente e me causou grande dor —, fui forçado a acusar a mim mesmo e a outros.

Liev sabia o que vinha a seguir.

Em 4 de fevereiro de 1940 Eike havia sido fuzilado.

RAÍSSA FICOU DE PÉ, observando o marido. Absorto em arquivos

confidenciais, ele estava indiferente à presença dela. Essa visão de Liev — pálido, tenso, ombros curvados sobre documentos secretos, o destino de outras pessoas em suas mãos — poderia ter sido cortada do infeliz passado dos dois. A tentação era reagir do modo que havia feito tantas vezes antes, ir embora, evitá-lo e ignorá-lo. A enxurrada de recordações ruins a atingiu como uma espécie de náusea. Ela lutou contra a sensação. Liev não era mais aquele homem. Ela não estava mais presa àquele casamento. Adiantando-se, esticou o braço e descansou a mão sobre o ombro dele, demonstrando que aquele era o homem que ela aprendera a amar.

Liev encolheu-se ao toque dela. Ele não havia notado a presença da mulher no aposento. Apanhado de surpresa sentiu-se exposto. Levantou-se abruptamente, a cadeira fez barulho atrás dele. Olho no olho, viu o nervosismo dela. Ele nunca quisera que ela se sentisse daquela maneira outra vez. Ele deveria ter explicado o que estava fazendo. Ele havia caído em velhos hábitos, silêncio e segredos. Pôs os braços em volta dela. Ela descansou a cabeça no ombro dele e ele sabia que ela olhava para baixo, para os arquivos. Ele explicou: — Um homem se matou, um antigo agente do MGB.

— Alguém que você conhecia.

— Não. Não que eu me lembre.

— Você tem que investigar?

— Suicídio é tratado como... Ela interrompeu: — Quero dizer... tem que ser você?

Raíssa queria que ele passasse o caso adiante, não ter nada que ver com o MGB, mesmo indiretamente. Ele recuou.

— O caso não vai demorar.

Ela assentiu, vagarosamente, antes de mudar de assunto: — As meninas estão na cama. Você vai ler para elas? Talvez esteja ocupado.

— Não, não estou ocupado.

Ele colocou os arquivos de volta na pasta. Passando pela mulher, inclinou-se para beijá-la, um beijo que ela gentilmente interrompeu com um dedo, olhando dentro dos olhos dele. Ela não disse nada antes de remover o dedo e beijá-lo — um beijo que deu a sensação de que ele fazia a mais inquebrável e sagrada das promessas.

Entrando no quarto, ele deixou os arquivos fora de vista, um antigo hábito. Mudando de ideia, ele os pegou e deixou-os na mesa de cabeceira para Raíssa, caso ela quisesse lê-los. E logo se apressou de volta pelo corredor a caminho do quarto das filhas, tentando suavizar a tensão em seu rosto. Com um grande sorriso ele entrou no quarto.

Liev e Raíssa adotaram duas irmãs jovens. Zoia estava agora com 14 anos, e

Elena, 7. Liev foi até a cama de Elena, sentando na beirada, pegou um livro da estante, uma história infantil de Iúri Strugátski. Abriu o livro e começou a ler em voz alta. Quase imediatamente Zoia interrompeu.

—Já ouvimos essa.

Ela esperou um momento antes de acrescentar:

— Nós a odiámos da primeira vez.

A história era de um garoto que queria ser mineiro. O pai do garoto, mineiro também, havia morrido em um acidente e a mãe do garoto estava com medo de que seu filho também seguisse uma profissão perigosa. Zoia estava certa. Liev lera a história antes. Zoia resumiu-a desdenhosamente: — O garoto termina cavando mais carvão do que já havia sido cavado antes, torna-se um herói nacional e dedica o prêmio à memória do pai.

Liev fechou o livro.

—Você tem razão. Essa não é muito boa. Mas Zoia, se estiver bem para você, diga tudo que quiser nesta casa, mas seja mais cuidadosa lá fora. Expressar opiniões críticas, mesmo sobre assuntos triviais, como uma história infantil, é perigoso.

—Você vai me prender?

Zoia nunca havia aceitado Liev como seu guardião. Ela nunca o havia perdoado pela morte de seus pais. Liev não se referia a si mesmo como pai das meninas. E Zoia o chamava Liev Demidov, dirigindo-se a ele formalmente, estabelecendo a maior distância possível entre eles. Ela aproveitava toda oportunidade para lembrá-lo de que estava vivendo com ele por motivos práticos, usando-o como um meio para um fim — provendo conforto material para sua irmã, livrando-a do orfanato. Mesmo assim, tomava cuidado para que nada a impressionasse, nem o apartamento, nem os passeios, nem as viagens curtas ou as refeições.

Tão severa quanto bonita, não havia suavidade em sua aparência. Infelicidade perpétua parecia vital para ela. Havia pouco que Liev pudesse fazer para estimulá-la a passar por cima de tudo. Ele esperava que em algum ponto a relação iria lentamente melhorar. Ele ainda estava esperando. Se necessário, esperaria para sempre.

— Não, Zoia, não faço mais isso. E nunca farei novamente.

Liev abaixou-se, pegando um dos jornais Literatura Detskaia, impresso para crianças em todo o país. Antes que ele pudesse iniciar, Zoia cortou-o.

— Por que você não inventa uma história? Gostaríamos disso, não, Elena?

Quando Elena chegara a Moscou pela primeira vez, ela era muito jovem, apenas 4 anos, jovem o bastante para adaptar-se às mudanças em sua vida. Ao contrário da irmã mais velha, Elena fazia amigos e estudava muito. Suscetível à

lisonja, ela buscava elogios dos professores, tentando agradar a todos, inclusive a seus novos guardiães.

Elena ficou ansiosa. Ela entendeu pelo tom de voz da irmã que esta esperava que ela concordasse. Embaraçada por ter de escolher um dos lados, ela só balançou a cabeça afirmativamente. Liev, sentindo o perigo, respondeu: — Há muitas histórias que não lemos, tenho certeza de que posso encontrar uma de que gostemos.

Mas Zoia não mostrava piedade:

— São todas iguais. Conte para nós uma coisa nova. Invente alguma história.

— Duvido muito que isso dê certo.

—Você não vai nem tentar? Meu pai costumava inventar todo tipo de histórias. Passada em uma fazenda longínqua, no inverno, com o solo coberto por uma camada de neve. O rio que corta a fazenda está congelado. Poderia começar assim. Era uma vez duas menininhas, irmãs...

— Zoia, por favor.

— As irmãs viviam com sua mãe e seu pai e eram muito felizes. Até que um dia, um homem de uniforme, veio para prendê-los e...

Liev interrompeu:

— Zoia. Por favor.

Zoia olhou para a irmã e parou. Elena estava chorando. Liev se levantou.

— Vocês duas estão cansadas. Encontrarei livros melhores amanhã. Prometo.

Liev apagou a luz e fechou a porta. No corredor, ele se consolou dizendo a si mesmo que tudo terminaria bem. Zoia precisava apenas de um pouco mais de tempo.

ZOIA ESTAVA NA CAMA, ouvindo o som que a irmã fazia dormindo — inspirações lentas, suaves. Quando elas viviam com os pais, na fazenda, os quatro dividiam um quarto pequeno, de espessas paredes de barro, aquecidas por um bom fogo a lenha. Zoia dormia ao lado de Elena sob cobertores ásperos, cozidos à mão. Ouvindo o som da irmãzinha dormindo significava segurança: significava que seus pais estavam por perto. Mas não aqui neste apartamento, com Liev rio quarto ao lado.

Zoia nunca adormecia com facilidade. Ela ficava na cama durante horas, remoendo pensamentos até a exaustão vencê-la. Ela era a única pessoa que guardava a verdade: a única pessoa que se recusava a esquecer. Ela se levantou da cama. Fora apenas a respiração de Elena, o apartamento estava silencioso. Ela deslizou até a porta, com os olhos já ajustados à escuridão. Ela se orientou pelo corredor mantendo a mão na parede. Na cozinha, a iluminação da rua entrava pela janela. Movendo-se agilmente, como um ladrão, ela abriu a gaveta e pegou o cabo, sentindo o peso da faca.

Mesmo dia

PRESSIOANDO O CORPO DA LÂMINA contra a perna, Zoia andou na direção do quarto de Liev. Entreabriu a porta vagarosamente até ter espaço suficiente para entrar no quarto. Movimentou-se silenciosamente pelo chão de madeira. As cortinas estavam puxadas, o quarto, escuro, mas ela conhecia a disposição dos móveis, por onde deveria ir para chegar a Liev, que dormia na extremidade mais afastada.

De pé sobre ele, Zoia ergueu a faca. Embora não pudesse vê-lo, sua imaginação mapeou os contornos de seu corpo. Ela não o esfaquearia no estômago: os cobertores poderiam absorver a faca. Ela mergulharia a lâmina em seu pescoço, afundando-a o máximo que pudesse, antes que ele tivesse a chance de dominá-la. Com a faca estendida, ela fez pressão para baixo com perfeito controle. Por meio da lâmina ela conseguiu identificar o braço e o ombro dele— ela dirigiu a faca para cima, fazendo pequenas depressões até que a ponta da faca tocou diretamente o local planejado. Apostos, tudo que precisava fazer era segurar o cabo com as duas mãos e empurrar para baixo.

Zoia encenava esse ritual em intervalos irregulares; às vezes uma vez por semana, às vezes não o fazia durante um mês. A primeira vez havia sido três anos antes, pouco depois que ela e a irmã mudaram-se para aquele apartamento, vindas do orfanato. Naquela ocasião, tinha toda a intenção de matá-lo. Naquele mesmo dia ele as levara ao zoológico. Nem ela nem a irmã jamais haviam estado em um zoológico, e, confrontada com animais exóticos, criaturas que nunca vira antes, ela se esqueceu de si mesma. Por talvez não mais de cinco ou dez minutos, ela gostou da visita. Chegou a sorrir. Ele não a viu sorrir, estava certa disso, mas não importava. Observando-o com Raíssa, um casal feliz, imitando uma família, fingindo, mentindo, ela entendeu que eles estavam tentando roubar o lugar de seus pais. E ela deixara que fizessem isso. A caminho de casa, no bonde, sua culpa tinha sido tão intensa que ela havia vomitado. Liev e Raíssa culparam os doces e o movimento do bonde. Naquela noite, febril, ela ficara na cama, chorando, cocando as pernas até que sangrassem. Como havia podido trair a memória de seus pais com tanta facilidade? Liev acreditava que podia comprar o amor delas com roupas novas, comidas raras, viagens e chocolate: aquilo era patético. Ela prometeu que isso não se repetiria. Havia apenas um meio de assegurar isso: ela havia pegado a faca e resolvido matá-lo. Ela ficou de pé, como estava agora, pronta para matar.

A mesma memória que a havia levado para dentro do quarto, a memória de seus pais, era a razão pela qual ela não o matara. Eles não iriam querer o sangue desse homem nas mãos dela. Elas iriam querer que ela cuidasse da irmã. Obediente, chorando silenciosamente, ela permitira que Liev vivesse. De vez em quando ela voltava, deslizando para dentro do quarto, armada com uma faca, não porque havia mudado de idéia, não por vingança, não por assassinato, mas como um memorial para seus pais, como um modo de dizer que ela não os esquecera.

O telefone tocou. Surpreendida, Zoia deu um passo atrás, a faca escorregando de sua mão, chocando-se contra o piso. Caindo de joelhos, ela apalpou na escuridão freneticamente tentando achá-la. Liev e Raíssa estavam se mexendo, a cama rangendo com o movimento. Eles iam tentar alcançar o interruptor para acender a luz. Trabalhando só pelo tato, Zoia desesperadamente apalpou o piso. Quando o telefone tocou pela segunda vez, ela não teve escolha a não ser deixar a faca para trás, correr em torno da cama, em direção à porta e escorregar pela abertura quando a luz se acendeu.

LIEV SE SENTOU, seus pensamentos preguiçosos de sono, misturando sonhos e realidade — tinha havido um movimento, uma figura ali, ou talvez não. O telefone estava tocando. Ele só tocava por causa do trabalho. Ele checou o relógio: quase meia-noite. Olhou rapidamente para Raíssa. Ela estava acordada, esperando que ele atendesse o telefone. Ele murmurou uma desculpa e se levantou. A porta estava aberta. Eles não a fechavam sempre, antes de ir dormir? Talvez não; isso não tinha importância, e ele foi para o corredor.

Liev pegou o fone. A voz do outro lado era urgente, alta: — Liev? Aqui é Nikolai.

Nikolai: o nome não significava nada para ele. Ele não respondeu. Interpretando corretamente o silêncio de Liev, o homem continuou: — Nikolai, seu velho chefe! Seu amigo! Liev, você não se lembra? Eu designei sua primeira missão! O padre lembra-se, Liev?

Liev se lembrou dele. Não ouvia falar de Nikolai fazia muito tempo. O homem não tinha mais importância para sua vida agora e ele se ressentiu com o telefonema.

— Nikolai, é tarde.

— Tarde? O que aconteceu com você? Nós não começávamos a trabalhar até mais ou menos esta hora.

— Não mais.

— Não, não mais.

A voz de Nikolai ficou mais fraca, antes que ele acrescentasse: — Preciso vê-

lo.

As palavras se arrastavam. Ele estava bêbado.

— Nikolai, por que você não vai dormir e nos falamos amanhã?

— Tem que ser esta noite.

A voz dele falhou. Estava a ponto de chorar.

— O que está acontecendo?

— Encontre-se comigo. Por favor. Liev queria dizer não.

— Onde?

— Seus escritórios.

— Estarei lá em trinta minutos.

Liev desligou. Seu aborrecimento foi moderado pela incerteza. Nikolai não teria entrado em contato novamente a menos que tivesse um motivo. Voltando para a cama, Raíssa estava sentada. Liev encolheu os ombros e deu uma explicação: — Um antigo colega. Quer me encontrar. Diz que tem que ser hoje à noite.

— Um colega de quando?

— De...

Liev não precisou terminar a sentença.

— Ele telefonou do nada?

— Estava bêbado. Vou falar com ele.

— Liev...?

Ela não terminou. Liev fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Também não gosto disso.

Ele pegou algumas roupas, trocou o pijama rapidamente. Quase pronto para partir, amarrando o sapato, ele viu algo embaixo da cama, algo que refletia a luz. Curioso, ele se adiantou e agachou-se. Raíssa perguntou: — O que é?

Era uma faca de cozinha enorme. Perto de onde ela estava, havia uma fenda no assoalho.

— Liev?

Ele deveria mostrar a ela.

— Não é nada.

Quando Raíssa se debruçou para olhar, ele se levantou, escondendo a faca nas costas e apagando a luz.

No corredor, ele pôs a lâmina na palma da mão. Olhou para o quarto das filhas. Deu um passo em direção à porta e gentilmente a empurrou. O quarto estava escuro. Ambas estavam na cama, dormindo.

Ao se retirar, silenciosamente fechando a porta, ele sorriu ao som da respiração lenta, suave, de Elena. Ele parou, escutando cuidadosamente. Não podia ouvir nenhum ruído vindo do lado de Zoia no quarto. Ela estava

prendendo a respiração.

14 de março

DIRIGINDO RÁPIDO DEMAIS, Liev derrapou numa curva, os pneus deslizando sobre o gelo negro. Ele diminuiu a pressão sobre o acelerador e trouxe o carro para o meio da estrada. Agitado, com as costas úmidas de transpiração, ele ficou aliviado ao chegar aos escritórios do departamento de homicídios. Parou, descansando a cabeça no volante. No interior sem aquecimento do carro sua respiração formava uma névoa fina. Era 1 da manhã. As ruas estavam desertas, cobertas de pedaços irregulares de neve. Ele começou a tremer, esquecera-se de pegar um par de luvas ou um chapéu, quando saiu rapidamente do apartamento, apressado, para fugir da pergunta de por que a porta do quarto estava aberta, por que sua filha fingia que dormia e por que havia uma faca sob a cama dele.

Certamente havia explicações, simples, banais. Talvez ele tivesse deixado a porta aberta. Talvez sua mulher tivesse ido ao banheiro, esquecendo-se de fechar a porta ao voltar. Quanto a Zoia fingir que dormia: ele ouvira mal. Na verdade, por que ela deveria estar adormecida? Fazia sentido que ela estivesse acordada, tinha sido acordada pelo telefone e teria ficado na cama, tentando voltar a dormir, justificadamente aborrecida. Quanto à faca... ele não sabia, simplesmente não podia pensar, mas devia haver uma explicação inocente, mesmo que ele não tivesse ideia de qual poderia ser.

Ele saltou do carro, fechando a porta, caminhando em direção aos escritórios. Localizado no distrito de Zamoskvareche, ao sul do rio, uma área com uma grande concentração de fábricas, seu departamento de homicídio situava-se acima de uma vasta padaria. Havia zombaria em relação à localização assim como em relação à mensagem de que o trabalho deveria permanecer invisível. Os escritórios haviam sido assinalados como Fábrica de Botões 14, levando Liev a pensar no que acontecia nas outras 13 fábricas.

Entrando na decrépita recepção, o chão riscado de pegadas de farinha de trigo, Liev subiu as escadas, revendo os eventos da noite em sua cabeça. Ele havia descartado com sucesso duas das três ocorrências, mas a terceira — a faca — resistia às tentativas de explicação. A questão teria de esperar até amanhecer, ou quando ele pudesse falar com Raíssa. Naquele exato momento agora, o inesperado telefonema de Nikolai era uma preocupação maior. Liev precisava focar em por que um homem com quem não falava havia seis anos estava

ligando bêbado no meio da noite, implorando por um encontro. Não havia nada entre eles, nenhum laço ou amizade, nada exceto aquele ano — 1949 —, seu primeiro ano como agente do MGB.

Nikolai esperava por ele no alto das escadas, sentado na soleira da porta como um vagabundo. Ao ver Liev chegar, ele se levantou. Seu paletó de inverno era bem cortado, talvez até estrangeiro, mas dilapidado pela negligência. A camisa estava desabotoada e o estômago protuberante. Ele ganhara peso e perdera cabelo. Estava velho, parecia cansado, o rosto estava contraído de preocupação, enrugado em volta dos olhos. Ele fedia a cigarro e suor e bebida, o que, combinado com o sempre presente cheiro de assado e massa, era uma combinação rançosa. Liev estendeu a mão. Nikolai empurrou-a para o lado, abraçando-o, agarrando-se a ele como se tivesse sido salvo na encosta de uma montanha. Havia algo lamentável em relação ao abraço — vindo de um homem que construíra a reputação de impiedoso.

A atenção de Liev foi subitamente arrebatada quando ele se lembrou da fenda no piso de madeira. Por que havia esquecido aquele detalhe? Porque não tinha importância, eis por quê. Um grande número de coisas podia ter causado aquilo. Devia estar há algum tempo ali, não era algo que ele necessariamente observaria, um arranhão causado por um móvel arrastado. Embora em seus intestinos ele soubesse que a faca e a fenda estavam ligados.

Nikolai havia começado a falar de forma desconexa, engrolando as palavras. Liev mal prestava atenção enquanto abria o departamento, levando o visitante para dentro do escritório. Sentados um defronte ao outro, Liev juntou as duas mãos, apoiando os cotovelos sobre a mesa, olhando Nikolai falar, sem ouvir quase nada, ligando-se e desligando-se do que ele dizia, captando fragmentos ocasionais — algo como ele ter recebido fotografias.

— Liev, há fotografias dos homens e mulheres que eu prendi. — Na mente de Liev não havia espaço para as coisas que Nikolai estava dizendo. Uma única, terrível percepção crescia dentro dele, fechando o espaço para qualquer outro pensamento. Afaça havia caído, a ponta cortando o piso antes de ricochetear embaixo da cama, caíra por que quem a segurava havia entrado em pânico, alarmada por um barulho súbito, um telefonema inesperado. A pessoa fugira do quarto, deixando a porta aberta, com pressa demais para fechá-la atrás de si.

ELA

Mesmo agora, com todas as peças no lugar, ele lutou para articular a única

conclusão lógica: a pessoa que segurava a faca era Zoia.

Ele se levantou, foi até a janela e a abriu. O ar frio chocou-se contra seu rosto. Ele não sabia com certeza por quanto tempo permanecera nessa posição, com os olhos fixos no céu noturno, mas ouvindo uma voz atrás de si lembrou-se de que não estava sozinho. Ele se virou, a ponto de desculpar-se. Engoliu suas palavras. Nikolai, o homem que lhe ensinara que a crueldade era algo necessário e bom, chorava.

— Liev, você não está nem me ouvindo.

Ainda com lágrimas nas bochechas, Nikolai começou a rir, um barulho que levou Liev de volta às suas obrigatórias celebrações pós-prisões. Nesta noite o riso de Nikolai era diferente. Estava gelado. A arrogância e a confiança não existiam mais.

— Você quer esquecer? Não quer Liev? Não o censuro. Eu pagaria o que fosse para esquecer tudo. Que sonho maravilhoso não seria...

— Desculpe Nikolai; minha cabeça está em outro lugar, uma questão familiar.

— Você seguiu meu conselho... Uma família, isso é bom. Famílias são importantes. Um homem não é nada sem o amor de sua família.

— Podemos conversar amanhã? Quando estivermos menos cansados?

Nikolai concordou e se levantou. À porta ele parou, olhando para o chão:

— Estou... envergonhado.

— Não pense nisso. Todos nós bebemos muito de tempos em tempos. Nos falaremos amanhã.

Nikolai olhou-o fixamente. Liev pensou que ele fosse rir novamente, mas desta vez ele se virou e foi em direção aos degraus.

Liev estava grato por ter ficado sozinho e capaz de concentrar-se. Ele não podia fingir por mais tempo. Ele era um lembrete sempre presente da perda de Zoia. Ele nunca havia falado sobre o que acontecera naquele dia, quando os pais dela tinham sido fuzilados.

Ele tentava empurrar o passado para debaixo do tapete. A faca era um grito de socorro. Ele tinha que agir para salvar sua família. Ele podia consertar isso. Falar com Zoia: esta era a solução. Ele falaria com ela agora mesmo.

Mesmo dia

NIKOLAI DEU UM PASSO PARA FORA, suas botas afundando na neve fina. Sentindo o frio em seu estômago exposto, pôs a camisa para dentro das calças — seus olhos mal eram capazes de fixar-se, seu corpo vacilando como se estivesse no deque de um navio. Por que havia telefonado para Liev? O que esperava que seu antigo protegido fizesse? Talvez ele tivesse vindo apenas em busca de companhia, não apenas a companhia de um colega de bebedeiras; ele viera pela companhia de um homem que compartilhava a mesma vergonha, um homem que não poderia julgar sem também julgar a si mesmo.

Estou envergonhado.

Essas eram palavras que Liev teria entendido melhor que ninguém. A vergonha mútua deveria tê-los unido e tornado irmãos. Liev deveria ter posto o braço em seus ombros e dito: Eu também. Teria ele esquecido a história com tanta facilidade? Não, eles apenas tinham formas diferentes de lidar com ela. Liev havia embarcado em uma carreira nova e mais nobre, esfregando as mãos ensanguentadas em uma bacia de respeitabilidade quente, ensaboada. A técnica de Nikolai havia sido beber até apagar, não pela sensação, mas como um ataque à sua memória.

Alguém não permitia que ele esquecesse e mandava fotografias de homens e mulheres contra uma parede branca, fotos tão de perto que eram apenas um rosto. A princípio ele não reconheceu as pessoas, embora percebesse que eram fotos de detenção, do tipo requerido pela burocracia de qualquer prisão.

Elas chegavam aos montes, uma vez por semana, depois uma vez por dia, todos os dias, em um envelope deixado em sua casa. Olhando-as ele começou a se lembrar de nomes, conversas — memórias despedaçadas, uma colagem crua com a prisão de um emendada ao interrogatório de outro e a execução de alguém mais. À medida que as fotografias se acumulavam, segurando as pilhas com as mãos, duvidou se havia prendido tantos. Na verdade, sabia, havia prendido muito mais.

Nikolai queria confessar, pedir perdão. Mas nenhuma exigência era enviada, nem pedidos de desculpa, nenhuma instrução de como arrepender-se. O primeiro envelope trazia seu nome escrito. Sua mulher o havia trazido para ele. Ele o abrira casualmente na frente dela. Quando ela perguntara o que continha, ele

havia mentido, escondendo as fotos. Dali em diante, fora forçado a abri-los em segredo. Mesmo depois de 29 anos de casados, sua mulher não sabia sobre seu trabalho. Ela sabia que ele era um agente de segurança do Estado. Mas ela sabia um pouco mais. Talvez estivesse sendo ignorante por vontade própria. Ele não se importava se era por vontade própria ou não, ele protegia essa ignorância — ele dependia dela. Quando ele olhava nos olhos dela enxergava um amor incondicional. Se ela soubesse, se visse os rostos das pessoas que ele havia prendido após dois dias de interrogatório, haveria medo em seus olhos. O mesmo era verdade em relação às suas filhas. Elas riam e brincavam com ele. Elas o amavam e ele as amava. Era um bom pai, atento e paciente, nunca levantava a voz, nunca bebia em casa — um lar onde permanecia sendo um bom homem.

Alguém estava querendo roubar isso dele. Nos dois últimos dias, os envelopes não traziam mais o nome dele. Qualquer um poderia abri-los: sua mulher, suas filhas. Nikolai começou a ficar com medo de sair e alguma correspondência chegar em sua ausência. Ele fez a família jurar que entregaria para ele qualquer pacote ou carta, quer tivesse o nome dele quer não. No dia anterior, ele havia entrado no quarto das filhas e encontrado um envelope sem nome na mesa de cabeceira. Ele perdera o controle, ficara louco de raiva, perguntando furiosamente se as garotas o haviam aberto. Elas choraram, confusas por sua súbita transformação, garantindo que o haviam posto na mesa para preservá-lo. Ele vira medo nos olhos delas. Isso havia partido seu coração. Fora esse o momento em que decidira pedir a ajuda de Liev. O Estado devia pegar esses criminosos que o estavam perseguindo sem propósito. Ele prestara muitos anos de serviço a seu país. Ele era um patriota. Merecia o direito de viver em paz. Liev podia ajudar: ele tinha uma equipe de investigação à sua disposição. Seria de seu mútuo interesse caçar esses contrarrevolucionários. Seria exatamente como nos velhos tempos. Mas Liev não queria saber.

Os trabalhadores que chegavam cedo já estavam na padaria. Eles pararam, olhando para Nikolai na soleira da porta. Ele vociferou de repente:

— O que foi?

Eles não disseram nada, permanecendo agrupados, a alguns metros de distância, sem passar por ele.

— Vocês me julgam?

Os rostos eram inexpressivos, homens e mulheres esperando para assar o pão da cidade. Ele tinha que chegar à casa, àquele lugar, o único lugar em que ele era amado e onde seu passado não significava nada.

Como morava ali perto, ziguezagueou vacilante pelas ruas desertas, esperando que em sua curta ausência não tivesse chegado outro pacote. Ele parou de andar: sua respiração estava curta e pesada, como a de um cachorro

velho e doente. Havia algo mais, outro ruído. Ele se virou, olhando atrás de si. Passos — ele tinha certeza, o taque-taque de calcanhares duros batendo nos pavimentos de pedra. Ele estava sendo seguido. Perscrutou as sombras, buscando contornos, forçando os olhos. Estavam atrás dele, seus inimigos, caçando-o: da mesma forma que os havia caçado.

Ele corria agora, para casa, o mais rápido que podia. Tropeçou antes de equilibrar-se novamente, o casaco batendo nos calcanhares. Mudando o passo, deu uma volta sobre si mesmo. Ele os pegaria com esse jogo. Conhecia esses truques. Estavam usando seus próprios métodos contra ele. Olhando os cantos escuros, os enclaves sujos, os lugares onde esconder-se que havia treinado os recrutas do MGB para buscar, ele gritou:

— Eu sei que vocês estão aí.

Sua voz ecoou pela rua aparentemente vazia. Vazia para um leigo, mas ele era um especialista nessas questões. Seu desafio foi breve, dissolveu-se:

— Eu tenho duas filhas. Elas me amam! Elas não merecem isso. Vocês me ferem e ferem a elas também.

Suas filhas haviam nascido quando ele era agente do MGB. Depois de prender pais, mães, filhos e filhas, toda noite ele ia para casa e dava um beijo de boa-noite em sua família.

— E os outros? Há milhões de outros, se vocês matassem todos nós, não sobraria ninguém. Estamos todos envolvidos!

Pessoas começaram a aparecer nas janelas, atraídas pelos gritos. Ele poderia apontar para qualquer edifício, qualquer casa, e dentro haveria ex-policiais e guardas. Os homens e mulheres uniformizados eram os alvos óbvios. Havia também os condutores de trens que levavam os prisioneiros para os gulags, os homens e mulheres que processavam a papelada, carimbavam formulários, as pessoas que cozinhavam e limpavam.

O sistema requeria o consentimento de todos, mesmo que consentissem não fazendo nada. Nada era o bastante. Eles dependiam de uma falta de resistência tanto quanto dependiam de voluntários. Ele não seria um bode expiatório. Essa carga não era só dele. Todos carregavam uma culpa coletiva. Ele estava preparado para sentir remorso de tempos em tempos, para passar um minuto por dia pensando nas atrocidades que havia feito. As pessoas que o rondavam não estavam satisfeitas com isso. Queriam mais.

Com medo, Nikolai virou-se e, desta vez, correu alucinadamente, o mais rápido que podia. Embaraçado pelo casaco, caiu, chocando-se contra a neve lamacenta, as roupas ensopando-se de água suja. Levantando-se vagarosamente, o joelho latejando, as calças rasgadas, ele correu novamente, a água escorrendo das abas do casaco. Não demorou muito até que caísse novamente. Desta vez,

começou a chorar, exausto, soluços terríveis. Virando-se de costas, livrou-se do casaco, agora impossivelmente pesado. Ele o comprara muitos anos atrás, era de uma marca cara. Tinha orgulho do casaco. Tinha orgulho do status que alcançara. Não precisaria dele novamente: ele nunca mais sairia, ficaria em casa, trancaria a porta e fecharia as cortinas.

Chegando ao quarteirão onde ficava seu apartamento, ele entrou pelo corredor arfando e suando — água suja pingando de suas roupas. Completamente ensopado, encostando-se o mais que podia na parede, deixando uma impressão de seu corpo, examinou a rua, esperando avistar de relance seus perseguidores. Incapaz de ver alguém — eles eram muito furtivos —, ele subiu a escada, os pés escorregando, depois engatinhando. Quanto mais se aproximava de casa, mais relaxado ficava. Eles não poderiam alcançá-lo através dessas paredes, seu santuário. Como se tivesse engolido um tônico que proporciona alívio, começou a pensar racionalmente. Ele estava bêbado. Havia reagido com exagero, isso era tudo. Naturalmente ele fizera inimigos no correr dos anos, pessoas ressentidas, amarguradas com seu sucesso. Se tudo que podiam fazer era mandar algumas fotos para ele não precisava se preocupar. A maioria — do seu meio — o respeitava e valorizava. Ele respirou profundamente ao chegar, procurando a chave.

Do lado de fora de sua porta havia um pacote, de cerca de 30 centímetros de comprimento, 20 de largura e 10 de altura, embrulhado em papel marrom, corretamente amarrado com um barbante. Não havia nenhum nome, nenhuma etiqueta, apenas um desenho a tinta no papel, um crucifixo. Nikolai caiu de joelhos. Suas mãos tremiam enquanto ele desamarrava o barbante. Dentro havia uma caixa. Na tampa da caixa estava escrito:

NÃO É PARA A IMPRENSA

Ele levantou a tampa. Não havia fotos. Em vez disso, uma pilha de páginas perfeitamente impressas, um documento substancial, de mais de cem páginas. No alto havia uma carta. Ele a pegou, olhando atentamente as palavras. Não era endereçada a ele: era uma carta oficial do Estado declarando que esse discurso deveria ser distribuído em todas as escolas, fábricas, trabalhadores, grupos de jovens e no interior do país. Confuso, baixou a carta e ergueu o discurso. Leu a primeira página cuidadosamente. Começou a sacudir a cabeça. Isso não podia ser verdade. Era uma mentira, uma invenção maliciosa, destinada a levá-lo à loucura. Isso nunca poderia ter sido publicado pelo Estado: eles nunca distribuiriam um documento como esse. Era impossível.

INOCENTES
VÍTIMAS
TORTURA

Essas palavras não podiam existir em preto e branco, impressas, sancionadas pelo Estado, distribuídas em todas as escolas e fábricas. Quando ele agarrasse o perpetrador dessa enganação, dessa enganação benfeita, ele os executaria.

Involuntariamente, Nikolai amassou a página que estava lendo e a jogou para o lado. Começou a rasgar a página seguinte, e a seguinte, reduzindo-as a tiras e jogando-as para o lado. Ele parou, inclinou-se para a frente, enrolando-se como uma bola, a cabeça descansando nas páginas não lidas, murmurando para si mesmo:

— Não pode ser verdade.

Como podia? Mas ela estava ali, com uma carta com o selo do Estado, contendo informação que só o Estado saberia, com fontes, citações, referências. A conspiração do silêncio, que Nikolai achava que duraria para sempre, acabara. Não era uma pegadinha.

O discurso era real.

Nikolai levantou-se, deixando os papéis espalhados. Destrancou a porta e entrou em seu apartamento, largando os papéis na sala. Não importava se ele trancasse a porta atrás de si e puxasse as cortinas, seu lar não era mais um santuário. Logo, todos saberiam, toda criança de escola e trabalhador de fábrica leria o discurso. Não apenas saberiam como teriam permissão para falar abertamente, estimulados a discutir.

Ele abriu a porta do quarto, olhando para a mulher que estava deitada, adormecida de lado, as mãos sob a cabeça. Ela era bonita. Ele a adorava. Eles viviam uma vida perfeita, privilegiada. Tinham duas filhas maravilhosas, felizes. Sua mulher nunca conhecera a desgraça. Ela nunca conheceria a vergonha. Ela nunca conheceria Nikolai em nenhum outro disfarce a não ser o de marido amoroso, um homem terno que morreria por sua família. Ele sentou-se na beirada da cama, correndo um dedo ao longo do braço pálido dela. Ele não poderia viver com ela sabendo da verdade, mudando de opinião sobre ele, afastando-se, fazendo perguntas, ou pior, permanecendo em silêncio. Seu silêncio seria insuportável. Todos os amigos dela fariam perguntas. Ela seria julgada. O quanto ela sabia? Ela sempre soubera? Era melhor que ele não vivesse a vê-la envergonhada. Melhor que ele morresse agora.

Mas sua morte não mudaria nada. Ela ainda assim descobriria. Ela acordaria e veria seu corpo e choraria e lamentaria. Depois, ela leria o discurso. Embora fosse ao enterro dele, ela se perguntaria sobre tudo que ele teria feito. Ela

repensaria os momentos que haviam passado juntos, quando ele a havia tocado, quando fizera amor com ela. Teria ele assassinado alguém horas antes? Teria sua casa sido comprada com sangue? Talvez, finalmente ela chegasse a pensar que ele merecia aquilo e que tirar sua vida fora o certo a se fazer, não apenas por ele, como também por suas filhas.

Ele pegou o travesseiro. Sua mulher era forte e lutaria, mas mesmo que ele estivesse fora de forma, confiava em sua habilidade para dominá-la. Ele se posicionou cuidadosamente e ela se mexeu em harmonia com seus movimentos, sentindo seu corpo, sem dúvida satisfeita por ele estar em casa. Ela rolou e se virou de lado, sorrindo. Ele não conseguia mais olhar para o rosto dela. Tinha que agir agora antes que perdesse a coragem. Ele baixou o travesseiro rapidamente, sem querer vê-la abrir os olhos. Pressionou o máximo que pôde. Rapidamente ela agarrou o travesseiro, os punhos dele, arranhando. Não adiantava, ele não afrouxava — ela não conseguia empurrá-lo. Em vez de tentar livrar-se das mãos do marido, ela tentou retorcer-se por baixo. Ele a impediu, fechando as pernas em torno do estômago dela, mantendo-a fixa na posição e incapaz de se mexer enquanto ele pressionava o travesseiro contra seu rosto. Ela estava imóvel, indefesa, ficando fraca. Suas mãos não arranhavam mais, meramente seguravam os pulsos dele até que ficaram moles e caíram na cama a seu lado.

Ele manteve a mesma posição, em cima dela, segurando o travesseiro durante alguns minutos depois que ela parou de se mexer. Finalmente, ele afrouxou, alargou, deixando o travesseiro sobre o rosto dela. Ele não queria ver os olhos da mulher injetados de sangue. Queria lembrar-se da expressão dela cheia de amor. Ele enfiou a mão debaixo do travesseiro para fechar os olhos dela. A ponta de seus dedos roçou a face dela, aproximando-se cada vez mais até alcançar a pupila — uma superfície levemente pegajosa. Ele fechou cuidadosamente suas pálpebras e levantou o travesseiro, olhando para ela. Ela estava em paz. Ele se deitou ao lado dela, os braços em torno de sua cintura.

Exausto, Nikolai quase dormiu. Ele sacudiu a cabeça para acordar. Ainda não tinha terminado. Levantando-se, ajeitou as cobertas, apanhou o travesseiro e foi para a sala, virando em direção ao quarto de suas filhas.

Mesmo dia

ZOIA E ELENA ESTAVAM DORMINDO. Liev podia ouvir a respiração delas subindo e descendo. Ajustando-se à escuridão, ele cuidadosamente fechou a porta do quarto atrás de si. Não podia falhar em ser um pai. Que o departamento de homicídio fechasse, que ele perdesse

O apartamento e os privilégios, devia haver algum jeito de salvar sua família, nada importava mais. E ele estava certo de que esta família, apesar de todos os problemas, oferecia a melhor chance para todos eles. Ele se recusava a imaginar um futuro em que não estivessem juntos. Era verdade que as garotas eram mais próximas de Raíssa do que dele. Claramente, o obstáculo não era a adoção, mas o seu passado. Ele tinha sido ingênuo ao imaginar que seu relacionamento com Elena e Zoia meramente requeria tempo e, como um truque de perspectiva, que o afastamento suficiente do incidente o faria parecer pequeno e menos significativo. Até agora ele usava eufemismos — o incidente — para o assassinato dos pais delas.

A raiva de Zoia estava tão vivida quanto no dia em que os pais dela foram fuzilados. Em vez de negar, ele teria que confrontar diretamente o ódio que sentia.

Zoia dormia de lado, voltada para a parede. Liev estendeu a mão e segurou seu ombro, gentilmente fazendo-a rolar sobre as costas. A intenção tinha sido acordá-la suavemente, mas, em vez disso, ela se sentou ereta, com o corpo tenso, afastando-se do toque dele. Sem perceber exatamente o que estava fazendo, ele colocou a outra mão no ombro dela, impedindo-a de se afastar. Fazia aquilo pela melhor das razões, pelo bem de ambos. Ele precisava que ela o ouvisse. Tentando manter um tom comedido, tranquilizador, ele sussurrou:

— Zoia, precisamos conversar. Não posso mais esperar. Se esperar até de manhã, encontrarei alguma desculpa e adiarei mais uma vez. Já adiei por três anos.

Ela não disse nada, permanecendo imóvel, os olhos fixos nele. Embora ele tivesse ficado pelo menos uma hora na cozinha tentando ensaiar exatamente o que dizer aquelas palavras cuidadosamente planejadas desapareceram.

— Você esteve no meu quarto. Encontrei a faca.

Ele havia iniciado pelo tópico errado. Estava ali para falar sobre suas falhas, não para criticá-la. Ele tentou mudar o rumo da conversa:

— Primeiro, deixe-me esclarecer, sou uma pessoa diferente agora. Não sou mais o policial que foi à fazenda de seus pais. Lembre-se também de que eu

tentei salvá-los, mas falhei. Viverei com esse fracasso pelo resto de minha vida. Não posso trazê-los de volta. Mas posso dar oportunidades a você e à sua irmã. É assim que eu vejo esta família. É uma oportunidade. É uma oportunidade para você e para Elena, mas também para mim.

Liev parou, permanecendo em silêncio, esperando para ver se ela ridicularizaria a ideia. Ela não se mexeu nem falou nada. Os lábios dela estavam apertados: o corpo estava todo rígido.

— Você pode... tentar?

A voz dela tremeu, e vieram as primeiras palavras.

— Me larga.

— Zoia, não fique zangada: apenas me diga o que está pensando. Seja honesta. Diga-me o que quer que eu faça. Diga-me que tipo de pessoa você quer que eu seja.

— Me larga.

— Não, Zoia, por favor, você tem que entender como isso é importante.

— Me larga.

— Zoia...

A voz dela ficou mais alta, tensa — desesperada.

— Me larga!

Espantado, ele recuou. Ela estava ganindo como um animal ferido. O que dera errado? Sem acreditar, observou-a enquanto ela se recolhia rapidamente, reagindo à sua afeição. Não era assim que devia acontecer. Ele estava tentando expressar seu amor por ela. E ela o estava jogando de volta na cara dele. Zoia estava arruinando tudo não apenas para si. Estava arruinando tudo para todos. Elena queria ser parte da família. Ele sabia que ela queria. Ela segurava a mão dele: ela sorria, dava risada. Ela queria ser feliz. Todos só queriam ser felizes. Exceto Zoia, teimosamente se recusando a reconhecer que ele havia mudado, infantilmente agarrando-se ao ódio como se fosse sua boneca favorita.

Liev notou o cheiro. Tocando os lençóis, descobriu que estavam úmidos. Mesmo assim, levou um segundo ou dois para compreender que Zoia molhara a cama. Ele se levantou, deu um passo atrás, murmurando:

— Tudo bem. Eu limpo. Não se preocupe. A culpa é minha. Sou eu o culpado.

Zoia sacudiu a cabeça, sem dizer nada, apertando as mãos contra as têmporas, unhando os lados do rosto. Liev ficou com falta de ar, perplexo com o fato de que seu amor pudesse criar tanta infelicidade.

— Zoia, vou levar os lençóis.

Ela sacudiu a cabeça, agarrando os lençóis manchados de urina como se eles a protegessem. A essa altura Elena estava acordada e chorava.

Liev virou-se para a porta e depois virou-se novamente, incapaz de deixá-la naquele estado. Como poderia resolver o problema quando ele era o problema?

— Zoia, eu só quero amar você.

Elena olhava de Zoia para Liev. O fato de ela estar acordada resultou em uma mudança em Zoia. Ela recompôs-se, dizendo calmamente a Liev:

— Vou lavar meus lençóis. Eu mesma vou fazer isso. Não preciso de ajuda.

Liev saiu do quarto, deixando a garota que ele esperara convencer sentada na própria urina e em lágrimas.

ENTRANDO NA COZINHA, Liev andou pelo aposento, tonto com a catástrofe. Enquanto ele arrumava os arquivos, a folha de papel da gráfica de Moskvin estava como ele a deixara:

Sob tortura, Eike

Um companheiro adequado: um lembrete da vida que levava, que o assombraria para sempre. Ao retratar a reação de Zoia no quarto, Liev foi forçado a contemplar algo que apenas minutos antes ele teria descartado como algo impensável. A família poderia ter de se separar.

Teria o seu desejo de mantê-la unida se tornado uma cega obsessão? Era forçar Zoia a ficar mexendo em uma ferida que nunca cicatrizaria, infectando-a com ódio e amargura. Naturalmente, se ela não podia viver com ele, Elena também não poderia. As irmãs eram inseparáveis. Ele não teria escolha a não ser encontrar um novo lar para elas, um que não tivesse nenhuma ligação com o Estado, talvez fora de Moscou, em uma cidade menor, onde o aparato do Estado fosse menos visível. Ele e Raíssa teriam de procurar guardiões adequados, conhecer pais em perspectiva e se perguntar se poderiam ser melhores, se poderiam fazer as meninas felizes, algo em que Liev falhara tão profundamente.

Raíssa apareceu à porta:

— O que está acontecendo?

Ela vinha do quarto. Não sabia sobre a cama molhada, a conversa, referindo-se apenas a Nikolai, o telefonema, o encontro no meio da noite. A voz de Liev estava quebrada de emoção:

— Nikolai estava bêbado. Resolvi que nos falaríamos quando ele estivesse sóbrio.

— Levou a noite toda?

O que ele estava esperando? Ele deveria fazê-la sentar-se e explicar:

— Liev? O que houve?

Ele havia prometido que não haveria mais segredos. Mas não podia admitir

que depois de três anos tentando ser pai ele não tivesse nada para mostrar exceto o ódio de Zoia. Ele não podia admitir que a acordara no meio da noite, implorando pateticamente para ser pai dela. Ele estava com medo. A divisão da família podia fazer Raíssa se perguntar de que lado da divisão ela queria ficar. Ficaria com as meninas ou com ele? Durante os anos em que ele fora um policial do MGB, ela o desprezou e a tudo que ele representava. Em contraste, ela amou Elena e Zoia sem restrições.

O amor dela por ele era complicado. O amor dela por elas era simples. No momento de tomar a decisão, ela poderia escolher lembrar-se do homem que ele era, o homem que costumava ser. Parte dele estava convencida de que sua relação com Raíssa dependia de ele provar que podia ser um pai. Pela primeira vez em três anos ele mentiu para ela:

— Não houve nada. Foi um choque ver Nikolai novamente. É só isso.

Raíssa balançou a cabeça. Olhou para o corredor.

— As garotas estão acordadas?

— Eu as acordei quando voltei. Desculpe. Já pedi desculpas a elas. Raíssa pegou a folha de papel da gráfica.

— É melhor tirar isso daqui antes que as garotas se sentem. Liev pegou a folha e levou-a para o quarto. Recostou-se na cama, notando que Raíssa havia saído da cozinha para chamar as meninas. Nervoso, quase nauseado, esperou Raíssa descobrir a verdade. A mentira que acabara de contar fora um pequeno alívio e nada mais. Ela ouviria quando Zoia explicasse o que havia acontecido.

Ele olhou para cima, espantado ao ver Raíssa emergir despreocupada do quarto, voltando à cozinha sem dizer uma palavra. Zoia emergiu segundos depois, carregando os lençóis para o banheiro, onde os depositou na banheira, abrindo a água quente. Ela não havia contado a Raíssa.

Ela não queria que Raíssa soubesse. A única coisa que odiava mais que a Liev era a ideia de que ele era capaz de constrangê-la dessa maneira. Liev se levantou, entrando na cozinha e perguntando:

— Zoia está lavando os lençóis? Raíssa assentiu. Liev continuou:

— Ela não precisa fazer isso. Posso arranjar quem limpe. Raíssa baixou a voz:

— Acho que foi acidental. Deixe-a em paz, está bem? Liev fez que sim com a cabeça:

— Tudo bem.

Elena entrou primeiro, a camisa abotoada de maneira errada, e tomou seu assento. Liev sorriu para ela. Ela estudou o sorriso dele como se fosse algo desconhecido e ameaçador. E não sorriu de volta. Ele ouviu os passos de Zoia. O som parou. Ela estava fora de vista, esperando no corredor.

Zoia finalmente apareceu. Encarou Liev, olhando para ele do outro lado da cozinha. Olhou de relance para Raíssa, que estava ocupada mexendo os cereais, e depois para a irmã, que estava comendo. Ela entendeu que ele também não dissera nada a elas. A faca era segredo dos dois. A cama molhada também era um segredo deles dois. Eles eram cúmplices, cumplicidade nesta falsa família. Zoia não estava pronta para separar a família. O amor que sentia por Elena era mais forte do que o ódio que sentia por ele.

Cautelosamente, como um gato de rua, Zoia encaminhou-se para seu assento. Ela não tocou no café da manhã. Liev, por sua vez, não comeu nada, remexendo nos cereais na tigela, incapaz de erguer os olhos. Raíssa ficou admirada.

— Nenhum de vocês vai comer?

Liev esperou que Zoia respondesse. Ela não disse nada. Liev começou a comer. Logo em seguida Zoia levantou-se, depositando sua tigela na pia, intocada.

— Estou enjoada.

Raíssa levantou-se, verificando a temperatura dela.

—Você se sente bem para ir à escola?

— Sim.

As garotas saíram da mesa. Raíssa aproximou-se de Liev:

— O que há de errado?

Liev estava certo de que se abrisse a boca ia começar a chorar. Disse que não era nada, as mãos contorcidas sob a mesa.

Sacudindo a cabeça, Raíssa saiu para ajudar as meninas. Houve movimento na porta de entrada: preparativos finais para sair, casacos sendo vestidos. A porta foi aberta. Raíssa voltou para a cozinha, trazendo um pacote embrulhado em papel marrom, amarrado com barbante. Ela o colocou sobre a mesa e saiu. A porta da frente bateu.

Liev não se mexeu durante vários minutos. Depois, vagarosamente, estendeu o braço, puxando o pacote para si. Eles viviam em um condomínio ministerial. As cartas em geral eram deixadas no portão: esta tinha sido deixada à sua porta. O pacote tinha cerca de 30 centímetros de comprimento, 20 de largura e 10 de espessura. Não havia nome, nem endereço, apenas um desenho a tinta de um crucifixo. Rasgando o papel ele encontrou uma caixa, que trazia escrito na tampa:

NÃO É PARA A IMPRENSA

Mesmo dia

O VAGÃO DO METRÔ NÃO ESTAVA LOTADO, mas Elena tomou a mão de Raíssa, segurando-a com força, como se temerosa de que estivessem para ser separadas. As garotas estavam incomumente quietas. O comportamento de Liev pela manhã as perturbara. Raíssa não conseguia entender o que dera nele. Normalmente tão cuidadoso quando estava perto das garotas, ele pareceu aceitar que elas estivessem a ponto de sentar-se à mesa e testemunhar sua preocupação com aquela palavra: Tortura. Quando ela pediu que Liev levasse a folha de papel embora, uma deixa para que ele pudesse se recompor, ele obedeceu e voltou à cozinha exatamente com o mesmo aspecto transtornado, encarando as meninas sem dizer uma palavra. Olhos injetados, um olhar assombrado, desfigurado: ela não via essa expressão havia anos, não desde que ele voltava para casa de suas missões noturnas como agente da polícia secreta, exausto, mas incapaz de se deitar. Ele se deixava escorregar em um canto, no escuro, remoendo, silencioso, como se os eventos da noite se repetissem em sua cabeça como um filme. Nessa época, ele nunca falava sobre o seu trabalho, mas ela sabia o que ele andava fazendo, prendendo indiscriminadamente, e o odiou por isso.

Aqueles tempos eram passado. Ele mudara — ela estava certa disso. Ele havia arriscado a vida para sair de uma profissão de prisões noturnas e confissões forçadas. O aparato de segurança do Estado ainda existia, com o novo nome de KGB, uma presença na vida de todos, mas Liev não participava das operações, tendo declinado a oferta de um cargo elevado. Em vez disso, assumiu um risco maior ainda, abrira seu próprio departamento de investigação. Toda noite ele compartilhava histórias de seu dia de trabalho em parte porque buscava o conselho dela, parte para mostrar como seu departamento era diferente da KGB, mas principalmente para mostrar que não havia mais segredos entre eles. Mas a aprovação dela não era o bastante. Observando-o com as garotas, Raíssa ficou chocada por ele comportar-se como se tivesse amaldiçoado, um personagem dos contos de fadas das crianças e apenas as palavras — eu amo você — faladas por ambas as garotas poderiam romper a imagem negra do passado.

Apesar de sua frustração, ele nunca mostrara nenhum ciúme da relação fácil de Raíssa com Elena e Zoia, mesmo quando Zoia deliberadamente o atormentava mostrando abertamente afeto por ela e frieza em relação a ele. Nos últimos três anos ele havia enfrentado rejeição e rudeza, nunca perdendo o controle, absorvendo hostilidade como se considerasse que aquilo era nada

menos do que ele merecia.

Diante disso, ele tornou as garotas sua única chance de redenção. Zoia sabia disso e reagia contra isso. Quanto mais ele buscava sua afeição, mais ela o odiava. Raíssa não podia chamar atenção para aquela contradição, dizer a ele que relaxasse. Antes fanático a respeito do comunismo, agora ele era fanático em relação à família. Sua visão da Utopia se tornara menor, menos abstrata, e, embora atualmente abrangesse apenas quatro pessoas, em vez do mundo inteiro, ela permanecia tão fantasiosa quanto a outra.

O trem chegou à plataforma TsPkiO, abreviatura do nome Tsentralnil Park Kulturyi Otdika Imeni Gorkovo. A primeira vez que as meninas ouviram o nome formalmente pronunciado pelo sistema de alto-falantes elas começaram a rir. Surpreendida por esse absurdo fortuito, Zoia revelara um bonito sorriso que, até então, mantivera fora de vista. Naquele momento, Raíssa teve um relance da criança que se perdera — brincalhona e irreverente. Em poucos segundos o sorriso de Zoia se apagou. Raíssa sentiu uma dor intensa. Ela não estava menos envolvida emocionalmente. Ela e Liev tinham sido incapazes de ter filhos próprios: a adoção havia sido sua única chance de maternidade. No entanto, de longe, ela era a melhor em esconder seus pensamentos, mesmo que Liev tivesse sido treinado pela polícia secreta. Raíssa havia tomado uma decisão tática, cautelosa para que as garotas não ficassem cientes todo o tempo de como eram importantes para ela. Tratava-as sem demasiada atenção ou cerimônia, estabelecendo fundamentos práticos — escola, roupas, alimentação, passeios, trabalho de casa. Embora ambos lidassem com aquilo de formas diferentes, ela compartilhava o sonho de Liev — o sonho de criar uma família que se amasse, feliz.

Raíssa e as garotas desceram na estação na esquina de Ostozhenka e Novokrimskiy seguindo por uma vala cavada na neve a caminho de suas respectivas escolas. Raíssa quisera inscrever ambas as garotas na mesma escola onde, idealmente, ela ensinasse, para que as três pudessem ficar juntas. No entanto, uma decisão havia sido tomada, ou pelas autoridades locais, ou em um nível mais alto, de que Zoia frequentaria o Liceu 1535. Uma vez que a escola só aceitava crianças no ensino, Elena fora forçada a ir para outra escola médio. Raíssa havia resistido, pois a maioria das escolas aceitava estudantes tanto do fundamental quanto do ensino médio e não havia necessidade de separá-las. Seu pedido havia sido declinado. Irmãos estavam na escola para criar uma relação com o Estado, não para proteger laços de família. Segundo esse raciocínio, Raíssa teve sorte em conseguir trabalho no Liceu 1535 e então abandonou sua exigência a fim de preservar a vantagem. Ao menos dessa forma ela poderia ficar de olho em Zoia.

Embora Elena fosse mais jovem, e seu nervosismo diante da perspectiva de uma nova escola em uma cidade maior fosse mais evidente, Zoia preocupava Raíssa muito mais. Ela caíra em uma turma academicamente mais atrasada, pois a escola da aldeia não se equiparava aos padrões de Moscou. Não havia dúvida de que era inteligente. Mas não tinha polimento, era desorientada, mal disciplinada e, diferentemente de Elena, se recusava firmemente a fazer qualquer esforço para ajustar-se, como se fosse uma questão de princípio permanecer isolada.

Do lado de fora da escola fundamental, anteriormente uma casa de campo aristocrática, Raíssa levou um tempo desnecessário arrumando o uniforme de Elena. Finalmente, segurando-a bem junto dela, sussurrou:

— Tudo vai ficar bem, eu prometo.

Pela primeira vez em poucos meses, Elena havia chorado quando se separou de Zoia. Embora ela tivesse gradualmente se ajustado a passar oito horas afastada, diariamente, no fim das aulas, sem exceção, ela ficava de pé nos portões esperando ansiosamente por seu encontro. Sua emoção ao ver a irmã mais velha não havia diminuído, um encontro tão cheio de alegria como se um ano tivesse se passado.

Depois que Zoia deu um abraço na irmã, Elena correu para a escola, parando na porta para dar adeus. Depois que ela entrou, Zoia e Raíssa caminharam em silêncio em direção ao Liceu. Raíssa resistia à urgência de interrogar Zoia. Não queria agitá-la antes das aulas. Até mesmo a mais simples das perguntas podia deixá-la na defensiva, detonando uma corrente de comportamento problemático que se prolongaria o dia inteiro. Se era perguntada sobre os trabalhos de escola era uma crítica implícita ao seu desempenho acadêmico. Se fosse perguntada sobre suas colegas de classe era uma referência à sua recusa em fazer amigos. O único assunto aberto a discussão eram as habilidades atléticas de Zoia. Ela era alta e forte. Desnecessário dizer que odiava esportes de equipe, incapaz de aceitar ordens. Esportes individuais eram uma questão diferente — era uma excelente nadadora e corredora, a melhor da escola de sua faixa etária. Mas Zoia se recusava a competir. Entrava-se em uma competição, deliberadamente sabotava a disputa, embora tivesse orgulho suficiente para não chegar em último. Ela visava ao quarto lugar e quando errava na medição do tempo ou esquecia suas questões no calor da disputa, acabava chegando em terceiro ou até em segundo.

Construído em 1929, o Liceu 1535 tinha um design anguloso e despojado, cuja pretensão era incorporar uma abordagem igualitarista do ensino, um novo tipo de arquitetura para um novo tipo de estudante. A 20 metros do portão Zoia

parou de andar, manteve-se imóvel, olhando diretamente à frente. Raíssa virou-se para ela:

— O que há?

Zoia deixou cair a cabeça, falando bem baixo:

— Eu me sinto triste. Estou triste o tempo todo.

Raíssa mordeu o lábio para não chorar. Pôs a mão no braço de Zoia.

— Diga-me o que posso fazer.

— Elena não pode voltar para o orfanato: ela não pode voltar nunca.

— Ninguém vai a lugar algum.

— Quero ficar com você.

— Ela vai ficar. Vocês duas vão ficar. É claro que vão. Eu amo muito vocês.

Raíssa nunca ousara dizer isso em voz alta. Zoia olhou para ela cuidadosamente:

— Eu poderia ser feliz... vivendo com você.

Elas nunca haviam falado assim. Raíssa tinha que ter cuidado: se dissesse algo errado, desse qualquer resposta errada, Zoia se fecharia e ela poderia não ter outra chance.

— Diga-me o que quer que eu faça. Zoia parou por um segundo.

— Deixe Liev.

Seus belos olhos pareceram aumentar de tamanho, absorvendo todos os detalhes da reação de Raíssa. A expressão de Zoia era cheia de esperança diante da ideia de nunca mais ver Liev. Ela estava pedindo a Raíssa que se divorciasse de Liev. Onde ela poderia ter aprendido sobre divórcio? Raramente se falava nisso. A atitude inicialmente permissiva do Estado havia endurecido sob o comando de Stálin, tornando o divórcio mais difícil, caro e estigmatizado. No passado, Raíssa havia pensado em uma vida sem Liev muitas vezes. Teria Zoia detectado os remanescentes daquela relação amargurada e extraído esperança daí? Teria ousado perguntar se não achasse que haveria uma chance de Raíssa dizer sim?

— Zoia...

Raíssa foi tomada por um desejo intenso de dar a essa garota o que ela queria. Ao mesmo tempo, ela era jovem — precisava de orientação, não podia fazer exigências estranhas e difíceis de aceitar e esperar que se tornassem realidade.

— Liev mudou. Vamos conversar você, eu e ele, juntos, hoje à noite.

— Não quero falar com ele. Não quero vê-lo. Não quero ouvir a voz dele. Quero que você o deixe.

— Mas Zoia... Eu o amo.

A esperança desapareceu do rosto de Zoia. Sua expressão tornou-se fria

novamente. Sem dizer mais nenhuma palavra, saiu correndo, deixando Raíssa para trás, passando pelos portões principais.

Raíssa observou enquanto Zoia desaparecia dentro da escola. Ela não podia correr atrás dela: não havia modo de conversarem diante dos outros estudantes, e, de qualquer maneira, era tarde demais. Zoia ficaria em silêncio, recusando-se a responder. O momento havia passado, a oportunidade estava perdida, Raíssa dera sua resposta — eu o amo. Palavras recebidas com grande estoicismo, como um preso recebendo uma confirmação da sentença de morte. Xingando-se por ter respondido de uma maneira tão definitiva, Raíssa entrou no prédio da escola. Ignorando os estudantes e professores que passavam por ela, Raíssa avaliou o sonho de Zoia — uma vida sem Liev.

Dentro do prédio da escola, ela foi para a sala dos professores, incapaz de concentrar-se, zonza e distraída. Raíssa encontrou um pacote esperando por ela. Havia uma carta em anexo. Ela abriu a correspondência, lendo o que estava ali escrito. Continha instruções para que ela lesse o documento incluso para todos os estudantes, de todas as classes. A carta era do Ministério da Educação. Rasgando o papel marrom do embrulho, deu uma olhada na tampa da caixa:

NÃO É PARA A IMPRENSA

Ela levantou a tampa, tirando uma espessa pilha e páginas caprichosamente datilografadas. Como professora de política, recebia regularmente material enviado pelo governo e era instruída a explicá-lo aos estudantes. Depois de ler a capa do documento, ela atirou-a na cesta de papéis e viu que a cesta estava cheia de cartas idênticas. Cópias deviam ter sido mandadas para todos os professores, todas as classes deviam estar ouvindo o discurso lido para elas. Já atrasada, Raíssa pegou a caixa e saiu apressada.

Ao chegar à sua turma, ela viu os alunos conversando, aproveitando ao máximo o seu atraso. Havia trinta estudantes, entre 15 e 16 anos. Ela havia ensinado a muitos deles pelos três anos completos que estava na escola. Ela pôs as páginas na mesa, explicando que hoje eles ouviriam um discurso feito por seu líder Kruschov. Esperando que o aplauso terminasse, ela leu em voz alta.

— Relatório Especial para o 20° Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Por Nikita Kruschov, Primeiro Secretário, Partido Comunista da União Soviética.

Era o primeiro congresso desde a morte de Stálin. Raíssa lembrou à turma que a Revolução Comunista era mundial e que nesses encontros reuniam-se enviados dos partidos internacionais de trabalhadores, assim como os líderes soviéticos.

Preparando-se para uma hora de platitudes e declarações de autocongratulação, seus pensamentos se focalizaram na esperança improvável de que Zoia conseguisse atravessar o dia sem se meter em uma briga.

Muito rapidamente sua atenção foi trazida de volta para o material que estava lendo. Este não era um discurso comum. Ele não começava com as descrições usuais dos espantosos sucessos soviéticos. No meio do quarto parágrafo, as mãos de Raíssa se apertaram em torno do papel, ela parou, incapaz de acreditar nas frases diante dela. A classe estava silenciosa. Em voz pouco firme ela leu:

— ... O culto da pessoa de Stálin cresceu gradativamente, o culto que se tornou a fonte de toda uma série de perversões extremamente graves dos princípios do partido, da democracia do partido, da legalidade revolucionária.

Espantada, correu os olhos à frente, perguntando-se se havia mais, lendo silenciosamente:

— As características negativas de Stálin, que no tempo de Lênin eram apenas incipientes, transformaram-se ao longo dos últimos anos em um grave abuso de poder...

Ela passara toda a carreira como professora fazendo propaganda do Estado, ensinando a essas crianças que o Estado estava sempre certo, era sempre bom e justo. Se Stálin era culpado de criar um culto, Raíssa havia sido seu instrumento. Ela havia justificado o ensino de tais falsidades, pois era necessário que os estudantes aprendessem a linguagem da adulação, o vocabulário da devoção ao Estado, sem os quais eles seriam vulneráveis à suspeita. A relação entre um estudante e o professor dependia da confiança. Ela acreditava que havia mantido essa premissa, não no sentido ortodoxo de falar a verdade, mas em que ela havia falado as verdades que eles precisavam escutar. As palavras que lia agora a tornavam uma farsante. Ela levantou os olhos do papel. Os estudantes estavam muito confusos para entender as implicações imediatas. Mas eles finalmente entenderiam. Eles compreenderiam que ela não era o modelo esclarecido de um papel, mas uma escrava de quem quer que estivesse no comando.

A porta abriu-se de repente. Iulia Pechkova, uma professora, estava de pé na soleira, sua face de um vermelho brilhante — a boca aberta, paralisada, incapaz de falar. Raíssa levantou-se:

— O que houve? —Venha depressa.

Iulia era professora de Zoia. O medo atingiu Raíssa. Ela pôs as páginas na mesa, disse à classe que ficasse em seus assentos e seguiu Iulia pelo corredor, descendo as escadas, incapaz de obter uma resposta simples:

— O que aconteceu?

— É Zoia. O discurso. Eu estava lendo e ela... você precisa ver por si mesma.

Elas chegaram à sala. Iulia ficou para trás, permitindo que Raíssa entrasse

primeiro. Raíssa abriu a porta. Zoia estava de pé sobre a mesa da professora. A mesa havia sido empurrada contra a parede. Todos os outros estudantes estavam do lado oposto da sala, apertados uns contra os outros, o mais longe possível, como se Zoia tivesse alguma doença contagiosa. Em volta dos pés dela estavam as páginas do discurso e estilhaços de vidro. Zoia estava orgulhosa, triunfante. Suas mãos sangravam. Seguravam os restos de um cartaz derrubado da parede, uma imagem de Stálin com as palavras impressas embaixo:

PAI DE TODAS AS CRIANÇAS

Zoia subira na mesa para tirar o retrato da parede: ela despedaçou a moldura, cortando a mão antes de rasgar o cartaz em dois, dilacerando a imagem de Stálin. Seus olhos brilhavam vitoriosos. Ela levantou as metades do cartaz, manchadas com seu sangue, como se brandisse o corpo de um inimigo derrotado:

— Ele não é meu pai.

Mesmo dia

NO CORREDOR DO LADO DE FORA do apartamento de Nikolai estavam os restos do discurso. Vendo as páginas rasgadas, relanceando os olhos pelas palavras, Liev puxou a arma. Atrás dele, Timur fez o mesmo. O papel estalando sob seus pés, Liev estendeu o braço e pôs a mão na maçaneta. O apartamento não estava trancado. Ele empurrou a porta com o ombro, os dois entraram na sala de estar. Não havia sinal de movimento. As portas dos outros cômodos estavam fechadas, exceto uma — a do banheiro.

A banheira estava cheia até a borda, a superfície da água ensanguentada quebrada apenas pelas ilhas formadas pela cabeça de Nikolai e seu estômago redondo, protuberante. Seus olhos e boca estavam abertos, como se espantado porque um anjo e não um demônio o tivesse recebido na morte. Liev agachou-se ao lado de seu ex-mentor, um homem cujas lições Liev havia passado os três últimos anos tentando desaprender. Timur chamou em voz alta: — Liev...

Notando o tom de seu assistente, Liev se levantou e o seguiu ao quarto adjacente.

As duas garotas pareciam estar dormindo, as cobertas acomodadas sobre os corpos até o pescoço. Se fosse à noite, a quietude do quarto teria parecido natural. Mas era meio-dia, e o sol penetrava pelas fres-tas das cortinas. As garotas estavam viradas para a parede, uma de costas para a outra. O cabelo comprido e brilhante da mais velha estava espalhado sobre o travesseiro. Liev o afastou, tocando seu pescoço. O mais leve traço de calor perdurava, preservado sob o grosso edredom sob o qual ela fora amorosamente aconchegada. Não havia sinais de ferimentos no corpo. A filha mais velha, que não tinha mais de 4 anos, estava em posição idêntica. Ela estava fria. Seu pequeno corpo havia perdido o calor mais rápido que o de sua irmã. Liev fechou os olhos. Ele poderia ter salvo essas garotas.

Na porta ao lado, a mulher de Nikolai, Ariadna, tinha sido arrumada, como suas filhas, em uma aparência de sono. Liev a conhecera um pouco. Sete anos atrás, depois de uma prisão, Nikolai costumava insistir para que Liev jantasse com ele. Não importava a hora, Ariadna sempre fazia o jantar, oferecendo hospitalidade e civilidade depois da mútua selvageria de Liev e Nikolai.

Os jantares eram para demonstrar o valor do espaço doméstico, onde os detalhes do serviço sangrento não existiam, onde poderiam manter a ilusão de não ser nada mais que um marido amoroso comum. Sentado na penteadeira dela,

Liev olhava escovas de cabo de marfim, perfumes e pós — luxos que Ariadna aceitava como pagamento por sua devoção sem contestações. Ela não percebeu que aquela ignorância não era uma escolha: era a condição de sua existência. Nikolai não toleraria sua família de nenhuma outra forma.

Nunca diga nada à sua mulher.

Como jovem policial, Liev havia interpretado o aviso, sussurrado para ele após sua primeira prisão, como referência à necessidade de cuidado e segredo, uma lição em não confiar nem mesmo nos mais próximos. Mas isso não era de forma alguma o que Nikolai queria dizer.

Incapaz de permanecer no apartamento por mais tempo, Liev se levantou, inseguro sobre os próprios pés. Deixando os corpos para trás, correu para o saguão, encostando-se contra a parede, respirando profundamente e olhando os restos do discurso de Kruschov, proferido e posicionado do lado de fora da porta de Nikolai com intento legal. Ao voltar para casa na noite anterior, Nikolai havia lido apenas uma fração dele; a maior parte ainda estava intocada na caixa. Uma página havia sido rasgada, Nikolai acreditara que poderia destruir essas palavras? Se aquele pensamento tivesse cruzado a sua mente, a carta que acompanhava o pacote teria acabado com essa esperança. O discurso deveria ser copiado e distribuído. A inclusão da carta oficial era uma mensagem para Nikolai de que os segredos de seu passado não estavam mais sob seu controle.

Liev deu uma olhada para Timur. Antes de juntar-se ao departamento de homicídio ele havia sido um policial da milícia, prendendo bêbados, ladrões e estupradores. A milícia não estava excluída das prisões políticas. No entanto, Timur tinha tido sorte, tais exigências não tinham sido feitas a ele, pelo menos nada que tivesse sido admitido para Liev.

Um homem que raramente perdia o controle de suas emoções, Timur estava visivelmente zangado. — Nikolai era um covarde.

Liev assentiu. Era verdade. Ele estava com muito medo de enfrentar a desaprovação. Ávida de Nikolai era sua família. Ele não poderia viver sem ela. Também não poderia morrer sem ela.

Liev pegou uma página do discurso, olhando-a como se fosse uma faca ou um revólver — as armas de assassinato mais eficazes. Ele havia lido o discurso pela manhã, depois que havia sido endereçado a ele.

Chocado com o ataque verbal, Liev levou pouco tempo para perceber que, se haviam enviado o discurso para ele, Nikolai também teria recebido um. O alvo pretendido era claro: as pessoas responsáveis pelos crimes descritos.

O ruído de passos encheu a escada. A KGB havia chegado.

Os POLICIAIS DA KGB ENTRARAM NO APARTAMENTO olhando para Liev com completo desdém. Não mais um deles, ele havia virado as costas para suas fileiras. Recusara um emprego para administrar o departamento de homicídio, um departamento contra o qual haviam feito lobby para que fosse fechado desde o começo. Prezando a lealdade acima de tudo, aos olhos daqueles homens, Liev era a pior das coisas — um traidor.

No comando estava Frol Panin, superior de Liev no Ministério do Interior, o escritório das Investigações Criminais. Com cerca de 50 anos, Panin era bonito, bem-vestido, encantador. Embora Liev nunca tivesse visto um filme de Hollywood, ele imaginava que Panin era o tipo de homem que eles escalariam para um papel. Fluente em várias línguas, era um ex-embaixador que sobrevivera ao regime de Stálin permanecendo no exterior. Dizia-se que ele não bebia, fazia ginástica todos os dias e cortava o cabelo uma vez por semana. Em contraste com muitos funcionários que se orgulhavam da origem modesta e da indiferença a algo tão burguês quanto aparência, Panin era confiantemente imaculado. De fala suave, polida, ele era de uma nova geração de funcionários que sem dúvida aprovava o discurso de Kruschov. Pelas costas, Panin era mal falado com freqüência. Dizia-se que nenhum homem tão afetado quanto ele teria durado sob Stálin. Ele tinha as mãos macias demais, as unhas demasiadamente limpas. Liev tinha certeza de que Panin teria aceitado isso como um cumprimento.

Panin estudou brevemente a cena do crime antes de se dirigir aos policiais da KGB:

— Ninguém sai do prédio. Contem os moradores de todos os apartamentos, verifiquem se coincidem com os registros residenciais e certifiquem-se de que todas as pessoas se expliquem. Ninguém vai trabalhar, aqueles que já saíram devem ser buscados para responder às perguntas. Entrevistem todos se descubram o que viram ou ouviram. Se suspeitarem de que estão mentindo ou retendo informação, levem-nos para uma cela e perguntem novamente. Sem violência, sem ameaças, apenas façam-nos entender que nossa paciência tem limite. Se de fato souberem de alguma coisa...

Panin fez uma pausa, acrescentando:

— Vamos lidar com isso em base individual. Também quero uma história para encobrir isso. Acertem os detalhes entre vocês, mas não falem de crime. Está entendido?

Pensando melhor, resolveu conferir responsabilidade a partir de uma história plausível, continuou:

— Esses quatro cidadãos não foram assassinados. Foram presos, levados embora. As crianças foram enviadas para um orfanato. Comecem a semear conversas sobre suas atividades subversivas. Usem o pessoal à disposição nas comunidades vizinhas. É imperativo que ninguém veja os corpos quando forem levados para fora. Esvaziem a rua se for preciso.

Era melhor que a sociedade acreditasse que uma família inteira tivesse sido presa para nunca mais ser vista, do que saber que um policial aposentado do MGB havia assassinado a própria família.

Panin virou-se para Liev:

— Você se encontrou com Nikolai a noite passada?

— Ele telefonou por volta da meia-noite. Fiquei surpreso. Não falava com ele há mais de cinco anos. Ele estava perturbado, bêbado. Queria encontrar-se comigo. Concordei. Estava cansado. Era tarde. Ele estava incoerente. Disse a ele que fosse para casa e nós conversaríamos quando ele estivesse sóbrio. Foi a última vez que o vi. Quando chegou à casa, encontrou o discurso de Kruschov à sua porta. Foi colocado ali como parte da campanha contra ele, instigada pelas mesmas pessoas que colocaram o discurso na minha porta hoje de manhã.

— Você leu o discurso?

— Sim, foi a razão pela qual vim aqui. Pareceu muita coincidência que fosse enviado para mim ao mesmo tempo que Nikolai entrava em contato comigo.

Panin se virou, fixando os olhos em Nikolai na área sangrenta da banheira:

— Eu estava no Palácio do Kremlin quando Nikita Kruschov fez o discurso. Horas a fio e ninguém se moveu, silêncio, descrença. Apenas um número muito pequeno de pessoas trabalhou nele, membros seletos do Presidium. Nenhum aviso foi dado. O 20° Congresso começou com dez dias de conversas comuns. Delegados ainda aplaudiam o nome de Stálin. No último dia, os delegados estrangeiros estavam prontos para voltar para casa. Fomos chamados para uma sessão fechada. Kruschov mostrou uma certa satisfação com a tarefa. Ele é entusiástico em relação a admitir os erros do passado.

— Para o país inteiro?

— Ele argumentou que essas palavras não poderiam ir além dos confins do saguão ou iriam prejudicar a reputação do país.

Liev não conseguiu disfarçar a raiva em sua voz:

— Então por que há milhões de cópias em circulação?

— Ele mentiu. Ele quer que as pessoas leiam. Quer que as pessoas saibam que ele foi a primeira pessoa a pedir desculpas. Ele ocupou seu lugar na história. É o primeiro homem a criticar Stálin e não ser executado. A nota de que não é para ser publicado na imprensa foi uma concessão para os que se opunham ao discurso. Naturalmente, essa estipulação é absurda no contexto dos planos de

distribuição mais amplos.

— Kruschov cresceu sob o comando de Stálin. Panin sorriu:

— Somos todos culpados, não? E ele sente isso. Ele está confessando, seletivamente. De muitas formas, é uma denúncia à moda antiga. Stálin é mau: eu sou bom. Eu estou certo: eles estão errados.

— Nikolai, eu, nós somos as pessoas que ele está dizendo a todos para odiar. Ele está nos fazendo de monstros.

— Ou mostrando ao mundo os monstros que nós realmente somos. Eu me incluo nisso, Liev. É verdade para todos que estiveram envolvidos, todos que fizeram o sistema funcionar. Não estamos falando de uma lista de cinco nomes. Estamos falando de milhões de pessoas, todas elas ou ativamente envolvidas ou cúmplices. Você já avaliou a possibilidade de os culpados serem mais numerosos que os inocentes? Que os inocentes possam ser uma minoria?

Liev olhou para os policiais da KGB que examinavam as duas filhas.

— As pessoas que enviaram esse discurso para Nikolai devem ser pegas.

— Que pistas você tem?

Liev abriu sua pasta de anotações, tirando a folha de papel dobrada recuperada na gráfica de Moskvin.

Sob tortura, Eíke.

Panin examinou a folha de papel enquanto Liev pegava uma página da cópia do discurso enviada para Nikolai. Ele apontou para uma linha:

Sob tortura, Eike foi forçado a assinar um protocolo de sua confissão preparado pelos juízes investigativos.

Localizando a duplicação de três palavras, Panin perguntou:

— De onde veio a primeira folha?

— De uma gráfica, de um homem chamado Suren Moskvin, aposentado do MGB. Tenho certeza de que o discurso foi enviado para ele. Os filhos de Moskvin afirmam que ele tinha um contrato oficial com o Estado para imprimir 10 mil cópias. Mas não encontrei prova desse contrato. Não acredito que ele existiu: foi uma mentira. Disseram a ele que era um contrato do Estado e lhe entregaram o discurso.

Ele trabalhou durante a noite, datilografando, até chegar a essas palavras: ele decidiu matar-se. Eles entregaram o discurso a ele sabendo do efeito que teria da mesma forma que o entregaram a Nikolai e o deram a mim. Ontem, Nikolai disse que estava recebendo fotos das pessoas que havia prendido. Moskvin também foi assediado com fotos de pessoas com as quais entrou em contato.

Liev pegou o volume modificado com o texto de Lênin, segurando a foto da

prisão colada na frente no lugar da foto de Lênin.

— Tenho certeza de que uma pessoa liga nós três: Suren, Nikolai e eu, alguém solto recentemente da prisão, um parente de uma...

Liev parou por um momento antes de acrescentar a palavra: —... uma vítima. Timur perguntou:

— Quantas pessoas você prendeu como agente do MGB?

Liev calculou. Em certas ocasiões, famílias inteiras — seis pessoas em uma noite.

— Ao longo de três anos... muitas centenas.

Timur não pôde esconder sua surpresa. O número era alto. Panin observou:

— E você acha que o perpetrador envia uma foto?

— Eles não estão com medo de nós, não mais. Nós é que temos medo deles agora.

Panin bateu as mãos espalmadas, reunindo vários policiais:

— Revistem este apartamento. Estamos buscando um monte de fotos.

Liev acrescentou:

— Nikolai as esconderia cuidadosamente. Era essencial que sua família nunca as encontrasse. Ele era um agente, então era muito bom em esconder as coisas e em saber onde as pessoas poderiam procurar.

A busca sistemática tomou duas horas para desmantelar o luxuoso apartamento que Nikolai levara anos mobiliando e decorando. Para que pudessem revistar embaixo das camas e debaixo das tábuas do assoalho, os corpos das duas crianças e da mulher foram empilhados no centro da sala de estar embrulhados em lençóis. Em volta delas, guarda-roupas foram desmontados, colchões rasgados. Nenhuma foto foi achada.

Frustrado, Liev olhou fixamente para Nikolai na banheira cheia de água ensanguentada. Atingido por um pensamento, deu um passo em direção à banheira e sem tirar a camisa mergulhou o braço dentro da água. Ele sentiu a mão de Nikolai. Seus dedos estavam firmemente agarrados a um grosso envelope. Ele o estava segurando quando morreu. O papel amolecera e se rompeu assim que Liev o tocou, e seu conteúdo flutuou na superfície.

Timur e Panin se juntaram a Liev, observando um por um os rostos de homens e mulheres que subiam do fundo sangrento da banheira. Logo, um filme de fotografias, centenas de rostos que se sobrepunham, subia e descia. Os olhos de Liev iam de mulheres idosas a homens jovens, as mães e os pais, filhos e filhas. Ele não reconhecia nenhum deles. Então, um rosto prendeu sua atenção. Ele o tirou da água. Timur perguntou:

— Conhece esse homem?

Sim, Liev o conhecia. Ele se chamava Lazar.

Mesmo dia

UM CRUCIFIXO HAVIA SIDO DESENHADO DO LADO de fora de um envelope, um caprichoso desenho da cruz ortodoxa feito a tinta. O desenho era pequeno, quase do tamanho da palma de sua mão. Alguém tinha gasto tempo nele: as proporções estavam perfeitas; o trabalho a tinta, competente. O propósito seria criar medo, como se ele fosse um espírito devorador de cadáveres ou um demônio? Mais provavelmente a intenção era ironizar, à guisa de comentário sobre sua fé. Se fosse assim, era um erro de julgamento — amadorístico em sua psicologia.

Krasikov rasgou o lacre, esvaziando o conteúdo do envelope sobre sua mesa. Mais fotografias... Ficou tentado a jogá-las no fogo, como havia feito com as outras, mas a curiosidade o deteve. Pôs os óculos, focando a visão, estudando o novo punhado de rostos. À primeira vista não significavam nada. Estava a ponto de deixá-las de lado quando um dos rostos chamou sua atenção. Ele se concentrou, tentando lembrar o nome do homem de olhos intensos:

Lazar

Aqueles eram os padres que ele havia denunciado. Ele os contou. Trinta rostos — teria ele traído tantos? Nem todos tinham sido presos enquanto ele era Patriarca de Moscou e de Toda a Rússia, a principal autoridade religiosa do país. As denúncias haviam antecedido sua indicação, espalhadas ao longo de muitos anos. Estava com 75 anos agora. Para uma vida inteira, trinta denúncias não eram tanto assim.

Sua obediência calculada ao Estado havia poupado a Igreja de um incomensurável dano — uma aliança nada sagrada, talvez, mas esses trinta padres tinham sido sacrifícios necessários. Era um descuido dele ser incapaz de lembrar cada um dos nomes. Ele deveria rezar por eles todas as noites. Em vez disso, ele os deixara escorregar de sua mente como chuva correndo pelo vidro. Ele achava o esquecimento mais fácil que pedir perdão.

Mesmo com as fotografias deles nas mãos, ele não sentia remorso. Isso não era fanfarronice. Ele não tinha pesadelos, não sofria angústias. Sua alma estava leve. Sim, ele havia lido o discurso de Kruschov, enviado para ele pelas mesmas pessoas que haviam mandado as fotos. Lera as críticas ao regime criminoso de Stálin, um regime que apoiara ordenando a seus padres que elogiassem Stálin nos sermões. Sem dúvida existira o culto do ditador e ele havia sido um devoto

leal. E daí? Se esse discurso apontava para um futuro de introspecção sem propósito, que fosse — mas não seria o futuro dele. Era ele responsável pela perseguição à igreja durante as primeiras décadas do comunismo? Claro que não, ele meramente reagira a circunstâncias em que se encontrou e à sua amada igreja. Sua mão havia sido forçada. A decisão de entregar alguns de seus colegas era desagradável, mas não difícil. Eles eram indivíduos que acreditavam poder falar e fazer o que achassem melhor, simplesmente porque era o trabalho de Deus. Eram ingênuos, e ele os achava cansativos ansiosos para serem mártires. Nesse sentido, ele meramente proporcionara a esses homens o que eles desejavam, a oportunidade de morrer por sua fé.

A religião, como tudo o mais, tinha de chegar a um acordo. O pomestni sobor, o conselho dos bispos, com muito bom senso o havia escolhido como patriarca. Eles precisavam de alguém que pudesse ser político, flexível e de bom senso, razão pela qual sua nomeação havia sido aprovada pelo Estado e o motivo por que o Estado havia permitido eleições — devidamente arranjadas em seu favor. Houve os que argumentaram que a eleição dele era uma violação da lei canônica apostólica; a hierarquia da igreja não devia ser consagrada por autoridades seculares. Em sua mente, esse era um argumento acadêmico obscuro em uma época em que o número de igrejas havia encolhido de 20 mil para menos de mil. Deveriam eles desaparecer completamente, orgulhosamente agarrados aos seus princípios, como um capitão poderia agarrar-se ao mastro do navio que naufraga? Sua indicação tinha o objetivo de reverter aquele declínio e contrabalançar suas perdas. Ele tivera sucesso. Novas igrejas tinham sido construídas. Padres eram treinados em vez de fuzilados. Ele fizera o que havia sido requerido, nada mais. Suas ações nunca tinham sido maliciosas.

E a Igreja havia sobrevivido.

Krasikov levantou-se, cansado dessas recordações. Ele pegou as fotos e as empilhou no fogo, observando-as se curvarem, ficarem negras e queimarem. Ele aceitara atos de retaliação como possibilidade. Não havia meio de governar uma organização tão complexa quanto a Igreja, administrando sua relação com o Estado, e não criar inimigos durante esse processo. Homem cauteloso, dera alguns passos para proteger-se. Velho, enfermo, ele era patriarca apenas no nome, não estava mais envolvido no dia a dia da direção da Igreja. Ele agora passava grande parte do tempo em um abrigo de crianças que fundara não distante da Igreja de Concepção de Sant'Ana. Havia os que consideravam o abrigo uma tentativa de redenção de um homem que estava para morrer. Deixe que pensem isso. Ele não se importava. Ele gostava do trabalho: não havia mistério maior que aquele. A parte dura do trabalho era feita por membros mais jovens da equipe, enquanto ele dava orientação espiritual para uma centena — se

tanto — de crianças para as quais tinham espaço, convertendo-as do vício em chiffir, um narcótico derivado de folhas de chá, para uma vida piedosa. Tendo dedicado a vida a Deus — uma dedicação que o proibia de ter filhos próprios —, esta era uma compensação única.

Ele fechou a porta do escritório, trancando-a, descendo os degraus para o segundo saguão principal, onde as crianças comiam e eram ensinadas. Havia quatro dormitórios: dois para meninas e dois para meninos. Havia também um lugar para rezar, com crucifixo, ícones e velas — um aposento onde ele ensinava assuntos de fé. Nenhuma criança poderia permanecer no abrigo a menos que se abrisse para Deus. Se resistissem, se recusassem a crer, eram expulsas. Não havia escassez de crianças nas ruas para escolher entre elas. De acordo com estimativas secretas do Estado, às quais ele tinha acesso, havia cerca de 800 mil crianças sem-teto espalhadas pelo país, concentradas principalmente nas grandes cidades, vivendo nas estações de trem ou nos becos. Algumas haviam fugido de orfanatos, algumas de colônias de trabalho forçado. Muitas haviam viajado do interior do país, subsistindo nas cidades como matilhas de cães selvagens — buscando comida no lixo e roubando. Krasikov não era sentimental. Entendia que essas crianças eram potencialmente perigosas e não confiáveis. Portanto, ele empregava ex-soldados do Exército Vermelho para manter a ordem. Os alojamentos eram seguros. Ninguém podia sair ou entrar sem a permissão dele. Todos eram revistados na entrada. Havia guardas dentro, circulando, e dois sempre na porta da frente. Ostensivamente, esses homens eram empregados para ficar de olho nas cem crianças. No entanto, esses homens forneciam um serviço secundário: eram guarda-costas de Krasikov.

Krasikov inspecionou o salão, procurando o rosto agradecido de seu novo interno, um garoto jovem, talvez de apenas 13 ou 14 anos.

Ele não dissera a idade, recusando-se a falar muito. O garoto tinha uma terrível gagueira e um rosto peculiarmente adulto, como se cada ano na terra tivesse valido por três. Estava na hora de formalizar o ingresso do garoto no abrigo, decidir se estava sendo sincero em seu compromisso com Deus.

Krasikov fez um gesto para que um dos guardas trouxesse a criança. O garoto se afastou como um cachorro maltratado, cauteloso ante o contato humano. Ele havia sido encontrado não muito distante do abrigo, na soleira de uma porta, coberto de andrajos, segurando uma escultura de barro de um homem sentado nas costas de um porco, como se o porco fosse um cavalo. Era uma peça cômica de porcelana doméstica, sugerindo uma origem interiorana. Outrora de cores brilhantes, a pintura havia esmaecido. Era notável que não estivesse quebrada, exceto pela orelha esquerda do porco. O garoto, forte e musculoso, nunca a deixava fora de vista e nunca a entregava a ninguém. A escultura tinha

algum valor sentimental, talvez fosse um objeto do passado do garoto.

Krasikov sorriu para o guarda, dispensando-o educadamente. Ele abriu a porta da sala de rezas, esperando que o garoto o seguisse. O garoto não se mexeu, segurando a estátua do homem e do porco tão apertada como se ela estivesse cheia de ouro.

— Você não é obrigado a fazer nada que não queira. Entretanto, se não deixar Deus entrar em sua vida, você não poderá ficar aqui.

O garoto olhou rapidamente para as outras crianças. Elas pararam o que estavam fazendo para ver a decisão que ele iria tomar. Ninguém nunca dissera não. O garoto entrou hesitante na sala de rezas. Enquanto ele passava, Krasikov pediu:

— Lembre-me o seu nome. O garoto gaguejou:

— Ser... gei.

Krasikov fechou a porta atrás deles. O aposento havia sido preparado. Velas estavam acesas. A luz da tarde esmaecia. Ele se ajoelhou diante do crucifixo, sem dar a Sergei nenhuma instrução, esperando que o garoto se juntasse a ele, um teste simples para ver se o garoto tivera uma educação religiosa. Os que tinham experiência juntavam-se a ele: aqueles sem nenhuma experiência ficavam à porta. Sergei não se mexeu, ficando à porta.

— Muitas crianças eram ignorantes quando chegaram. Isso não é crime. Você aprenderá. Espero que um dia Deus tome o lugar desse brinquedo que você segura com tanto carinho.

Para surpresa de Krasikov, o garoto respondeu trancando a porta. Antes que pudesse inquirir sobre a razão do ato, o garoto deu passos largos à frente, puxando um pedaço de fio de dentro da orelha quebrada do porco. Ao mesmo tempo, ele ergueu a escultura acima da cabeça e atirou-a ao chão com toda a força. Krasikov instintivamente se virou, esperando que ela o atingisse. Mas a estátua de porcelana passou por ele, espatifando-se a seus pés, quebrando-se em vários pedaços grandes, irregulares. Chocado, ele espiou os pedaços de porcelana. Havia algo mais ao lado dos restos do porco — cilíndrico e preto. Ele se inclinou, levantando o objeto. Era uma lanterna.

Confuso, tentou levantar-se, sair da posição de joelhos. Antes que pudesse, um laço deslizou por sua cabeça, em volta de seu pescoço — um fio de aço fino preso por um nó. O garoto estava segurando a outra ponta, enrolada em seu braço. Ele puxou: o fio apertou, Krasikov engasgou enquanto seu fôlego era espremido para fora dos pulmões. Seu rosto ficou vermelho, o sangue preso. Seus dedos escorregaram no fio, incapazes de entrar por baixo dele. O garoto apertou novamente, falando em voz fria e composta, sem nenhum traço da

gagueira anterior:

— Responda corretamente e viverá.

NA ENTRADA DO ABRIGO DAS CRIANÇAS, Liev e Timur tiveram o acesso negado, detidos por dois guardas. Frustrado com o atraso, Liev mostrou a foto de Lazar, explicando:

— É possível que todas as pessoas envolvidas na prisão desse homem seja um alvo. Dois homens já morreram. Se estivermos certos, o patriarca poderia estar em perigo.

Os guardas não se abalaram:

— Passaremos a mensagem adiante.

— Precisamos falar com ele.

— Milícia ou não, o patriarca nos deu instruções para não deixarmos ninguém entrar.

Houve uma movimentação súbita no alto da escada: o som de um tiro. Num instante, a atitude autoritária dos guardas se transformou em pânico. Eles abandonaram o posto, subindo os degraus, seguidos por Liev e Timur, irrompendo em um salão cheio de crianças. A equipe havia-se aglomerado em volta de uma porta, sacudindo-a, impossibilitados de entrar. Os guardas entraram em cena, agarrando a maçaneta da porta, ouvindo as explicações superpostas:

— Ele entrou lá para rezar.

— Com o novo garoto.

— Krasikov não está respondendo.

— Algo foi atirado. Liev cortou a discussão.

— Derrubem a porta.

Eles se viraram para ele, inseguros.

— Agora.

O mais pesado e forte dos guardas correu, seu ombro se chocou com o batente. Ele se lançou novamente, e a porta quebrou.

Passando pela abertura, Liev e Timur entraram na sala. Uma voz jovem, autoritária, afirmou:

— Fiquem onde estão!

Os guardas pararam de avançar, homens ferozes imobilizados pela cena diante deles.

O patriarca estava de joelhos, o rosto voltado para eles, vermelho como sangue, a boca aberta — a língua aparecia protuberante, obscena, como uma salsicha retorcida. Seu pescoço estava preso: um fio de arame fino esticado pelas mãos do garoto. As mãos do garoto estavam envoltas em farrapos: o fio se enrolava neles. Um amo com um cachorro na coleira, o garoto exercia controle

letal e absoluto: ele só precisava tensionar um pouco mais e o fio ou sufocava o patriarca ou cortava sua pele.

O garoto deu um cuidadoso passo atrás, ficando quase à janela, mantendo o fio apertado, sem dar nenhuma folga. Liev emergiu do grupo de guardas que havia ficado paralisado pelo fracasso de sua proteção. Havia talvez 10 metros entre ele e o patriarca. Ele não podia arriscar-se a correr para frente. Mesmo que chegasse ao patriarca, não haveria meio de enfiar os dedos embaixo do fio. Dirigindo-se a Liev, pressentindo seus cálculos, o garoto disse:

— Se chegar mais perto, ele morre.

O garoto abriu a pequena janela e subiu ao parapeito. Eles estacam no segundo andar, uma altura grande demais para um salto. Liev perguntou:

— O que você quer?

— O pedido de desculpas desse homem por trair padres que confiavam nele, padres que deveria proteger.

O garoto falava as palavras como se estivessem escritas em um roteiro. Liev olhou para o patriarca. Certamente, a ameaça de morte o tornaria obediente. As ordens do garoto eram extrair um pedido de desculpas. Se aquelas eram as ordens dele, ele as obedeceria: isso era a vantagem que Liev tinha.

— Ele se desculpará. Afrouxe o fio. Deixe-o falar. Você veio para ouvir isso.

O patriarca assentiu, demonstrando que queria obedecer. O garoto pensou um pouco e depois vagarosamente afrouxou o laço. Krasikov inalou, uma inspiração estrangulada:

Uma resistência suprema cintilou nos olhos do velho e Liev percebeu que havia cometido um erro. Reunindo suas forças, espalhando cuspe a cada palavra:

— Diga quem o mandou... Eu o trairia novamente!

Exceto pelo patriarca, todos os olhos se voltaram para o garoto. Mas ele se fora. Havia pulado pela janela.

O fio chicoteou, todo o peso do garoto concentrado no pescoço do velho, puxando o patriarca com tanta força que ele se levantou de onde estava ajoelhado como uma marionete puxada por cordões antes de cair de costas e ser arrastado pelo chão e se chocar contra a pequena janela. Seu corpo ficou preso na moldura da janela. Liev correu para a frente, agarrando o fio em torno do pescoço do patriarca, tentando aliviar a pressão. Mas o fio havia cortado a pele, seccionando lhe o músculo. Não havia nada que Liev pudesse fazer.

Olhando pela janela, ele viu o garoto na rua abaixo. Sem dizer uma palavra, Liev e Timur saíram correndo do aposento, abandonando os guardas extremamente preocupados, passaram pelo saguão principal do abrigo e a multidão de crianças embaixo. O garoto era habilidoso e ligeiro, mas era jovem e não seria capaz de correr mais que eles.

Chegando à rua, o garoto não estava à vista. Não havia becos nem curvas, ele não poderia ter percorrido todo o comprimento da rua no breve tempo que levou até que eles chegassem do lado de fora. Liev correu para a janela de onde o fio estava pendente. Ele encontrou as pegadas do garoto na neve e seguiu-as até um bueiro. A neve tinha sido afastada. Timur levantou a tampa. O buraco era profundo — uma escada de aço que levava ao sistema de esgoto. O garoto estava perto do fundo, os farrapos amarrados nas mãos. Vendo luz acima dele, olhou para cima, expondo o rosto à luz do dia. Ao avistar Liev, ele largou a escada, deixando-se cair do último degrau e desaparecendo na escuridão.

Liev voltou-se para Timur:

— Pegue as lanternas no carro.

Sem esperar, Liev agarrou-se à escada e desceu. O metal da escada estava frio, e sem luvas sentia a pele grudar no aço. Cada vez que ele soltava as barras, sentia a pele começar a rasgar-se. Havia luvas no carro, mas ele não podia adiar a perseguição. O sistema de esgoto era um labirinto de túneis: o garoto poderia desaparecer em qualquer um deles, uma curva fora de vista e ele estaria livre. Apertando os dentes com a dor, as palmas de Liev começaram a sangrar à medida que pedaços de pele iam sendo arrancados. Com os olhos ficando cheios d'água, ele olhou para baixo, avaliando a distância remanescente. Ainda estava muito alto para pular. Tinha que continuar, apertando a carne viva contra o aço gelado. Ele gritou, largando a escada.

Aterrissando atrapalhado em uma beirada estreita de concreto abaixo, ele quase caiu de cabeça em um braço profundo de água suja. Ele se firmou e examinou em volta — um túnel grande de tijolos, mais ou menos do tamanho de um túnel do metrô. Um facho de luz do sol do bueiro aberto iluminava um pequeno trecho em volta dele, mas pouco mais que isso. À sua frente estava escuro, exceto por um pequeno brilho de luz, como um vagalume, cerca de 50 metros adiante. Era o garoto: ele tinha uma lanterna, estava preparado para a fuga.

O brilho da luz desapareceu. Ou o garoto desligara a lanterna, ou havia entrado em outro túnel. Incapaz de seguir adiante no escuro, sem poder ver a beirada, Liev olhou para a abertura do bueiro, à espera de Timur — cada segundo era vital.

— Vamos, vamos...

O rosto de Timur apareceu no alto. Liev gritou:

— Deixe a lanterna cair!

Se falhasse em pegá-la, ela se despedaçaria no concreto e ele teria de adiar a perseguição ao garoto até Timur descer. Mas àquela altura o garoto já teria escapado. Timur deu um passo atrás para não bloquear a luz. Seu braço esticado

apareceu segurando uma lanterna, posicionando-a no centro do buraco. Ele a deixou cair.

Os olhos de Liev a seguiram quando ela começou a tombar, batendo na parede e rodopiando, um movimento agora inteiramente imprevisível. Ele deu um passo adiante, estendeu a mão e agarrou o cabo da lanterna, suas mãos vermelhas picando dolorosamente quando a segurou. Lutando contra o instinto de largar a lanterna, ele pressionou o interruptor. A lâmpada ainda funcionava. Ele focou a luz na direção em que o garoto havia desaparecido, revelando uma beirada que corria ao lado do túnel, acima do fluxo lento do riacho de sujeira. Ele foi em frente, a velocidade limitada pelo gelo e pelo musgo, as botas escorregando na superfície precária. Amenizado pelo frio, o cheiro não era insuportável, e ele se limitou a inspirações curtas, pouco profundas.

Onde o garoto havia desaparecido, a beirada acabava completamente. Havia um túnel secundário, muito menor — apenas 1 metro, se tanto, de largura —, a base do qual aparecia à altura de um ombro. Este túnel alimentava o fluxo abaixo. Havia excremento riscando as paredes. O garoto devia ter subido. Não havia escolha. Liev teria de arrastar-se para entrar no túnel.

Ele pôs a lanterna acima primeiro. Preparando-se, agarrou as paredes escorregadias, suas feridas abertas rugindo de dor quando a carne exposta se misturava com sujeira e merda. Tonto de dor tentou aprumar-se, ciente de que se soltasse o apoio cairia no fluxo abaixo. Mas não havia nada que pudesse agarrar à frente no túnel — ele estendeu o braço, sua mão batendo na superfície macia, curva. Até que a ponta da bota encontrou o tijolo: ele se impulsionou para cima, dentro do túnel, deitando de costas, tentando limpar a sujeira das mãos. No espaço confinado, o cheiro era avassalador. Liev sentiu engulhos. Conseguindo não vomitar, pegou a lanterna, dirigindo o facho para o túnel e arrastou-se sobre o estômago, usando os cotovelos para se impulsionar.

Uma série de barras enferrujadas bloqueava o caminho à frente: o espaço entre as barras era pouco menor que a largura de sua mão. O garoto devia ter ido por outro caminho. Aponto de voltar, Liev parou. Ele tinha certeza: não havia outro caminho. Afastando a camada de gordura, ele examinou as barras. Duas estavam frouxas. Ele as agarrou, afrouxando-as. Elas poderiam ser soltas. O garoto havia examinado antes esse caminho, por isso tinha a lanterna, e também por isso sabia que tinha de amarrar os farrapos às mãos — ele sempre tivera a intenção de escapar pelo esgoto. Mesmo removendo duas barras Liev teve problemas para se espremer pela abertura. Forçado a tirar a jaqueta para ganhar espaço, ele se embrenhou em um lugar cavernoso.

Abaixo de seu pé, o chão parecia mover-se. Ele dirigiu o facho de luz para baixo. O chão estava vivo com ratos, três ou quatro, arrastando-se uns por cima

dos outros. Seu nojo foi moderado pela curiosidade perante o fato de todos se movimentarem numa mesma direção. Ele voltou a luz para a direção de onde eles vinham correndo, lutando para fugir de um túnel maior. Dentro desse túnel Liev pôde ver o garoto, cerca de 100 metros de distância entre eles. O garoto não estava correndo: estava de pé contra a parede, a mão espalmada nela. Cauteloso, sentindo que algo estava errado, Liev avançou.

O garoto se virou e, vendo seu perseguidor, partiu novamente. Ele havia adaptado sua lanterna, que estava pendurada no pescoço por um pedaço de barbante — permitindo que ficasse com ambas as mãos livres. Liev estendeu a mão, sentindo as paredes do túnel. As vibrações eram tão intensas que seus dedos tremiam.

O garoto ia rápido, a água batia nos tornozelos. Liev seguiu os movimentos do garoto com a luz da lanterna. Rápido como um gato, o menino usava as paredes curvas, pulando e impulsionando-se nos lados, saltando para cima. O alvo era a barra inferior de uma escada que emergia de um túnel vertical acima da cabeça.

O garoto não conseguiu pegar o degrau mais baixo da escada, aterrissando em uma poça no chão. Liev correu na direção dele. Atrás de si podia ouvir os gritos de nojo de Timur, sem dúvida por causa da massa de ratos. O garoto estava de pé novamente, preparando-se para dar outro pulo e agarrar a escada.

Subitamente o fino fluxo de água estagnada começou a aumentar, crescendo de repente, aumentando o volume. Um tremendo ruído encheu o túnel. Liev levantou a luz da lanterna. O raio de luz captou espuma branca: a crista branca de uma parede de água barulhenta vinha na direção deles a menos de 200 metros de distância.

Como restavam poucos segundos, o garoto deu outra corrida em direção à escada, pulando na parede e alcançando o degrau inferior. Desta vez conseguiu, pendurando-se com ambas as mãos. Ele se guinchou, subindo pelo túnel vertical, fora do alcance da água. Liev virou-se. A água estava próxima, Timur havia acabado de entrar no túnel principal.

Chegando à base da escada, Liev prendeu a lanterna entre os dentes e saltou, segurando-se na barra, as mãos picando enquanto ele se erguia. Ele podia ver o garoto movimentando-se acima dele. Ignorando a dor, acelerou, aproximando-se do garoto. Ele agarrou o pé do garoto. Mantendo-o preso enquanto o menino tentava chutar para desprender-se, Liev dirigiu o facho de luz para baixo. No fundo do buraco, frenético, Timur deixou cair a lanterna e pulou. Ele agarrou o degrau da escada com ambas as mãos quando a água se chocou em torno dele, a espuma branca explodia no túnel vertical.

O garoto riu:

— Se quiser salvar seu amigo terá de me deixar livre!

Ele estava certo, Liev teria de deixar o garoto, descer e ajudar Timur.

— Ele vai morrer!

Timur emergiu da água, engasgado, erguendo-se, pondo um braço em torno da barra seguinte e guinchou-se para fora da espuma. A maior parte de seu corpo ainda estava submersa, mas ele estava bem agarrado.

Aliviado, Liev não se mexeu, mantendo o tornozelo do garoto preso, enquanto este chutava e esperneava. Timur subiu até a posição de Liev, tomou a lanterna da boca dele e apontou-a para o rosto do garoto.

— Chute novamente e eu quebro sua perna.

O garoto parou: não havia dúvida de que Timur falava sério. Liev acrescentou:

— Vamos subir juntos para o próximo nível. Entendido?

O garoto assentiu. Os três subiram juntos, devagar, desajeitadamente, uma massa de membros, movendo-se como uma aranha deformada.

No alto da escada, Liev ficou parado, segurando o calcanhar do garoto enquanto Timur subia por cima dos dois e chegava à passagem acima:

— Solte-o.

Liev soltou e subiu. Timur prendera os braços do garoto. Liev fechou a lanterna, usando as pontas dos dedos para evitar tocar suas palmas sangrentas. Ele iluminou o rosto do garoto com o facho de luz.

— Sua única chance de se manter vivo é falando comigo. Você assassinou um homem muito importante. Muitas pessoas vão pedir que você seja executado.

Timur sacudiu a cabeça.

— Você está perdendo tempo. Olhe para o pescoço dele.

No pescoço do garoto havia uma tatuagem, uma cruz ortodoxa. Timur explicou:

— Ele é membro de uma gangue. Prefere morrer a falar. O garoto sorriu:

— Você está aqui embaixo enquanto lá em cima... sua mulher... Raíssa...

A reação de Liev foi instantânea, dando um passo à frente e agarrando o garoto pela camisa, arrancando-o de Timur e levantando-o. Era a oportunidade que o garoto precisava. Como uma enguia, ele escorregou da camisa, caindo ao solo e lançando-se para o lado. Deixado enquanto ainda segurava a camisa, Liev a contorceu, encontrando o garoto agachado à beira do buraco. O garoto deu um passo, caindo na água abaixo. Liev avançou rapidamente, mas já era tarde demais. Olhando para baixo, não viu sinal do garoto. Ele caíra na correnteza rápida e fora varrido pela água.

Frenético, Liev examinou o lugar onde estava, um túnel fechado de concreto. Raíssa estava em perigo. E não havia saída.

Mesmo dia

RAÍSSA ESTAVA SENTADA EM FRENTE AO DIRETOR DA ESCOLA, Karl Enukidze — um homem gentil com uma grande barba. Com eles também estava Iulia Pechkova, a professora de Zoia. Os dedos de Karl estavam cruzados sob o queixo, cocando para frente e para trás, e ele olhava alternadamente para Raíssa e Iulia. Na maior parte das vezes, Iulia evitava olhar direto para ele, mordendo os lábios e desejando estar em qualquer outro lugar, menos ali. Raíssa entendia o nervosismo dos dois. Se a destruição do retrato de Stálin fosse investigada, Zoia seria colocada sob o escrutínio da KGB. E eles também. A questão da culpa poderia ser reconstituída: culpam a criança, ou os adultos que influenciaram a criança? Seria Karl um subversivo, estimulando um comportamento dissidente entre seus estudantes quando estes deveriam ser patriotas fervorosos? Ou talvez as aulas de Iulia fossem deficientes em conteúdo pró soviético. Perguntas surgiriam quanto ao tipo de guardiã que Raíssa havia sido. Desfechos possíveis estavam sendo rapidamente calculados. Quebrando o silêncio, Raíssa disse: — Estamos nos comportando como se Stálin ainda estivesse vivo. Os tempos mudaram. Não existe vontade de denunciar uma garota de 14 anos. Vocês leram o discurso: Kruschov admite que as prisões foram longe demais. Não precisamos levar uma questão interna da escola ao Estado. Podemos lidar com isso. Vamos ver a questão pelo que ela realmente é: uma jovem problemática, uma menina sob os meus cuidados. Deixem-me ajudá-la.

A julgar pela reação silenciosa deles, uma vida de precaução não era apagada por um simples discurso, não importava quem estivesse falando e o que fosse dito. Ajustando a ênfase de sua estratégia, Raíssa frisou: — Seria melhor se isso nunca fosse informado.

Iulia olhou para cima. Karl recostou-se. Um novo conjunto de cálculos começou: Raíssa havia tentado silenciar sobre a questão. Sua proposta poderia ser usada contra ela. Iulia replicou: — Não somos os únicos que sabem o que aconteceu. Os estudantes da minha classe viram tudo. Há mais de trinta deles. Quando falarem com os amigos, o número vai crescer. Amanhã eu ficaria surpresa se toda a escola não estivesse falando sobre isso. As notícias vão circular fora daqui. Os pais vão descobrir. Vão querer saber por que não fizemos nada. O que vamos dizer? Não achamos que fosse importante? Não somos nós que decidimos isso. Confie no Estado. As pessoas vão descobrir Raíssa, e se não falarmos, alguém mais o fará.

Ela estava certa: impedir que a notícia se espalhasse seria impossível. Na defensiva, Raíssa propôs: — E se Zoia deixasse a escola imediatamente? Eu falaria com Liev; ele conversaria com alguns colegas. Encontraríamos outra escola para ela. Não é necessário dizer que eu também sairia.

Não havia forma de Zoia continuar sua educação ali. Os estudantes a evitariam. Muitos não se sentariam perto dela. Os professores resistiriam a tê-la em suas classes. Ela seria um pária tão certo como se uma cruz fosse pintada em suas costas.

— Proponho que você, Karl Enukdize, não faça nenhuma declaração sobre a nossa partida. Nós simplesmente desapareceríamos: nenhuma explicação seria dada.

Os outros estudantes e professores pensariam que o assunto tivesse sido cuidado. A súbita ausência seria traduzida como os culpados sendo punidos. Ninguém falaria sobre isso porque as consequências tinham sido severas. O tópico seria encerrado, a pessoa desapareceria — um navio afundando no oceano enquanto outro navio passava, todos os passageiros olhando para a direção contrária.

Karl avaliou a proposta. Finalmente, perguntou: — Você tomaria todas as providências?

— Sim.

— Inclusive discutir a questão com as autoridades competentes? O Ministério da Educação. Você tem contatos?

— Liev tem, estou certa disso.

— Não preciso falar com Zoia? Não preciso tratar com ela sobre coisa alguma?

Raíssa sacudiu a cabeça:

— Vou pegar minha filha e ir embora. Você prossegue como se estivesse tudo normal, como se eu nunca tivesse existido. Amanhã, nem Zoia nem eu estaremos nas classes.

Karl olhou para Iulia. Seus olhos ansiosos aprovavam o plano. Agora dependia dela. Raíssa virou-se para a amiga.

— Iulia?

Elas se conheciam havia três anos. Ajudaram-se em muitas ocasiões. Eram amigas. Iulia concordou com a cabeça e disse: — Isso seria o melhor.

Elas nunca mais falariam uma com a outra.

DO LADO DE FORA, NO CORREDOR, Zoia esperava, encostada na parede — desinteressada, como se meramente tivesse deixado de entregar o dever de casa. Na mão, tinha ataduras: o corte sangrara profusamente. Com as

negociações concluídas, Raíssa fechou a porta do escritório, a exaustão se apossando dela. Muito dependeria de Liev. Raíssa caminhou até Zoia e curvou-se: — Vamos para casa.

— Não para a minha casa.

Nenhuma gratidão, só desdém. Próxima das lágrimas, Raíssa não conseguiu encontrar palavras.

Ao deixar o edifício da escola, Raíssa parou nos portões. Teriam sido traídas tão rápido? Dois policiais uniformizados andaram em sua direção.

— Raíssa Demidova?

O policial mais velho prosseguiu: — Fomos mandados por seu marido para escoltá-la até em casa. Não estavam ali por causa de Zoia. Aliviada, perguntou: — O que aconteceu?

— Seu marido quer ter a certeza de que você está segura. Não podemos entrar em detalhes, exceto para dizer que houve uma série de incidentes. Nossa presença é uma precaução.

Raíssa checou as carteiras de identidade deles. Estavam em ordem. Ela perguntou: — Vocês trabalham com o meu marido?

— Fazemos parte do departamento de homicídio.

Uma vez que o departamento era um segredo, até aquela admissão acalmou de algum modo as suspeitas de Raíssa. Ela entregou os cartões e observou: — Precisamos pegar Elena.

Enquanto andavam em direção ao carro, Zoia cutucou sua mão. Raíssa baixou a cabeça. A voz de Zoia era um sussurro: — Não confio neles.

Sozinho em seu escritório, Karl olhou pela janela.

Os tempos mudaram.

Talvez isso fosse verdade, ele queria acreditar e tirar todo o assunto de sua cabeça, como haviam acordado. Ele sempre havia gostado de Raíssa. Ela era inteligente e bonita e ele a queria muito bem. Pegou o telefone, perguntando-se qual seria a melhor maneira de verbalizar a denúncia contra a filha dela.

Mesmo dia

NO BANCO DE TRÁS DO CARRO, Zoia olhava fixamente os milicianos, observando cada movimento como se estivesse presa com duas cobras venenosas. Embora o policial no assento do carona tivesse feito uma rápida tentativa de ser amigável, virando-se para trás e sorrindo para as garotas, seu sorriso se chocara contra uma parede de tijolos. Zoia odiava aqueles homens, com aqueles uniformes e insígnias, os cintos de couro e botas pretas com biqueiras de metal, não fazendo distinções entre a KGB e a milícia.

Olhando pela janela, Raíssa calculou em que local da cidade estariam. A noite caíra. As lâmpadas da rua se acenderam. Desacostumada a ser guiada, ela lentamente tentava se localizar. Este não era o caminho de casa. Inclinando-se para a frente, tentando suavizar a ansiedade na voz, ela perguntou: — Para onde estamos indo?

O policial no assento do carona virou-se, o rosto inexpressivo, as costas fazendo ruído contra a forração de couro: — Estamos levando vocês para casa.

— Este não é o caminho. Zoia saltou para a frente: — Deixem-nos sair!

O guarda levantou o rosto contraído: — O quê?

Zoia não pediu duas vezes. Com o carro em movimento, ela destra-vou a tranca e empurrou a porta, que se abriu completamente no meio da rua. Faróis brilhantes piscaram pela janela quando um caminhão que vinha em sentido contrário desviou-se para evitar uma colisão.

Raíssa agarrou Zoia, segurando-a pela cintura, puxando-a para trás exatamente quando o caminhão esbarrou na porta, fechando-a com um estrondo. O impacto retorceu o ferro e estilhaçou a janela, derramando uma chuva de cacos de vidro no interior do carro. Os policiais gritavam. Elena berrava. O carro esbarrou no meio-fio, deslizou pelo pavimento, antes de parar completamente do lado da estrada. Um silêncio atordoante pairou no ar, os dois milicianos viraram-se, pálidos e sem fôlego: — O que há de errado com ela?

O motorista acrescentou, dando tapinhas nas têmporas: — Ela não é certa da cabeça.

Raíssa ignorou-os e examinou Zoia. Sem nenhum ferimento, seus olhos brilhavam. Havia algo selvagem nela: as energias primárias de uma criança-fera, criada por lobos e capturada pelo homem, recusando-se a ser domada ou civilizada.

O motorista saiu, examinou o veículo danificado, cocando e sacudindo a

cabeça: — Estamos levando vocês para casa. Qual é o problema?

— Este não é o caminho.

O policial puxou um pedaço de papel e o entregou a Raíssa pelo buraco onde antes estava a janela. Era a letra de Liev. Ela ficou olhando sem dizer nada, até reconhecer que aquele era o endereço do apartamento dos pais de Liev. A raiva de Raíssa evaporou-se: — Aqui é onde os pais de Liev vivem.

— Eu não sabia de quem era o apartamento. Apenas sigo ordens. Zoia torceu o corpo, passando por cima da irmã e saindo do carro.

Raíssa chamou-a:

— Zoia, está tudo bem!

Sem abrandar-se, Zoia não voltou. O motorista foi em direção a ela. Vendo-o a ponto de agarrá-la, Raíssa gritou: — Não toque nela! Deixe-a! Vamos andando o resto do caminho. O motorista sacudiu a cabeça: — Temos de ficar com vocês até Liev aparecer.

— Então, sigam atrás.

Ainda sentada no banco traseiro, Elena estava chorando. Raíssa pôs um braço em torno dos ombros dela: — Zoia está bem. Ela não está ferida.

Elena pareceu absorver aquelas palavras, olhando para a irmã mais velha. Vendo que ela não estava ferida, parou de chorar. Raíssa secou as poucas lágrimas restantes: — Vamos caminhar. Não é longe. Acha que consegue? Elena assentiu com a cabeça.

— Não gosto que me levem de carro para casa. Raíssa sorriu: — Nem eu.

Raíssa ajudou-a a sair do carro. O motorista jogou as mãos para cima, exasperado com o êxodo de passageiros.

Os pais de Liev viviam em um moderno quarteirão de edifícios baixos no norte da cidade, lar de inúmeros pais idosos de funcionários do Estado, um lar de aposentadoria para os privilegiados. No inverno, os residentes podiam se visitar para jogar cartas. Já durante o verão eles jogavam cartas do lado de fora, na faixa de grama.

Faziam compras juntos, cozinhavam juntos, uma comunidade com apenas uma regra — eles nunca falavam sobre o trabalho dos filhos, Raíssa entrou no edifício, levando as garotas para o elevador. Aporta se fechou no momento em que os milicianos chegaram, forçando-os a subir pelas escadas. Não havia como manter Zoia em um espaço fechado com aqueles dois homens. Chegando ao sétimo andar, Raíssa guiou as garotas pelo corredor até o último apartamento. Stepan, o pai de Liev, abriu a porta, surpreendendo-se ao vê-las. Uma surpresa que rapidamente se transformou em preocupação.

— O que há de errado?

A mãe de Liev, Anna, apareceu na sala, igualmente preocupada. Dirigindo-se

aos dois, Raíssa respondeu: — Liev quer que fiquemos aqui.

Raíssa fez um gesto indicando os dois milicianos que se aproximavam vindos da escada, acrescentando: — Temos uma escolta. Havia medo na voz de Anna:

— Onde está Liev? O que está acontecendo? Raíssa sacudiu a cabeça: — Não sei.

Os milicianos chegaram à porta. O mais velho dos dois, o motorista, sem fôlego por ter subido as escadas, perguntou: — Há outra entrada para o apartamento? Anna respondeu: — Não.

— Ficaremos aqui.

Mas Anna queria saber mais:

— Vocês podem explicar o que está acontecendo?

— Está havendo represálias. É tudo que posso dizer. Raíssa fechou a porta. Anna ainda não estava satisfeita.

— Mas Liev está bem, não está?

Com os dentes cerrados, Zoia ouvia Anna, observando a pele solta sob seu queixo tremer enquanto ela falava. Ela era gorda de não fazer nada durante o dia, gorda das provisões de comidas saborosas e raras do filho. As preocupações dela com o filho eram insuportáveis, assim como aquela voz estrangulada de preocupação pelo filho assassino:

Liev está bem? Ele está bem, não está?

As pessoas que ele prendeu as famílias que destruiu — elas estão bem? Eles tratam-no como se ele fosse uma criança. Pior do que a preocupação era o orgulho daqueles pais, entusiasmados com todas as histórias, prestando atenção a cada palavra que ele dizia. As demonstrações de afeição eram nauseantes: beijos, abraços, brincadeiras.

Tanto Stepan quanto Anna eram participantes desejosos e ansiosos da conspiração de Liev para fingir que eles eram uma família normal, planejando passeios e visitas às lojas, às lojas restritas, em vez daquelas com longas filas de pessoas e suprimentos limitados. Tudo estava bem. Tudo era confortável. Tudo estava disposto para ocultar o assassinato de seu pai e de sua mãe. Zoia os odiava por amar Liev. Anna perguntou: — Represálias?

Ela repetiu a palavra como se a ideia fosse absurda e incompreensível, como se ninguém pudesse ter nenhuma razão para não gostar de seu filho. Zoia não conseguiu controlar-se, entrando na discussão e se dirigindo a Anna: — Represálias por prender tantas pessoas inocentes! O que você pensou que seu filho estava fazendo durante todos esses anos? Não leu o discurso?

Stepan e Anna viraram-se ao mesmo tempo para ela, chocados com a

menção do discurso. Eles não sabiam. Não o haviam lido. Percebendo que estava numa posição vantajosa, Zoia torceu os lábios em um sorriso. Stepan perguntou:
— Que discurso?

— O discurso sobre como o seu filho torturou vítimas inocentes, como ele as forçou a confessar, como ele as espancou, sobre como inocentes foram mandados para gulags, enquanto os culpados viviam em apartamentos como este.

Raíssa curvou-se em frente a ela, como se tentasse bloquear suas palavras: — Quero que você pare. Quero que pare imediatamente.

— Por quê? E verdade. Não fui eu quem escrevi aquelas palavras. Leram para mim como parte da minha educação. Estou apenas repetindo o que ouvi. Não é você que vai censurar as palavras de Kruschov. Ele deve ter querido que falássemos sobre isso, ou não teria permitido que lêssemos. Não é segredo. Todo mundo sabe. Todo mundo sabe o que Liev fez.

— Zoia, me escute...

Mas Zoia estava numa torrente de palavras que não podia ser interrompida:

—Você acha que eles não deveriam saber a verdade sobre o seu maravilhoso filho que têm? O maravilhoso filho que conseguiu este maravilhoso apartamento para eles, que os ajuda nas compras: um maravilhoso filho assassino.

O rosto de Stepan ficou pálido, a voz tremia de emoção: — Você não sabe o que está falando.

— Não acredita em mim? Pergunte a Raíssa: o discurso existe. Tudo que eu disse é verdade. E todos vão saber que ele é um assassino.

A voz de Anna era um sussurro:

— O que há nesse discurso? Raíssa sacudiu a cabeça.

— Não precisamos falar nisso agora.

Zoia não iria recuar, desfrutando do poder recém-descoberto: — Foi escrito por Kruschov e lido no 20° Congresso. Diz que seu filho, e todo policial como ele, é um assassino. Eles atuavam ilegalmente. Não são funcionários da polícia! São criminosos! Perguntem a Raíssa, perguntem a ela se não é verdade. Perguntem a ela!

Stepan e Anna voltaram-se para Raíssa:

— Existe um discurso. Nele há algumas críticas a Stálin.

— Não apenas a Stálin, mas às pessoas que seguiram as ordens dele, incluindo seu filho, seu filho assassino.

Stepan andou em direção a Zoia;

— Pare de dizer isso.

— Pare de dizer o quê? Assassino? Liev, o assassino? Por quantas mortes vocês acreditam que ele seja responsável, além das de meus pais?

— Chega!

— Vocês sabiam o tempo todo! Sabiam o que ele estava fazendo e não se importavam porque gostavam de viver em um belo apartamento. Vocês são tão maus quanto ele! Pelo menos ele queria ter sangue nas mãos!

Anna deu um tapa no rosto de Zoia, um golpe que ardeu: — Você não sabe o que está falando, garota. Você fala assim porque foi mimada. Por três anos você pôde se safar de tudo. Faz e tem tudo o que quer. Nunca calavam sua boca. Vimos isso acontecer e não dissemos nada. Liev e Raíssa quiseram dar tudo a você. Olhe para você agora, veja no que se transformou. Numa ingrata, cheia de ódio, quando tudo que todos querem é amar você.

Quando levou o tapa, Zoia sentiu-o arder, uma sensação que se espalhou por todo o corpo, da ponta dos dedos à nuca. Ela estendeu as mãos e arranhou Anna, afundando as unhas o máximo que podia, arrancando toda a pele que podia.

— Foda-se o amor de vocês!

Anna recuou, gritando. Mas Zoia não havia terminado, agarrada a ela, os dedos curvos como garras. Raíssa pegou-a pela cintura e a jogou longe. Incontrolável, a raiva de Zoia buscou um novo alvo, redirecionada para Raíssa. Ela mordeu o braço de Raíssa, tão fundo quanto seus dentes podiam ir.

A dor foi tão intensa que Raíssa se sentiu fraca, a ponto de cair e soltar Zoia. Stepan agarrou a mandíbula de Zoia, abrindo-a como se estivesse lidando com um cão selvagem, raivoso. O sangue escorria das profundas marcas dos dentes. Zoia se retorcia e esperneava. Stepan atirou-a ao chão, onde ela caiu, os dentes à mostra e ensanguentados.

Uma batida na porta: os guardas tinham ouvido o barulho da briga. Eles queriam entrar. Raíssa examinou a mordida — estava sangrando muito. Zoia ainda estava no chão, os olhos ainda furiosos, porém não mais procurando briga. Stepan correu para o banheiro, trazendo uma toalha, pressionando-a contra o braço de Raíssa. Houve uma segunda batida à porta. Raíssa virou-se para Anna, que estava de pé quase na mesma posição de quando foi atacada, sem poder falar, arranhões espalhados pelo rosto, quatro linhas de sangue.

— Anna, livre-se dos milicianos, diga a eles que não precisam interferir.

Anna não reagiu. Raíssa levantou a voz:

— Anna!

Anna abriu a porta, virando a face ferida para o outro lado, pronta para tranquilizar os guardas. Esperando ver dois policiais, ficou espantada ao encontrar quatro do lado de fora; como bactérias, eles haviam se dividido e se multiplicado. Os novos policiais vestiam uniformes diferentes. Eram da KGB.

Os agentes da KGB entraram no apartamento, olharam a cena diante deles, a garota no chão com lábios e dentes ensangüentados, a mulher com um braço

sangrando, a mulher mais velha com uma face arranhada.

— Raíssa Demidova?

Apesar do elemento tragicômico, Raíssa tentou manter a voz firme e calma, a toalha em volta das marcas de mordida ficando cada vez mais vermelha: — Sim?

— Sua filha precisa vir conosco.

A atenção dos policiais estava fixa em Zoia.

O plano de Raíssa falhara. Iulia, ou o diretor da escola, a haviam traído. Apesar de seu ferimento, apesar de tudo que havia acabado de acontecer, Raíssa instintivamente, de forma protetora, foi para a frente de Zoia.

— Sua filha destruiu um retrato de Stálin.

— Esse assunto está sendo resolvido.

— Ela precisa vir conosco.

— Ela está sendo presa?

Vendo que os dois policiais da KGB estavam determinados a cumprir suas ordens, Raíssa dirigiu-se aos dois milicianos tímidos, os guardas que Liev havia mandado para protegê-las: — Eles terão de esperar até que meu marido chegue, não é assim? O mais velho dos agentes da KGB sacudiu a cabeça: — Nossas ordens são para levar a sua filha para ser interrogada. Seu marido não tem nada com isso.

— Esses homens têm ordens para assegurar-se de que fiquemos aqui, juntas, até que Liev volte.

O miliciano deu um titubeante passo à frente. O coração de Raíssa afundou.

— Esses são oficiais da KGB...

— Liev não vai demorar. Ficamos todos aqui, juntos, até ele voltar; ele pode resolver isso. Ela é uma garota de 14 anos. Não há pressa em levá-la a lugar algum. Podemos esperar.

O policial da KGB deu um passo adiante, levantando a voz: — Ela precisa vir conosco agora mesmo.

Algo na impaciência daqueles homens estava errado. A dinâmica desses agentes estava errada. Só o mais velho falava, o outro meramente ficava em silêncio, com os olhos indo de uma pessoa para a outra, como se esperasse ser atacado. Ambos estavam desajeitados em seus uniformes. Como foi possível que chegassem tão rápido? Levaria horas para a KGB fazer um plano e autorizar uma prisão. E o que era mais estranho: por que estavam nesse endereço? Como teriam sabido que Raíssa não estaria em casa? Instigada por essas discrepâncias, os olhos de Raíssa focaram o pescoço dos agentes. Uma marca aparecia acima do colarinho da camisa: a ponta de uma tatuagem.

Esses homens não eram membros da KGB.

Raíssa olhou para os guardas da milícia, tentando avisá-los a respeito do perigo em que estavam envolvidos. No entanto, os milicianos estavam estupefatos com o disfarce dos agentes, assustados à simples menção da KGB. Durante os esforços para chamar a atenção deles, ela olhou um dos impostores nos olhos. Enquanto os milicianos estavam cegos para os seus sinais, ela não estava. Antes que Raíssa tivesse tempo de levantar a mão para chamar a atenção dos milicianos, o homem tatuado puxou uma arma. Virando-se, ele disparou duas vezes, uma bala na testa de cada guarda. Quando os dois caíram, o homem voltou-se para Raíssa: — Vou levar sua filha.

Raíssa deu um passo, aproximando-se do cano da arma, na frente de Zoia, que ainda estava agachada no chão.

— Não.

O revólver foi apontado para Elena.

— Entregue-me Zoia, ou eu mato Elena.

Um tiro foi disparado.

Abala não pegou em Elena, cravando-se na parede do apartamento, um aviso. Olhando dentro dos olhos do homem, Raíssa não teve dúvida de que ele mataria uma criança de 7 anos tão facilmente quanto matara os dois guardas. Ela não tinha escolha. Saiu do caminho, permitindo que pegassem Zoia.

O homem levantou Zoia nos braços:

— Se resistir, ficará inconsciente.

Ele jogou-a sobre o ombro, carregando-a em direção à porta e gritando: — Fiquem no apartamento!

As chaves foram tomadas: a porta do apartamento, encostada e trancada.

Raíssa correu para Elena, abaixando-se a seu lado. Ela estava de joelhos, olhando fixamente para a porta, o corpo tremendo e os olhos vazios. Raíssa segurou a cabeça de Elena, dirigindo seus olhos para cima, tentando fazer contato com ela: — Elena?

Mas ela não parecia ouvir, não respondeu.

— Elena?

Nenhuma resposta ainda, nenhum reconhecimento ou consciência, o corpo de Elena estava completamente mole.

Deixando Elena aos cuidados de Anna, Raíssa levantou-se, segurou a maçaneta da porta, sem poder sair. Ela voltou, foi até os corpos dos policiais mortos, pegando uma de suas armas e enfiando-a no cós, na parte de trás das calças. Ela correu para a sala, abrindo a porta que dava para a pequena varanda. Stepan agarrou-a.

— O que está fazendo?

— Cuide de Elena.

Ela entrou na varanda, fechando a porta atrás de si.

Estavam no sétimo andar, cerca de 20 metros acima do nível da rua. Havia varandas idênticas, uma embaixo da outra. Cada uma poderia servir de degrau para a seguinte. Ela poderia descer de varanda para varanda. No entanto, se caísse, as camadas de neve fina não fariam muito para amortecer a queda.

Chutando longe seus sapatos de sola macia, Raíssa subiu ao parapeito e ficou em cima da barra de metal que o guarnecia. Ela não dava importância à mordida em seu braço. Ainda sangrava.

O braço estava fraco, ela não se agarrava direito.

Sem saber se aguentaria o próprio peso, passou para o lado de fora da varanda. Agarrando-se à beirada de concreto que estava congelante, ficou pendurada pelos dedos, o sangue escorrendo pelo ombro.

Mesmo completamente esticada, a ponta de seus pés não alcançavam a beirada do balcão no sexto andar. Ela arriscou um palpite de que a distância não podia ser maior que alguns centímetros. Não havia escolha a não ser soltar-se.

Por um triz não caiu na segunda vez, seus pés logo fizeram contato com a barra de metal abaixo. Tentando manter o equilíbrio, balançando de um lado para o outro, ouviu a voz de Zoia. Olhando por cima do ombro, viu os homens saindo pela entrada principal, um deles carregando Zoia. O outro apontou o revólver para ela. Equilibrando-se na barra de metal, ela estava indefesa.

O homem atirou. Ela ouviu barulho de vidro se quebrando. Raíssa caía em direção à neve.

Mesmo dia

SEM SE LAVAR, AINDA FEDENDO A ESGOTO, Liev dirigia em alta velocidade. Desajeitado e lento, incongruente com sua urgência, este tinha sido o primeiro veículo que haviam requisitado depois que ele e Timur emergiram de um bueiro a quase 1 quilômetro ao sul do ponto em que originalmente haviam entrado. Suas mãos eram uma massa sangrenta, mas Liev havia recusado o oferecimento de Timur para dirigir, pondo um par de luvas e segurando o volante com as pontas dos dedos, os olhos se enchendo d'água todas as vezes que trocava de marcha. Ele foi ao apartamento de seus pais e descobriu que a área tinha sido isolada pela milícia. Elena, Raíssa e seus pais tinham sido levados para o hospital. Elena estava sendo tratada pelo choque. O estado de Raíssa era crítico. Zoia estava desaparecida.

Chegando ao Hospital Municipal de Emergência 31, Liev parou cantando os pneus, deixando o carro pronto para sair — porta aberta, chaves na ignição —, o motor ligado, com Timur no banco traseiro. Todos olhavam, espantados com o cheiro e a aparência de Liev. Indiferente ao espetáculo que oferecia Liev finalmente dirigiu-se à sala de cirurgia onde Raíssa lutava pela vida.

Fora da sala, um cirurgião explicou que ela caíra de uma altura significativa e estava com hemorragia interna. — Ela vai sobreviver? O cirurgião não podia ter certeza.

Entrando na divisão particular onde Elena estava sendo tratada, Liev viu seus pais de pé ao lado da cama dela. Stepan não tinha ferimentos. Elena estava dormindo, seu corpo pequeno perdido no meio de uma cama branca de hospital. Ela havia tomado um sedativo suave, depois de ficar histérica ao perceber que Zoia se fora. Tirando as luvas cheias de sangue, Liev segurou a mão de Elena, pressionando-a contra seu rosto, cheio de pena, querendo dizer a ela como se sentia. Timur pôs a mão em seu ombro:

— Frol Panin está aqui.

Liev seguiu Timur ao escritório comandado por Panin e sua comitiva armada. A porta do escritório estava trancada. Era impossível entrar sem primeiramente ser anunciado. Dentro havia dois guardas uniformizados e armados. Embora Panin parecesse calmo, arrumado como sempre, a proteção adicional era testemunha do fato de que estava assustado. Ele captou a observação nos olhos de Liev.

— Todos estão com medo, Liev, ao menos os que ,estão no poder.

— Você não esteve envolvido na prisão de Lazar.

— A questão vai muito além do primeiro suspeito. E se esse comportamento suscitar um padrão de represálias? E se todos que foram prejudicados buscarem vingança? Liev, isso nunca aconteceu antes: a execução e perseguição de membros dos serviços de segurança do Estado. Simplesmente, não sabemos o que virá depois.

Liev permaneceu em silêncio, notando que o interesse de Panin não era o bem-estar de Raíssa, Elena ou Zoia, mas as implicações maiores. Ele era um político consumado, lidando com nações e exércitos, fronteiras e regiões. Nunca o mero indivíduo. Encantador e inteligente, ele era frio, o que se revelava principalmente em momentos como este, quando qualquer pessoa comum teria proferido palavras de conforto.

Houve uma batida na porta. Os guardas levaram as mãos às armas. Uma voz alta chamou.

— Estou procurando o policial Demidov. Uma carta foi entregue na recepção.

Panin fez um gesto com a cabeça para os guardas que cautelosamente abriram a porta, as pistolas levantadas. O primeiro pegou a carta enquanto o segundo procurava o homem que a entregara, sem encontrar nada. O envelope foi entregue a Liev.

Do lado de fora havia um crucifixo cuidadosamente desenhado a tinta. Liev abriu o envelope , tirando uma única folha de papel:

Catedral de Santa Sofia
Meia-noite
Sozinho

15 de março

Trinta minutos depois da meia-noite, Liev esperava no lugar onde uma vez estivera a catedral de Santa Sofia. Não havia mais domos e tabernáculos. Em seu lugar havia um vasto buraco, de 10 metros de profundidade, 20 metros de largura e 70 metros de comprimento. Uma das paredes da cavidade havia cedido, formando uma encosta irregular que levava a uma bacia lamacenta de água marrom, gelo negro e água turva. As paredes remanescentes estavam quase caindo, inclinadas para dentro, criando a impressão de uma boca fechada em torno de uma monstruosa língua negra. Nenhum trabalho havia sido feito no lugar desde 1950: era um canteiro de obras, sem nenhuma obra, selado e fechado. Ao longo do perímetro da cerca de aço havia avisos apagados alertando as pessoas de que não entrassem. Depois da tentativa inicial, fracassada, quando um especialista em demolição havia morrido e vários entre a multidão que assistia ficaram feridos, a catedral havia sido destruída com sucesso e levada embora, carregada na carroceria de caminhões, os restos despejados fora da cidade, um cadáver de entulho agora remendado com ervas. Já havia movimentos para a construção do que seria o maior complexo esportivo aquático da nação, incluindo uma piscina de 50 metros e uma série de saunas, uma ala para homens, outra para mulheres, e um aposento de mármore para os oficiais do Estado.

O entusiasmo havia sido fabricado por uma campanha de saturação feita pela mídia. Rascunhos do desenho da planta arquitetônica tinham sido publicados no Pravda, filmes passados nos cinemas mostravam pessoas superpostas a um desenho brilhante do complexo já terminado. Enquanto a propaganda se desdobrava, o trabalho era paralisado. O terreno ao lado do rio era instável e suscetível a deslizamentos. As fundações tinham começado a se deslocar e desabar, levando as autoridades a lamentar não terem verificado as fundações da catedral com mais cuidado antes de removê-las e atirá-las de lado. Algumas das melhores mentes do país tinham sido chamadas e depois de cuidadosa consideração declararam que o local era inviável para um complexo que requeria redes profundas de canos e drenos, cavadas muito abaixo das fundações da igreja. Aqueles especialistas foram mandados embora e especialistas mais influenciáveis tinham sido trazidos. Após cuidadosas considerações, declararam que o problema era contornável. Eles só precisavam de mais tempo. Era a resposta que o Estado queria ouvir, não desejando admitir um erro.

Esses especialistas foram alojados em luxuosos apartamentos, onde desenhavam diagramas, fumavam charutos e faziam cálculos rápidos, enquanto o enorme buraco se enchia de chuva durante o outono, neve durante o inverno e mosquitos durante o verão. Os filmes de propaganda foram retirados dos cinemas. Cidadãos inteligentes compreenderam que seria melhor esquecer o projeto. Cidadãos imprudentes comentaram com ironia que uma trincheira de água era substituto de má qualidade para uma velha igreja de 300 anos. No verão de 1951, Liev havia prendido um homem por fazer esse gracejo.

Liev olhou para o relógio. Estava esperando há mais de uma hora. Com calafrios e exausto, estava quase louco de impaciência. Não tinha idéia se sua mulher havia sobrevivido à cirurgia e sem comunicação não tinha meios de descobrir. Não havia dúvida de que a decisão de sair do lado de Raíssa e encontrar Lazar tinham sido a mais certa. Não havia nada que pudesse fazer no hospital. Não importava o quanto Zoia o odiava, não importava o seu comportamento, não importava se ela o queria morto, ele havia assumido a responsabilidade por ela, uma responsabilidade que havia prometido manter quer ela o amasse quer não. Preparando-se para o encontro, havia voltado para casa, tomado banho, se esfregado para tirar o cheiro de esgoto e deixado o uniforme.

Suas mãos tinham sido enfaixadas no hospital, mas ele recusara sedativo, com medo de que eles o deixassem lento. Usando roupas civis, estava consciente de que os trajes da autoridade poderiam provocar um padre vingativo.

Ao ouvir um ruído, Liev se virou, procurando seu adversário nas sombras. Havia luz residual vinda dos edifícios próximos do lado de fora do perímetro cercado. Maquinaria dispendiosa — guindastes, escavadeiras — tinha sido abandonada, deixada à ferrugem, porque ninguém ousava admitir a derrota e levá-la para outro lugar, onde pudesse ser usada. Liev ouviu o barulho novamente: o estridor do metal contra a pedra. Não estava vindo de dentro da construção: vinha do rio.

Cautelosamente, aproximou-se da beirada de concreto, curvando-se e perscrutando a água. Uma mão se estendeu não muito longe de onde Liev estava. Um homem habilmente se ergueu, pondo os pés sobre a placa de concreto antes de descer num pulo para o local da construção. Outro homem subiu de onde o primeiro tinha vindo.

Eles rastejavam da boca de um túnel de esgoto, subindo pela parede, como uma colônia de formigas perturbada respondendo a uma ameaça. Liev reconheceu o garoto que havia matado o patriarca e que galgava a parede também, usando habilmente os apoios na parede de tijolos para os dedos das mãos e dos pés. Olhando o garoto se movimentar com tal agilidade, não

surpreendia que tivesse escapado ao mergulho na torrente pela manhã.

A gangue revistou Liev em busca de armas. Havia sete homens e o garoto, tatuagens em todas as mãos e pescoços. Vários itens da indumentária desses homens eram bem alinhados, enquanto outros estavam andrajosos de tanto uso, descombinados como se fossem uma seleção casual do guarda-roupa de uma centena de pessoas. A aparência deles não dava margem a perguntas. Faziam parte de uma fraternidade criminosa — a vory, uma irmandade forjada durante o tempo nos gulags. Apesar da profissão de Liev, ele raramente encontrava a vory. Eles se consideravam à margem do Estado.

Os membros da gangue se espalharam: examinaram os arredores, certificando-se de que estavam seguros. Finalmente o garoto assobiou, sinalizando que o local estava limpo. Duas mãos apareceram na beirada. Lazar apareceu, ficando acima de sua vory, silhuetado pelas luzes do outro lado do rio. Mas não era Lazar. Era uma mulher — Anísia, a mulher de Lazar.

Anísia tinha o cabelo curto. Suas feições estavam afiladas. Toda a suavidade do rosto e do corpo desaparecera. Apesar disso, parecia mais intensamente viva mais atraente e vivida que nunca, como se uma grande energia emanasse dela. Usava calças largas, uma camisa aberta e um casaco curto, espesso — vestimenta muito parecida com a de seus homens. Havia um revólver em seu cinto, como um bandido. De sua posição triunfante ela baixou o olhar para Liev, orgulhosa de que sua chegada o tivesse surpreendido. Liev só conseguiu falar uma palavra, o nome dela:

— Anísia?

Ela sorriu. Sua voz era rouca e profunda, não mais melódica, não mais a voz de uma mulher que costumava cantar no coro do marido:

— Esse nome não significa nada para mim agora. Meus homens me chamam de Fraera.

Ela saltou da murada próximo de onde Liev estava. Endireitando-se, estudou o rosto dele atentamente:

— Maxim...

Ela se dirigia a ele com a alcunha que ele assumira:

— Responda-me isso, e não minta com qual freqüência você pensa em mim? Todos os dias?

— Sinceramente, não.

— Você pensa em mim uma vez por semana?

— Não.

— Uma vez por mês...

— Não sei...

Fraera permitiu que ele se calasse em um silêncio embaraçado antes de

observar:

— Posso garantir que suas vítimas pensam em você todos os dias, toda manhã e toda noite. Elas se lembram do seu cheiro e da sua voz. Elas se lembram de você tão claramente quanto eu o vejo agora.

Fraera ergueu a mão direita:

— Esta foi a mão que você tocou quando me fez sua oferta, de que eu deixasse o meu marido. Não foi isso que você disse? Eu deveria deixá-lo morrer nos gulags, enquanto me deitava com você?

— Eu era jovem.

— Sim, você era. Muito jovem, e ainda assim foi dado a você poder sobre mim, sobre o meu marido. Você era um garoto apaixonado, pouco mais que um adolescente. Você pensou que tinha feito uma coisa decente tentando me salvar.

Esta era uma conversa que ela havia ensaiado mil vezes, palavras modeladas por sete anos de ódio:

— Tive sorte em escapar. Se o medo tivesse me dominado, se tivesse tropeçado, acabaria como sua mulher, a mulher de um policial do MGB, uma cúmplice de seus crimes, alguém para dividir sua culpa.

—Você tem todas as razões para me odiar.

— Bem mais do que você pensa.

— Raíssa, Zoia, Elena: elas não têm nada a ver com meus erros.

— Você quer dizer que elas são inocentes? E desde quando isso importou para policiais como você? Quantas pessoas inocentes você prendeu?

— Planeja matar todas as pessoas que erraram com você?

— Não matei Suren. Não matei o seu mentor Nikolai.

— As filhas dele estão mortas. Fraera sacudiu a cabeça:

— Maxim, não tenho coração. Não tenho lágrimas para derramar. Nikolai era fraco e fútil. Eu devia ter imaginado que ele morreria da forma mais patética. No entanto, como um recado para o Estado, foi certamente mais poderoso que ele meramente se enforcando.

Exatamente como a catedral de Santa Sofia havia sido destruída e substituída por um buraco escuro, profundo, Liev se perguntou se o mesmo era verdade em relação a ela. Suas fundações morais tinham sido arrancadas e substituídas por um abismo escuro.

Fraera perguntou:

— Deduzo que já tenha feito a conexão entre Suren, o homem que dirigia a gráfica, Nikolai, o patriarca e você. Você conhecia Nikolai: ele era o seu chefe. O patriarca foi o homem que permitiu que você se infiltrasse na nossa igreja.

— Suren trabalhava para o MGB, mas eu não o conheci pessoalmente.

— Ele era um guarda quando fui interrogada. Lembro-me de que ficava na

ponta dos pés para olhar dentro da cela. Lembro-me do alto de sua cabeça, de seus olhos curiosos, olhando como se tivesse entrado escondido no cinema.

Liev perguntou:

— Qual é o objetivo disso?

— Quando os policiais são criminosos, os criminosos devem se tornar a polícia. Os inocentes devem viver debaixo da terra, na merda da cidade, enquanto os vilões vivem em apartamentos aquecidos. O mundo está de cabeça para baixo: só estou colocando-o na posição certa.

Liev disse:

— E quanto a Zoia? Você vai matá-la, uma garota que sequer gosta de mim? Uma garota que só escolheu viver comigo para salvar a irmã de um orfanato?

— Você está enganado em suas tentativas de apelar para a minha humanidade. Anísia está morta. Ela morreu no momento em que o filho que tanto amava foi tirado dela pelo Estado.

Liev não entendeu. Respondendo à evidente confusão dele, Fraera acrescentou:

— Maxim, eu estava grávida quando você me prendeu.

Com a precisão de um cirurgião, Fraera experimentou esse corte recém-infligido, abriu-o e observou-o sangrar:

— Você nunca teve tempo para ver o que havia acontecido a Lazar. Nunca arranjou tempo para ver o que havia acontecido comigo. Se tivesse olhado bem os registros, veria que dei à luz oito meses depois de presa. Tive permissão para amamentar meu filho durante três meses, antes que ele fosse tirado de mim. Disseram-me para esquecê-lo. Disseram que eu nunca mais o veria. Quando fui solta, depois que recebi uma suspensão temporária depois da morte de Stálin, procurei por meu filho. Ele tinha sido colocado em um orfanato, mas seu nome tinha sido mudado, e todo o registro sobre sua mãe apagado. Era procedimento padrão, me disseram. Uma coisa era perder um filho: outra coisa saber que ele está vivo, em algum lugar, ignorando a sua existência.

— Fraera, não posso defender o Estado. Eu obedeci a ordens. E eu estava errado. As ordens eram erradas. O Estado errou.

Mas eu mudei.

— Sei sobre as mudanças que você fez. Você não é mais da KGB, agora é da milícia. Lida com crimes verdadeiros e não políticos. Adotou duas belas meninas. Essa é sua idéia de redenção, não é? E o que isso significa para mim? E a sua dívida comigo? E o que você deve aos homens e mulheres que prendeu? Como isso será pago? Está planejando construir uma modesta estátua de pedra para celebrar os mortos? Ou colocará uma placa de bronze com nossos nomes escritos em letras bem pequenas para caberem todos? Isso será suficiente?

— Você quer tirar minha vida?

— Pensei nisso muitas vezes.

— Então me mate e deixe Zoia viver. Deixe minha mulher viver.

— Você morreria alegremente para salvá-las. Isso o enobreceria; limparia a sujeira de seus crimes. Ainda acredita que pode levar a vida como um herói?

Fraera apontou para as roupas dele:

— Tire suas roupas.

Liev permaneceu em silêncio, sem saber se ouvira direito. Ela repetiu as instruções.

— Maxim, tire as roupas.

Liev tirou o chapéu, as luvas, o casaco, deixando-os cair no chão. Desabotoou a camisa, estremecendo com o frio, colocando-a na pilha em frente a ele. Fraera levantou a mão:

— É o bastante.

Ele ficou ali, tremendo, os braços caídos ao lado do corpo.

— Acha que a noite está fria, Maxim? Isso não é nada comparado aos invernos em Kolima, o canto gelado deste país para onde você mandou meu marido.

Para sua surpresa, Fraera também começou a se despir, tirando o casaco, a camisa, revelando seu torno nu. Tatuagens cobriam sua pele: uma sob o seio direito, uma no estômago, tatuagens nos braços, nas mãos, dedos. Ela deu um passo para se aproximar de Liev.

— Quer saber o que me aconteceu nesses últimos anos? Quer saber como uma mulher, a esposa de um padre, pode comandar uma gangue vory ?

As respostas estão escritas em minha pele.

Sua nudez parecia natural para ela. Ela segurou um seio, levantou-o, chamando a atenção de Liev para a tatuagem. Havia um leão.

— Significa que vou me vingar dos que me fizeram mal, dos advogados aos juízes, aos guardas de prisão e aos policiais.

No centro do peito, subindo entre seus seios, havia um crucifixo.

— Isto não tem nada a ver com meu marido, Maxim; isto representa minha autoridade, como o Ladrão-Pela-Lei. Talvez isto você entenda.

Ela tocou a tatuagem em seu estômago. Mostrava uma mulher em adiantada gravidez — uma abertura em diagonal mostrava o interior de seu ventre esticado. Em vez de um feto, a barriga grávida estava cheia de arame farpado, enrolado como um comprido e denteado cordão umbilical.

— Maxim, você tem a pele branca de uma criança. Para mim, e para meus homens, isso parece desonesto. Onde estão os seus crimes? Onde estão as coisas que você fez? Não vejo sinal delas. Não vejo marcas em você. Não vejo

nenhuma de suas culpas escritas em você.

Ela encostou-se nele, sussurrando:

— Sete anos depois é a minha vez de fazer uma oferta. Lazar ainda está em Kolima, trabalhando em uma mina de ouro. Eles se recusam a soltá-lo. Ele é um padre. Padres são odiados novamente, agora que não há guerras que o Estado precise deles para promover. Foi dito que ele cumprirá toda a sentença, de 25 anos. Quero que você o tire de lá. Quero que você conserte aquele erro.

— Não tenho esse poder.

— Você tem ligações.

— Fraera, você matou o patriarca. Eles a culpam pelo assassinato de dois agentes, Nikolai e Moskvin. Eles nunca negociarão com você. Nunca soltarão Lazar.

— Então, você terá que encontrar outro meio de libertá-lo.

— Fraera, por favor; se tivesse me pedido há uma semana, talvez isso fosse viável. Mas depois do que você fez, é impossível. Ouça o que estou dizendo. Farei qualquer coisa por Zoia, tudo que estiver ao meu alcance. Entretanto, não posso libertar Lazar.

Fraera inclinou-se, sussurrando:

— Lembre-se, eu posso tocá-lo, mas você não pode me tocar. Com esse aviso, ela o beijou na bochecha. Ternamente primeiro, depois seus dentes prenderam a pele dele, apertando, afundando, aumentando a pressão — tirando sangue. A dor foi intensa. Liev queria empurrá-la, mas, se a tocasse, morreria. Não pôde fazer nada a não ser suportar a dor. Finalmente, ela abriu a boca, dando um passo atrás e admirando as marcas da mordida.

— Maxim, você tem sua primeira tatuagem. Com o sangue dele em seus lábios, concluiu:

— Liberte meu marido, ou mato sua filha.

TRÊS SEMANAS DEPOIS

Oceano Pacífico Ocidental
Águas territoriais soviéticas
Mar de Okotsk
Navio-prisão Stary Bolshevik

7 de abril de 1956

De pé no deque, o oficial Genrik Duvákin usou as pontas dos dentes para puxar suas grossas luvas. Seus dedos estavam dormentes de frio, mal conseguia movimentá-los. Soprou neles, esfregando as mãos, tentando restaurar a circulação. Exposto ao vento cortante, sua face estava amortecida — os lábios já sem sangue, azuis. Os pelos do nariz haviam congelado e quando beliscava as narinas, fios endurecidos quebravam como estalactites em miniatura. Ele podia tolerar esses pequenos desconfortos porque seu chapéu era um milagre de aquecimento, forrado de pele de rena e costurado com o cuidado de alguém que sabia avaliar que a vida de quem o usava podia depender da qualidade de seu trabalho. Três abas longas cobriam suas orelhas e a parte de trás do pescoço. As abas das orelhas, atadas sob seu queixo, lhe davam a aparência de uma criança embrulhada contra o frio, um efeito composto pelas feições suaves, infantis. O ar salgado que o golpeava fizera pouco para enrugar o rosto macio, enquanto as bochechas redondas haviam mostrado resiliência à comida pobre e à falta de sono. Aos 27 anos, aparentava menos idade: uma imaturidade física que não o ajudava. Ele devia ser intimidador e feroz, mas seu ar de permanente devaneio o tornava um guarda improvável a bordo de um navio-prisão tão notório quanto o Stary Bolshevik.

Quase do tamanho de uma barcaça industrial, o Stary Bolshevik era um enorme catamarã. Antes um navio a vapor holandês castigado pelo mar, fora comprado nos anos 1930, rebatizado e adaptado pela Polícia Secreta Soviética. Originalmente destinado às exportações das colônias — marfim, pimentas cheirosas e frutos exóticos —, agora transportava homens destinados aos mortais campos de trabalho do empreendimento Gulag. Na direção da proa, havia uma torre central de 4 metros de altura que incluía os alojamentos dos guardas e da tripulação. No alto da torre ficava a ponte de comando, onde capitão e tripulação comandavam o navio, um grupo unido, autônomo em relação aos guardas da prisão, intencionalmente cego à atividade do navio, agindo como se nada fosse da responsabilidade deles.

Abrindo a porta, o capitão saiu da ponte de comando, supervisionando a faixa marítima que estavam deixando para trás. Fez um gesto em direção a Genrik, no deque, fazendo-lhe um aceno de cabeça e anunciando:

— Está tudo limpo!

Eles haviam passado o estreito de La Pérouse, o único ponto da jornada onde

se aproximavam das ilhas japonesas e arriscavam contato internacional. Precauções foram tomadas para assegurar que o catamarã não parecesse nada mais que um navio civil de carga. A pesada metralhadora instalada no centro do deque foi desmontada. Uniformes foram escondidos embaixo de casacos compridos. Genrik nunca tivera certeza de por que eles faziam tanto esforço para ocultar sua verdadeira natureza do olhar de pescadores japoneses. Em momentos ociosos, ele se perguntava se havia barcos-prisão semelhantes no Japão, com homens iguais a ele.

Genrik tornou a montar a metralhadora, apertando parafusos. Em vez de apontar para fora, virou o cano para baixo, direcionando-o contra a tampa de aço reforçado que levava ao alçapão. Embaixo do deque, na escuridão, amontoados em camas-beliche como fósforos em uma caixa, havia uma carga de quinhentos homens — a primeira viagem do ano com uma carga de presos do campo de trânsito de Buchta Nakodka, no sul da linha costeira do Pacífico, para Kolima, no norte. Embora ambos portos estivessem localizados na mesma extensão de costa, a distância entre eles era vasta. Não havia meio de alcançar Kolima por terra: a região só era acessível de avião ou navio. O porto de Magadan, ao norte, servia como ponto de entrada de uma rede de campos de trabalho que se espalhara como esporos de fungo ao longo da estrada de Kolima para montanhas, florestas e minas.

Quinhentos era a menor carga de prisioneiros que Genrik jamais supervisionara. Nessa época do ano, no governo de Stálin, o navio teria comportado até quatro vezes isso em uma tentativa de aliviar a lotação dos campos de trânsito construídos durante o inverno enquanto os trens Zek, vagões repletos de prisioneiros, continuavam a descarregar, mas os navios continuavam nas docas. O mar de Okotsk só era navegável quando os pedaços de gelo flutuavam. Em outubro ele ficava congelado novamente. Uma viagem mal calculada podia significar ficar preso no gelo. Genrik ouvira falar de navios que se aventuraram muito tarde no inverno ou saíram muito cedo na primavera. Incapazes de virar ou seguir para o seu destino, os guardas tinham conseguido escapar pelo gelo, em trenós puxados por pôneis, carregados de enlatados e pão, enquanto os prisioneiros, abandonados, haviam sido deixados para morrer de frio ou de fome, o que acontecesse primeiro.

Hoje, nenhum prisioneiro podia ser deixado para morrer de fome ou de frio, nem ser sumariamente executado, os corpos atirados por cima da amurada. Genrik não lera o Discurso Secreto de Kruschov condenando Stálin e os excessos nos gulags. Ele Ficara assustado demais. Havia rumores de que aquilo tinha sido destinado a revelar contrarrevolucionários, uma trama para prender de

imediato as pessoas que baixassem a guarda e se juntassem aos críticos do regime.

Genrik não estava convencido dessa teoria: as mudanças pareciam reais. A longa prática de brutalidade e indiferença sem necessidade de prestar contas havia sido substituída por uma compaixão confusa. Nos campos de trânsito, as sentenças dos prisioneiros tinham sido rapidamente revistas. Milhares destinados a Kolima tinham sido subitamente libertados, retornando à civilização tão abruptamente quanto tinham sido retirados dela. Esses homens libertados — pois à maioria das mulheres havia sido concedida a liberdade na anistia de 1953 — haviam sentado à margem, olhando para o mar, cada um apertando um pedaço de pão negro de centeio de 500 gramas, uma ração da liberdade, para alimentá-los até que chegassem em casa. Para a maioria, o lar ficava a milhares de milhas de distância. Sem posses, sem dinheiro, apenas com seus farrapos e seu pão da liberdade, eles fixavam o mar, incapazes de compreender que podiam ir embora caminhando e não serem alvejados. Genrik os espantara da margem, como se fossem pássaros daninhos, estimu-lando-os a fazer a viagem para casa, mas incapaz de lhes dizer como aquela viagem seria possível.

Os superiores de Genrik haviam passado semanas em pânico achando que seriam levados perante um tribunal. Em uma tentativa de mostrar o quanto haviam mudado, lançaram extensivas revisões e mudanças de regulamentação, sinais frenéticos a Moscou de que estavam sintonizados com nova modalidade de justiça. Genrik havia mantido a cabeça baixa, fazendo o que lhe era ordenado, sem nunca questionar ou emitir opinião. Quando diziam para ser duro com os prisioneiros, ele era duro. Quando diziam para ser amável, ele era amável. Com aquele rosto de garoto, ele sempre era melhor sendo amável que sendo duro.

Após anos transportando milhares de prisioneiros políticos sentenciados sob o artigo 58, homens e mulheres que diziam algo errado, ou estavam no lugar errado, ou conheciam as pessoas erradas, o Stary Bolshevik tinha um novo papel — carregar uma carga mais selecionada, apenas os criminosos mais violentos ou mais perigosos, homens sobre os quais todos concordariam: não havia por que eles jamais serem libertados.

NO BURACO DO VENTRE DO Stary Bolshevik, entre os corpos fedidos de quinhentos assassinos e estupradores e ladrões, Liev estava deitado de costas, descansando na cama de cima do beliche estreito — seu ombro contra o casco do navio. Do outro lado havia uma vasta extensão do mar, uma massa de água gelada afastada por uma placa de aço tão fina quanto a unha de seu dedão.

Mesmo dia

O AR ESTAVA VICIADO E PÚTRIDO, fervido pela caldeira a carvão que vibrava, fechada em um compartimento vizinho. Os sentenciados não tinham acesso à máquina, mas seu calor se espalhava pela divisória de madeira, acréscimo grosseiro ao desenho original do navio. No início da viagem, quando o alçapão estava frio de congelar, os prisioneiros haviam lutado pelos beliches que ficavam mais próximos da máquina. Em alguns dias, a temperatura subiu, e os mesmos prisioneiros lutavam pelo beliches mais afastados. Divididos em uma malha de passagens estreitas, com fileiras altas de beliche de cada lado, o alçapão do deque inferior de carga se transformara em uma colmeia de insetos, infestada de prisioneiros. Liev tinha um beliche superior, espaço pelo qual ele lutara e que defendera, premiado pela distância do vômito e da merda que deslizavam no chão. Quanto mais fraco se era, mais baixo se ficava — como se tivessem sido sacudidos em um processo de filtragem, separados em camadas darwinianas. Lampiões que durante a última semana havia emitido um brilho fraco, mortiço — como estrelas vistas através do nevoeiro da cidade — estavam sem querosene, criando uma escuridão tão completa que Liev não conseguia ver suas mãos nem mesmo ao cocar o rosto.

Este era o sétimo dia no mar. Liev havia contado os dias com tanto cuidado quanto podia, fazendo a maioria das infrequentes visitas permitidas ao banheiro a fim de reaver algum senso do tempo. No deque havia uma metralhadora montada na direção deles, prisioneiros em fila para usar o buraco destinado à âncora, uma queda direto no oceano. Tentando manter o equilíbrio nos mares agitados, chicoteados por ventos gelados, agachados e buscando um lugar para os pés, o processo se tornou uma horrível pantomima. Alguns prisioneiros, incapazes de esperar na fila, perdiam o controle dos intestinos, abaixando-se, ficando em cima dos próprios excrementos, esperando que ficassem duros antes de se movimentar novamente. A importância psicológica da limpeza era auto evidente. Uma pessoa podia ficar louca em apenas sete dias ali embaixo. Liev dizia a si mesmo que essas condições eram temporárias. Sua preocupação básica era manter seu lugar no beliche.

Muitos prisioneiros haviam sido enfraquecidos por meses em trânsito, músculos amolecidos pela inatividade e a comida insuficiente e ruim, as mentes debilitadas pela perspectiva de dez anos de trabalho nas minas. Liev se exercitava regularmente, mantendo o corpo firme e a mente focada na tarefa

diante de si.

Depois do encontro de Liev com Fraera no solo escavado da catedral de Santa Sofia, ele retornara ao hospital e descobrira que Raíssa havia sobrevivido à cirurgia e que os médicos estavam confiantes na total recuperação. Ao acordar, sua primeira pergunta havia sido sobre Zoia e Elena. Vendo o quanto ela estava pálida e fraca, Liev havia prometido que se concentraria inteiramente na filha raptada. Ouvindo-o explicar as exigências de Fraera, Raíssa apenas disse:

Faça o que for necessário.

FRAERA ASSUMIXRA O CONTROLE de uma gangue criminosa. Tanto quanto Liev sabia, ela não era nenhum torpedy, nenhum soldado raso de infantaria — ela era a avtoriet, a líder. Membros de uma gangue criminosa, os vory tinham um tradicional desprezo pelas mulheres. Escreviam canções sobre o amor por suas mães, matavam por insultos que se fizessem a elas, mas nutriam uma descrença de as mulheres serem iguais. De algum modo, a mulher de um padre, uma mulher que passara a vida à sombra do marido, ajudando-o em sua carreira, conseguira penetrar no vorovskoi mir. Mais espantoso é que ela ascendera ao topo. Fraera estava integrada em seus rituais: o corpo coberto de tatuagens, o nome de nascimento descartado e substituído por uma klikuka, um apelido vory. Abrigada no vorovskoi mir altamente secreto, suas operações eram provavelmente financiadas pelas carteiras e bolsas roubadas e pelo comércio no mercado negro. Se a vingança tinha sido sua intenção desde o início, então ela escolhera bem seus aliados. As gangues vory eram as únicas organizações sobre as quais o Estado não tinha controle. Não havia oportunidade de infiltrar suas fileiras: isso requereria tempo demais — exigiria que um policial passasse anos disfarçado, que assassinasse e estuprasse para ser aceito. Não que o Estado não pudesse encontrar candidatos adequados, mas sempre considerava as vory irrelevantes. Essas gangues eram motivadas por um sistema interno próprio de lealdade e recompensa. Nenhuma das gangues havia mostrado interesse político até agora, até Fraera.

Se a exigência de Fraera — a libertação de seu marido — tivesse vindo antes de seus assassinatos, ela poderia ser exequível. O sistema penal sofreu uma grande mudança depois do discurso de Kruschov. Em relação à sentença de 25 anos de Lazar, Liev poderia ter requerido uma dispensa especial, a soltura, ou uma liberdade condicional antes da época. A complicação teria sido a renovada campanha antirreligiosa de Kruschov. Entretanto, depois dos assassinatos, não havia chance de negociar a libertação de Lazar. Não seria possível nenhum

acordo. Fraera era uma terrorista, seria caçada e morta independentemente de Zoia ter sido feita refém. A gangue de Fraera tinha sido classificada como uma célula contrarrevolucionária. Para piorar a situação, ela não fizera nenhuma tentativa de conter sua sede de sangue. Nos dias imediatamente posteriores ao sequestro de Zoia, Fraera e seus homens haviam matado diversos funcionários — homens e mulheres que trabalharam sob Stálin. Alguns haviam sido torturados da mesma maneira que haviam torturado outros. Colocados diante do reflexo de seus próprios crimes, os escalões superiores do poder estavam aterrorizados. Exigiam a execução de todos os membros da célula de Fraera e de todo homem e mulher que os ajudasse.

Felizmente, o chefe de Liev, Frol Panin, era um homem ambicioso. Apesar de a KGB e a milícia terem lançado a maior caçada humana que Moscou já vira, nenhuma pista de Fraera ou de sua gangue havia sido encontrada. Chamados por sua captura tinham o fracasso como resposta. A imprensa não informava nada sobre esses eventos, optando por celebrações de estatísticas industriais nos dias depois das execuções mais chocantes, como se os números pudessem abafar os rumores que percorriam as ruas. Funcionários mudavam-se com suas famílias para fora da cidade. Registrou-se um aumento nos pedidos de férias. A situação era intolerável. Cobiçando a glória de ser aquele que abocanharia Fraera, o manto heroico do matador de um monstro, Panin viu Liev como isca. Como não podiam fazer um arranjo pelos canais normais para que Lazar fosse libertado sem admitir que o Estado tinha sido feito refém, a única solução seria libertá-lo da prisão. Panin sugerira que o projeto contara com apoiadores poderosos e que procedia com o apoio tácito dos que estavam no poder.

Lazar era prisioneiro na região de Kolima, Gulag 57. A fuga era considerada impossível. Ninguém jamais conseguira. A segurança de muitos gulags era pouco mais que sua localização: não havia forma de sobreviver fora do complexo. As chances de atravessar o terreno vasto e impiedoso a pé eram mínimas. Se dessem por falta de Lazar, ele seria declarado morto. Com a ajuda de Panin, seria uma simples questão de entrar no gulag, forjar os papéis necessários, posicionando Liev < i uno prisioneiro. Sair, no entanto, não seria tão fácil.

Vibrações percorreram o casco. A proa do navio tombou para o lado.

Liev sentou-se ereto. Eles haviam batido no gelo.

Mesmo dia

Genrik correu para frente, espiando sobre a amurada. Uma massa submersa de gelo passou ao lado, seu pináculo não maior que um carro, a maior parte de seu volume sob a água aparecendo como uma vasta sombra azul. O casco parecia intacto. Não havia gritos dos prisioneiros abaixo. Não havia água se infiltrando no navio. Sentindo o suor embaixo de sua pele de rena, ele fez sinal para o capitão de que o perigo havia passado.

Nas primeiras viagens do ano, o casco ocasionalmente batia contra remanescentes da massa de gelo, colisões que faziam um agourento barulho contra o casco velho. No passado, essas colisões aterrorizavam Genrik. O Stary Bolshevik era um navio doentio: não era bom para o comércio, servindo apenas para prisioneiros — mal sendo capaz de abrir caminho na água, que dirá navegar no gelo. Construído para uma velocidade de 11 nós, o navio a vapor alimentado a carvão nunca conseguia ir muito além, bufando como uma mula manca. Com os anos, a fumaça que vinha do único funil, localizado perto da popa, se havia tornado mais escura e espessa, o navio se movimentava mais devagar enquanto os rangidos se tornavam maiores. Apesar da saúde cada vez pior do barco, Genrik. gradativamente perdera o medo do mar. Ele podia dormir durante tempestades e segurar sua comida enquanto pratos e talheres corriam de um lado para outro. Não é que ele se tivesse tornado mais corajoso. Outro medo mais urgente havia tomado o seu lugar — o medo de seus colegas guardas.

Em sua primeira viagem ele havia cometido um erro que nunca havia sido capaz de consertar, um erro que seus camaradas nunca haviam perdoado. Durante o reinado de Stálin, os guardas frequentemente entravam em conluio com os urki — os criminosos de carreira. Os guardas organizavam a transferência de uma ou duas mulheres prisioneiras para alçapão dos homens. Ás vezes, a cooperação das mulheres era comprada com falsas promessas de comida. Algumas vezes elas eram drogadas. Às vezes eram arrastadas, lutando e berrando e gritando. Dependia do gosto dos urki, muitos deles se divertiam correndo atrás de uma luta tanto quanto de sexo. O pagamento por essas transações era informações sobre os políticos — presos sentenciados por crimes contra o Estado. Informações sobre coisas ditas, conversas escutadas disfarçadamente, informações que os guardas podiam traduzir em valiosas denúncias escritas quando o navio chegava. Como um pequeno bônus, os guardas tinham sua vez com as mulheres inconscientes, consumando uma aliança tão velha quanto o próprio sistema de gulag. Genrik polidamente

recusou-se a unir-se ao conluio. Ele não ameaçara denunciá-los ou mostrara qualquer desaprovação. Ele meramente sorrira e dissera.

Para mim não.

Palavras que ele viria a lamentar mais amargamente que qualquer coisa que havia feito. Daquele momento em diante ele passara a ser ignorado. Ele pensou que iria durar uma semana. Já duravam sete anos. Às vezes, preso a bordo, cercado pelo oceano, ele havia ficado louco de solidão. Nenhum guarda unia-se aos estupros todas as vezes, mas todos os guardas se uniam alguma vez. Entretanto, nunca havia sido oferecida a chance de reparar seu erro. O insulto inicial continuou sem ser corrigido, pois ele não expressava uma preferência como: ele não estava disposto hoje, mas sim uma reação visceral: isso é errado. Às vezes, andando de um lado para outro no deque à noite, desejando ter alguém com quem conversar, ele se virava e via os outros guardas reunidos longe dele. Na escuridão, tudo que podia distinguir era a fumaça de seus cigarros, as pontas brilhando para ele como olhos cheios de ódio.

Ele parará de ficar preocupado com que o mar pudesse engolir o navio ou que o gelo pudesse rasgar o casco. Seu medo era que uma noite ele caísse no sono para acordar, com pés e mãos firmemente seguros pelos outros guardas, arrastado, como aquelas mulheres, lutando, berrando, jogado pela murada, caindo no oceano frio e gelado, onde ele se debateria indefeso durante um minuto ou dois, vendo as luzes dos navios se tornarem cada vez menores.

Pela primeira vez em sete anos esses medos não mais o perturbavam. Todo o contingente de guardas do navio tinha sido substituído. Talvez sua remoção tivesse algo a ver com as reformas que avançavam pelos campos. Ele não sabia. Não importava: todos se haviam ido, exceto ele. Ele havia sido deixado para trás, excluído de sua mudança de sorte. Ao menos por uma vez, ele estava adorando a exclusão. Ele se viu no meio de um novo grupo de guardas, nenhum dos quais o odiava, nenhum dos quais sabia nada sobre ele. Era um estranho novamente. A sensação de anonimato era maravilhosa, como se tivesse sido curado de uma doença terminal.

Diante de uma oportunidade para começar novamente, ele pretendia fazer tudo que estivesse ao seu alcance para garantir sua participação na equipe.

Ele se virou para ver um dos novos guardas fumando do outro lado do deque, olhando fixamente para a enevoada linha do horizonte, sem dúvida trazido para fora pelo barulho da colisão. Um homem alto, de ombros largos, de 30 e muitos anos, tinha a pose de um líder. O homem — Iakov Messing — tinha dito muito pouco durante a viagem. Ele não dera nenhuma informação sobre si mesmo e

Genrik ainda não tinha idéia se Iakov estava a bordo do navio ou se estava meramente a caminho de outro campo. Duro com os prisioneiros, reticente com os outros guardas, um brilhante jogador de cartas e fisicamente forte, havia pouca dúvida de que se um novo grupo seria formado, como havia acontecido no último navio, ele teria Iakov como figura central.

Genrik cruzou o deque, saudando Iakov com um aceno de cabeça e fez um gesto em direção ao seu pacote de cigarros barato.

— Posso?

Iakov ofereceu o pacote e um isqueiro. Nervoso, Genrik pegou um cigarro, acendeu-o e inalou profundamente. A fumaça irritava sua garganta. Ele fumava com pouca freqüência e tentou fingir o melhor que pôde que estava gostando da experiência, compartilhando um prazer mútuo. Era imperativo que causasse boa impressão. Ele não tinha nada a dizer, no entanto. Iakov tinha quase terminado seu cigarro. Ele logo voltaria para dentro. A oportunidade poderia não surgir novamente, os dois sozinhos — essa era a hora de falar.

— A viagem tem sido calma.

Iakov não disse nada. Genrik jogou cinzas no mar, continuando.

— Essa é a sua primeira vez? Digo, a bordo? Sei que é sua primeira vez abordo deste navio, mas me perguntava se, talvez, você... já tivesse estado em outros navios. Como este.

Iakov respondeu com uma pergunta:

— Há quanto tempo está a bordo?

Genrik sorriu, aliviado por ter sido solicitado a dar uma resposta: — Sete anos. E as coisas mudaram. Não sei se mudaram para melhor. Essas viagens costumavam ser diferentes...

— Diferente como?

— Você sabe... todos os tipos de... Bons tempos. Sabe do que estou falando?

Genrik sorriu para sublinhar a insinuação sexual oblíqua. O rosto de Iakov estava impassível.

— Não. O que quer dizer?

Genrik foi forçado a explicar. Ele baixou a voz, sussurrando, tentando persuadir Iakov a entrar em seu tom conspirativo.

— Normalmente, por volta do segundo ou terceiro dia, os guardas...

— Os guardas? Você é um guarda.

Um escorregão de descuido: ele havia sugerido que estava fora do grupo e agora estava sendo confrontado. Ele esclareceu: — Quero dizer, nós. Nós.

Enfatizou a palavra — nós — e depois disse-a novamente, para então completar: — Nós falávamos com os urki para ver se eles queriam nos oferecer uma lista de nomes, uma lista dos políticos, alguém que tivesse falado alguma

coisa estúpida. Perguntávamos o que eles queriam em troca da informação: álcool, tabaco... mulheres.

— Mulheres?

—Já ouviu falar de "tomar o trem"?

— Refresque minha memória.

— A fila de homens que esperavam por uma vez com as mulheres prisioneiras. Eu era sempre o último vagão, por assim dizer. Você sabe, do trem de homens, que esperavam a vez.

Ele riu.

— Melhor ser o último que nada, é o que sempre digo.

Ele fez uma pausa, olhando para o mar, as mãos nos quadris, querendo perscrutar a reação de Iakov. Repetiu nervosamente: — Melhor que nada.

Apertando os olhos na parca luz do poente, Timur Nesterov estudou o rosto desse jovem enquanto ele se gabava de sua história de estupro. O homem queria tapinhas nas costas, congratulações e a confirmação de que aqueles eram bons tempos. O disfarce de Timur como guarda de prisão, como o policial Iakov Messing, dependia de ele permanecer invisível. Ele não podia se destacar. Não podia armar nenhuma confusão. Ele não estava ali para julgar aquele homem ou vingar aquelas mulheres. Mas era difícil não imaginar sua mulher como prisioneira a bordo deste navio. No passado, ela havia chegado muito perto de ser presa. Ela era bonita e teria terminado à mercê do desejo desse jovem.

Timur atirou o cigarro no mar, entrando nos alojamentos. Ele estava quase na porta da torre quando o guarda o chamou: — Obrigado pelo cigarro!

Timur parou, intrigado com essa mistura de gentileza e atitude de selvageria. A seus olhos, Genrik era mais uma criança que um homem. Exatamente como uma criança tentando impressionar um adulto, o jovem policial apontou para o céu.

— Vai haver tempestade.

A noite estava fechando-se e a distância clarões de raios silhuetavam nuvens negras — nuvens com a forma dos nós dos dedos de um gigantesco punho.

Mesmo dia

DEITADO DE COSTAS NA ESCURIDÃO, Liev ouvia a chuva pesada martelar o convés. O navio começou a vaguear e arfar, movimentando-se pesadamente de um lado para o outro. Ele percorreu o navio em sua mente, imaginando como poderia enfrentar uma tempestade. Curto e grosso, como um gigantesco polegar de aço, o navio era largo, lento e estável. A única seção — além do funil de fumaça — que subia acima do convés era a torre onde ficavam os alojamentos dos guardas e da tripulação. Liev ficou confiante ao pensar na idade do navio: eleja devia ter sobrevivido a muitas tempestades.

Liev sentiu o beliche tremer quando uma onda atingiu a lateral do navio, quebrando sobre o convés — um ruído de água espirrando que trazia uma impressão visual —, o convés brevemente se misturando com o mar. Liev sentou-se. A tempestade aumentava. Foi forçado a agarrar os lados do beliche enquanto o navio se sacudia violentamente. Os prisioneiros começaram a gritar enquanto eram lançados para fora dos beliches, gritos que ecoavam na escuridão. Tornara-se uma desvantagem ficar no alto. A moldura de madeira dos beliches era instável. A estrutura não estava fixada ao casco. Os beliches podiam cair, lançando seus ocupantes ao chão. Liev estava a ponto de descer quando seu rosto foi agarrado.

Com o vento e as ondas, a comoção, ele não ouvira ninguém aproximar-se. O hálito do homem cheirava a putrefação. Sua voz era rouca: — Quem é você?

Falando naquele tom autoritário, era quase certo que se tratava do líder de uma gangue. Liev tinha certeza de que o sujeito não estava sozinho: seus homens deviam estar por perto, nos outros beliches ao lado, embaixo. Era impossível lutar: ele mal podia ver o homem com quem estava lutando.

— Meu nome é...

O homem interrompeu a fala de Liev:

— Não estou interessado no seu nome. Quero saber quem você é. Por que está aqui, entre nós? Você não é um vory. Não um homem como eu. Talvez seja político. Mas aí, vejo-o fazer flexões, vejo-o fazendo exercícios e percebo que político você não é. Eles ficam sentados no canto e choram como bebês, dizendo que nunca mais vão ver a família. Você é outra coisa. Fico nervoso quando não conheço o coração de uma pessoa. Não me incomodo se é assassinato ou roubo. Nem me importo se são hinos, rezas ou bondade, só gosto de saber. Por isso, digo novamente, quem é você?

O homem parecia inteiramente indiferente ao fato de o navio estar sendo

jogado de um lado para o outro como um brinquedo pela tempestade. Todos os beliches balançavam de uma lado para o outro: a única coisa fixa era o peso das pessoas sobre ele. Prisioneiros estavam pulando para o chão, caindo uns por cima dos outros. Liev tentou chamar o homem à razão:

— Que tal conversarmos quando esta tempestade passar?

— Por quê? Há alguma coisa que você precise fazer?

— Preciso sair deste beliche.

— Você sente isso?

A ponta de uma faca tocou o estômago de Liev.

Abruptamente, o navio se ergueu, um movimento tão súbito e poderoso que deu a impressão de que a mão de um deus do mar estava embaixo deles, tirando-os do oceano e lançando-os em direção ao céu. O movimento parou tão repentinamente quanto se iniciara, a velocidade se vaporizou, a mão que erguia o macio transformando-se em um repuxo, e o Stary Bolshevik tombou, despencando no mar.

O navio se chocou contra a água. Com a força de uma detonação, o impacto percorreu todo o navio. Com um estalo sincronizado, todos os beliches tremeram e se desmontaram. Por um momento, Liev ficou suspenso na escuridão, caindo, sem ideia do que estava embaixo, %\e virou de forma a cair de frente, esticando as mãos contra o chão. Houve um barulho de ossos se partindo. Sem saber se estava ferido, se seus ossos se haviam quebrado, ele ficou imóvel e atordoado. Não sentia nenhuma dor. Apalpando o chão embaixo dele, percebeu que havia aterrissado sobre outro prisioneiro, sobre o peito do homem. O barulho havia sido das costelas do homem fraturando. Liev procurou um pulso, mas encontrou apenas um fragmento de madeira saindo pelo pescoço do homem.

Enquanto Liev se punha de pé, cambaleante, o navio tombou para um lado, depois para o outro. Alguém o agarrou pelos tornozelos. Preocupado com que fosse o líder sem nome e sem rosto da gangue, ele chutou as mãos, mas percebeu que era mais provável ser alguém desesperado por ajuda.

Sem dar tempo para que o certo substituísse o errado, o navio se levantou em um ângulo ainda mais inclinado que antes, subindo em direção ao céu. O beliche esfacelado, agora livre para se mover, escorregaram em direção a ele, empilhando-se. Fragmentos pontiagudos, letais pressionavam seus braços e suas pernas. Os prisioneiros incapazes de se agarrar no chão escorregadio caíam, atingindo Liev, uma avalanche de madeira e de cadáveres.

Empurrado pela parede irregular de pessoas e madeiras, Liev tentou cegamente, desesperadamente, achar algo em que se pudesse firmar, algo para agarrar. O navio estava em um engulo de 45 graus. Alguma coisa metálica o

atingiu no lado do rosto. Liev caiu, tropeçando, rolando, até chegar à parede do fundo, contra as finas tábuas de madeira que separavam os prisioneiros da barulhenta caldeira de carvão. A parede tinha 1,20 metro de espessura com prisioneiros jogados para fora de suas camas, esperando que a subida do navio revertesse e despencasse na inevitável queda. Procurando com as mãos algo fixo para se segurar, temiam ser jogados para a frente, para o desconhecido. Liev agarrou o casco — era liso e frio. Não havia nada em que se agarrar. O navio parou de subir, inclinado na crista de uma onda.

Liev estava a ponto de ser lançado à frente. Ele ficaria indefeso, todos os que estavam atrás aterrissariam em cima dele, esmagando-o. Incapaz de enxergar qualquer coisa, tentou lembrar-se do desenho do alçapão. Os degraus que levavam ao convés eram a única chance. O navio caiu em queda livre, acelerando. Liev se atirou na direção em que achava que os degraus estariam. Ele caiu sobre algo duro — os degraus de metal, e conseguiu envolvê-los com um braço exatamente quando o navio se chocou contra a água.

No segundo impacto, que mais pareceu uma detonação, a força foi tremenda. Liev estava convencido de que o navio havia se despedaçado, uma casca de noz sob a cabeça de um martelo. Esperando pela parede de água, ele ouviu em vez disso o som de madeira se quebrando, como troncos de árvore partindo ao meio. Houve gritos. O braço de Liev, fechado em volta do degrau, foi puxado com tanta força que ele teve certeza de que o havia deslocado. Mas não havia água entrando. O casco estava intacto.

Liev olhou para trás e viu fumaça. Ele não apenas sentia o cheiro de fumaça, como podia vê-la. De onde vinha aquela luz? O barulho da caldeira do navio parecia ter aumentado. A divisória de madeira que separava os presos da caldeira de carvão havia caído. O compartimento do engenho estava exposto. No centro havia um volume vermelho, cintilante, cercado por pedaços dos beliches e corpos retorcidos.

Liev apertou os olhos, sua visão adaptando-se da escuridão permanente. O alçapão não era mais um lugar seguro: os prisioneiros — os homens mais perigosos do sistema penal — agora tinham acesso aos alojamentos da tripulação e ao convés do capitão a que se podia chegar da casa de máquinas. O funcionário encarregado de manter a máquina funcionando, coberto de poeira de carvão, levantou as mãos, indicando que se rendia. Um prisioneiro pulou sobre ele, empurrando-o contra a máquina cor de brasa. O homem gritou, e o cheiro de carne queimada encheu o ar. O homem tentou libertar-se, mas o prisioneiro o segurava firme, exultando enquanto o homem era cozinhado vivo, seus olhos revirando, gorgolejando saliva. O prisioneiro jubiloso gritou: — Tomem o navio!

Liev reconheceu aquela voz. Era o homem que subira ao seu beliche, o líder

da gangue com a faca, o homem que o queria morto.

Mesmo dia

JOGADO DE UM LADO PARA O OUTRO, Timur ziguezagueou pelos corredores estreitos do Stary Bolshevik, colidindo com as paredes, apressando-se a fechar as duas portas que davam acesso à sala de máquinas. Ele estava na ponte quando o navio caíra da crista de uma onda, como se tivesse saído de um rochedo de água que se desmoronasse, a proa descendo 30 metros antes de se chocar na base da depressão do oceano. Timur tinha sido atirado à frente, catapultado por cima do equipamento de navegação, desabando no piso. Os painéis de aço do navio reverberavam com a rapidez de uma agulha de sintonização, zumbindo com a energia do impacto. De pé, olhando pela janela, tudo que podia ver era água espumante vindo em sua direção — um borbulhar cinza, branco e preto —, convencido de que o navio estava afundando, indo diretamente para o fundo do mar, apenas até que a proa se levantasse novamente, voltada para o céu.

Tentando calcular os danos, o capitão havia feito um chamado para a sala de máquinas. Não houve resposta — os chamados não tinham resposta. Ainda havia energia, a máquina ainda estava funcionando, o casco não estava quebrado.

O movimento ascendente do navio contrabalançava a inundação excessiva. Se a parte externa do casco estava intacta, a única outra explicação para a perda de comunicação era que a fina parede de madeira havia se partido como graveto. Os prisioneiros não estavam mais trancados: eles podiam entrar na sala de máquinas e subir os degraus e chegar à torre principal. Se os prisioneiros chegassem aos níveis superiores, eles matariam todos e tomariam uma nova rota para águas internacionais, onde pediriam asilo em troca de propaganda anticomunista. Cinco centenas de prisioneiros contra uma tripulação de apenas trinta, dos quais apenas vinte eram guardas.

O controle dos níveis mais baixos, abaixo do convés, estava perdido. Eles não poderiam recapturar a sala de máquinas ou salvar a tripulação que estava lá. No entanto, ainda era possível selar aqueles compartimentos, trancando os prisioneiros nos níveis inferiores do navio. Havia dois pontos separados de acesso da sala de máquinas. Timur se dirigia à primeira porta. Outro grupo de guardas havia seguido para a segunda. Se uma das portas estivesse aberta, se caísse nas mãos dos prisioneiros, o navio estaria perdido.

Virando à direita e à esquerda, voando pelo último lance de escadas abaixo, ele estava na base da torre. Podia ver a primeira porta de acesso diretamente em frente a ele, no fim do corredor. Ela estava aberta, movia-se para frente e para

trás, batendo contra ás paredes de aço. O navio se dirigiu para cima, tombando subitamente, jogando Timur para frente, de quatro. A pesada porta de aço se abriu, mostrando uma horda de prisioneiros que subiam da sala de máquinas, mais ou menos trinta a quarenta rostos. Eles se viram ao mesmo tempo: a porta estava na metade da distância entre eles, os dois lados se olharam pela divisa entre cativeiro e liberdade.

Os prisioneiros explodiram para a frente. Timur fez o mesmo, decolando do chão, saltando contra a porta exatamente quando uma massa de mãos a pressionou do outro lado, empurrando na direção oposta. Não havia como detê-los: ele sentia seus pés escorregando para trás. Eles estavam quase passando. Levou a mão ao revólver.

A tempestade sacudiu o navio para um lado, arrancando os prisioneiros da porta enquanto jogava o peso de Timur contra ela. A porta se fechou. Ele girou a tranca, apertando-a bem. Se a tempestade tivesse virado o barco para o outro lado, Timur teria sido atirado ao chão e os prisioneiros o teriam pisoteado como um rebanho estourado, esmagando-o. Com a liberdade negada, punhos batiam contra a porta, golpeando e xingando. Mas suas vozes eram fracas e seus golpes sem esperança. A espessa porta de aço era segura.

O alívio de Timur foi temporário, interrompido apenas pelo ruído do fogo de metralhadora do outro lado do navio. Os prisioneiros deviam ter passado pela segunda porta.

Correndo, vacilando, passando por alojamentos vazios, Timur virou a esquina, vendo dois guardas agachados, atirando. Chegando à posição deles, sacou o revólver, apontando na mesma direção. Havia corpos no chão entre eles e a segunda porta de acesso, prisioneiros alvejados, alguns vivos, pedindo ajuda. A decisiva porta no nível do subconvés — agora o único ponto remanescente de acesso para os prisioneiros — era mantida aberta por um pedaço de madeira, que aparecia no centro. Mesmo que Timur desse uma corrida até a porta não haveria meio de fechá-la. Em pânico, os guardas atiravam a esmo, e as balas arrancavam lascas de aço, que colidiam em mortal acaso com as paredes do corredor. Timur fez um gesto aos guardas para baixar as armas.

Poças de água no chão imitavam os movimentos desordenados do mar, correndo de um lado para outro. Os prisioneiros não estavam empurrando a porta, permanecendo a salvo atrás dela. Sem dúvida eles estavam encontrando dificuldade para, naquele grupo de assassinos, reunir uns vinte ou tanto dispostos a sacrificar a vida irrompendo à frente e tomando o controle do corredor. A menos que muitos morressem antes que os guardas fossem dominados.

Timur apossou-se de uma das armas, apontando para o tronco que aparecia pela porta entreaberta. Atirou, despedaçando a madeira — enquanto andava para

a frente. O tronco se desintegrava sob uma barragem de fogo ininterrupto. Mantida a chuva de balas, a porta poderia ser fechada, trancada, o ponto de acesso final, fechado. Timur deu um salto à frente. Antes de alcançar a maçaneta, três novos pedaços de madeira surgiram pela abertura. Não havia jeito de fechar a porta. Sem munição, Timur recuou.

Quatro outros guardas chegaram, estacionaram no fim do corredor, perfazendo sete no total — uma força desprezível para segurar quinhentos. Desde suas primeiras baixas, os prisioneiros não haviam feito uma segunda investida. Se uma proporção não estivesse preparada para sacrificar sua vida, não haveria meio de progredir. Eles quase certamente estavam inventando outra forma de atacar. Um dos guardas sussurrou:

— Vamos enfiar nossos revólveres na abertura! Eles não têm armas! Eles vão largar a madeira: nós fecharemos a porta.

Três guardas assentiram e correram para frente.

Antes que dessem dois passos, a porta se abriu até o canto. Em pânico, os guardas abriram fogo — sem resultado.

Os prisioneiros da frente estavam usando os membros da tripulação feridos como escudo humano: corpos queimados carregados como aríetes, sem pele, rostos queimados berrando.

O guarda que estava mais próximo tentou voltar, com a arma disparando inutilmente contra o colega. O prisioneiro lançou o corpo contra ele, jogando o guarda no chão. Os guardas redirecionaram os disparos para os pés dos prisioneiros. Vários caíram, mas havia muitos deles, movendo-se bem rapidamente. A coluna de prisioneiros continuou a avançar. Em minutos controlariam o corredor e, dali, poderiam espalhar-se por todo o navio. Timur seria linchado. Paralisado, não podia nem disparar o revólver. O que seriam seis tiros contra quinhentos? Seria tão inútil quanto atirar no mar.

De repente Timur teve uma ideia, virou-se e correu para a porta que dava para fora, para o convés. Escancarou-a, expondo o mar selvagem, uma estonteante massa de água. Cada guarda usava um cinto de segurança. Ele prendeu o gancho no fio que corria em torno da torre, um sistema cuja intenção era impedir que os homens fossem arrastados para fora do navio.

Ele olhou de volta para a metralhadora, restavam apenas dois guardas. Havia muitos prisioneiros mortos, mas um número aparentemente inesgotável deles estava entrincheirado atrás deles. Timur gritou para o mar, desafiando, chamando-o.

— Venha!

O navio mergulhou, deixando Timur sobre uma profunda depressão de água. Depois, lentamente, o navio se ergueu. Uma montanha de água vinha

diretamente em cima dele, a crista branca escorregando e rugindo, tapando o sol. A onda quebrou contra a lateral do navio, inundando o corredor. Timur foi varrido para trás, imerso no oceano. A água preencheu completamente o espaço. O frio o imobilizou. Ele ficou indefeso — incapaz de se mexer, ou pensar, jogado pela água para o fundo do corredor.

O cinto de segurança o imobilizou, salvando-o da morte. A onda havia quebrado sobre o navio. O navio compensou o movimento, levantando a outra ponta. A água foi drenada para fora tão rápido quanto havia entrado. Timur caiu ao chão, tossindo sufocado, olhando os resultados da inundação. A parede de prisioneiros havia sido lançada para trás, alguns ao chão, a maioria pelos degraus abaixo. Antes que pudessem recuperar-se, ele soltou o gancho que o prendia ao cabo, correu para a frente, as roupas ensopadas e pisadas, as botas empapadas faziam ruídos espremidos enquanto ele andava sobre os corpos de prisioneiros e guardas, vítimas da refrega. Ele bateu a porta e trancou-a. Os níveis abaixo do convés estavam fechados.

Não havia tempo a perder. A porta para o mar estava completamente aberta: outra avalanche de água poderia inundar o interior, emborcando todo o navio, Timur se movimentou em direção à porta aberta para o convés. Sua perna foi agarrada. Um dos prisioneiros estava vivo, Timur tropeçou. O prisioneiro subiu em cima dele, apontando uma metralhadora para a sua cabeça. Não havia como ele errar. O prisioneiro apertou o gatilho. Sem munição, ou arruinada pelo mar, a metralhadora não disparou.

Houve uma troca de posições, Timur voltou à vida, amassando o nariz do prisioneiro com um soco, forçando-o a virar-se e pressionando seu rosto contra uma poça de água. Uma vez mais o navio começou a virar, desta vez, para desvantagem de Timur, a água estava sendo drenada, lavando o prisioneiro, que agora podia respirar. Cadáveres escorregavam pelo corredor para o convés. Timur e o prisioneiro escorregavam na mesma direção, lutando um com o outro, a apenas alguns metros de caírem no mar.

Quando passavam pela porta, Timur estendeu o braço e agarrou o fio de segurança, chutando o prisioneiro ferido, mandando-o para o convés. Uma segunda onda corria na direção deles. Timur se arrastou para dentro e fechou a porta. Enquanto ele olhava pela pequena vigia de vidro, diretamente para os olhos do prisioneiro, a onda bateu. As vibrações percorreram suas mãos. Quando a água sumiu, o prisioneiro se fora.

Mesmo dia

LIEV OBSERVAVA, NOS PRIMEIROS DEGRAUS, enquanto o recém-nomeado líder da rebelião empurrava a porta de aço, na tentativa de abri-la. Eles estavam presos, sem ter como chegar à ponte. Ele perdera muitos de sua gangue vory tentando libertar-se. Desnecessário dizer, ele havia comandado da retaguarda, evitando as balas. A grande onda o varrera para baixo. Liev olhou para baixo — estava afundado até o tornozelo, a massa de água se movimentando de um lado para o outro, desestabilizando o barco. Não havia meios de bombeá-la para fora, não num meio de tantas hostilidades. Não havia chance de cooperação. Se entrasse mais água, o navio emborcaria. Eles afundariam na escuridão, incapazes de sair, trancafiados em uma prisão de aço enquanto a água do mar gelada escoava para dentro. Mas a condição precária do barco era de pouco interesse para o recém-nomeado líder. Revolucionário convicto estava determinado a vencer ou morrer.

A caldeira de carvão começou a crepitar. Liev se voltou para avaliar o dano. A máquina deveria ser mantida funcionando. Dirigindo-se aos outros prisioneiros, ele pediu ajuda:

— Temos que manter o carvão seco e alimentar o fogo.

O prisioneiro líder entrou novamente no compartimento, resmungando:

— Se eles não nos libertarem, destruiremos a máquina. Liev sacudiu a cabeça negativamente.

— Se perdermos pressão, e o navio não puder navegar, ele afundará. Precisamos manter a máquina funcionando. Nossas vidas dependem disso.

— E a deles também. Se cortarmos a pressão, eles terão de falar conosco; terão de negociar.

— Eles nunca abrirão as portas. Se nós destruirmos a máquina, eles vão abandonar o navio. Eles têm botes salva-vidas suficientes para eles e nenhum para nós. Eles vão nos deixar afundar.

— Como sabe disso?

— Fizeram isso antes! Abordo do Djurmal Os prisioneiros arrombaram a dispensa, roubaram comida e puseram fogo em todo o resto, nos sacos de arroz, nas prateleiras de madeira, esperando que os guardas descessem correndo. Eles não desceram. Deixaram queimar. Todos os prisioneiros morreram sufocados.

Liev pegou uma pá. O líder dos prisioneiros sacudiu a cabeça:

— Destrua!

Liev o ignorou, jogando o carvão com a pá, alimentando a máquina. Esquecida, ela já estava bem fria. Nenhum dos outros homens veio ajudá-lo, esperando para ver como o conflito se resolveria. Avaliando seu opositor, Liev não estava convencido de poder vencê-lo. Havia muito tempo que não lutava com ninguém. Liev apertou o punho em torno da pá, preparando-se. Para surpresa de Liev, o prisioneiro sorriu:

—Vá em frente. Jogue carvão como um escravo. Há outro meio de sair.

O prisioneiro agarrou outra pá e galgou a parede quebrada da divisória dentro do alçapão. Liev parou, sem saber se continuava a jogar o carvão ou seguia o homem. Em segundos, o clamor de aço batendo em aço reverberou. Liev correu pela abertura da parede divisória, voltando para a parte escura do alçapão. Apertando os olhos, ele viu que o vory estava no alto dos degraus, usando a pá para golpear a tampa da passagem para o convés. Para um homem comum, a tarefa seria inútil, mas a força dele era tal que a tampa começou a se deslocar para cima, arqueando sob a pressão. O aço acabaria se rasgando. Liev gritou:

— Você quebra a tampa, e a água entra. Não haverá forma de fechá-la novamente. Se o alçapão se encher, o barco vai emborcar!

Do alto dos degraus, martelando a tampa da passagem com força colossal, o prisioneiro cantou para os colegas:

— Antes de morrer serei livre! Vou morrer livre!

Parecendo incansável, ele fazia dentes na superfície de metal, acertando cada golpe no mesmo lugar do anterior.

Não havia meio de saber quanto mais a tampa resistiria até ser quebrada. Uma vez quebrada, ela não poderia ser reparada. Liev precisava agir imediatamente. Lutar sozinho com ele seria uma tarefa impossível. Ele teria de conseguir ajuda dos outros prisioneiros. Ele se virou para eles, pronto para reuni-los:

— Nossas vidas dependem...

A voz de Liev não ascendeu acima dos estridentes golpes no aço e da tempestade. Ninguém o ajudaria.

Compensando o movimento do navio, Liev movimentou-se subitamente para o degrau de baixo, firmando-se. O prisioneiro havia cruzado as pernas em volta da armação de metal dos degraus, colocando-se em posição enquanto continuava a desferir golpes contra a tampa. Vendo Liev subir as escadas em sua direção, o prisioneiro direcionou para ele a pá arruinada. O opositor de Liev ocupava a posição mais alta. A única chance seria puxar as pernas dele, trazendo-o para baixo. O prisioneiro assumiu uma posição defensiva, levantando a pá sobre o ombro.

Antes que Liev pudesse reposicionar-se, projéteis perfuraram a tampa e se alojaram nas costas do prisioneiro. Com a boca cheia de sangue, o vory olhou para o próprio peito, perplexo. A tempestade o sacudiu do degrau de cima, atirando-o para baixo. Liev saiu do caminho, deixando o homem se estatelar na água. Outras balas furaram a tampa, passando próximo ao rosto de Liev. Ele pulou, caindo na água, fora da linha de fogo.

Liev deu uma olhada em volta. O vory estava morto, a face voltada para baixo. Um novo perigo havia sido criado. A tampa estava perfurada de buracos de balas. A água entrava, um denso chuveiro cada vez <|iic uma onda batia no convés. Se não tapassem aqueles buracos o nível da água subiria, e o navio emborcaria. Era essencial que Liev subisse os degraus para tapar os buracos. O navio continuava a ser atirado de um lado para o outro, a água entrava pela tampa. O nível da água no alçapão estava subindo, batendo contra a máquina de carvão que esfriava. Liev não podia esperar mais. O navio já lutava para endireitar-se. Precisava agir agora.

Liev tirou as roupas do prisioneiro morto, rasgando-as em pedaços. Com os fortes fluxos de água que passavam pelos buracos da tampa ensopando-o, ele pôs o pé no primeiro degrau, pronto para subir. A vida dele agora dependeria da inteligência do guarda invisível.

Mesmo dia

EUFÓRICO, GENRIK AGARROU-SE à metralhadora da torreta, as ondas quebrando em torno dele, como se ele estivesse cavalgando uma monstruosa baleia. Por causa de sua bravura, a tentativa dos prisioneiros de escapar havia fracassado. Ele salvara o navio. De covarde a herói em apenas uma noite! Antes, dentro da torre, ouvindo a batalha estourar entre os guardas e os prisioneiros, ele se refugiara nos alojamentos da tripulação, abaixando-se. Vira seu amigo Iakov passar correndo e não fizera nada, permanecendo escondido. Só quando teve certeza de que os prisioneiros haviam perdido que tinham sido obrigados a recuar e que o navio estava seguro, ele emergiu, entendendo tardiamente o tipo de perigo em que estava. O resto da tripulação o acusaria de ser um desertor. Eles o odiariam como a tripulação anterior o odiara. Estava condenado a outros sete anos de isolamento. Frio de desespero, a redenção pousou em seu colo — o estridor de ferro contra ferro. Ele foi o único membro da tripulação que ouviu os prisioneiros golpeando a tampa da passagem para o convés. Tentavam tomar o navio a partir do convés. A tampa não havia sido construída para suportar ataques repetidos. Normalmente, nenhum prisioneiro ousaria tocá-la por medo de levar um tiro. Na tempestade, no entanto, a metralhadora na torreta estava vazia. Esta era a sua oportunidade de provar sua coragem. Rejuvenescido pela perspectiva, cruzaria correndo o convés, da base da torre até a torreta da metralhadora. Faria pontaria e atiraria contra a tampa da passagem. Tonto de excitação ele gritou, disparou uma segunda e uma terceira rajada de balas na direção da tampa. Ele ficaria ali enquanto a tempestade durasse.

Todos na torre testemunhariam sua extraordinária coragem. Se algum prisioneiro tentasse passar, se algum prisioneiro tentasse chegar próximo à tampa, ele o mataria.

DE PÉ NA PONTE, engasgado de raiva com a estupidez de Genrik, Timur não podia permitir que ele disparasse outra rajada contra a tampa. O navio estava quase submerso, o capitão mal conseguia vencer as ondas. Se entrasse um pouco mais de água eles afundariam. A tempestade não dava sinais de melhora. Timur sabia os outros não, quanta água havia entrado na embarcação quando ele abrira as portas externas. Depois de salvar o navio dos prisioneiros, ele agora tinha de salvá-lo de um guarda.

Correndo escada abaixo, ele se preparou antes de abrir a porta do convés. Vento e chuva o chicotearam como se pessoalmente insultados por sua presença.

Fechou a porta atrás de si, enganchando-se no fio de segurança. A distância entre a base da torre e a torreta da metralhadora era de 15 metros talvez, um trecho vazio do convés — se fosse pego cruzando aquele espaço seria atirado do outro lado do convés ou levado para o mar. O cabo de segurança não valeria muito, arrastando-o junto ao mar como isca para peixe até se partir. Ele olhou para os buracos de balas na tampa. Algo chamou sua atenção: um trapo empurrado para cima — tapando o buraco. Genrik preparava outra rajada.

Timur lançou-se pelo convés justamente quando outra onda começou a varrer a lateral do navio, indo em sua direção. Ele mergulhou para a frente, agarrando o lado da torreta e levantando a metralhadora para o ar. Genrik atirou. A onda bateu. Por uma fração de segundo as pernas de Timur foram suspensas. Se ele não estivesse agarrado seria arrastado para o mar. A água refluiu, suas pernas desceram para o chão. Com a boca e o nariz cheios de água salgada, Timur cuspia. Recobrando-se, agarrou Genrik pela parte de trás do pescoço, perdendo o controle, furioso, sacudindo-o como uma boneca de trapos. Ele o puxou de volta, tirando o pente de munição da arma e atirando-o ao mar.

Com a metralhadora desarmada, Timur andou com dificuldade em direção à torre, olhando para a tampa enquanto passava. Mais trapos estavam sendo enfiados nos buracos. Quase na torre, ele sentiu o impacto de outra onda. Virando-se, viu a água vindo em sua direção. Arremessado do chão, foi atirado contra o convés. Silêncio, tudo que podia ver era 1 milhão de bolhas. Depois, a água foi drenada do navio, os sons da tempestade voltaram. Ele se sentou, olhando tudo em volta. A torreta da metralhadora se fora: arrancada como um dente podre. Os destroços tinham sido varridos para a proa do navio. Genrik estava preso no ferro retorcido.

Timur tinha folga suficiente no cabo para ir pelo lado do navio e agarrar o jovem guarda. Patético, Genrik tentava libertar-se do metal. Estava preso. Se os destroços viessem a bordo, trariam Genrik com eles. Timur poderia salvá-lo. Mas Timur não se mexeu.

Olhou para o mar. Eles estavam subindo em outra onda, logo estariam caindo, na depressão, e a força que havia arrancado uma torreta de metralhadora presa ao convés os varreria também.

Virando de costas para Genrik, Timur segurou o cabo e se impulsionou na direção da torre. O ângulo do navio foi revertido, despencou-se. Ele chegou à porta, subiu para dentro e fechou-a hermeticamente.

GENRIK SUBIU JUNTO A UMA ONDA, batendo os braços para ficar à tona. A água estava tão fria que ele não sentia nada abaixo da cintura. Varrido para o mar, sentira uma dor intensa quando o ferro o rasgara. Dormente com o

choque, era como se as ondas geladas o tivessem mordido e partido ao meio. Por um segundo ele viu as luzes do navio, e depois elas se foram.

10 quilômetros ao norte de Moscou 8 de abril

OS PULSOS E TORNOZELOS DE ZOIA estavam atados com um fio fino de aço tão apertado que quando ela tentou melhorar de posição, ele cortou sua pele. Ela estava vendada, um trapo enfiado na boca, deitada de lado. Não havia lençóis sob ela — nada para amortecer os buracos da estrada. A julgar pelo barulho do motor e o espaço em volta, ela estava na carroceria de um caminhão. Podia sentir as acelerações e vibrações pelo piso de aço. Cada parada abrupta a fazia rolar para frente e para trás, mais uma carcaça que uma pessoa viva. Quando se recobrou da desorientação, começou a visualizar a viagem. Na partida, faziam curvas com freqüência, evitando o tráfego. Eles haviam estado em uma cidade — Moscou —, embora não pudesse ter certeza disso. Neste momento, estavam viajando em uma só direção, a velocidade constante. Deviam ter saído da cidade. Não havia tráfego, nenhum outro ruído a não ser o barulhento motor do caminhão. Ela estava sendo levada para algum lugar remoto. Baseada nisso e no desprezo por sua segurança — enfiaram um pedaço de pano tão fundo em sua garganta que ela quase sufocou —, ela tinha certeza de que ia morrer.

Há quanto tempo estava presa? Não tinha como saber — a passagem do tempo se tornava difícil de avaliar. Depois de ser tirada do apartamento ela havia sido drogada. Levada como um embrulho para o carro, ela vira Raíssa cair. Era a última lembrança que tinha antes de acordar, a cabeça martelando, a boca seca como pó, jogada no chão de um quarto de tijolos sem janela. Mesmo estando inconsciente quando trazida para ali, tinha uma forte impressão de que estava bem fundo no subsolo. O ar estava sempre frio e úmido: os tijolos nunca esquentavam, não dando pistas do ciclo do dia e da noite. O fedor sugeria fortemente um sistema de esgotos. Ela ouvira com freqüência o barulho de água. Às vezes as vibrações eram tão fortes como se houvesse rios fluindo pelos túneis adjacentes. Ela tivera alimentos e repouso, seus captores não faziam nenhuma tentativa de esconder suas identidades. Não haviam falado com ela exceto por uma série de ordens curtas e perguntas, mostrando pouco interesse nela além das simples necessidades de mantê-la viva. Mas de tempos em tempos tinha a vaga consciência de que alguém a observava, escondido na escuridão do lado de fora da cela. Assim que chegava mais perto, tentando um vislumbre deles, eles desapareciam na escuridão.

Nas últimas duas semanas ela vinha pensando em morrer, revirando o assunto diversas vezes, como se sugasse uma pedra de açúcar. Para que

exatamente ela estava vivendo? Ela não nutria sonhos de ser resgatada. A idéia da liberdade não trazia lágrimas de alegria a seus olhos.

Liberdade havia sido a vida como uma estudante infeliz, não popular — odiada e cheia de ódio. Ela não se sentia mais sozinha naquele cativeiro do que se sentia na casa de Liev. Não se sentia mais prisioneira agora do que antes. O cenário mudara. Os vilões mudaram. Ávida era a mesma. Ela não chorava ao lembrar-se de seu quarto ou de uma refeição com a família reunida em volta da mesa da cozinha. Ela sequer chorava ao lembrar-se da irmã. Talvez Elena pudesse ser mais feliz sem ela — talvez estivesse limitando sua irmãzinha, impedindo-a de levar uma vida normal e crescer mais próxima de Liev e Raíssa.

Por que não consigo chorar?

Ela se beliscou, mas não adiantou. Não conseguia chorar.

Ela esperava que Raíssa tivesse sobrevivido à queda. Esperava que Elena estivesse segura. Mas até essas esperanças, por mais sinceras que fossem, pareciam distantes, como se fossem ideias de outras pessoas sobre o que ela deveria sentir, não emoções profundamente sentidas por ela. Uma peça crucial de sua maquinaria interna estava faltando, em vez de conectar experiências e emoções — rodas girando sem propósito. Ela devia sentir medo. Em vez disso, sentia-se como se flutuasse em uma banheira de cálida resignação. Se quisessem matá-la, podiam fazer isso. Se quisessem libertá-la, também podiam. Deixando de lado a falsa valentia, na verdade, dava tudo no mesmo para ela.

O CAMINHÃO SAIU DA ESTRADA, chacoalhando em uma estrada de terra. Depois de algum tempo, diminuindo a marcha, fez várias curvas antes de parar. As portas da frente se abriram e fecharam. Pés pisaram o chão, aproximando-se da traseira. A lona foi puxada. Como frete, Zoia foi levantada e colocada na vertical, mal se mantendo em pé, as feridas do fio em volta dos tornozelos dificultavam o equilíbrio. O chão consistia em lama grossa e pedras pequenas. Nauseada da viagem, ela se perguntou se iria vomitar. Não queria que seus captores pensassem que era fraca e medrosa. O trapo em sua boca foi retirado. Ela respirou profundamente. Um homem começou a rir, risada condescendente, complacente, profunda e lenta, enquanto o fio era desatado e a venda removida.

Zoia franziu os olhos à luz do dia, que parecia tão clara como se ela estivesse à distância de sua mão da superfície do sol.

Como um demônio subterrâneo surpreendido fora de seu esconderijo, ela se virou de costas para o céu. Seus olhos se ajustaram o que estava em torno

lentamente entrou em foco. Ela estava de pé em uma trilha de cavalos. Em frente a ela, na beirada, havia florezinhas brancas, espalhadas ao acaso como manchas de leite derramado. Olhando adiante viu árvores. Privados de estímulo, os olhos dela se comportavam como uma esponja murcha que caiu na água, crescendo, se expandindo — absorvendo cada gota de cor que surgia.

Lembrando-se de seus captores, ela se virou. Havia dois deles — um homem baixo e troncudo com braços grossos e pescoço grosso, um torso grande demais. Tudo nele era forte e largo, como se ele tivesse crescido numa caixa pequena demais. Em contraste, de pé ao lado dele, havia um menino, de 13 ou 14 anos talvez, a idade dela. Era esguio e vigoroso. Seus olhos eram astutos. Ele a olhava com completo desprezo, como se ele fosse um adulto e ela não mais que uma garotinha. Ela antipatizou intensamente com ele.

O homem troncudo fez um gesto em direção às árvores:

— Caminhe. Estique as pernas. Fraera não quer que você fique fraca.

Ela já ouvira aquele nome — Fraera — em fragmentos de conversas quando os vory estavam bêbados e contavam vantagens. Fraera era a líder deles. Zoia se encontrara com ela uma vez. Ela havia entrado em sua cela. Não se apresentou. Não precisava. O poder a envolvia como um roupão. Se Zoia não tivera medo dos outros homens violentos e agressivos, cuja força podia ser medida pela espessura dos braços, ela ficara com medo dessa mulher. Fraera a estudara friamente, uma artesã-mes-tra examinando as minúcias de um relógio de pulso de segunda mão. Embora tivesse sido uma oportunidade para fazer a pergunta — quais são seus planos para mim? —, Zoia tinha sido incapaz de falar, estupidificada e em silêncio. Fraera não havia passado mais de um minuto na cela antes de sair, sem dizer uma palavra.

Livre para caminhar, Zoia seguiu pela trilha, entrando no bosque, os dedos afundando no solo úmido e na vegetação. Talvez eles fossem matá-la enquanto ela andava em direção às árvores. Talvez os revólveres já estivessem levantados. Olhou para trás. O homem estava fumando. O garoto seguia cada movimento dela. Interpretando mal o olhar dela, ele gritou:

— Se correr, eu a pegarei.

Ela se irritou com essa atitude de superior. Ele não devia ser tão convencido. Se havia algo que ela podia fazer, era correr.

Vinte passos para dentro da floresta, ela parou, apertando a mão contra um tronco de árvore, ansiosa por sensações diferentes da monotonia dos tijolos frios, úmidos.

Apesar de estar sendo observada, ela rapidamente perdeu sua autoconsciência e se agachou, apertando o punho cheio de terra. Gotas de água suja escorreram do lado de sua mão. Como criança que crescera no kolkoz, * ela

havia trabalhado ao lado dos pais. De tempos em tempos, supervisionando o campo, seu pai se abaixava e enchia a mão de terra, esfregando-a entre os dedos, desmanchando torrões, apertando a terra exatamente como ela fazia agora. Ela nunca perguntara por que o pai fazia isso. O que aquilo queria dizer? Ou era apenas um hábito? Ela lamentou não ter descoberto. Lamentou muitas coisas, cada segundo desperdiçado, mal-humorada e pirracenta, não ouvindo quando ele queria falar, portando-se mal e levando os pais a perder a paciência. Agora eles se haviam ido e ela nunca mais falaria com eles novamente.

Zoia abriu a mão, jogando rapidamente a terra fora. Ela não queria lembrar-se mais. Se ela não podia entender o sentido da vida, ela certamente poderia entender o sentido da morte. A morte significaria o fim de todas essas memórias tristes, o fim das lamentações. A morte seria menos vazia que a vida. Ela estava certa. Levantou-se. Essas árvores pareciam-se demasiado com as florestas de Kimov, perto do kolkoz. Ela preferia a monotonia dos tijolos úmidos, frios — eles não recordavam nada. Ela estava pronta para ir.

Zoia virou-se para o caminhão. Deu um pulo, preocupada por encontrar o homem troncudo e musculoso bem atrás dela. Ela não o ouvira aproximar-se. Ele baixou o olhar para ela e arreganhou os lábios, revelando um sorriso quase sem dentes. Jogou um cigarro para o lado e ela observou onde ele caiu, fumegando no solo úmido. Ela já havia tirado o casaco. Agora, enrolava as mangas da camisa.

— As ordens de Fraera são para que você faça algum exercício. E você não fez nenhum.

Um tipo de cooperativa agrícola de produção, base do sistema de coletivização da agricultura na União Soviética. Os kolkozes desenvolviam sua produção em terras de propriedade estatal cedidas para usufruto perpétuo e gratuito. (N. do E.)

Ele estendeu a mão, tocando o alto de sua blusa, correndo o dedo sobre a face dela, como se estivesse enxugando uma lágrima. Ele tinha as unhas grosseiras, roídas. Ele baixou a voz:

— Não somos domesticados como vocês. Não somos educados como vocês. Se queremos, tomamos.

Zoia lutou para manter a fachada de coragem, dando um passo atrás enquanto ele dava um passo à frente.

— Tomar é o que fazemos melhor. Submissão é o que vocês garotas jovens fazem melhor. Você poderia chamar isso de estupro. Eu chamo de... exercício.

Medo era o que esse homem queria — medo e dominação. E ela não daria nada disso a ele:

— Se me tocar, eu vou chutar você. Se me jogar no chão, vou arranhar seus olhos. Se quebrar meus dedos, vou morder a sua cara.

O homem deu uma risada alta:

— E o que fará, garotinha, se antes disso tudo eu deixar você inconsciente?

Ele acompanhava cada passo que Zoia dava, seu corpo largo aprisionando-a, até que ela se viu contra uma árvore, procurando alguma coisa com que pudesse se defender. Quebrando um pequeno galho, esfregou a ponta entre os dedos. Teria que bastar. Ela olhou para o garoto. Ele estava parado perto do caminhão. Seguindo a direção do olhar de Zoia, o homem se voltou para o garoto:

— Ela pensa que você irá salvá-la!

Zoia levantou o galho com toda a força, esmagando a ponta irregular diretamente no rosto dele. Ela esperava sangue. Mas o galho meramente se quebrou, esmigalhando-se em sua mão. Piscando de Surpresa, o homem olhou para a mão dela, para os restos do galho e, compreendendo o que havia acontecido, riu.

Zoia saltou para frente. O homem tentou segurá-la. Ela se esquivou. Tomou o rumo do caminhão, correndo o mais rápido que podia, sentiu que o homem estava logo atrás dela. Com certeza o garoto iria cortar sua frente, mas ela não podia vê-lo. Agarrando a porta da cabine do lado do motorista, ela a abriu e se jogou para dentro. Seu perseguidor estava a apenas uns metros de distância e não sorria mais. Ela segurou a maçaneta e puxou a porta, fechando-a, exatamente quando ele trombava com ela. Ela baixou a tranca, esperando que ele não tivesse as chaves. Não tinha — a chave estava na ignição. Acomodando-se rapidamente no assento do motorista, ela virou a chave. O motor voltou à vida, com um ronco.

Com apenas uma vaga ideia do que fazer, ela agarrou a alavanca da marcha e empurrou-a para frente — houve um som do metal raspando em alguma coisa. Nada pareceu acontecer. O homem havia tirado a camisa, enrolando-a em torno do punho: recuou o braço e estilhaçou a janela do lado, lançando um chuveiro de cacos dentro da cabine. Incapaz de alcançar o acelerador, Zoia escorregou do assento, forçando o pé para baixo, pondo o motor em movimento. O caminhão avançou, enquanto o homem abria a porta, inclinando-se sobre o assento do passageiro. Ela afundou, afastando-se o máximo que pôde. Ele a agarrou pelo cabelo e a puxou. Ela gritou, arranhando as mãos dele.

Inexplicavelmente, ele a soltou.

Zoia caiu no chão da cabina, agachando-se, respirando rápido. O motor

rateou. O caminhão não se movimentou mais. O homem não estava mais ali. Cautelosamente ela se levantou, olhando do assento do passageiro. Podia ouvir o homem. Ele praguejava. Esticando-se um pouco mais, ela o viu deitado no chão.

Confusa, Zoia notou o garoto próximo. Ele tinha uma faca nas mãos. A lâmina estava manchada de sangue. O homem segurava a parte de trás do tornozelo. Sangrava profusamente: seus dedos estavam vermelhos. O garoto olhou para ela sem dizer nada. Incapaz de ficar de pé, o homem deu um bote nas pernas do garoto. O garoto deu um passo para o lado, saindo de seu alcance. O homem tentou levantar-se, caiu em seguida e rolou sobre as costas. Os tendões da parte de trás do tornozelo tinham sido cortados. O pé esquerdo dele pendia, inútil. Com o rosto enrugado de raiva, o homem gritou ameaças terríveis. Mas era incapaz de implementar qualquer uma delas, mancando no chão, uma visão estranha — letal, mas patética ao mesmo tempo.

Ignorando totalmente o homem, o garoto virou-se para Zoia:

— Saia do caminhão.

Zoia saltou da cabina, mantendo distância do homem ferido. Ele usava a camisa para suster o pé, amarrando-a em torno do tornozelo.

O garoto limpou a lâmina da faca e esta faca pareceu desaparecer nas dobras de sua roupa. De olho no homem, Zoia disse:

— Obrigada.

O garoto franziu o rosto:

— Se Fraera me dissesse para matar você, eu mataria sem hesitar. Ela esperou antes de perguntar:

— Qual é seu nome?

Ele hesitou, sem saber se devia responder. Finalmente, murmurou:

— Malich.

Zoia repetiu o nome:

— Malich.

Zoia espiou o homem ferido e depois o caminhão. Ela o havia tirado da trilha. O homem socou o chão, gritando:

— Espere até os outros ouvirem o que você fez. Eles vão matar você! Zoia olhou para o garoto, a preocupação aparecendo em seu rosto:

— Isso é verdade?

Malich respondeu cuidadosamente:

— Não é problema seu. Vamos voltar. Se tentar correr, cortarei sua garganta. Se soltar minha mão, nem que seja para coçar o nariz...

Satisfeita por finalmente saber a identidade de seu admirador secreto, Zoia terminou a frase:

— Você cortará minha garganta?

Malich inclinou a cabeça, olhando-a suspeitosamente — sem dúvida perguntando-se se ela zombava dele. Para acalmá-lo, Zoia estendeu o braço e tomou a mão dele.

Costa do Pacífico

Kolima
Porto de Magadan
Navio-prisão Stary Bolshevik

Mesmo dia

OS DEGRAUS E ESCADAS eram as únicas estruturas sólidas acima da água e consequentemente estavam apinhadas de prisioneiros, espremidos, empoleirados como corvos em um fio de transmissão de energia. Os menos afortunados estavam agrupados nos destroços de beliches — tábuas quebradas, empilhadas, para criar uma ilha provisória de madeira lambida pela água gelada. Os corpos dos que haviam morrido tinham sido empurrados para longe e apareciam à superfície. Liev fora um dos privilegiados bem acima da água, nos degraus de metal que levavam à tampa esburacada de balas e remendada com tiras de pano.

Uma vez que os buracos na tampa tinham sido tapados, Liev fora forçado a manter a caldeira de carvão funcionando, o peito e o rosto tostados pelo fogo, enquanto as pernas, imersas na água até os joelhos, ficavam dormentes de frio — o corpo dividido em sensações opostas. Tremendo de exaustão, quase sem poder levantar a pá, trabalhou sem ajuda. Os outros prisioneiros haviam se sentado na escuridão úmida, como criaturas da caverna, imóveis e abobalhados. Diante de uma vida de trabalho duro, por que acrescentar mais um dia? Se a máquina morresse, e o navio parasse de se mexer, sem rumo no mar aberto, esse seria um problema para os guardas resolverem. Eles poderiam jogar seu próprio carvão. Estes homens não se ocupariam em ajudá-los a cumprir a tarefa de transportá-los para a prisão. Liev não tinha energia para convencê-los dos perigos de não fazer nada. Ele sabia que se os guardas fossem forçados a descer ao alçapão, após a tentativa de rebelião, eles atirariam indiscriminadamente, como método de controle.

Sozinho, ele continuaria enquanto tivesse força. Foi só quando ele deixou cair uma carga inteira, a pá escorregando de suas mãos, que outro homem emergiu da sombra para tomar seu lugar. Liev havia murmurado um agradecimento inaudível, subindo os degraus — os prisioneiros abrindo espaço para ele — e deixando-se cair no degrau mais alto. Se aquilo podia ser chamado de sono, ele dormiu trêmulo e delirante de sede e fome.

LIEV ABRIU OS OLHOS. Havia pessoas no convés. Ele podia ouvir passos acima de sua cabeça. O navio chegara a um porto. Ao tentar se mexer, descobriu que seu corpo estava rígido — seus membros calcificados em uma posição fetal. Ele esticou os dedos, depois o pescoço: as juntas estalaram em rápida sucessão.

A tampa da passagem para o convés foi aberta. Liev olhou para cima, franzindo os olhos com a luz brilhante. O céu parecia tão ofuscante quanto a luz do sol refletida no metal. (ioi n os olhos se ajustando lentamente, ele aceitou que, na verdade, a cena era sombria.

Guardas apareceram em torno dele: metralhadoras apontaram para baixo. Um homem gritou, dirigindo-se ao alçapão:

— Tentem fazer qualquer coisa e afundamos o navio com todos vocês dentro. Vamos afogar vocês.

Os prisioneiros mal podiam se mexer, que dirá construir uma ameaça séria à autoridade deles. Não havia gratidão por terem mantido a caldeira funcionando, nenhum agradecimento por terem salvo o navio, apenas o cano de uma metralhadora. Uma voz diferente gritou: — Para o convés! Agora!

Liev reconheceu aquela voz. Era Timur. O som da voz do amigo o reanimou. Mexendo-se vagarosamente, sentou-se. Como um boneco de madeira barulhento ficou de pé, puxado pelos cordões, subindo os degraus para o convés.

O surrado vapor estava sendo inventariado. A torreta da metralhadora não existia mais. Tudo que restava eram pedaços de aço retorcido projetando-se no espaço. Era difícil imaginar que o mar, agora silencioso, liso e calmo, poderia ter estado tão feroz. Liev e Timur olharam-se por um brevíssimo espaço de tempo, Liev observou o rosto do amigo, as linhas escuras sob seus olhos. A tempestade devia ter sido exaustiva para ele também. Eles teriam que comparar suas histórias mais tarde.

Passando por ele, Liev seguiu para a beira do convés, pressionando as mãos contra a amurada e dando a primeira olhada no porto de Magadan, portal para as regiões mais remotas — uma parte do país com a qual era intimamente ligado e para a qual ao mesmo tempo era um estranho.

Ele nunca estivera ali, embora tivesse mandado centenas de homens e mulheres para aquele local. Ele não os havia alocado para nenhum gulag em particular, essa não era sua função. Mas era inevitável que muitos tivessem terminado neste barco, ou em um como este, andando devagar em uma fila única, pronto para passar por uma série de procedimentos burocráticos.

Considerando a notoriedade da região, ele havia esperado um espetáculo mais óbvio e sinistro na paisagem. Mas o porto, desenvolvido vinte anos antes, era pequeno e silencioso. Cabanas de madeira se misturavam com ocasionais edifícios angulares, de concreto, as laterais decoradas com slogans e propaganda, um estranho vislumbre de cores em uma paleta muda. Além do porto, a distância, havia uma rede de gulags espalhados entre as dobras de montanhas coroadas de neve. As colinas, suaves perto do porto, cresciam para o interior, seus vastos picos curvos mesclando-se com as nuvens. Tranquilo e ameaçador

em igual medida, um terreno que não dava margem a delicadezas, deixando de lado a típica fraqueza das frágeis encostas árticas.

Liev desceu para as docas, onde havia pequenos barcos de pesca: prova de uma vida fora do sistema de prisões. Os chukchi, o povo local que vivia dessas terras antes que elas fossem colonizadas pelos gulags, carregavam cestas de dentes de morsa e a primeira pesca de bacalhau do ano. Eles deram a Liev apenas um olhar superficial, pouco simpático, como se os prisioneiros fossem os culpados pela transformação de suas terras em um império penitenciário. Havia guardas parados nas docas, juntando os recém-chegados. Vestidos de pele e feltro por cima do uniforme — eles usavam uma mistura de roupa artesanal chukchi e precários uniformes padronizados, feitos e distribuídos em massa.

Atrás dos guardas, reunidos para a adiada volta ao lar, estavam prisioneiros sendo libertados. Eles ou haviam completado a sentença, ou ela fora encurtada. Eram homens livres exceto pela aparência, pois seus corpos não sabiam disso ainda — ombros curvados e olhos fundos. Liev buscou algum sinal de sentimento de triunfo, algum prazer malicioso, embora compreensível ao ver outros partirem para campos que eles estavam deixando para trás. Em lugar disso, viu dedos faltando, pele rachada, feridas, músculos bambos. A liberdade poderia rejuvenescer alguns, restaurá-los a algo semelhante ao que eram antes, mas não salvaria todos. Isso foi o que aconteceu com os homens e mulheres que ele mandara para longe.

DO CONVÉS, TIMUR OBSERVAVA os prisioneiros marcharem em direção a um armazém. Liev não se distinguia dos outros. As identidades forjadas estavam intactas. E, apesar da tempestade, todos haviam chegado inteiros. A viagem de barco tinha sido uma parte necessária de seu disfarce. Embora fosse possível voar até Magadan, organizar tal viagem os teria impedido de deslizar para dentro do sistema sem serem observados. Nenhum prisioneiro chegava até lá de avião. Felizmente, os movimentos furtivos seriam desnecessários na viagem de volta. Um avião de carga estava parado em uma pista de pouso em Magadan. Se tudo saísse como planejado, em dois dias ele e Liev estariam voltando para Moscou com Lazar. O que havia acabado de acontecer no navio era a parte mais fácil do plano.

Timur sentiu o toque de uma mão sobre seu ombro. De pé, logo atrás dele, estava o capitão do Stary Bolshevik e um homem que Timur nunca vira antes — um oficial de alta patente a julgar pela qualidade do uniforme que vestia. Surpreendentemente para um homem com poder, ele era excepcionalmente magro, tão magro quanto um prisioneiro, uma improvável solidariedade com os homens que supervisionava. O primeiro pensamento de Timur foi que ele devia

estar doente. O oficial falou, o capitão fez um aceno afirmativo obsequioso com a cabeça antes mesmo que o homem tivesse acabado sua frase:

— Meu nome é Abel Prezent, diretor regional. O guarda Genrik... Ele se virou para o capitão:

— Como era o nome dele?

— Genrik Duvákin.

— Está morto, me disseram.

À menção daquele nome, do jovem que ele deixara para morrer no convés, Timur sentiu um nó apertado dentro de si.

— Sim. Perdeu-se no mar.

— Genrik era um guarda permanente do navio. O capitão agora tem necessidade de guardas para a viagem de volta. Temos uma escassez crônica. O capitão destacou que você fez um bom trabalho a bordo na tentativa de motim. Ele requisitou pessoalmente que você seja o substituto de Genrik.

O capitão sorriu, esperando que Timur se entusiasmasse com o elogio. Timur ficou em pânico, o rosto vermelho.

— Não compreendo.

— Você deverá permanecer a bordo do Stary Bolshevik para a viagem de volta.

— Mas fui designado para o Gulag 57. Serei o segundo no comando do campo. Tenho novas diretrizes de Moscou para implementar.

— Compreendo. E você ficará estacionado no 57 como foi designado. Levará sete dias para Buchta Nakodka se o tempo permitir, e depois outros sete dias de volta para cá. Você estará em seu posto no máximo em duas ou três semanas.

— Senhor, devo insistir em que minhas ordens sejam seguidas e que o senhor encontre outra pessoa para isso.

Prezent se impacientou, as veias saltando como um sinal de advertência:

— Genrik está morto. O capitão requisitou que você o substitua. Explicarei aos seus superiores a minha decisão. A questão está encerrada. Você ficará no navio.

Moscou

Mesmo dia

MALICH ESTAVA DE PÉ AO LADO de seu acusador Likoi, o vory cujo tendão ele cortara. O tornozelo do homem estava com espessas bandagens, e, por ter perdido muito sangue, ele estava pálido e febril. Apesar do ferimento, ele insistia para que o shodka, um julgamento para mediar disputas entre os membros da gangue, fosse adiante.

— Fraera, qual é o nosso código? Um vory nunca pode ferir outro? Ele envergonhou você ao me ferir. Ele envergonhou a todos nós.

Apoiado em uma bengala, Likoi recusava-se a sentar-se, pois isso seria sinal de fraqueza. Havia espuma nos cantos de seus lábios, pequeninas bolhas de cuspe que ele não se preocupava em tirar.

— Eu só queria sexo. Isso é crime? Não para um criminoso!

Os outros vory sorriram. Confiante em contar com o apoio de Fraera, ele voltou toda a sua atenção para ela, baixando a cabeça e a voz em sinal de respeito:

— Peço a morte de Malich. Fraera voltou-se para Malich:

— Sua resposta?

Olhando para os rostos hostis que o cercavam, ele respondeu:

— Me disseram para mantê-la em segurança. Essas foram as suas ordens. Fiz conforme me disseram.

Nem mesmo a perspectiva da morte o tornava mais loquaz. Embora estivesse convencido de que Fraera não queria sancionar sua morte,

seus atos tinham deixado pouco espaço de manobra para ela. Era inegável — ele havia quebrado o código deles. Era proibido um vory atacar outro vory sem autorização de Fraera. Supunha-se que deveriam proteger-se uns aos outros como se suas vidas estivessem interligadas. Em clara violação, ele agira impulsivamente, ficando do lado da filha do inimigo.

Malich observava enquanto Fraera caminhava dentro do círculo de seus seguidores, avaliando o estado de espírito de sua gangue. A opinião popular estava contra ele. Em momentos como esse o poder se tornava ambíguo. Fraera teria autoridade para contrariar a maioria? Ou teria de ficar do lado da maioria para preservar sua autoridade? A posição de Malich era enfraquecida pelo fato

de seu acusador ser uma figura popular. O klikuka do homem — Likoi — referia-se às suas exaltadas proezas sexuais. Em contraste, Malich era um klikuka modesto, que significava jovem, referindo-se à sua inexperiência, tanto sexual quanto criminal. Sua entrada para a gangue era recente. Enquanto os outros vory conheceram-se nos campos de trabalho, Malich se juntara às suas fileiras por acaso. Desde os 5 anos ele trabalhara como batedor de carteiras no terminal ferroviário de Leningrado, Baltiysky. Uma criança de rua, que rapidamente mereceu a reputação de o mais habilidoso dos ladrões. Uma das pessoas a quem roubou foi Fraera. Ao contrário da maioria, ela imediatamente percebera a perda e começara a caça. Surpreso com a velocidade e a determinação da mulher, ele precisou de toda a sua habilidade e conhecimento do edifício do terminal para escapar, metendo-se por uma janela que dificilmente deixaria passar um gato. Mesmo assim, Fraera ainda conseguira agarrar um de seus sapatos. Esperando que aquele fosse o fim do assunto, Malich voltara ao trabalho, no dia seguinte, e encontrara Fraera espe-i ando por ele, segurando seu sapato. Em lugar de um confronto, ela i ifereceu ao garoto a oportunidade de deixar a gangue de batedores de carteira e unir-se a ela. Ele havia sido o único batedor de carteiras (|uc conseguira roubá-la.

A despeito das habilidades que tinha como ladrão, a indicação do garoto para o status de vory havia sido controversa. Os outros desprezavam seu passado de infrações menores. Ele não parecia merecedor de entrar para as suas fileiras. Ele nunca havia matado, nunca passara um período sequer em um gulag. Fraera pusera de lado essas considerações. Ela gostara dele apesar de ele ser formal e fechado, raramente falando mais que duas palavras. Os outros aceitaram, relutantemente, que ele fosse um deles. Na realidade, ele era dela e todos sabiam. Em troca de proteção, Malich amava Fraera da mesma forma que um cachorro feroz, brigão, ama o dono, sempre a seus pés, latindo para qualquer um que chegasse perto demais.

Mesmo assim, ele não era ingênuo. Com a autoridade dela sob escrutínio, a história dos dois não valeria nada. Fraera decididamente não estava sentimental. Malich não apenas tirara sangue de outro vory, ele colocara os planos dela em risco. Incapazes de dirigir o caminhão, ele e a garota tinham sido forçados a caminhar de volta para a cidade, uma jornada a pé que tomara quase oito horas. Eles poderiam ter sido interceptados e presos. Ele explicou à garota que se ela pedisse socorro ou soltasse a mão dele, ele imediatamente cortaria a garganta dela fora. Ela obedecera. Ela não se queixara de cansaço, nunca pedira para fazer uma parada. Mesmo em ruas apinhadas, onde ela poderia ter causado problemas, ela nunca soltara a mão dele.

— Os fatos não estão em discussão. De acordo com nossas leis, a punição

por atacar outro vory é a morte.

Não se falava na morte no senso comum da palavra. Ele não seria alvejado nem enforcado. Morte significava exílio da gangue. Uma tatuagem seria feita a força em um lugar visível de seu corpo — na testa ou em cima das mãos — a tatuagem de uma vagina aberta ou de um ânus. Tal tatuagem era um sinal para todos os vory, não importava a gangue a que pertenciam, que quem levava a tatuagem merecia qualquer tipo de tormento sexual ou físico, que poderia ser infligido sem medo de represália por outra gangue. Malich amava Fraera. Mas ele não aceitaria essa punição. Mexendo a perna, deixou a mão a postos.

Havia uma faca escondida nas dobras de sua calça. Ele soltou-a do tecido, o dedo pronto para liberar o mecanismo, enquanto ele calculava a fuga.

Fraera deu um passo à frente. Ela tomara uma decisão.

FRAERA ESTUDOU OS ROSOS DE SEUS HOMENS, expressões de intensa concentração fixadas nela, como se só isso pudesse resultar no veredicto que eles desejavam. Ela gastara anos conquistando a lealdade deles, recompensando generosamente a obediência e atacando impiedosamente o dissenso. Apesar disso, tanto dependia agora de um incidente tão pequeno. Uma rebelião requeria uma causa comum. Popular, estúpido — Likoi unira os homens dela. Eles o viam como um exemplo de vory. Eles se identificavam com as premências de Likoi. Se ele estava em julgamento, eles também estavam. Por trivial que fosse o desentendimento, os problemas que esse skodka criou estavam longe de simples. Para aqueles homens, só havia um veredicto aceitável: ela teria de autorizar a morte de Malich.

Ouvindo-os mencionar a lei vory como se fosse sagrada, ela se espantava com a falta de autoconsciência deles. A lei dela fora fundada sobre transgressões da estrutura tradicional vory tanto quanto pela conformidade deles. Muito obviamente, eles eram homens liderados por uma mulher, fato sem precedente na história vory. Em contraste com outros derzhat mast — o líder de uma comunidade de ladrões —, Fraera não era motivada pelo desejo de existir à margem do Estado. Ela buscava vingar-se dele e daqueles que o serviam. Ela descreveu aquela vingança para eles em termos que eles pudessem entender, afirmando que o Estado não era nada mais que uma gangue rival, maior, com a qual ela estava na mais amarga das rixas de sangue. Mas no fundo ela sabia que os vory eram conservadores. Teriam preferido um líder homem. Eles prefeririam estar preocupados apenas com dinheiro, gênero e bebida. A pauta de vingança dela era algo que eles toleravam, assim como o sexo dela, na verdade — tolerado apenas porque ela era brilhante e eles não. Ela os sustentava e protegia e eles dependiam dela. Sem ela, a união se esboroaria, e a gangue se desfaria em

facções sem importância, em disputas umas com as outras.

Essa improvável aliança tinha sido formada no gulag Minlag, um campo no sudeste do Arkangelsk. Originalmente uma presa política cumprindo pena sob o artigo 58, naquela época Anísia, como era conhecida, não tinha interesse nos vory. Eles existiam em esferas sociais separadas, camadas como água e óleo. O foco da vida de Anísia estava no filho recém-nascido—Aleksi. Ele era um motivo para ela viver, uma criança para amar e amparar. Depois de três meses amamentando-o, três meses de amor por ele, mais amor que ela jamais se imaginara capaz de ter, a criança havia sido tirada dela. Ela acordara no meio da noite e descobrira que ele não estava mais ali. Primeiro, a enfermeira afirmou que a criança morrera durante o sono. Anísia a havia agarrado, sacudido, exigido seu filho de volta até ser espancada por um guarda. A enfermeira havia dito a ela que nenhuma mulher presa sob o artigo 58 merecia ter um filho:

Você nunca será mãe.

O Estado era o pai de Aleksi agora.

Anísia caíra doente, doente de dor. Ficava na cama, recusando-se a comer, delirando com sonhos de que ainda estava grávida. Ela sentia a criança chutar, mexer e gritar pela ajuda dela. As enfermeiras haviam esperado com impaciência que ela morresse. O mundo havia arranjado todas as razões possíveis para ela morrer, oferecido todas as oportunidades. No entanto, algo dentro dela resistia.

Ela examinou essa resistência à morte com a minúcia de um legista, como uma arqueóloga que cuidadosamente retirasse com um pincel a areia fina do deserto, querendo saber o que havia embaixo. Ela não desenterrou a face de seu filho, ou a face de seu marido. Ela encontrou Liev, o som de sua voz, a sensação da mão dele sobre a sua, o engano e a traição e, como um elixir mágico, ela bebeu essas memórias num só gole. O ódio a havia trazido de volta do limite. O ódio a rejuvenescera.

A idéia de buscar vingança de um policial do MGB, um homem a centenas de milhas de distância, seria risível se ela a tivesse falado em voz alta. Longe de deprimi-la, sua falta de poder era uma inspiração — ela começaria do nada. Ela construiria sua vingança do nada. Enquanto outros pacientes dormiam, dopados com codeína, ela cuspia suas pílulas, juntando-as. Ela ficava na enfermaria, fingindo que estava doente enquanto secretamente recuperava as forças e acumulava dose após dose de remédio, pílulas que ela escondia na bainha de suas calças. Quando havia acumulado uma quantidade significativa, ela deixou a enfermaria, surpreendendo as enfermeiras, retornando para o campo sem nada, exceto suas habilidades e calças com a bainha cheia de pílulas.

Até sua prisão, Anísia tinha sido definida sempre em relação a outro alguém: filha de um homem, mulher de outro homem. Sozinha, ela partiu para se redefinir. Cada uma de suas fraquezas ela atribuiu à personalidade de Anísia. Cada uma de suas fortalezas foi reunida e tecida em uma nova identidade — a mulher que ela seria. Ouvindo falar nos vory, familiarizou-se com sua gíria e escolheu um nome para si. Ela seria conhecida como Fraera, a forasteira. Um termo vory de desprezo, mas ela tomaria o insulto para si e faria dele a sua força. Ela negociou a codeína com o líder de uma gangue, buscando a aprovação, pedindo permissão para unir-se a eles. O líder vory havia zombado dela, concordando com a sugestão apenas se ela se provasse, executando um informante conhecido. Ele ficara com toda a codeína como pagamento antecipado, que não seria devolvido, estabelecendo um desafio que considerava além da capacidade dela. Apenas três meses antes ela estivera amamentando seu bebê. Mesmo que ela ousasse algum atentado contra a vida do informante, ela seria pega e mandada para a solitária, ou executada. O derzhat mast nunca esperara ter de cumprir sua promessa. Três dias depois, o informante havia começado a tossir durante o jantar e caíra ao chão, a boca cheia de sangue. Pedaços de lâminas de gilete tinha sido acrescentadas ao cozido de repolho e batata. O derzhat mast não pudera voltar atrás em seu acordo — o código vory o proibia. Fraera se tornou a primeira mulher a ser membro de sua gangue.

Fraera não tinha intenção de continuar a ser uma subordinada. Seus planos exigiam que ela estivesse no comando.

Usando tudo o que aprendeu com eles, ela havia buscado sua independência. Eles haviam ensinado Fraera a ver seu corpo como uma mercadoria a ser comercializada como qualquer outra, um recurso a que eles não ligavam nenhuma idéia de pudor. Ela começou seduzindo o comandante do gulag. Já que ele podia ordenar a qualquer mulher que fosse à sua sala para servi-lo sexualmente, Fraera necessitou que ele se apaixonasse por ela. Ela via o nojo que sentia meramente como mais um obstáculo à sua vitória. Em 15 dias, a seu pedido, ele havia transferido toda a gangue vory para outro campo, deixando Fraera livre para iniciar sua própria gangue.

Uma vez que nenhum vory que se respeitasse aceitaria ordens de uma mulher, Fraera se voltara para os rejeitados, desterrados — os vory que remexiam nas pilhas de lixo, sugando ossos de peixe e mastigando vegetais apodrecidos. Eles haviam sido afastados devido a desavenças, traição, ou algum ato desastrado. Alguns haviam caído ao nível de um chukchi, tão desgraçado que era proibido até que outro vory o tocasse. De acordo com essas leis, tal desgraça era irreversível. Apesar disso, ela ofereceu a esses homens uma segunda chance, quando nenhum outro vory condescenderia em pronunciar seu nome. Alguns

estavam terminalmente enfraquecidos, mental ou fisicamente. Alguns haviam pagado a dívida tentando derrubá-la assim que recuperaram as forças. A maioria a aceitara como chefe.

Com a morte de Stálin, a liberdade viera cedo — mulheres e crianças receberam anistia. Os membros de sua gangue já cumpriam sentenças menores, pois não eram criminosos políticos. Fraera não tinha intenção de caçar Liev: enfiar uma faca em suas costas ou uma bala em sua cabeça. Ele precisava sofrer da mesma forma que ela. Suas ambições requeriam tempo e recursos. Muitas gangues negociavam bens no mercado negro. As oportunidades que tal mercado apresentava eram limitadas, pois já existia um sistema altamente desenvolvido. Ela não tinha interesse em ser uma comerciante pequena, tirando um lucro modesto de alimentos importados, não quando tinha acesso a mercadorias muito mais preciosas.

Durante a perseguição à Igreja, no auge do movimento antirreligioso, muitos artefatos tinham sido escondidos ícones, livros e prataria, todos os quais teriam sido queimados ou fundidos. A maioria dos padres havia resistido, tomando medidas para salvar a herança da Igreja. Eles enterraram peças nos campos, esconderam prata em chaminés e até enrolaram pinturas em couro à prova d'água, escondendo-os dentro do motor enferrujado e sem uso de um trator. Não foram desenhados mapas. Apenas uns poucos conheciam as localizações, sussurradas uns para os outros, começando com as palavras:

Caso eu morra...

Muitos dos guardiões desses segredos tinham sido presos, fuzilados, morrido de fome nos gulags ou trabalhado até morrer. Entre aqueles que sabiam, Fraera tinha sido uma das primeiras a serem libertadas. Ela desenterrou os tesouros um por um. Usando seu conhecimento vory de infraestrutura do mercado negro, das pessoas que tinham que ser subornadas, ela enviou os artigos para fora do país, negociando vendas com organizações religiosas ocidentais, assim como com compradores privados e museus internacionais. Alguns haviam recuado ante a idéia de comprar os tesouros de outra igreja. Mas as técnicas de venda de Fraera eram brutalmente eficazes: quando seus preços não eram pagos, a segurança dos artigos não podia mais ser garantida. Ela mandou a seus compradores um ícone do século XVII de São Nicolau de Mozaisk. Antes pintado em cores brilhantes, a tempera de ovo havia descolorido e, para recapturar o brilho, tinha sido coberta com uma lâmina de ouro e prata. Ela imaginou os padres chorando ao abrir o

pacote e encontrar o ícone despedaçado, o rosto do santo raspado, exceto seus olhos. Fraera não confessou sua participação no vandalismo. No interesse de manter uma relação comercial operante, ela culpou membros do Partido demasiado zelosos. Depois disso, ela passara a dar o preço, descrevendo-se como uma salvadora, em lugar de aproveitadora.

Paga em ouro, trouxe as riquezas que sempre prometera à sua vory, desenterrando os tesouros um por um para o caso de alguém achar que sua liderança era desnecessária. Cuidadosa, sem confiar em ninguém, o primeiro gasto com dinheiro foi em um dente de cianureto, que ela orgulhosamente mostrou a seus homens, garantindo-lhes que se eles haviam pensado que ela poderia ser torturada para revelar a localização dos artefatos que faltavam, estavam enganados. Ela morreria para causar-lhes raiva. Julgando as reações da gangue, dois homens já haviam pensado naquilo. Ela os mataria antes que a semana terminasse.

Uma ponta solta tinha sido o comandante do campo Minlag, que apareceu querendo viver com Fraera, como haviam sonhado, e para apanhar a parte dele dos lucros dela.

Aqui está sua parte.

Uma faca enfiada em seu estômago e puxada para o lado, não tinha sido justo — ela devia a vida àquele homem. Ele levara menos de uma hora para morrer, retorcendo-se no chão, perguntando-se como pudera estar tão enganado. Até o momento em que a ponta da lâmina entrou em seu estômago, ele tinha certeza de que ela o amava.

O AMBIENTE ESTAVA TENSO DE EXPECTATIVA.. Fraera levantou a mão:

— Não seguimos as leis comuns dos vory. Vocês não tinham nada antes. Não conseguiam alimentar-se. Eu os salvei quando a lei dizia que eu deveria deixá-los morrer. Quando ficaram doentes, eu os mediquei. Quando estão bem, ofereço ópio e bebida. Minha única exigência é que me obedeçam. Esta é a nossa única lei. A esse respeito, Likoi falhou comigo.

Ninguém se mexeu. Os olhos nervosos iam de um lado para outro; cada homem tentando imaginar o que o outro estaria pensando. Apoiado na bengala, a boca de Likoi se torceu em um esgar de raiva:

—Vamos matar a puta! Vamos ser governados por um homem! Não por uma mulher que acha que foder é um crime.

Fraera deu um passo em direção a Likoi:

— Quem governaria essa nova gangue, você, Likoi? Você, que uma vez lambeu minha bota por uma migalha de pão? Você, que é governado por impulso, e é feito de estúpido por eles? Você levaria uma gangue à ruína.

Likoi voltou-se para os homens:

— Vamos fazê-la de nossa puta. Vamos viver como homens! Fraera poderia ter dado um passo à frente e cortado a garganta de

Likoi, encerrando seu desafio. Compreendendo que ela precisava vencer a discussão por consenso, ela respondeu com a afirmação:

— Ele me insultou.

Agora era a gangue que decidiria.

Ninguém fez nada. Então, a mão de alguém agarrou Likoi, depois outra — sua bengala foi chutada. Empurrado para o chão, suas roupas foram arrancadas. Nu, foi imobilizado: um homem agachado segurava cada perna e cada braço. Os outros homens se viraram para o fogão, tirando uma brasa de carvão do fogo. Fraera olhou para Likoi.

— Você não é mais um de nós.

O carvão foi apertado contra as tatuagens, a pele criando bolhas. A pele se tornaria branca, desfigurada de tal forma que novas tatuagens não poderiam ser feitas novamente ali. De acordo com a prática, ele deveria então poder ir embora, exilado. Mas Fraera — que conhecia o impulso da vingança bem demais — quis ter a certeza de que aquelas feridas não dessem margem para sobrevivência.

Ela olhou para Malich, explicitando seu desejo. Ele sacou a faca, fazendo a lâmina saltar de dentro do cabo. Ele cortaria aquelas tatuagens fora.

Em sua cela, Zoia agarrou as barras, ouvindo os gritos que ecoavam no corredor. Seu coração batia rápido, ela se concentrou nos sons. Eram os gritos de um homem, não de um garoto. Ela sentiu alívio.

Kolima

50 quilômetros ao norte do porto de Magadan
7 quilômetros ao sul do Gulag 57

9 de abril

ELES ESTAVAM DE PÉ LADO A LADO, olhando para o ombro do homem à frente, balançando ao movimento do caminhão de frete. Embora não houvesse nenhum guarda impedindo-os de sentar-se, não havia bancos, e o chão estava tão frio que eles haviam tomado a decisão coletiva de ficar de pé, mexendo-se para conservar o calor, como um bando de animais capturados. Liev ocupava um espaço mais próximo da lona que cobria o caminhão. Ela se soltara, fazendo a temperatura do compartimento cair abaixo de zero, mas oferecendo, em compensação, uma visão parcial do cenário quando a ponta da lona se levantava. O comboio subia as montanhas pela estrada de Kolima — uma superfície que se estendia timidamente pela paisagem como se consciente de que invadia um deserto. No comboio havia três caminhões no total. Sequer um carro se dava ao trabalho de seguir o comboio para garantir que os prisioneiros não pulassem e tentassem escapar. Não havia para onde escapar.

A estrada se tornou íngreme abruptamente, a traseira do caminhão curvando-se para baixo, na direção do vale coberto de neve, em um Angulo tão agudo que Liev foi forçado a segurar a estrutura de aço da carroceria, os outros prisioneiros empurrando-o enquanto escorregavam. Incapaz de subir, o caminhão parou, rateando e pronto para descer de ré. O freio de mão estava puxado ao máximo. Os guardas abriram a carroceria, e os prisioneiros se derramaram na estrada:

— Caminhem!

Os dois primeiros caminhões conseguiram ultrapassar a crista da colina, desaparecendo de vista. O caminhão remanescente — sem o peso dos prisioneiros — ligou o motor e acelerou para o alto da colina.

Deixados para trás, os prisioneiros continuaram, arfando como velhos, os guardas atrás, as armas preparadas. Posta contra o cenário, a arrogância dos guardas parecia frágil e absurda — um inseto se pavoneando. Observando-os pelos olhos de um prisioneiro, Liev se impressionou com a crença dos guardas de que eram diferentes dos prisioneiros — homens conduzindo gado. Ele quis dizer, apenas para ver a surpresa deles:

Sou um de vocês.

A idéia o perturbou. Ele realmente era um deles? Satisfeito com o poder, estupidificado pela importância alocada pelo Estado: ele tinha certeza de que fora um deles.

No alto a estrada se aplainava. Liev parou, recuperando o fôlego, olhando a paisagem diante dele. Golpeado pelo ar frio, os olhos lacrimejantes, foi confrontado pela superfície de uma lua — um platô que se estendia tão amplo quanto uma cidade, alisado pelo gelo e pela terra congelada, salpicado de crateras. A estrada solitária cortava o terreno em uma diagonal irregular em direção a uma montanha mais alta que qualquer uma que haviam encontrado até agora: elevando-se do platô como uma monstruosa corcova de camelo. Em algum lugar em seu sopé ficava o Gulag 57.

Quando os prisioneiros voltaram para dentro do caminhão, Liev olhou para os dois outros veículos. Ele teve de enfrentar o fato de que Timur não estava no comboio. Não havia chance de o seu amigo ter entrado em um daqueles veículos sem ter feito contato com ele, mesmo que não fosse mais que um olhar cruzado no meio de uma multidão. Liev não o via desde o dia anterior, passando por ele no convés do Stary Bolshevik. Depois disso ele havia sido conduzido para o campo de trânsito de Magadan, onde seus piolhos tinham sido removidos, examinado por um médico que o declarou perfeitamente apto, designado para TFT, tiazoli fezicheski trud, trabalho pesado, sem limitações quanto às tarefas. Devidamente processado, ele havia esperado em uma das grandes tendas armadas para os que chegavam o cheiro da lona fazendo-o recordar as instalações médicas provisórias durante a Grande Guerra Patriótica, centenas de camas amontoadas. Eles haviam combinado de se encontrar naquela noite.

Timur não aparecera. Liev se tranquilizara com várias explicações: ocorrera algum atraso e se achariam na manhã seguinte. Era arriscado demais perguntar por ele — além de comprometer o disfarce de ambos, Liev poderia ser tomado como informante. Incapaz de dormir, ele levantou cedo, esperando ver o amigo. Quando foram embarcados no caminhão, Liev se conteve. Explicações reconfortantes para a ausência de Timur tinham se tornado difíceis de concatenar.

Liev estava prestes a encontrar Lazar pela primeira vez em sete anos. O primeiro encontro, o momento em que pusessem os olhos um no outro, era talvez o momento mais perigoso de todo o plano. Não se poderia esperar que o ódio de Lazar se tivesse erodido com o tempo. Se ele não tentasse matar Liev imediatamente, ele anunciaria que Liev era um chekista, um interrogador, um homem responsável pelo encarceramento de centenas de homens e mulheres inocentes. Por quanto tempo sobreviveria entre os que haviam sido torturados e interrogados? Eis por que a presença de Timur era essencial. Eles previam um reencontro violento. E mais: isso estava incluído em seus cálculos. Como guarda, Timur poderia intervir e impedir qualquer altercação. Os regulamentos estipulavam que Liev e Lazar seriam afastados do conflito e enviados para os

isoladores, celas de punição individuais. Em celas adjacentes, Liev teria a oportunidade de explicar a Lazar que estava ali para libertá-lo, que sua mulher estava viva e que não havia possibilidade de ele ser libertado pelos meios usuais. Ou ele aceitava a ajuda de Liev, ou morreria como um escravo.

Correndo os dedos gelados pela cabeça recém-raspada, Liev freneticamente improvisou uma solução. Havia apenas uma opção — teria de adiar o encontro com Lazar até que Timur o alcançasse. Esconder-se não seria fácil. O Gulag 57 havia se contraído desde a morte de Stálin, tanto no número de prisioneiros quando em tamanho geográfico. Antes era composto por muitos lagpunkts espalhados pelas encostas das montanhas, subcolônias em uma colônia, alguns posicionados em uma topografia tão exposta e em terrenos de jazidas minerais tão pobres que seu propósito só poderia ter sido a morte. O Gulag 57 havia fechado todas essas instalações menores, um império penitenciário reduzido à sua base principal ao pé da montanha, o único lugar em que a mineração de ouro produzira retorno econômico viável. Na avaliação que Liev fez das instalações, até esse complexo central era rudimentar. A zona, área controlada, tinha um formato retangular. Embora um desenho curvo tivesse servido melhor ao terreno, a lei ditava que a zona deveria ter um desenho regular. Não deveria haver beiradas redondas em um gulag, exceto pelo arame farpado, enrolado entre postes de 6 metros de altura e com 2 metros dentro do solo, formando um perímetro externo.

Dentro desse perímetro havia vários alojamentos para dormir, refeitórios coletivos, isolados do centro administrativo por um retân-gulo interno de cerca de arame farpado, divisões dentro de divisões, zonas dentro de zonas. A segurança ficava a cargo de seis pequenas torres de guarda, duas substanciais torres vakhta — uma de cada lado do portão principal com pesadas metralhadoras montadas e paredes protetoras feitas de troncos de árvores. Em cada canto da zona havia uma torre menor onde guardas supervisionavam o chão usando telescópios. Se os guardas dormissem, ou desmaiassem de bêbados — a liberdade dependia de escalar a montanha ou atravessar quilômetros de um platô exposto.

Após a chegada, Liev fora conduzido à zona interna de prisioneiros. Como havia três instalações, ele poderia, em teoria, permanecer sem ser notado ao menos por outras 24 horas. Isso daria a Timur tempo suficiente para alcançá-lo.

O caminhão reduziu a velocidade. Cauteloso para não ser escolhido por um atirador solitário na vakhta, Liev olhou para fora, seu olhar atraído para a montanha. As encostas eram perigosamente íngremes. Contra o colossal volume da montanha, a mina, uma série de trincheiras e regatos feitos pelo homem onde torrões de terra eram lavados e filtrados para obtenção de ouro, parecia

insignificante.

Havia sombras nas duas vakhta: guardas observando os recém-chegados. As torres tinham 15 metros de altura e se chegava a elas por uma série de escadas frágeis que podiam ser empurradas a qualquer momento. Entre as torres, os portões eram abertos manualmente. Guardas puxavam as portas de madeira, arrastando-as pela neve. Os caminhões entraram no complexo. Da traseira do caminhão, Liev observou quando os portões se fecharam atrás dele.

Mesmo dia

DESCENDO DA CARROCERIA DO CAMINHÃO, Liev foi levado a uma fila única pelos guardas. Lado a lado, um atrás do outro, os prisioneiros ficaram de pé tremendo, prontos para inspeção. Sem cachecol e com um chapéu que não lhe cabia na cabeça, Liev havia enfiado trapos em volta do colarinho para proteger-se do frio. Apesar de todo o seu esforço, não conseguia impedir que os dentes batessem. Percorreu o olhar pela zona. As instalações simples de madeira tinham sido erguidas sobre solo congelado, apoiadas em estacas curtas. O horizonte era de arame farpado e céu branco. Os edifícios e as estruturas eram tão rudimentares que era como se uma outrora poderosa civilização tivesse retrocedido, arranha-céus substituídos por cabanas. Ali era onde eles morriam: os homens e mulheres que ele havia prendido, os homens e mulheres cujos nomes ele havia esquecido. Ali era onde eles haviam ficado de pé. Isso era o que eles viam. Mas ele não se sentia como eles se sentiram. Eles não teriam planos de fugir. Eles não teriam planos de espécie alguma.

Esperando em silêncio, não havia sinal do comandante do Gulag 57, Zóris Siniávski, um homem cuja reputação crescera para além dos gulags, espalhada por prisioneiros e amaldiçoada em todo o país. Aos 55 anos de idade, Siniávski era um veterano do Glavnoe upravlenie lagerei — abreviado para GULAG —, toda a sua vida adulta dedicada a forçar a servidão mortal. Ele supervisionara a execução de projetos de construção por prisioneiros, incluindo o Canal Fergana e a abortada estrada de ferro na foz do rio Ob, um conjunto de trilhos que nunca foi conectado com sua pretendida destinação, o rio Yenisei, faltando muitas centenas de quilômetros para ser completada, apodrecendo no solo como os remanescentes de uma besta de aço pré-histórica. Mas o fracasso daquele projeto, que custou milhares de vidas e bilhões de rublos não prejudicou sua carreira. Enquanto outros supervisores cediam em face das exigências de que os prisioneiros descansassem, comessem e dormissem, ele sempre cumpria suas metas. Forçava os prisioneiros a trabalhar no auge do inverno e do verão. Ele não estava construindo uma ferrovia. Estava construindo sua reputação, gravando seu nome nos ossos de outros homens. Não importava se os dormentes não tinham sido reforçados, se eles rachavam ao sol de julho ou entortavam no gelo de janeiro. Não importava se os trabalhadores caíam de exaustão. No papel, sua cota fora preenchida. No papel, ele era um homem de confiança.

Folheando seu arquivo pessoal, ficava completamente claro que, para Siniávski, este era mais que um emprego. Ele não almejava privilégios.

Não era motivado por dinheiro. Quando lhe ofereciam confortáveis postos administrativos em climas temperados, supervisionando campos não afastados das cidades, ele recusava. Aos 55 anos, ele queria dominar o território mais hostil jamais colonizado. Ele se oferecera para trabalhar em Kolima. Vira a desolação e decidira que este era o lugar para ele.

Ouvindo o estalar de madeira, Liev olhou para cima. No alto dos degraus, Siniávski saíra das instalações de comando, embrulhado em peles de rena tão espessas que dobravam seu tamanho. O casaco era tão decorativo quanto prático, pendurado em seus ombros com tal autoconfiança que se diria que ele matara os animais em uma batalha heroica. A teatralidade de sua aparição certamente teria sido ridícula para qualquer outro homem e em qualquer outro lugar. Mas aqui, com ele, parecia adequado. Ele era o imperador do lugar.

Bem diferente dos demais prisioneiros cujos instintos de sobrevivência captavam uma sintonia mais fina, após vários meses em trens e em campos de trânsito, Liev olhava abertamente para o comandante 00m incauta fascinação. Lembrando-se tardiamente de que não era mais um guarda de milícia, ele se virou, baixando o olhar para o chão. Um prisioneiro não devia olhar nos olhos de um guarda. Embora as regras tivessem mudado em teoria, não havia meio de saber se as mudanças tinham sido implementadas. Siniávski gritou:

— Você!

Liev manteve os olhos baixos. Podia ouvir os degraus rangerem enquanto o comandante descia da plataforma elevada, chegando ao chão, os passos esmagando neve e gelo. Duas belas botas de feltro artesanais pararam dentro de seu campo de visão. Liev mantinha até agora o olhar baixo como um cachorro ralhado. Seu queixo foi agarrado e forçado a erguer-se. O rosto do comandante era contornado por uma bainha de pele felpuda, escura e espessa como carne curada. Suas pupilas eram tingidas de amarelo, cor de iodo. Liev cometera um erro primário. Ele se destacara. Tinha sido notado. Uma técnica comum era fazer um prisioneiro de exemplo após a chegada para mostrar aos outros o que podiam esperar.

— Por que desviou o olhar?

Silêncio, Liev podia sentir o alívio dos outros prisioneiros emanar deles como calor. Ele havia sido escolhido, não eles. A voz de Siniávski era estranhamente suave.

— Responda. Liev respondeu:

— Não quis insultá-lo.

Siniávski soltou o queixo de Liev, dando um passo atrás e levando a mão ao bolso.

Esperando o cano de uma arma, Liev levou vários segundos para ajustar-se.

O braço de Siniávski estava esticado — sim —, mas a palma de sua mão estava virada para o céu. Na sua palma havia pequenas flores vermelhas, cada uma não maior que o botão de uma camisa. Liev se perguntou se este era um momento de insanidade, quando uma bala atravessava o seu cérebro, uma confusão de imagens, recordações esmagadas. Mas o tempo passou, as flores delicadas flutuavam ao vento. Isto era real:

— Pegue uma.

Seria um veneno? Iria ele contorcer-se de dor na frente dos outros? Liev não se mexeu, os braços ao lado do corpo.

— Pegue uma.

Obediente, impotente, Liev estendeu a mão, o polegar e o indicador trêmulos, esbarrando na palma de Siniávski como se fossem as pernas de um bêbado, quase jogando as flores no chão. Finalmente, segurou uma. Era seca, as pétalas duras.

— Cheire.

Uma vez mais, Liev não fez nada, incapaz de compreender as instruções. Elas foram repetidas:

— Cheire.

Liev levou-a ao nariz, cheirando a minúscula flor, sem sentir nada. Não havia cheiro nenhum. Siniávski sorriu:

— Delicioso, não?

Liev avaliou inseguro, sem saber se essa era uma estranha armadilha:

— Sim.

—Você gosta?

— Gosto.

Ele deu um tapinha no ombro de Liev.

— Você será um floricultor. Essa terra parece infértil. Mas está cheia de oportunidades. O solo só amolece durante vinte semanas no ano. Durante essas semanas eu permito que todos os prisioneiros cultivem a terra. Você pode cultivar o que quiser. A maioria cultiva vegetais. Mas as flores que crescem aqui são muito bonitas. A seu jeito simples. As flores simples são sempre as mais bonitas, não concorda?

— Concordo.

— Você acha que cultivará flores? Não quero forçá-lo. Há outras coisas que você pode fazer.

— Flores... são... bonitas.

— São sim. São bonitas. E as flores modestas são as mais bonitas. O comandante inclinou-se para Liev, sussurrando:

— Vou reservar para você um bom pedaço de solo. Nosso segredo... Ele

apertou o braço de Liev afetuosamente.

Siniávski afastou-se, dirigindo-se à linha de prisioneiros, o braço estendido, exibindo as pequenas flores púrpuras:

— Peguem uma!

Os prisioneiros hesitaram. Ele repetiu a ordem:

— Peguem! Peguem! Peguem!

Frustrado com a resposta lenta dos prisioneiros, ele atirou as flores para o ar: pétalas púrpuras flutuando em torno das cabeças raspadas. Enfiando a mão no bolso, ele pegou outro punhado de flores, atirou-as ao ar novamente, e repetiu outra vez, e então outra vez, aspergindo-as sobre eles. Alguns homens olharam para cima, pequeninas pétalas de cor púrpura ficando presas em seus cílios. Poucos homens continuavam a olhar para o solo, sem dúvida convencidos de que se tratava de um truque dos mais diabólicos que apenas eles haviam percebido.

Ainda segurando a flor, balançando-a na mão em concha, Liev não entendeu aquilo não fazia sentido para ele — teria lido a pasta de arquivo errada? O homem com os bolsos cheios de flores não podia ser o mesmo que ordenara a prisioneiros que trabalhassem enquanto os cadáveres de seus camaradas apodreciam ao lado deles, não podia ser o comandante que supervisionou o canal Fergana e a ferrovia do rio Ob. O suprimento de flores do comandante acabou as últimas pétalas rodopiando para a neve, Siniávski continuou o discurso de apresentação:

— Estas flores cresceram no pior, no mais cruel solo do mundo! Beleza da feiura: esta é a nossa crença aqui! Vocês não estão aqui para sofrer. Estão aqui para trabalhar, assim como eu estou aqui para trabalhar. Não somos tão diferentes: vocês e eu. É verdade que faremos tipos diferentes de trabalho. Talvez o trabalho de vocês seja mais duro. Mas nós daremos duro juntos, pelo nosso país. Melhoraremos a nós mesmos. Vocês se tornarão pessoas melhores aqui, neste lugar onde ninguém espera encontrar bondade.

As palavras pareciam sentidas. Foram pronunciadas com emoção genuína. Se ele estava devastado pela culpa, pelo remorso, ou medo de ser julgado pelo novo regime era difícil dizer, mas era bastante óbvio que havia enlouquecido.

Siniávski fez um gesto para os guardas; um deles correu em direção ao salão do refeitório, voltando depois com vários prisioneiros, cada um carregando uma bandeja com pequenas xícaras de metal. Eles derramaram um líquido espesso e escuro dentro das xícaras, oferecendo a cada prisioneiro. Siniávski explicou:

— A bebida, kvoia, é um extrato de pinheiro combinado com água de rosas. Todos dois são ricos em vitaminas. Ela os manterá saudáveis. Quando estão saudáveis são produtivos.

Vocês levarão uma vida mais saudável do que levavam fora do campo. Meu trabalho é ajudá-los a se tornarem cidadãos mais produtivos. Por fazer isso, eu me torno um cidadão mais produtivo. Seu bem-estar é o meu bem-estar. À medida que vocês melhoram, da mesma forma eu também.

Liev não se mexera. Não mudara de posição. Mantinha a mão ainda estendida. Uma brisa pegou a flor e a jogou ao chão. Ele se curvou e pegou-a. Quando se levantou, o prisioneiro com o extrato concentrado de pinheiro chegara. Liev segurou a pequena xícara de lata, seus dedos tocando brevemente os dedos do prisioneiro. Por uma fração de segundo foram estranhos um para o outro, e, depois, o reconhecimento cintilou.

Mesmo dia

OS OLHOS DE LAZAR PARECIAM ENORMES, luas de pedras negras com um sol incandescente atrás delas. Ele estava magro, o corpo encolhido para uma forma concentrada de seu eu anterior — suas feições austeras, mais pronunciadas, a pele esticada exceto do lado esquerdo de seu rosto, onde a mandíbula e a bochecha haviam escorregado, como se fossem feitas de cera e tivessem ficado muito perto do fogo. Liev raciocinou que ele devia ter sofrido um derrame antes de lembrar a noite da prisão. Seu punho se fechou involuntariamente — o mesmo punho que ele usara para socar Lazar repetidas vezes, até que sua mandíbula ficasse mole. Certamente, sete anos eram tempo suficiente para curar, tempo bastante para qualquer ferida sarar. Mas Lazar não teria recebido tratamento médico na Lubianka. Os interrogadores podiam até ter usado o ferimento, torcendo o osso quebrado quando as respostas dele eram insatisfatórias. Ele teria recebido tratamento limitado nos campos, nada de cirurgia de reconstrução — essa idéia era irreal. O ato de violência impulsivo, absurdo, um crime que Liev havia esquecido assim que suas juntas pararam de doer, tinha sido imortalizado em osso.

Lazar não teve nenhuma reação visível ao reencontro, exceto fazer uma pausa em seus deveres enquanto seus olhos se chocavam com os de Liev como pederneiras. O rosto de Lazar era algo inescrutável, o lado esquerdo de sua boca puxado em um esgar permanente.

Sem dizer uma palavra, ele se foi, seguindo a linha de prisioneiros, servindo pequenas xícaras de extrato de pinheiro para os recém-chegados, sem olhar para trás, como se nada estivesse errado, como se fossem estranhos novamente.

Liev agarrou seu copinho de lata, os dedos apertados em torno dele, permanecendo exatamente na mesma posição. A superfície gelatinosa do xarope de pinho e rosa estremeceram quando sua mão tremeu. Ele perdera a habilidade de pensar ou planejar. O comandante do campo gritou, de bom humor:

— Ei, você! Amigo! Amante das flores! Beba! Isso o fará sentir-se melhor!

Liev levou o copinho aos lábios, derramando o espesso líquido negro pescoço abaixo. Intensamente amargo, deixou um rastro em sua garganta como alcatrão, fazendo-o ter vontade de tossi-lo. Fechou os olhos, forçando o xarope a descer.

Abrindo os olhos, observou Lazar terminar seus deveres, retornando para os alojamentos, caminhando sem pressa. Mesmo ao passar por Liev, não mostrou

sinais de agitação ou excitação. O comandante Siniávski continuou a falar por algum tempo. Mas Liev havia parado de escutar. Dentro de seu punho fechado como ostra ele havia esmagado a flor púrpura seca, reduzindo-a a pó. O prisioneiro à sua direita sibilou:

— Preste atenção! Vamos começar a andar!

O comandante acabara de falar. As apresentações estavam encerradas, os prisioneiros estavam sendo conduzidos da zona da administração para a zona dos prisioneiros. Liev estava quase no fim da fila. A noite havia caído, ocultando o horizonte. Luzes piscaram nas torres de vigia. Não havia refletores poderosos percorrendo o solo. Exceto pelo brilho fosco das janelas das cabanas, a zona estava completamente escura.

Eles passaram pela segunda cerca de arame farpado. Os guardas estavam na separação entre as duas zonas, as armas preparadas, levando-os para os alojamentos. Nenhum guarda entrava nessa zona à noite. Era perigoso demais, muito fácil para um prisioneiro surgir de repente, esmagar o crânio de um guarda e desaparecer. Eles só estavam preocupados em guardar o perímetro, selando os presos dentro dele e deixando-os aos seus próprios expedientes. Liev foi o último a entrar no alojamento — o alojamento de Lazar. Teria de encará-lo sozinho, sem Timur. Argumentaria com ele, falaria com ele. O homem era um padre: ele ouviria a sua confissão. Liev tinha muito que contar. Havia mudado. Há três anos tentava fazer emendas. Como um homem caminhando para a execução, ele subiu o lance de escadas com passos pesados. Empurrou a porta, respirando profundamente, inalando o fedor de um alojamento superlotado e revelando um panorama de rostos cheios de ódio.

Mesmo dia

LIEV HAVIA APAGADO. Quando voltou a si, achou-se deitado no chão, arrastado pelos tornozelos, submerso em ondas de prisioneiros que chutavam. Seus dedos tocaram a cabeça, encontrando a pele pegajosa de sangue. Incapaz de focar os olhos, incapaz de lutar, indefeso no meio da ferocidade, não viveria por muito tempo. Uma massa de cuspe atingiu seu olho. Uma bota acertou a lateral da cabeça. A mandíbu-la bateu no chão, os dentes rasparam uns nos outros. Abruptamente, os chutes, as cusparadas e os gritos diminuíram. De uma só vez, a horda recuou, deixando-o balbuciante, cuspindo, como se tivesse sido inundado por uma tempestade. Do ódio vociferante ao silêncio, alguém devia ter intervindo.

Liev permaneceu onde estava, com medo de que esses preciosos segundos de calma pudessem terminar assim que levantasse os olhos. Uma voz soou: — Levante-se.

Não a voz de Lazar, a de um homem mais jovem. Liev desenrolou-se de sua posição fetal, espiando para as figuras que se inclinavam sobre ele — havia dois, Lazar e, ao lado dele, talvez de 30 anos, um homem de cabelo e barba ruivos.

Enxugando o cuspe do rosto, o sangue de seus lábios e nariz, Liev desajeitadamente se virou e sentou. Cerca de duzentos presos o observavam, inclinados dos beliches mais altos, de pé junto a ele, como se esperassem uma performance teatral em diferentes lugares da plateia. Os recém-chegados estavam no canto: aliviados porque a atenção não eslava focada neles.

Liev se pôs de pé, curvado como um aleijado. Lazar deu um passo à frente, examinando-o, andando em torno dele antes de voltar ao ponto diretamente em frente a ele, olho no olho. Sua expressão vibrava com uma tremenda energia, a pele tensa tremia. Vagarosamente ele abriu a boca, fechando os olhos enquanto o fazia, claramente sentindo uma dor terrível. A palavra que pronunciou foi menos que um sussurro, uma pequenina exalação de ar, carregando com ela o som mais débil:

— Max... im.

Tudo que Liev havia planejado dizer, a história de como havia mudado, contos de sua iluminação, o edifício completo de sua transformação, desintegrou-se como neve em carvão quente. Ele sempre se tranquilizara dizendo a si mesmo que era um homem melhor que a maioria dos agentes com quem havia trabalhado homens que haviam feito para si mesmos dentaduras do ouro tirado da boca dos suspeitos interrogados. Ele não havia sido o pior: nem de

longe.

Estava no meio, talvez mais abaixo, escondido nas sombras dos monstros que havia assassinado acima dele. Ele havia cometido erros, um tipo modesto de erro — ele era, na melhor das hipóteses, um vilão medíocre. Ouvindo aquele nome, o pseudônimo que ele próprio havia escolhido, começou a chorar. Tentou parar, mas não conseguiu. Lazar estendeu a mão e tocou uma daquelas lágrimas, colhendo-a, retendo a gota na ponta do dedo. Olhando para ela durante algum tempo, ele a colocou exatamente no mesmo lugar onde a havia colhido — pressionando duramente o dedo contra a bochecha de Liev e espalhando-a por seu rosto com desprezo, como se dissesse:

Fique com suas lágrimas. Elas não valem nada.

Ele tomou a mão de Liev — as palmas com cicatrizes da caçada pelos esgotos — e colocou-a sobre o lado esquerdo de seu rosto. Sua bochecha parecia solta, como borracha, a boca cheia de seixos. Ele abriu a boca novamente, gemendo, fechando os olhos. Como se as leis da física estivessem ao contrário, o cheiro viajando mais rápido que a luz, um cheiro de putrefação atingiu Liev primeiro, dentes podres e doentes. Muitos estavam faltando. A gengiva deformada, listas negras com tocos sangrentos, remendados. Aqui havia transformação, aqui havia mudança: um orador brilhante, trinta anos de discursos e sermões, em uma fedorenta mudez.

Lazar fechou a boca, dando um passo atrás. O homem de cabelos ruivos ofereceu a Lazar um lado de seu rosto como se fosse uma tela para ser pintada. Lazar inclinou-se tão perto que seus lábios quase tocavam a orelha do homem. Quando falava, seus lábios mal pareciam se mexer, movimentos mínimos. O homem de cabelos ruivos verbalizou suas palavras:

— Tratei você como um filho. Abri minha casa para você. Confiei em você. Eu o amava.

O homem não traduzia da primeira pessoa para a terceira, falando como se ele fosse Lazar. Liev respondeu:

— Lazar, não tenho defesa. Mesmo assim, imploro a você que ouça. Sua mulher está viva. Ela me mandou aqui para libertá-lo.

Liev e Timur haviam especulado se Lazar já poderia ter recebido uma carta codificada com os planos de Fraera. No entanto, a surpresa de Lazar foi genuína. Ele não sabia nada de sua mulher. Ele não sabia nada de como havia mudado. Com um gesto de irritação ele fez um gesto para o homem ruivo, que deu um salto e chutou Liev, obrigando-o a ficar de joelhos:

— Está mentindo!

Liev se dirigiu a Lazar:

— Sua mulher está viva. Ela é a razão de eu estar aqui. É a verdade! O homem ruivo olhou por cima do ombro, esperando instruções.

Lazar sacudiu a cabeça. Pegando a deixa, o ruivo traduziu:

— O que você sabe da verdade? Você é um chekistal Não se pode confiar em nada que você diz!

— Anísia foi libertada dos gulags três anos atrás. Ela mudou, Lazar. Ela se tornou uma vory.

Vários vory que observavam riram, ridicularizando a idéia de que a mulher de um padre dissidente pudesse ter entrado em suas fileiras. Liev continuou, apesar disso:

— Ela não é apenas vory, ela é uma líder. Seu nome não é mais Anísia. Seu klikuka é Fraera.

Os gritos de incredulidade aumentaram. Homens gritavam, inclinando-se para a frente, insultados pela idéia de que uma mulher pudesse mandar neles. Liev levantou a voz:

— Ela está no comando de uma gangue, jurou vingança. Ela não é a mulher que você lembra Lazar. Ela sequestrou minha filha. Se eu não puder libertar você, ela a matará. Não há possibilidade de você ser solto. Morrerá aqui a menos que aceite a minha ajuda. A vida de todos nós depende de você escapar.

Enraivecidos pela história que ele contara, a horda fermentou em uma segunda fúria de insultos, pondo-se de pé e fechando o círculo em torno de Liev, pronta para atacá-lo novamente. No entanto, Lazar levantou as mãos, fazendo-os recuar. Ele evidentemente tinha alguma autoridade entre eles, porque o obedeceram sem perguntas, voltando a seus beliches. Lazar puxou o homem ruivo para seu lado, falando em seu ouvido. O homem balançou a cabeça, aprovando. Quando Lazar terminou, o homem ruivo falou com um ar de auto importância:

— Você é um homem desesperado. Diria qualquer coisa. Você é um mentiroso. Sempre foi. Você me enganou antes. Não me enganará novamente.

Se Timur tivesse chegado, ele teria oferecido a carta de Fraera como prova de que ela vivia. Ela escrevera exatamente para responder essas dúvidas. Sem a carta, Liev estava indefeso. Ele disse, desesperado:

— Lazar, você tem um filho.

O aposento ficou em silêncio. Lazar sacudiu a cabeça, como se algo dentro dela estivesse tentando sair. Ele abriu a boca, um gesto torcido e, a despeito de sua raiva, a palavra que murmurou era quase inaudível:

— Não!

A voz estava tão deformada quanto sua bochecha, um som quebrado. A dor

de projetar até aquela única palavra o deixou fraco. Uma cadeira foi trazida e Lazar sentou-se, enxugando a transpiração de sua testa pálida. Incapaz de falar mais, fez um gesto para o homem ruivo, que, pela primeira vez, falou por si mesmo:

— Lazar é nosso padre. Muitos de nós somos de sua congregação. Sou a voz dele. Aqui ele pode falar sobre Deus e não se preocupar se está dizendo a coisa errada. O Estado não pode mandá-lo para a prisão se eleja está aqui. Na prisão, ele encontrou a liberdade que não tinha do lado de fora. Meu nome é Georgi Vavilov. Lazar é meu guia, da mesma forma que uma vez tentou ser o seu. Só que eu morreria antes de traí-lo. Desprezo você.

— Posso tirá-lo daqui também, Georgi. O homem ruivo sacudiu a cabeça:

— Você prospera nas fraquezas dos homens. Não tenho nenhum desejo de estar em outro lugar a não ser ao lado de meu mestre. Lazar acredita que foi a justiça divina que trouxe você até ele. Você será julgado por homens que uma vez julgou.

Lazar virou-se para um homem idoso que estava de pé no fundo do alojamento, até então afastado do que acontecia. Lazar indicou que o homem deveria aproximar-se. Ele fez isso, vagarosamente, caminhando torto. O homem idoso dirigiu-se a Liev:

— Três anos atrás conheci o homem que me interrogaria. Assim como você, ele foi mandado para a prisão, um lugar para onde ele havia mandado tantos. Nós inventamos um castigo para ele. Fizemos uma lista de todas as torturas que nós, como grupo, havíamos sofrido. A lista detalhava mais de cem métodos. Toda noite nós infligíamos uma daquelas torturas ao interrogador, avançando pela lista, tortura por tortura. Se ele sobrevivesse a todas, nós o deixaríamos viver. Não queríamos que ele morresse. Queríamos que ele experimentasse todos os métodos. Para esse fim, nós o impedimos de enforcar-se. Nós o alimentamos. Nós o mantivemos forte para que pudesse sofrer mais. Ele chegou ao número 30 antes de correr deliberadamente para a divisa da zona e ser alvejado pelos guardas por tentativa de fuga. A tortura que ele me infligiu era a primeira da lista. É a tortura que você enfrentará esta noite.

O preso idoso arregaçou as pernas da calça, revelando joelhos roxos, enegrecidos e deformados.

Kolima

30 quilômetros ao norte de Magadan
17 quilômetros ao sul do Gulag 57

10 de abril

O NÍVEL DAS NUVENS HAVIA BAIXADO para mil metros, obliterando a visão. Gotículas folheadas a prata estavam suspensas no ar — uma névoa, em parte gelo, em parte água, em parte mágica, fora da qual a rodovia malcuidada aparecia metro a metro, um tapete cinza, bruto, desenrolando-se em frente a eles. O caminhão progredia lentamente. Frustrado com o atraso adicional, Timur consultou o relógio de pulso, esquecendo-se de que estava quebrado, esmagado na tempestade. Pendurava-se, inútil, em seu braço, o vidro quebrado, o maquinado estragado pela água salgada. Ele se perguntou se estaria completamente danificado. Seu pai havia afirmado que era uma herança da família havia gerações. Timur suspeitava de que isso era mentira e o modo como seu pai, um homem orgulhoso, havia presenteado seu filho com um gasto relógio de segunda mão no dia de seu 18° aniversário. Foi por causa da mentira que, em lugar de desprezá-lo, o relógio se tornou a mais preciosa propriedade de Timur. Quando seu filho fizesse 18 anos, ele pretendia repassar o relógio, mas ainda não decidira se explicaria a importância sentimental da mentira ou se meramente perpetuaria a mitologia de suas origens.

Apesar do atraso, Timur tinha um grande consolo com o fato de ao menos ter evitado ser mandado de volta pelo mar de Okotsk na viagem de volta para Buchta Nakodka. Na noite anterior ele estivera a bordo do Stary Bolshevik, o navio estava a ponto de partir: reparos tinham sido feitos no alçapão, a água bombeada para fora e os prisioneiros recém-libertados o ocuparam, rostos confusos em contemplação da liberdade. Incapaz de achar uma saída para sua situação difícil, Timur ficara parado no convés, estático, observando a tripulação desamarrar as cordas. Em mais dois minutos o navio estaria no mar e eles não teriam a perspectiva de chegar ao Gulag 57 durante mais de um mês.

Em desespero, Timur entrara na ponte de comando, esperando que a simples força das circunstâncias o compelisse a inventar uma desculpa plausível. Quando o capitão virou-se para ele, Timur disse: — Preciso falar com você.

Mentiroso inepto, lembrou que sempre era mais fácil contar uma versão da mentira.

— Não sou realmente um guarda. Trabalho para o MVD. Fui mandado aqui para ver se as mudanças estavam sendo implementadas no sistema após o discurso de Kruschov. Já vi o bastante do jeito que esse navio é administrado.

À menção do discurso, o capitão empalidecera:

— Fiz algo errado?

— Temo que o conteúdo de meu relatório seja secreto.

— Mas a viagem para cá, as coisas que aconteceram, isso não foi culpa minha. Por favor, se você fizer um relato de como perdi o controle do navio...

Timur maravilhou-se com o poder de sua desculpa. O capitão se aproximara dele, a voz implorando: — Nenhum de nós poderia prever que a parede divisória seria esmagada. Não me faça perder o emprego. Não conseguirei encontrar outro. Quem trabalharia comigo? Sabendo o que fiz para ganhar a vida? Comandando um navio-prisão? Eu seria odiado. Este é o único lugar para mim. Eu pertenço a este lugar. Por favor, não tenho mais para onde ir.

O desespero do capitão se tornara embaraçoso. Timur se afastara: — A única razão pela qual estou falando sobre isso com você é porque não posso fazer a viagem de volta. Preciso falar com Abel Prezent, diretor regional. Você terá de administrar o navio sem mim. Poderá dar uma desculpa qualquer à tripulação para a minha ausência.

O capitão sorrira obsequiosamente, curvando a cabeça.

Saltando do navio para o porto, Timur congratulou-se por imaginar uma desculpa tão poderosa. Confiante, entrou na seção administrativa do centro de processamento dos prisioneiros, subindo os degraus para o escritório do diretor regional, Abel Prezent, o homem que o designara para o Stary Bolshevik. Batendo à porta e entrando, o rosto carrancudo de Prezent se ergueu irritado: — Há algum problema?

— Vi o bastante do navio para fazer meu relatório.

Como um gato que fareja o perigo, a linguagem corporal de Prezent mudou: — Que relatório?

— Fui mandado pelo MVD para colher informação sobre como as reformas estão sendo implementadas desde o discurso de Kruschov. A intenção era que eu permanecesse desconhecido, não identificado, para que pudesse julgar com mais cuidado o modo como os campos estão sendo administrados. No entanto, como você me designou para o Stary Bolshevik, contra minhas ordens, fui forçado a me apresentar. Não é necessário dizer que não trago identificação comigo.

Não pensamos que fosse necessário. Não esperávamos que meus deveres fossem contestados. No entanto, se necessita de prova, sei os detalhes exatos de seus registros de trabalho.

Timur e Liev tinham estudado cuidadosamente os arquivos de todas as figuras-chave da região: — Você trabalhou em Karlag, no Cazaquistão, durante cinco anos, e antes disso...

Prezent o havia interrompido, polidamente, levantando um dedo, a voz comprimida, como se mãos invisíveis apertassem sua garganta fina e pálida: —

Sim, estou vendo.

Ficou de pé, pensando, as mãos cruzadas nas costas.

— Está aqui para escrever um relatório?

— Correto.

— Suspeitei de que algo assim aconteceria.

Timur fez um gesto de assentimento, satisfeito com a credibilidade da história que improvisara para cobrir-se: — Moscou exige avaliações regulares.

— Avaliações... essa é uma palavra mortal.

Timur não esperava uma reação tão meditativa e melancólica. Tentou suavizar a ameaça implícita.

— Destina-se apenas a reunir fatos e nada mais. Prezent respondeu: — Trabalho duro para o Estado. Vivo em um lugar onde ninguém mais quer viver. Trabalho com os prisioneiros mais perigosos do mundo. Executei tarefas que ninguém mais queria executar. Ensinaram-me a ser um líder. Depois me disseram que aquelas lições estavam erradas. Em um minuto é legal fazer um tipo de coisa. No minuto seguinte, é um crime. A lei diz que eu devo ser estrito. A lei diz que eu devia ser leniente.

A mentira de Timur fora completamente engolida. A mera referência ao Discurso Secreto os intimidava. À diferença do capitão, Prezent não implorou, nem pediu um relatório favorável. Tornou-se nostálgico de um tempo que passara um tempo onde seu lugar e objetivo eram claros. Timur pressionou-o: — Preciso de transporte imediato para o Gulag 57. Prezent disse: — Claro.

— Devo partir imediatamente.

— A viagem pelas montanhas não pode ser feita à noite.

— Arriscado ou não, prefiro fazê-la agora.

— Compreendo. Eu o atrasei. E peço desculpas. Mas simplesmente não é possível. O mais cedo que pode sair é ao amanhece. Não posso fazer nada se está escuro.

TIMUR VOLTOU-SE PARA O MOTORISTA:

— Quanto tempo levará até chegarmos?

— Duas três horas... a cerração está forte, três horas, eu acho. O motorista riu, antes de acrescentar: — Nunca ouvi falar de ninguém que tivesse pressa para chegar a um gulag.

Timur ignorou a piada, canalizando sua energia impaciente para uma reavaliação de seus planos. O sucesso exigia que várias peças caíssem em seus lugares exatos. O que estava fora de controle era a cooperação de Lazar. Timur tinha em seu poder uma carta escrita por Fraera cujo conteúdo tinha sido lido e relido, à procura de um aviso ou instrução secreta. Não encontraram nada. Como medida adicional de persuasão, sem o conhecimento de Fraera, Liev insistira em

trazer uma foto do menino aos 7 anos. A criança na foto não era o filho de Lazar, mas ele não tinha meios de saber disso. A visão aparente dele poderia ser mais poderosa que a mera idéia dele. Se isso falhasse, então Timur tinha com ele uma garrafa de clorofórmio.

O caminhão diminuiu a marcha e parou. À frente havia uma ponte de madeira, de desenho simples. Ela cobria o espaço de uma fenda pronunciada, uma rachadura na paisagem. O motorista fez um movimento sinuoso com a mão: — Quando a neve da montanha derrete, ela corre rápido... Timur inclinou-se para frente em seu assento, espiando a ponte frágil, cuja extremidade mais afastada desaparecia na cerração. O motorista franziu o sobrecenho: — Aquela ponte foi construída por prisioneiros. Não se pode confiar!

Havia outro guarda viajando com eles, um homem que até esse momento estava adormecido. A julgar pelo cheiro de suas roupas, ele se embebedara na noite anterior, provavelmente ficara bêbado todas as noites de sua vida. O motorista o sacudiu: — Acorde! Inútil... preguiçoso... acorde!

O guarda abriu os olhos, piscando à vista da ponte. Enxugou os olhos, saiu confusamente da cabine, saltando ao chão. Ele arrotou alto e começou a fazer sinais para o caminhão avançar. Timur sacudiu a cabeça: — Espere.

Ele saltou da cabine, descendo para o solo e esticando as pernas. Fechando a porta, caminhou para o início da ponte. O motorista tinha razão de estar preocupado: a ponte não era muito mais larga que o caminhão. Haveria talvez 30 centímetros de sobra de cada lado, nada para impedir os pneus de escorregarem para fora da ponte se as rodas não estivessem exatamente alinhadas.

Olhando para baixo, Timur viu a superfície do rio a uns 10 metros. Línguas de gelo liso, gotejante, saltavam de cada lado das barrancas do rio. Elas haviam começado a derreter, pingos rápidos alimentando um fluxo ondulante e estreito. Em uma questão de semanas, quando as neves derretessem, haveria uma torrente.

O caminhão avançou. O guarda de ressaca acendeu um cigarro, contente de fugir a uma responsabilidade. Timur fez um gesto para o motorista alinhar o caminhão para a direita: ele estava saindo de curso. Ele fez outro gesto. A visibilidade era ruim, mas ele podia ver o motorista, o motorista devia poder vê-lo. Timur gritou: — Para a direita!

Mesmo sem ter feito os ajustes necessários, o caminhão acelerou. Ao mesmo tempo seus faróis se acenderam, um brilhante amarelo-iodo cegando-o. O caminhão vinha direto em sua direção.

Timur mergulhou para fora do caminho, mas tarde demais: o para-choque de aço o alcançou quando estava em pleno ar, esmagando seu corpo antes de cuspi-lo para a ravina. Suspenso no ar por um breve momento, voltado para o céu

cintilante, depois caindo, seu corpo rodando, torcendo-se em direção ao rio, diretamente acima de um dos lábios de gelo. Caiu com o rosto para baixo: osso e gelo partindo simultaneamente.

Timur ficou com o ouvido junto ao gelo. Não conseguia mexer os dedos nem as pernas. Não conseguia mexer o pescoço. Não sentia dor. Uma voz vinda de cima gritou: — Traidor! Devia espionar sua própria gente! Nós estamos unidos! Nós contra eles!

Timur não podia virar a cabeça para olhar para cima. Mas reconheceu a voz do motorista: — Não haverá relatórios, nenhuma censura e nenhuma culpa. Não em Kolima, talvez em Moscou; mas não aqui. Fizemos o que tínhamos de fazer! Fizemos o que nos disseram para fazer! Foda-se o discurso de Kruschov! Foda-se o seu relatório! Vamos ver se consegue escrevê-lo aí de baixo.

O guarda de ressaca deu uma risadinha. O chofer dirigiu-se a ele: —Vá lá embaixo.

— Por quê?

— De outra forma vão ver o corpo dele.

— Quem? Não há ninguém aqui.

— Não sei; alguém como ele, se mandarem outro.

— Não preciso ir lá embaixo. O gelo vai derreter.

— Em três semanas, sim, mas quem sabe quem vai passar por aqui até lá. É só descer até lá e o empurrar para o rio. E faça tudo direito.

— Não sei nadar.

— Ele está sobre o gelo.

— E se o gelo quebrar?

— Você ficará com os pés molhados. Desça! Não erre. Olhando para o rio, a respiração entrecortada e áspera, Timur ouviu quando o relutante carrasco, gemendo como um adolescente preguiçoso, desceu até a barranca íngreme — o som desajeitado do assassino que se aproximava.

O maior medo de Timur sempre foi que um membro de sua família morresse nos gulags. Ele nunca se preocupou consigo mesmo. Ele sempre tivera a certeza de que poderia enfrentar aquilo e que, de algum modo, não importava como, voltaria para casa.

Estes eram os últimos minutos de sua vida. Pensou em sua mulher. Pensou em seu filho.

ABORRECIDO POR RECEBER ORDENS, a cabeça latejando da ressaca, forçado a escorregar e deslizar pela parede da ravina, arriscando torcer o tornozelo, o guarda finalmente chegou à barranca do rio. As botas pesadas experimentaram o lençol de gelo, testando sua resistência. Em uma tentativa de

distribuir o peso com mais equilíbrio, ele se apoiou sobre as mãos e os joelhos, rastejando até o corpo do cara que havia sido enviado de Moscou. Ele cutucou o traidor com o cano do revólver. Ele não se mexeu.

— Está morto! O chofer gritou.

— Cheque os bolsos dele.

Ele empurrou a mão dentro dos bolsos do homem, encontrando uma carta, algum dinheiro e uma faca — miudezas.

— Não há nada!

— E o relógio dele?

Ele tirou-o do pulso do homem.

— Está quebrado!

— Empurre-o para dentro d'água.

Sentado no gelo, usando as botas, ele deu um chute, empurrando o corpo na direção do rio. O homem era pesado, mas o corpo escorregou pelo gelo liso sem muito problema. Na beirada da borda de gelo, ele viu que os olhos do homem estavam abertos. Eles piscaram — o homem, o espião de Moscou, ainda estava vivo.

— Ele está vivo!

— Não por muito tempo. Empurre. Estou ficando com frio.

Ele observou o homem piscar mais uma vez, chutando-o para fora da beirada de gelo, dentro do rio.

Houve um barulho quando o corpo caiu na água. O corpo virou para cima, antes de ser levado pela correnteza, para um deserto onde ninguém mais o veria novamente.

Ainda sentado no gelo, o guarda estudou o relógio. Barato e estragado, não valia nada. Mas algo o impediu de lançá-lo à água. Quebrado ou não, era uma pena jogá-lo fora.

Moscou

Mesmo dia

Elena perguntou: — Quando Zoia virá para casa? Raíssa respondeu: — Logo.

— Quando eu voltar da escola?

— Não, não tão cedo assim.

— Quando, então?

— Quando Liev voltar, ele trará Zoia com ele. Não posso dizer exa-lamente quando será, mas será logo.

— Promete?

— Liev está fazendo todo o possível. Precisamos ter um pouco mais de paciência. Pode fazer isso por mim?

— Se você prometer que Zoia está bem.

Era uma promessa que Raíssa não podia recusar-se a fazer: — Prometo.

Elena fazia as mesmas perguntas todos os dias. Cada vez era como se ela nunca tivesse perguntado antes. Ela não estava necessariamente buscando informação nova e sim atenta ao tom da resposta, ouvindo em busca de menores variações. Qualquer sugestão de impaciência ou irritação, qualquer sugestão de dúvida, ela deslizaria de volta para a melancolia catatônica que a atingira imediatamente após a captura de Zoia. Ela se recusara a sair do quarto, chorando até ser incapaz de chorar mais. Liev rejeitara as ordens do médico de que ela fosse sedada, sentando-se a seu lado toda noite, hora após hora. Apenas quando Raíssa voltou do hospital Elena começou a melhorar.

O maior progresso ocorrera quando Liev deixou Moscou, não que ela o quisesse longe: era a primeira prova concreta de que algo estava sendo feito para trazer Zoia de volta. A mente de Elena facilmente digeriu a idéia de que quando Liev voltasse, Zoia voltaria com ele. Ela não precisava saber onde sua irmã estava, ou o que estava fazendo, apenas que ela viria para casa, e viria logo.

Os pais de Liev esperavam à porta da frente. Ainda fraca dos ferimentos, Raíssa dependia da ajuda deles. Eles se mudaram para o grande condomínio ministerial, cozinhando e limpando, criando um senso de normalidade doméstica. Pronta para sair, Elena parou: — Não pode vir conosco? Vamos andar bem devagar. Raíssa sorriu: — Ainda não me sinto muito forte. Me dá só mais um dia ou dois, e então sairemos juntas.

— Com Zoia? Podemos ir ao zoológico. Zoia gostava. Ela fingia que não, mas eu sabia que ela gostava. Era um segredo dela. Gostaria que Liev viesse também. E Anna e Stepan.
— Nós todos iremos.
Elena sorriu quando fechava a porta, o primeiro sorriso que Raíssa via em seu rosto havia muito tempo.
Sozinha, Raíssa deitou-se na cama de Zoia. Raíssa se mudara para o quarto das meninas. Elena só dormia quando ela estava a seu lado. A segurança tinha sido aumentada no condomínio ministerial, assim como na cidade toda. Agentes, aposentados e na ativa, reviam seus hábitos cotidianos, instalando mais fechaduras nas portas, grades nas janelas. Embora o Estado tivesse tentado deter a liberação de informações tinha havido crimes demais para não circularem boatos. Todos que já haviam denunciado um amigo ou colega tomavam precauções especiais. Os aproveitadores do medo estavam assustados exatamente Como Fraera prometera.

RAÍSSA ABRIU OS OLHOS, sem saber o quanto havia dormido. Embora estivesse encarando a parede e incapaz de ver atrás de si, ela estava certa de que havia alguém mais no quarto. Virando-se sobre as costas e levantando a cabeça, ela viu a silhueta de um guarda no batente da porta, uma silhueta andrógina. Havia um quê onírico naquela experiência. Raíssa não sentia medo nem espanto. Aquele era o primeiro encontro, mas havia uma estranha familiaridade entre elas, uma intimidade imediata.

Fraera tirou o chapéu, revelando o cabelo curto. Deu um passo para dentro do quarto, observando: — Você pode gritar. Ou nós podemos conversar. Raíssa sentou-se.
— Não vou gritar.
— Não, e eu não pensei que fosse.
Raíssa ouvira aquele tom muitas vezes: o tom de um homem dando ordens a uma mulher, algo bem peculiar vindo dos lábios de outra mulher apenas dois anos mais velha que ela. Fraera notou a irritação de Raíssa: — Não se ofenda. Eu tinha que ter certeza. Não foi fácil entrar aqui para ver você. Tentei muitas vezes. Seria uma pena encurtar esta visita.
Fraera sentou-se na cama em frente, a cama de Elena — as costas contra a parede, pernas cruzadas, desabotoando o paletó do uniforme. Raíssa perguntou: — Zoia está em segurança?
— Ela está segura.
— Não fizeram nenhum mal a ela?

— Não.

Raíssa não tinha razão para confiar nela. Mas confiou. Fraera tomou o travesseiro de Elena, apertando-o, sem nenhuma pressa: — E um quarto bom, cheio de coisas boas para duas meninas bonitas, dadas a elas por bons pais. Quantas coisas bonitas são necessárias para compensar uma mãe e um pai assassinados? O quanto esses lençóis têm de ser macios para uma criança esquecer esse crime?

— Nunca tentamos comprar o amor delas.

— É difícil acreditar nisso olhando em volta. Raíssa lutou para controlar a raiva: — Teríamos sido uma família melhor se não tivéssemos comprado nada para elas?

— Mas vocês não são uma família. Certamente, se alguém não soubesse a verdade, poderia ver vocês como uma família. Eu me pergunto se o que Liev tinha em mente era a uma ilusão de normalidade. Não seria real, mas ele poderia desfrutar isso, refletido nos olhos de outras pessoas. Liev é bom em acreditar em mentiras. Isso tornaria as meninas um pouco mais que menininhas mimadas, vestidas com roupas bonitas, para que ele pudesse representar o papel de pai.

— As meninas estavam em um orfanato. Nós oferecemos uma escolha a elas.

— Uma escolha entre doença, pobreza e má nutrição, ou viver com o homem que assassinou seus pais... Não é realmente uma escolha.

Raíssa ficou em silêncio, insegura, incapaz de discordar.

— Nem Liev nem eu jamais pensamos que a adoção seria simples.

— Você não me corrigiu quando eu disse o homem que matou o pai delas. Eu esperava que você dissesse: Liev não atirou neles. Ele tentou salvá-los. Ele era um homem bom entre os maus. Mas você não acredita nisso, acredita?

— Ele era um oficial do MGB. Ele fez coisas terríveis.

— E você o ama mesmo assim?

— Nem sempre o amei.

— Você o ama agora?

— Ele mudou.

Fraera inclinou-se para a frente:

— Por que você não consegue responder? Você o ama?

— Sim.

— Quero ouvir de você: eu o amo.

— Eu o amo.

Fraera recostou-se na parede, pensando. Raíssa acrescentou como uma explicação: — Ele não é o homem que prendeu você. Não é mais o mesmo.

— Você está certa. Ele não é. Há uma diferença crucial. Antes ele não era amado. Hoje ele é. Você o ama.

Fraera desabotoou a camisa, fechada no colarinho, revelando a ponta das tatuagens, que se desdobravam por seu corpo como os símbolos de uma feitiçaria antiga.

— Raíssa, o quanto você sabe sobre Liev? O quanto sabe sobre o passado dele?

— Ele se infiltrou na igreja do seu marido. Ele traiu você, traiu a sua congregação e traiu Lazar.

— E só por isso ele merece morrer. No entanto, você sabia que antes de revelar toda a farsa ele me fez uma proposta amorosa? Como um jovem amante sob uma lua cheia?

Raíssa baixou a cabeça e concordou:

— Sim, ele pediu a você para deixar Lazar. Na época, estou certa de que acreditava que você quisesse ser mulher dele. Ele estava iludido. Ele se iludiu a respeito de muitas coisas, incluindo o amor. Especialmente, amor.

Fraera pareceu desapontada, achou que iria revelar um segredo. Ela continuou o entusiasmo notavelmente diminuído: — Ele pensou que estava tentando me salvar. Na verdade, estava tentando salvar a si mesmo. Se eu tivesse aceitado a proposta, ele teria me levado a acreditar que, no fundo, era um homem decente. Eu não desculparia os crimes dele com tanta facilidade. Eu fiz uma promessa a ele. Jurei que ele nunca seria amado. Eu tinha certeza de que estava certa porque como um monstro daqueles pode ser amado? Quem o amaria?

Raíssa ficou perturbada sob o olhar de Fraera:

— Não vou defender as coisas que ele fez.

— Mas você deve fazer isso. Você o ama. Vi vocês dois juntos. Observei vocês, espionei vocês, como Liev me espionou antes. Você o faz feliz.

E o que é pior, ele faz você feliz. Seu amor por ele é tudo. É por isso que estou colocando isso em questão. E por isso que estou aqui. Quero descobrir como é possível que você viva com ele. Durma com ele. Pensei no início que você fosse burra: o troféu de um oficial, bonita e sem questionamentos. Pensei que você não se importasse com os crimes que Liev cometeu.

Fraera levantou-se, cruzando o quarto e sentando-se na mesma cama que Raíssa, posicionando-se como duas grandes amigas que compartilhavam segredos no meio da noite: — Mas você não mostra lealdade ao Estado. Houve até boatos de que você era dissidente. Seu amor por Liev tornou-se um mistério ainda maior, um mistério que eu tinha de desvendar a todo custo. Fui forçada a explorar o seu passado. Posso compartilhar minhas descobertas?

— Você está com a minha filha. Faça o que quiser.

— Sua família foi assassinada durante a guerra. Você viveu como refugiada.

Raíssa ficou paralisada enquanto Fraera manejava as informações como uma faca: — Durante aqueles anos você foi violentada.

A boca de Raíssa se abriu, uma fração, o bastante para servir como confirmação. Ela não tentou negar, sentindo que haveria mais a seguir: — Como soube?

— Porque visitei o orfanato onde você abandonou seu filho. Raíssa sentiu algo muito mais forte que a surpresa. Os mais íntimos segredos de seu passado, eventos que ela enterrou cuidadosamente e deixou em repouso estavam sendo escavados e sacudidos à sua frente. Examinando atentamente a reação de Raíssa, Fraera segurou a mão dela: — Liev sabe?

Raíssa sustentou o olhar de Fraera, respondendo:

— Sabe.

Uma vez mais Fraera pareceu desapontada:

— Não acredito em você.

— Levei muitos anos para contar, mas contei. Ele sabe, Fraera: sabe de tudo. Ele sabe que não posso ter filhos, e sabe o motivo, sabe que eu dei o único filho que terei em minha vida. Ele sabe da minha vergonha. E eu sei a dele.

Fraera tocou o rosto de Raíssa:

— Foi por isso que se casou com Liev? Você sentiu o quanto ele estava desesperado para ser amado. Ele aceitaria alegremente a oportunidade de ser pai de seu filho. Você o viu como uma oportunidade. Vocês trariam seu filho de volta do orfanato.

— Não, eu sabia que meu filho havia morrido antes de conhecer Liev. Fui ao orfanato assim que me senti forte o bastante, assim que encontrei uma casa, assim que fui capaz de ser mãe novamente. Eles me disseram que meu filho havia morrido de tifo.

— Então por que se casou com Liev? Que razão havia para dizer sim a ele?

— Uma vez que eu já havia entregado meu filho para poder sobreviver, não me pareceu uma concessão tão absurda casar com um homem por quem sentia mais medo que amor.

Fraera se inclinou e beijou Raíssa. Afastando-se, disse: — Posso sentir o gosto do seu amor por ele. E do seu ódio por mim...

— Você levou minha filha.

Fraera se levantou, caminhando para a porta, abotoando a camisa: — Ela não é sua. Enquanto amar Liev, você não me deixa escolha. Seu amor por ele é a razão pela qual ele consegue viver consigo mesmo. Ele cometeu crimes indescritíveis, mas, mesmo assim, ele é amado. Ele assassinou e é amado. E por uma mulher que qualquer homem admiraria, por uma mulher que eu admiro. Seu amor serve de desculpa para ele. E a redenção dele.

Fraera abotoou o casaco, pondo novamente o chapéu, desaparecendo em seu disfarce.

— Falei com Zoia antes de vir vê-la. Queria saber como era a vida nesta família falsificada. Ela é inteligente, traumatizada, confusa. Gosto muito dela. Ela me disse que fez uma oferta a você. Disse que se você deixasse Liev ela conseguiria ser feliz.

Raíssa ficou horrorizada. Zoia era supostamente uma refém. Mas estava fazendo confidencias a Fraera, falando sobre Raíssa, equipando o inimigo com todos os segredos da família de que ele necessitava. Fraera continuou: — Estou surpresa de que você pudesse ser tão cruel para descartar o pedido dela com uma declaração de amor por Liev. Esta garota é tão perturbada que pega uma faca da cozinha e se inclina sobre Liev enquanto ele dorme, planejando cortar-lhe a garganta.

As defesas de Raíssa caíram. Ela não sabia a que Fraera se referia — que faca? Uma faca suspensa sobre Liev? Depois de várias tentativas, Fraera finalmente encontrara uma fraqueza — uma mentira, um segredo. Ela sorriu: — Parece que existe algo que Liev não lhe contou. É verdade, Zoia costumava ficar de pé ao lado da cama dele segurando uma faca. Liev a pegou. E ele não contou a você?

Em um instante, Raíssa encaixou as discrepâncias. Quando encontrou Liev sentado à mesa da cozinha, preocupado, ele não estava preocupado com Nikolai, ele estava pensando em Zoia. Ela perguntara a Liev o que havia de errado. Ele não disse nada. Mentira para ela.

Fraera agora tinha o controle:

— Tomando esse incidente em consideração, pense cuidadosamente no que vou lhe dizer agora. Vou repetir a proposta de Zoia. Devolverei Zoia para você, intacta. Em troca, você e as meninas nunca deverão ver Liev novamente. Ame as meninas, ou ame Liev, esta tem sido a realidade de sua situação nos últimos três anos. E, Raíssa, agora está na hora de escolher.

Kolima

Gulag
57

Mesmo dia

LIEV MAL PODIA FICAR DE PÉ, quanto mais cavar. Trabalhando em um sistema rústico de trincheiras 3 metros abaixo do solo, sua picareta batia inutilmente contra o solo congelado. Havia várias fogueiras fumegantes, como piras funerárias de heróis mortos, queimando lentamente para amolecer a camada de gelo. Mas Liev não estava próximo de nenhuma delas, deliberadamente colocado pelo líder de sua brigada de trabalho no canto mais remoto e mais gelado das minas de ouro, no sistema de trincheiras mais precário, onde, mesmo que ele trabalhasse com toda a sua força, teria sido impossível preencher sua cota, o volume mínimo de pedras que era necessário quebrar para receber a ração padronizada.

Exausto, as pernas tremiam, incapazes de aguentar o próprio peso. Inchadas e cheias de bolhas, as rótulas dos joelhos estavam afundadas atrás de bolsas de fluido, redemoinhos de roxo e azul. Na noite anterior, Liev fora obrigado a ficar de joelhos, as mãos amarradas nas costas, os tornozelos levantados e atados aos pulsos de forma que todo o peso de seu corpo era suportado pelas rótulas. Para impedir que ele caísse, fora amarrado aos degraus de um beliche. Hora após hora ele fora incapaz de aliviar a pressão: a pele esticada ao máximo, o osso moído contra a madeira, lixando sua pele. A cada mudança de posição ele gritava e consequentemente foi amordaçado para que os prisioneiros pudessem dormir. Eles dormiram enquanto ele ficava de joelhos, dentes mastigando como um cavalo louco contra os farrapos imundos, que os prisioneiros haviam preparado esfregando-os contra as bolhas. Enquanto os roncos cruzavam os alojamentos, um homem permanecera acordado — Lazar. Ele supervisionara Liev a noite inteira, removendo a mordaça quando ele precisava vomitar, amarrando-a de volta depois que ele terminara, exibindo uma dedicação paternal: um pai atendendo um filho doente, um filho que precisava aprender uma lição.

Ao amanhecer, Liev foi confusamente trazido de volta à consciência quando água gelada foi derramada sobre sua cabeça. Desamarrado, a mordaça retirada, ele desabou, incapaz de sentir os pés, como se suas pernas tivessem sido amputadas logo abaixo dos joelhos. Havia levado vários minutos de dor intensa até conseguir esticá-los e outros vários minutos até se sentir capaz de levantar-se — mancando —, já um século depois. Seus colegas prisioneiros haviam permitido que ele tomasse o café da manhã, se sentasse à mesa, comesse ração, as mãos tremendo. Eles queriam que Liev vivesse. Queriam que sofresse. Da

mesma forma que um homem vagando pelo deserto sonharia com um oásis, a mente de Liev concentrava-se na miragem cintilante de Timur. Uma vez que era impossível fazer a viagem à noite, havia apenas uma pequena janela, no início da noite, quando seu amigo, seu salvador, poderia chegar.

Com os braços trêmulos de fadiga, Liev levantou a picareta acima da cabeça, e suas pernas cederam. Caindo para a frente, os joelhos inflados bateram com força no chão. Com o impacto, as bolsas de fluido se romperam, estourando como espinhas de adolescentes. Ele abriu a boca, um grito silencioso, seus olhos escorrendo água enquanto caía de lado, tirando a pressão dos joelhos e deitando-se no fundo de uma trincheira. A exaustão diminuía qualquer senso de autopreservação. Por um breve momento, pensou que ficaria contente se pudesse fechar os olhos e dormir. Naquela temperatura, porém, ele nunca despertaria.

Lembrando-se de Zoia, lembrando-se de Raíssa e Elena — sua família —, ele se sentou, pondo as mãos no solo, vagarosamente pondo-se de pé. Enquanto lutava para se firmar sobre os pés, alguém o agarrou, sibilando em seu ouvido:

— Nada de descansar, Chekista!

Nenhum descanso, nenhuma piedade também — esse tinha sido o veredito de Lazar. A sentença estava sendo executada com vigor. A voz em seu ouvido não pertencia a um guarda: era de um colega prisioneiro, o líder de sua brigada, levado por um intenso ódio pessoal, recusando-se a permitir a Liev um único minuto em que não experimentasse dor, ou fome, ou exaustão, ou tudo isso junto. Liev não havia prendido esse homem nem a família dele. Sequer sabia o nome daquele homem. Isso não importava. Ele se tornara um talismã para todos os prisioneiros: um embaixador da injustiça. Chekista se tornara o seu nome, toda a sua identidade, e visto dessa forma, o ódio de todos era pessoal.

Um sino tocou. Ferramentas caíram. Liev havia sobrevivido ao seu primeiro dia na mina, um calvário modesto se comparado à noite vindoura — uma segunda, mas ainda não mencionada tortura.

Arrastando os pés até a rampa, mancando para fora da trincheira, seguindo os outros de volta, sua única fonte de força era a perspectiva da chegada de Timur.

Aproximando-se do campo, a luz fraca do dia, difusa entre a cobertura da nuvem que havia baixado, havia desaparecido quase completamente. Emergindo da escuridão, ele viu os faróis de um caminhão no platô. Dois punhos de luz amarela, vagalumes a distância. Se não fosse por seus joelhos, Liev teria caído ao chão e chorado de alívio, prostrado ante uma divindade piedosa. Aos trancos e empurrões dos guardas que só ousavam xingá-lo fora do alcance do ouvido de seu reformado, iluminado comandante, Liev foi levado para dentro da zona, os olhos constantemente virados por cima do ombro, observando enquanto o caminhão se aproximava. Fracassando em conter sua emoção, o lábio tremendo,

ele voltou para o alojamento. Não importava que tortura planejavam, ele seria salvo. Ficou à janela — olhos e nariz pressionados contra o vidro, como uma criança pobre do lado de fora de uma loja de doces. O caminhão entrou no campo. Um guarda saltou da cabine, depois o motorista fez o mesmo. Liev esperou, as unhas escavando a moldura da janela. Certamente Timur estava entre eles, talvez sentado atrás. Minutos se passaram ninguém saltou. Ele continuou a olhar, o desespero sobrepujando a lógica, até ele finalmente aceitar que não importava o tempo que observasse o caminhão, não havia mais ninguém a bordo. Timur não chegara.

Liev não conseguia comer, a fome deslocada pelo desapontamento tão forte que encheu seu estômago. No refeitório ele permaneceu à mesa muito tempo depois que os prisioneiros haviam ido embora, demorando-se até que os guardas raivosamente mandaram que saísse. Melhor ser punido por eles que pelos colegas prisioneiros, melhor passar a noite no isolamento — as celas de castigo geladas do que passar por outra tortura. Afinal, esses guardas não operavam sob o transformado comandante Siniávski? Ele não falara em justiça e decência e oportunidade? Enquanto os guardas o empurravam em direção à porta, em um deliberado ato de provocação, Liev soltou o braço, desferindo um golpe. Estava lento e fraco: seu punho foi agarrado. A coronha de um rifle bateu em seu rosto.

Arrastado pelos braços, as pernas deixando uma trilha na neve, Liev não foi levado para o isolamento. Foi jogado no alojamento — as pernas espalhadas no meio do aposento. Ele ouviu os guardas partirem. Seus olhos focaram as hastes de madeira. Seu nariz e seus lábios estavam molhados de sangue. Lazar olhou para ele.

Despido da cintura para cima, toalhas molhadas foram bem amarradas em torno do peito de Liev, amarradas às suas costas, eles o tornaram incapaz de mover-se, os braços presos ao lado do corpo. Ele não sentia dor. Embora nunca tivesse sido interrogador, ele tinha conhecimento em primeira mão de seus métodos. De tempos em tempos era forçado a olhar. Mas essa técnica era nova para ele. Ele foi levantado e deitado de costas. Os prisioneiros prosseguiram com suas atividades noturnas. O estômago de Liev estava gelado e encharcado com as toalhas. Mas ele estava exausto demais para se importar, aproveitando a oportunidade, fechou os olhos.

Acordou, em parte devido ao barulho dos prisioneiros indo para a cama, mas principalmente por causa da pressão em torno de seu peito. Lentamente, começou a compreender a tortura. À medida que secavam, as toalhas encolhiam cada vez mais, esmagando firmemente suas costelas. A dinâmica sutil do castigo era a consciência de que a dor só pioraria. Enquanto os outros homens se preparavam para dormir, Lazar tomou seu lugar de costume ao lado de Liev. O

homem ruivo, ao ouvir a voz de Lazar, aproximou-se:

— Você precisa de mim?

Lazar sacudiu a cabeça, indicando a direção da cama. O homem fixou os olhos em Liev, como um amante ressentido, ciumento, antes de se retirar conforme o ordenado.

Na altura da noite em que os prisioneiros caíam no sono, a dor era tão intensa que, se não estivesse amordaçado, Liev teria pedido piedade. Observando a face do outro começar a se contorcer lentamente, como se parafusos a atarraxassem, Lazar ajoelhou-se ao lado de Liev em um gesto de prece, aproximando a boca do ouvido, o lábio inferior tocando o lóbulo de Liev enquanto ele falava. Em um tom de voz tão fraco quanto o farfalhar de folhas de outono.

— É difícil... observar outro sofrer... não importa o que tenham feito... algo assim muda você... não importa o quão decidido está... em desejar vingança...

Lazar fez uma pausa, recuperando-se do esforço dessas palavras. Sua dor nunca parava, vivia com ela como companheira, sabendo que aquilo que sentia nunca melhoraria e que ele nunca conheceria outro momento sem ela.

— Perguntei aos outros... Houve algum chekista que o ajudou? Havia algum homem bom...? Todos... disseram... não.

Lazar fez uma nova pausa, enxugando o suor da sobrancelha antes de reaproximar os lábios do ouvido de Liev:

— O Estado escolheu você... para me trair... Porque você tem coração... Eu teria identificado um homem sem coração... Esta é a sua tragédia... Maxim, não posso poupá-lo... Há tão pouca justiça... Devemos tomar o que podemos...

A dor se tornou delirante: a sensação era tão intensa que assumiu propriedades de euforia. Liev não estava mais consciente do alojamento: as paredes de madeira se dissolviam, deixando-o no meio de um platô de gelo branco — um platô diferente, mais branco, mais suave e mais brilhante e de maneira alguma horrível ou frio. Água caía do céu, chuva gelada, diretamente sobre ele. Ele piscou, sacudindo a cabeça. Ele estava no alojamento, no chão. Tinham jogado água sobre ele. A mordaça fora removida. As toalhas desatadas. Mesmo assim, só podia inalar os menores sorvos de ar: seus pulmões se haviam acostumado à constrição. Ele se sentou: aspirações vagarosas e curtas. Havia amanhecido. Liev sobrevivera a outra noite.

Os prisioneiros passavam por ele a passos pesados, fungando de desdém, a caminho do refeitório. Os arquejos de Liev começaram a diminuir, a respiração se normalizando. Ele estava sozinho no alojamento e se perguntou se alguma vez se sentira tão sozinho na vida. Ele se levantou, precisando apoiar-se na armação da cama para suportar seu peso. Um guarda o chamou furioso por ele ter ficado para trás. Ele baixou a cabeça, arrastando-se para frente, incapaz de levantar os

pés, deslizando-os pela madeira lisa como se fosse um patinador enfermo.

Entrando na zona de administração, Liev parou. Não suportaria um segundo dia de trabalho. Sabia que não duraria uma terceira noite. A imaginação do ex-chekista ia a mil com a lembrança de várias torturas que havia presenciado. O que viria em seguida? A miragem de Timur era fraca demais para sustentá-lo. Seus planos deram errado. Um guarda gritou para ele.

— Continue a andar!

Liev tinha que improvisar. Estava por conta própria. Olhando na direção do escritório do comandante, gritou:

— Comandante! Com a violação da etiqueta, guardas correram em sua direção. Do refeitório, Lazar observava. Liev precisava chamar a atenção do comandante rapidamente:

— Comandante! Eu sei sobre o discurso de Kruschov!

Os guardas chegaram ao lado dele. Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Liev foi golpeado nas costas. Um segundo golpe atingiu-o no estômago. Ele se agachou, encolhendo-se, enquanto mais golpes eram assestados.

— Parem!

Os guardas se imobilizaram. Esticando-se, Liev olhou na direção dos alojamentos da administração. O comandante Siniávski estava no topo dos degraus.

— Tragam-no para mim.

Mesmo dia

GUARDAS EMPURRARAM LIEV ESCADA ACIMA e para dentro do escritório. O comandante havia se retirado para um canto, ao lado de um fogão atarracado e redondo. O aposento feito de troncos havia sido decorado com mapas da região, fotos do comandante ao lado de prisioneiros trabalhando — Siniávski sorrindo, como se estivesse em companhia de amigos, enquanto os prisioneiros exibiam rostos inexpressivos. Havia sombras em torno das molduras das fotos, indicando que outras fotos, de formas e tamanhos diferentes, tinham sido retiradas pouco antes e estas colocadas em seu lugar.

Vestindo roupas rasgadas, o corpo sovado, Liev ficou encurvado, tremendo como uma bezprizornik, uma criança de rua maltrapilha. Siniávski mandou os guardas saírem.

— Quero falar com o prisioneiro sozinho. Os guardas se entreolharam. Um deles disse: — Este homem nos atacou a noite passada. É melhor ficarmos com o senhor.

Siniávski sacudiu a cabeça:

— Isso não faz sentido.

— O senhor não está seguro ao lado dele.

Considerando a hierarquia, o tom usado pelos guardas fora inapropriadamente ameaçador. Evidentemente, o poder do comandante estava sendo questionado. Dirigindo-se a Liev: — Você não me atacará, não é? Liev sacudiu a cabeça: — Não, senhor.

— Não, senhor! Ele é até educado. Agora, saiam todos vocês, eu insisto.

Os guardas se retiraram, relutantemente, sem tentar ocultar o desprezo por aquela amabilidade.

Assim que eles se retiraram, Siniávski foi até a porta, verificando se não estavam parados do lado de fora. Ouviu o ruído dos passos dos guardas enquanto desciam os degraus. Seguro da privacidade trancou a porta e virou-se para Liev: — Por favor, sente-se.

Liev sentou-se na cadeira, posicionando-se em frente à mesa. O ar era cálido e cheirava a gravetos. Liev queria dormir. O comandante sorriu: — Você deve estar com frio.

Sem esperar resposta, Siniávski foi até o fogão. Uma panelinha estava sobre ele, e o comandante pegou-a pelo cabo, derramando um líquido cor de âmbar em uma canequinha de lata, o mesmo tipo de canequinha que tinha sido usada para

servir o extrato de pinho. Segurando a canequinha pela alça, ele a ofereceu a Liev: — Cuidado.

Liev olhou para a superfície que soltava vapor. Ele a levou aos lábios. O cheiro era suave. O líquido tinha sabor de mel derretido e flores selvagens. Nada chegou à sua garganta: como as primeiras chuvas caindo sobre um leito de rio desidratado e barrento, os açúcares quentes e o álcool foram imediatamente absorvidos. Liev sentiu o sangue subir à cabeça. As bochechas ganharem cor. O aposento começou a rodar. A sensação subsistiu em uma suavidade doce, intoxicante, algo que soava como uma canção de ninar parecia que Liev havia engolido felicidade sob a forma de néctar.

Siniávski sentou-se do lado oposto, destrancou uma gaveta, tirando uma caixa de papelão. Ele colocou-a na mesa entre eles. Em cima estava escrito:

NÃO É PARA A IMPRENSA

O comandante bateu no alto da caixa.

— Sabe o que há aqui dentro? Liev assentiu:

— Sim.

— Você é um espião, não é?

Liev não devia ter tomado aquele drinque. Suspeitos esfomeados eram rotineiramente embebedados, para a língua ficar bem solta. Ele precisava manter a lucidez. Era um erro dos mais óbvios confiar na benevolência daquele homem. Ao entrar no aposento, ele tinha a intenção de revelar sua verdadeira identidade, detalhando seu conhecimento íntimo da carreira do comandante, apoiado pelo nome de seus superiores. Essa afirmação, vinda do nada, pegou-o desprevenido. O comandante cortou seu silêncio.

— Nem pense em mentir. Sei a verdade. Você está aqui para fazer um relatório do progresso de nossas reformas? Como seu amigo?

O coração de Liev estufou-se em seu peito.

— Meu amigo?

— Enquanto eu estou comprometido com as mudanças, muitos não estão.

— Sabe sobre meu amigo?

— Estão procurando você, os dois funcionários que chegaram ontem à noite. Estão convencidos de que mais de um homem foi enviado para espioná-los.

— O que aconteceu com ele?

— Seu amigo? Eles o executaram.

A mão de Liev se afrouxou em torno da borda da caneca de lata, mas ele não a deixou cair ao chão. A força se esvaiu de suas costas. Sua espinha ficou mole. Ele se inclinou para frente, a cabeça caiu, olhando para o chão. O comandante continuou a falar: — Temo que eles possam nos matar também. Essa explosão

que você acaba de ter sobre O Discurso Secreto revelou sua identidade. Eles não deixarão que você vá embora. Como viu, foi difícil até ficar um momento sozinho com você.

Liev sacudiu a cabeça. Ele e Timur haviam sobrevivido a situações impossíveis. Ele não podia estar morto. Havia algum erro. Liev endireitou-se na cadeira.

— Ele não está morto.

— O homem a que me refiro chegou a bordo do Stary Bolshevik. Ele devia vir para cá como meu segundo em comando. Mas isso era um disfarce. Foi mandado aqui para escrever um relatório. Ele admitiu isso. Afirmou que estava aqui para nos avaliar. Então, eles o mataram. Eles não aceitarão ser julgados. Nunca permitirão isso.

Timur devia ter inventado aquela história para chegar ao acampamento e salvá-lo. Ele nunca devia ter pedido a ajuda de Timur. Liev estava tão preocupado em resgatar Zoia que dera pouca consideração aos riscos para Timur. Ele sequer hesitou tão convencido estava de seus planos e de suas habilidades. Ele havia destruído uma família adorável a fim de juntar os pedaços de uma família infeliz, arruinando algo maravilhoso em perseguição ao afeto de Zoia. Ele começou a chorar quando teve a percepção plena de que Timur, seu amigo, seu único amigo — um homem adorado pela mulher e pelos filhos, decente e leal, um homem que Liev amava muito, estava morto.

Quando Liev finalmente levantou a cabeça, viu que Zóris Siniávski estava chorando também. Liev olhou com descrença para os olhos vermelhos e lacrimejantes do velho, suas bochechas firmes, e se perguntou como um homem que construíra uma ferrovia incompleta com vidas inocentes podia chorar pela morte de um homem que sequer conhecia, um homem por cuja morte ele não era responsável. Talvez estivesse chorando por todas as mortes pelas quais nunca havia chorado todas as vítimas que morreram na neve, ou ao sol, ou na lama, enquanto ele fumava um cigarro, satisfeito por ter atingido sua cota.

Liev enxugou os olhos, lembrando-se do desprezo de Lazar pelas lágrimas. Ele estava certo. Elas eram inúteis. Liev devia mais a Timur. Se Liev não sobrevivesse, a mulher e os filhos de Timur sequer saberiam como ele havia morrido. E Liev nunca teria a chance de pedir desculpas.

Os guardas estavam atentos para que ele nunca conseguisse voltar a Moscou. Estavam protegendo o feudo que pertencia a eles. Liev era um espião, odiado por ambos os lados — prisioneiros e guardas igualmente, sozinho exceto pelo comandante, um homem cuja mente parecia distorcida pela culpa. Ele era, na melhor das hipóteses, um aliado imprevisível e não mais no controle do campo. Como lobos, os guardas cercavam os alojamentos da administração, esperando

que ele emergisse.

Olhando em torno do aposento, a mente disparada de idéias, Liev viu o microfone sobre a mesa. Era conectado a alto-falantes instalados na zona.

— Pode dirigir-se ao campo inteiro?

— Sim.

Liev se levantou, tomando a caneca e enchendo-a até a borda com o álcool quente de âmbar. Ele a entregou ao comandante: — Beba comigo.

— Mas...

— Beba em memória do meu amigo.

O comandante engoliu de uma só vez. Liev encheu a caneca novamente.

— Beba em memória de todos que morreram aqui.

O comandante assentiu, terminando a caneca. Liev encheu-a novamente: — E a todas as mortes de inocentes ao redor do nosso país. O comandante engoliu as últimas gotas, enxugando os lábios. Liev apontou para o microfone.

— Ligue-o.

Mesmo dia

NO SALÃO DO REFEITÓRIO, Lazar pensava na decisão de Liev de se colocar à mercê do comandante. Recém-convertido à compaixão, Zóris Siniávski poderia protegê-lo. Os outros prisioneiros estavam furiosos diante de sua perspectiva de justiça ter sido arrebatada deles. Já haviam planejado uma terceira tortura, a quarta, a quinta — cada homem esperando avidamente a noite em que Liev sofreria como eles haviam sofrido, quando veriam em seu rosto a dor que eles experimentaram e ele gritaria por piedade e eles teriam a chance longamente acalentada de dizer:

Não

Quanto à história de Liev sobre sua mulher — Anísia —, isso o havia incomodado. Mas os vory no alojamento haviam assegurado que era impossível, se uma mulher antes cantava hinos e limpava e cozinhava, ela ascender a líder de sua própria gangue. Desta vez Lazar não seria enganado.

Houve um ruído de estática nos alto-falantes externos. Embora não fosse mais que um barulho ao fundo, a rotina diária era tão rígida e imutável que Lazar se encolheu ante essa ocorrência fora do comum. Levantou-se, caminhando em torno da multidão de prisioneiros que tomava o café da manhã, e abriu a porta.

Os alto-falantes estavam no alto de postes de troncos de madeira, um acima de cada alojamento de prisioneiros e um na zona administrativa, posicionado do lado de fora da cozinha e do refeitório. Eles

raramente eram usados. Um punhado de prisioneiros aglomerou-se atrás dele, inclusive Georgi, sua voz, que nunca saía de seu lado. Lazar fixou o olhar no castigado alto-falante mais próximo, entortado pelos ventos, pendendo de lado. Um fio se enrolava em torno do poste e chegava ao chão congelado, correndo para o escritório do comandante. A estática silvou novamente, modulando a voz baixa de seu comandante. Ele soava inseguro:

— Relatório especial...

Fez uma pausa, e começou novamente, desta vez mais alto:

— Relatório especial para o 20° Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Sessão fechada. 25 de fevereiro de 1956. Por Nikita Kruschov, Primeiro Secretário.

Lazar desceu os degraus, caminhando na direção do alto-falante. Os guardas haviam interrompido o que estavam fazendo. Após um momento de confusão,

cochicharam entre si, evidentemente desin-formados sobre a intenção do comandante. Um pequeno grupo de guardas destacou-se, rumando para o alojamento da administração. Enquanto isso, o comandante continuava a ler em voz alta. Quanto mais lia, mais agitados os guardas ficavam.

—... O que aconteceu durante a vida de Stálin, que praticou violência brutal, não apenas contra tudo que se opunha a ele, como também, contra o que parecesse, ao seu caráter caprichoso e despótico, contrário às suas ideias...

Apressando-se, os guardas subiram os degraus, batendo na porta, chamando repetidamente seu comandante, tentando descobrir se estava agindo sob pressão. Um gritou, com uma sinceridade ingênua:

— O senhor está refém?

A porta permanecia fechada. Não parecia a Lazar que o comandante estivesse lendo sob pressão. Sua voz crescia em inflexões:

— Stálin criou o conceito de Inimigo do Povo. O termo possibilitou o uso da repressão mais cruel, violando todas as normas da legalidade revolucionária, contra qualquer um que discordasse de Stálin...

A cabeça de Lazar ergueu-se para o microfone, sua boca aberta de veneração, como se um milagre celestial estivesse sendo feito no céu.

Toda a população da prisão abandonou o café da manhã, ou carregou a tigela junto, reunindo-se em torno de um único alto-falante, uma vasta aglomeração humana, olhando para cima, hipnotizada pelas palavras crepitantes. Estas eram críticas ao Estado. Estas eram críticas a Stálin. Lazar nunca ouvira algo semelhante a isso antes, não desta forma, as palavras não estavam sendo sussurradas entre dois amantes, ou por dois prisioneiros nos beliches. Estas eram palavras de seu líder, palavras que tinham sido ditas em voz alta no congresso, transcritas e impressas, distribuídas nos mais longínquos rincões de seu país:

— Como uma pessoa confessa crimes que não cometeu? Apenas de uma forma: a aplicação de tortura, levando-o a um estado de inconsciência, privando-o da capacidade de discernimento, eliminando sua dignidade humana...

O homem ao lado de Lazar pôs o braço em seu ombro. O prisioneiro a seu lado fez o mesmo e logo todos os prisioneiros estavam unidos, braços sobre ombros.

Lazar tentava não prestar atenção aos guardas, concentrando-se no discurso, mas foi distraído pelo dilema que viviam aqueles homens — hesitavam entre a decisão de fazer o comandante parar de ler, ou fazer os prisioneiros pararem de ouvir. Decidindo que era mais fácil lidar com um homem do que com mil, eles golpearam a porta com os punhos, ordenando que o comandante parasse imediatamente. Construídas para suportar condições árticas, as portas tinham

sido feitas de troncos grossos. As pequenas janelas eram dotadas de venezianas. Não havia uma maneira fácil de entrar. Desesperado, um guarda disparou a metralhadora, as balas ricocheteando inutilmente para cima e para baixo na madeira. Elas não abriram a porta, mas tiveram o efeito desejado. A leitura parou.

Lazar sentiu o silêncio como uma perda. Ele não estava só. Irados com a interrupção do discurso, os prisioneiros à direita e à esquerda começaram a bater com os pés, sendo rapidamente imitados pelos outros, por todos, mil pernas subindo e descendo, batendo contra o solo congelado:

— Mais! Mais! Mais!

A energia era irresistível. Logo, seu pé também batia contra o solo.

LIEV E O COMANDANTE OUVIAM a comoção do lado de fora. Impossibilitados de arriscar abrir as venezianas, por medo de que os guardas atirassem neles, não podiam ver o que estava acontecendo. As vibrações do estampido de pés se irradiavam pelos pisos. O som do coro viajava por entre as grossas paredes:

— Mais! Mais! Mais!

Siniávski sorriu, pondo uma das mãos no peito, parecendo interpretar a resposta dos prisioneiros como uma afirmação de seu caráter reformado.

O clima no campo era volátil, exatamente o que Liev desejava. Ele fez um gesto em direção às páginas do discurso que ele editara rapidamente, condensando o documento, comprimindo-o em uma série de chocantes admissões. Entregou ao comandante a página seguinte. Siniávski sacudiu a cabeça:

— Não.

Liev ficou desconcertado:

— Por que parar agora?

— Quero fazer meu próprio discurso. Fui... inspirado.

— O que vai dizer?

Siniávski levou o microfone à boca, dirigindo-se ao Gulag 57:

— Meu nome é Zóris Siniávski. Vocês me conhecem como o comandante deste Gulag, onde trabalhei durante muitos anos. Aqueles que chegaram recentemente pensarão em mim como um homem bom, justo e generoso.

Liev duvidava disso. No entanto, ele parecia convencido dessas declarações. O comandante estava tratando seu discurso com absoluta seriedade.

— Aqueles que estão aqui há mais tempo não pensarão em mim em termos tão gentis. Vocês acabaram de ouvir Kruschov admitindo erros cometidos pelo Estado, admitindo os atos de crueldade de Stálin. Quero seguir o exemplo de

nosso líder. Quero admitir meus próprios erros.

Ouvindo a palavra — seguir—, Liev se perguntou se o comandante era levado pela culpa ou por uma vida de inquestionável obediência. Foi esta uma redenção ou imitação? Se o Estado revertesse para o terror, poderia Siniávski retornar à brutalidade com a mesma pressa com que abraçava a leniência?

— Fiz coisas das quais não me orgulho. É tempo de pedir o perdão de vocês.

Liev percebeu que a força dessa confissão poderia ser ainda maior que a admissão de Kruschov. Os prisioneiros conheciam esse homem. Sabiam que ele havia matado. O coro e o estampido cessara. Eles esperavam pela confissão daquele homem.

LAZAR NOTOU que nem os guardas queriam mais derrubar a porta, esperando as palavras seguintes do comandante. Após uma pausa, a voz baixa de Siniávski ressoou pelo campo:

— Arkangelsk, meu primeiro posto. Minha tarefa era supervisionar prisioneiros que trabalhavam na floresta. Eles cortavam as árvores, preparando a madeira para ser transportada. Eu era novo no trabalho. Estava nervoso. Minhas ordens eram para retirar um volume fixo de madeira por mês. Nada mais importava. Eu tinha cotas, exatamente como todos vocês. Depois da primeira semana descobri um prisioneiro que estava enganando a fim de preencher sua cota. Se eu não o tivesse descoberto, minha cota ficaria aquém e eu seria acusado de sabotagem. Então, vejam vocês... a questão era de sobrevivência, nada mais. Eu não tinha escolha. Fiz dele um exemplo. Ele foi totalmente despido, amarrado a uma árvore. Era verão. Ao pôr do sol seu corpo estava negro de mosquitos. Pela manhã ele estava inconsciente. No terceiro dia estava morto. Ordenei que seu corpo fosse deixado na floresta como um aviso. Por vinte anos, não pensei naquele homem. Recentemente, penso nele todos os dias.

Não lembro seu nome. Não sei se alguma vez soube seu nome. Lembro que na época tínhamos a mesma idade. Eu tinha 21 anos.

Lazar observou como o comandante moderava sua honestidade com qualificativos.

Eu não tinha escolha.

Com aquelas palavras, milhares morreram, não por armas, mas com lógica perversa e racionalização cuidadosa. Quando Lazar voltou sua atenção para o discurso, o comandante não mais falava de sua vida nas florestas de Arkangelsk. Estava discutindo sua promoção para as minas de sal de Solikamsk:

— Nas minas de sal, como medida de eficiência, ordenei aos homens que

dormissem no subsolo. Por não fazê-los descer e subir no início e no fim de cada jornada de trabalho, ganhei milhares de horas preciosas de trabalho, beneficiando nosso Estado.

Os prisioneiros sacudiram a cabeça, imaginando as condições daquele inferno subterrâneo:

— Meu propósito era descobrir novos meios de beneficiar nosso Estado! O que posso dizer? Se não tivesse pensado nisso, meu assistente poderia ter proposto e eu teria sido punido. Aqueles homens necessitavam mais da luz do dia do que o Estado necessitava de sal? Quem teria autoridade para levantar esse argumento? Quem ousaria falar por eles?

Um dos guardas, um homem que Lazar nunca vira antes, caminhou na direção deles, brandindo uma faca. Eles iam cortar o fio e encerrar o discurso. O guarda estava sorrindo, satisfeito com a solução:

— Saia da minha frente.

O prisioneiro mais próximo dele deu um passo à frente, pisando no fio, bloqueando o guarda. Um segundo prisioneiro juntou-se a ele, e um terceiro, um quarto, mantendo o fio fora de alcance. Sorrindo ameaçadoramente, como se dissesse que se lembraria disso mais tarde, o guarda se encaminhou para outro trecho exposto de fio. Reagindo, os prisioneiros avançaram rapidamente, preenchendo o espaço, protegendo o fio. O grupo de prisioneiros se realinhou até haver uma densa linha de prisioneiros lado a lado estendendo-se do poste de madeira onde estava o alto-falante até a base dos alojamentos da administração. O único meio de o guarda chegar ao fio era arrastando-se sob o alojamento, algo que seu orgulho impediu-o de fazer.

— Saiam do meu caminho.

Os prisioneiros não se mexeram. O guarda virou o rosto para as duas vakhta, as torres fortificadas acima do campo. Acenou para os atiradores, apontando para os prisioneiros antes de se afastar correndo.

Houve uma rajada de tiros. Em uníssono, os prisioneiros caíram de joelhos. Lazar olhou em volta, esperando ver mortos e feridos. Ninguém parecia ferido. A rajada deve ter passado acima de suas cabeças, tiros de advertência. Lentamente, todos se levantaram. Vozes do fundo gritaram:

— Precisamos de socorro!

— Tragam o feldsher!*

Fora de vista, Lazar não podia ver o que acontecia. Os pedidos de assistência médica continuaram. Mas ninguém veio. Os guardas não fizeram nada. Logo os gritos cessaram — não houve mais pedidos de ajuda. Explicações correram pela multidão. Um prisioneiro morrera.

Sentindo que o clima ficara pesado, o guarda deixou a faca de lado e sacou a

arma. Ele atirou no alto-falante, errando diversas vezes, até que finalmente o aparelho soltou faíscas e se quebrou, caindo no silêncio. Os outros quatro alto-falantes na zona de prisioneiros ainda funcionavam, mas estavam a alguma distância: a voz do comandante reduzida a um inaudível som de fundo. Mantendo a arma na mão, o guarda anunciou:

Enfermeiros, profissionais de saúde que atuavam principalmente em áreas remotas da União Soviética. (AT. do T.)

— Voltem para o alojamento! E ninguém mais morrerá! A ameaça foi mal-entendida.

Erguendo do chão o arame farpado, um prisioneiro lançou-se à frente, enrolando o pescoço do guarda com ele, estrangulando-o. Os prisioneiros ficaram em volta dos dois. Outros guardas correram para intervir. Um prisioneiro agarrou a arma do guarda, alvejando os guardas que se aproximavam. Um homem caiu, ferido. Os outros sacaram as armas, atirando à vontade.

Os prisioneiros se espalharam. Uma percepção atingiu-os ao mesmo tempo e instantaneamente. Se os guardas retomassem o controle, as represálias seriam selvagens, não importava os discursos feitos em Moscou. Nesse momento, ambas as torres abriram fogo.

O COMANDANTE AINDA FALAVA, fazendo uma confissão sangrenta após a outra, parecendo alheio ao tiroteio. Sua mente se perdera: sob Stálin, seu caráter tinha sido empurrado com força extrema em uma direção. Agora ele estava sendo empurrado na direção exatamente oposta. Ele não tinha resistência, nenhuma idéia de quem realmente era, nem um homem bom, nem um homem mau, mas um homem fraco.

Permitindo que o comandante continuasse, Liev abriu a veneziana, olhando cuidadosamente para fora. Prisioneiros rebelados corriam em todas as direções. Havia corpos na neve. Calculando as forças de ambos os lados, Liev fixou uma proporção de um guarda para cada quarenta internos, uma proporção alta, explicando em parte por que os campos eram tão dispendiosos de se manter — a força de trabalho falhando em recuperar o custo de manter os prisioneiros alimentados, alojados, transportados e escravizados. Uma grande despesa eram os guardas, que recebiam extra por trabalhar em locais tão remotos. Esta era a razão pela qual estavam atirando para manter a autoridade. Eles não tinham vidas para as quais voltar, nem famílias, nem vizinhos que os quisessem.

Nenhuma comunidade de operários os aceitaria. A prosperidade daqueles homens dependia dos prisioneiros. A luta seria igualmente desesperada dos dois lados.

Houve um clarão de fogo das torres — a janela se espatifou. Liev deixou-se tombar, vidro caindo em torno dele, balas atingindo o piso. Seguro atrás dos grossos troncos de árvore, Liev lentamente estendeu o braço, tentando fechar as venezianas. A madeira se despedaçou em um chuveiro de lascas. O aposento estava exposto.

Sobre a mesa, o equipamento de som, jogado de um lado para o outro pelos projéteis, se ergueu, rodando no ar antes de cair ao chão. Siniávski caiu para trás, curvando-se como uma viola. Por cima do barulho, Liev gritou:

— Você tem uma arma?

Os olhos de Siniávski desviaram-se para o lado. Liev seguiu-os até um baú de madeira encostado em um canto, fechado a cadeado. Ele se levantou, correndo em direção ao baú, e viu que o comandante correra para bloqueá-lo, levantando as mãos:

— Não!

Liev afastou o comandante para o lado, pegando o abajur de aço na mesa e usando sua pesada base para golpear o cadeado. Com o segundo golpe desferido, o cadeado foi esmagado e removido. O comandante saltou novamente para frente, atirando-se sobre o baú:

— Eu lhe imploro...

Liev o empurrou, levantando a tampa.

Dentro não havia mais que uma coleção de miudezas. Havia fotos emolduradas. Elas mostravam o comandante de pé orgulhosamente ao lado de um canal: prisioneiros emaciados trabalhavam ao fundo. Liev imaginou que estas fossem as fotos que pendiam originalmente na parede do escritório. Ele as atirou para o lado, procurando entre pastas de arquivo, certificados, prêmios e cartas de congratulações por Siniávski ter cumprido a cota — o lixo de sua grande carreira. Havia um rifle de caça no fundo. No punho do rifle havia marcas, 23 mortes. Certo de que aquelas marcas não se referiam a lobos ou ursos, Liev carregou o rifle com a munição robusta, da grossura de um dedo, indo até a janela.

As torres principais, as Vakhta, eram estrategicamente cruciais, construídas sobre altos postes de madeira. Os guardas já haviam empurrado as escadas, tornando impossível escalar suas posições. Protegidas por paredes de troncos grossos, o topo de cada torre abrigava um pódio sobre o qual estava montada uma metralhadora capaz de disparar centenas de projéteis por minuto, um poder de fogo coletivo muito maior do que o que existia no solo. Liev tinha que afastar

seu fogo dos prisioneiros. Fez pontaria na torre de guarda diretamente em frente a ele. Havia pouca chance de o seu tiro ser tão preciso que penetrasse no espaço entre os troncos da parede. Ele disparou duas vezes, estremecendo ao coice maciço do rifle. Eles pararam de atirar nos prisioneiros, redirecionando suas rajadas para ele.

Abaixando-se, agachado no chão, Liev olhou para Siniávski. Ele estava em um canto, lendo as páginas remanescentes do Discurso Secreto, calmamente, como se nada estivesse acontecendo, enquanto seu escritório estava sendo despedaçado por armas. Ele olhou para Liev, lendo:

— Deixe que meu grito de horror chegue aos seus ouvidos: não fiquem surdos, coloquem-me sob sua proteção; por favor, ajudem-me a remover o pesadelo dos interrogatórios e mostrar que tudo isso é um erro!

Siniávski ficou de pé:

— Tudo isso foi um erro terrível! Isso nunca deveria ter acontecido! Liev gritou para ele:

— Abaixe-se!

Uma bala atingiu o comandante no ombro. Incapaz de ficar apenas assistindo-o morrer, Liev saltou, derrubando o comandante no chão. Aterrissando sobre seus joelhos feridos, Liev quase desmaiou de dor. Siniávski sussurrou:

— Aquele discurso salvou minha vida.

Liev sentiu o cheiro de fumaça. Rolou de costas, tirando a pressão dos joelhos. Ficou de pé desajeitadamente e aproximou-se da janela. Não havia mais fogo pesado. Pela janela despedaçada ele observou cautelosamente a zona e viu a fonte da fumaça. Diretamente sob a base da cabine havia fogo, as chamas subindo pela estrutura. Barris de combustível tinham sido rolados até debaixo delas e tinham ateado fogo a eles, a cabine assava como um pedaço de carne na ponta de um espeto. Para os homens que estavam dentro não havia escapatória. Impossibilitados de descer pela escada, os guardas tentaram sair pelos espaços entre os troncos das paredes. O espaço era muito pequeno: um homem ficou preso, entalado, incapaz de seguir ou voltar enquanto o fogo aumentava. Ele começou a gritar.

A segunda torre tentava proteger-se de um destino semelhante: atirava nos prisioneiros que carregavam materiais para fazer uma fogueira. Mas havia presos demais, vindos de todas as direções. Uma vez que estavam embaixo, não havia nada mais que os guardas pudessem fazer na torre, exceto esperar. Um novo fogo se acendeu. As duas torres tinham sido derrotadas. O equilíbrio de poder havia mudado. Os prisioneiros tinham o controle do campo agora.

Um machado estalou contra a porta do comandante, um segundo golpe, um terceiro, uma ponta de metal aparecendo entre a madeira. Antes que eles tivessem chance de arrebentar a porta, Liev baixou o rifle e destrancou a porta, dando um passo atrás, braços levantados, indicando rendição. Um pequeno grupo de prisioneiros irrompeu no aposento, brandindo facas e revólveres e barras de ferro. O homem no comando olhou para seus cativos:

— Levem-nos para fora.

Os prisioneiros agarraram Liev pelos braços, levando-o apressadamente pelos degraus abaixo, conduzindo-o para junto dos guardas que haviam capturado — os papéis estavam trocados. Derrotados e ensangüentados, sentaram-se na neve olhando as vakhta queimarem. Colunas de fumaça se ergueram, bloqueando uma grande faixa de céu, anunciando a revolução para toda a região.

Mesmo dia

FRANZINDO O ROSTO EM CONCENTRAÇÃO, Malich estudou a lista escrita à mão. Tinham dito a ele que a lista trazia os nomes dos homens e mulheres que Fraera planejava assassinar. Como não sabia ler, a relação de nomes parecia a ele nada mais que uma coleção de símbolos ininteligíveis. Até pouco antes, não o preocupara o fato de não saber ler ou escrever, capaz apenas de reconhecer as letras de seu klikuka, o que o tornava pouco mais alfabetizado que um cão reconhecendo quando chamavam seu nome. Por esse motivo, durante o período de iniciação, ele fora inteligente o bastante para insistir em que nenhuma de suas tatuagens contivesse letras, por medo de que os outros vory pudessem explorar sua ignorância e gravassem algo insultante. Embora fosse proibido, sob pena de morte, criar uma falsa tatuagem, uma mentira completa, essa regra poderia não impedi-los de fazer uma piada à custa dele, chamando-o de Pequeno Pênis, em lugar de Pequeno Garoto.

Ele era esperto e não precisava de um diploma ou certificado para provar nada. Não precisava saber ler ou escrever. Que utilidade teriam essas habilidades para ele? Não esperava que um professor soubesse abrir uma fechadura ou atirar uma faca. Por que alguém deveria esperar que um ladrão soubesse ler? Embora esse raciocínio ainda fizesse sentido para ele, algo mudara. Ele se sentia embaraçado, e esse embaraço começara a crescer no momento em que Zoia segurou sua mão.

Ela não podia saber que ele era analfabeto. Talvez ela presumisse o pior, vendo-o como pouco mais que um gângster aproveitador. Ele não se importava. Ela devia ficar mais preocupada sobre se ele iria cortar sua garganta do que em julgá-lo. Ele estava se erguendo do chão.

Respirando profundamente, voltou a atenção para os nomes diante dele — os chekistas aposentados. Ele sabia por ouvir Fraera dizer, que a lista continha nomes, endereços e uma descrição dos crimes de cada indivíduo — fossem um investigador, interrogador ou um informante. Correndo uma unha suja em cima de cada linha, podia identificar qual coluna continha os nomes: era a coluna com o menor número de palavras. A coluna com números: eram seus endereços. E por dedução, a coluna final, com o maior número de palavras, devia ser a da descrição de seus crimes. A quem tentava enganar? Isso não era leitura. Não era nem perto disso. Jogou a lista no chão, andando pelo túnel de esgoto. A culpa era dela — aquela garota, ela era a razão de ele sentir-se assim. Ele desejava nunca tê-la visto.

Inseguro sobre o que iria fazer correu ao longo do túnel, entrando em sua toca fedorenta. Fraera afirmava que estavam vivendo nos remanescentes de uma antiga biblioteca, a biblioteca perdida de Ivã, o Terrível, que outrora guardava uma coleção sem preço de pergami-nhos bizantinos e hebraicos. Um analfabeto escondendo-se em uma biblioteca — ele nunca havia atentado para essa ironia, não até a chegada de Zoia. Biblioteca antiga ou não, ele considerava sua base pouco mais que uma rede de câmaras feias e úmidas. Evitando os outros, que bebiam como sempre, caminhou em silêncio até a cela de Zoia.

Trouxe um banquinho e ficou sobre ele, olhando pelas barras de ferro. Zoia dormia em um canto, enrolada no colchão. Havia um lampião pendente do teto — fora de alcance, sempre aceso, para que ela estivesse sempre sob constante vigilância. A raiva de Malich modificou-se. Seus olhos percorreram o corpo dela, observando-a dormir, o ritmo lento de seu peito subindo e descendo. Embora fosse um vory, ele também era virgem. Ele assassinava, mas nunca fizera sexo, uma fonte de grande divertimento para os outros. Eles o provocavam, dizendo que se não usasse o pênis logo, ele se infectaria e cairia e então Malich não seria mais que uma menina. Depois da iniciação, eles o haviam levado a uma prostituta, empurrando-o quarto adentro e fechando a porta, dando a ele ordens de que crescesse. A mulher estava sentada na cama, entediada, nua, a pele dos braços e pernas arrepiada. Ela estava fumando um cigarro — um comprido tubo de cinza pendendo do final — tudo em que Malich pôde pensar era se a cinza quente iria cair nos seios dela. Ela sacudira a cinza no chão e lhe perguntara o que estava esperando, fazendo um aceno com a cabeça em direção ao pênis dele. Ele correu as mãos para o cinto, desafivelando-o e depois afivelando-o novamente, dizendo à mulher que não queria fazer sexo, que ela poderia ficar com o dinheiro contanto que não dissesse nada aos outros.

Ela deu de ombros, disse a ele que se sentasse que esperariam cinco minutos e que depois ele poderia ir ninguém acreditaria mesmo que ele ficasse com ela mais que isso. Eles esperaram cinco minutos. Ele sentou-se na cama e depois se foi. Enquanto caminhava pelo corredor, preparando sua mentira, ela gritou para os outros que eles estavam certos. Ele ficara com medo. Os vory gargalharam como feiticeiras. Até Fraera pareceu desapontada com ele.

Ouvindo alguém se aproximar, Malich virou-se, puxando a faca. Ele teve a mão agarrada, os dedos imobilizados, e a faca tomada. Fechando a lâmina e devolvendo a faca de volta para ele, Fraera inclinou-se sobre o ombro dele, olhando para dentro da cela: — Ela é bonita, não é?

Malich não respondeu. Fraera baixou os olhos para ele: — É raro alguém conseguir aproximar-se sorrateiramente de você, Malich.

— Eu estava apenas verificando a prisioneira.

— Verificando?

Ele se ruborizou. Fraera pôs o braço em torno dele, acrescentando: — Quero que ela acompanhe você em seu próximo trabalho. Malich olhou para Fraera: — A prisioneira?

— Use o nome dela.

— Zoia.

— Ela tem mais razões que a maioria para odiar chekistas. Eles assassinaram os pais dela.

— Ela não sabe lutar. Ela é inútil. É apenas uma menina.

— Eu era apenas uma menina antes.

— Você é diferente.

— Ela também.

— Ela poderia tentar fugir. Gritar por socorro.

— Por que não pergunta a ela? Ela está ouvindo. Houve um silêncio. Fraera disse para dentro da cela: — Sei que está acordada.

Zoia sentou-se, virando o rosto para eles. Ela falou: — Eu não disse que não estava.

— Você é corajosa. Tenho uma proposta para uma garota corajosa. Quer acompanhar Malich na próxima tarefa?

Zoia olhou para ele:

— Para fazer o quê? Fraera respondeu: — Assassinar um chekista.

Kolima Gulag

Mesmo dia

AS DUAS VAKHTA TINHAM DESABADO em montes fumegantes, a massa de madeira queimada no meio, reduzida a brasas vermelhas e chamas ocasionais. Tufos de fumaça deixavam rastro no céu noturno carregando as cinzas de pelo menos oito guardas: seu ato final na terra fora bloquear uma faixa irregular de estrelas antes de se espalharem pelo platô. Guardas do gulag, mortos fora da armadilha de fogo da vakhta, estavam exatamente onde morreram, pontilhando todo o campo. Um corpo pendia de uma janela. A ferocidade com que havia sido morto sugeria que ele fora especialmente cruel em suas obrigações — caçado por prisioneiros enfurecidos, finalmente preso, espancado e esfaqueado enquanto tentava desesperadamente pular para fora. Seu corpo fora abandonado, dobrado sobre o parapeito da janela, a bandeira de um império recém-formado.

Os guardas sobreviventes e os funcionários do gulag, cerca de cinquenta no total, tinham sido reunidos no centro da zona de administração. A maioria estava ferida. Sem cobertores ou cuidado médico, amontoados na neve, seu desconforto era visto com indiferença, uma lição bem aprendida pelos prisioneiros. Na avaliação do status ambíguo de Liev, ele fora classificado mais como guarda que como prisioneiro, forçado a sentar-se, tremendo de frio, observando as velhas estruturas de poder caírem e novas se formarem.

Pelo que pôde perceber havia três líderes não eleitos, homens cuja autoridade havia sido estabelecida dentro do microcosmo dos alojamentos. Cada homem tinha o próprio bando de seguidores, claramente definidos. Lazar era um líder. Aqueles que o seguiam eram prisioneiros mais velhos, os intelectuais presos, trabalhadores qualificados — os jogadores de xadrez. O segundo líder era um homem mais jovem, atlético, bonito, talvez um ex-trabalhador de fábrica — o soviético perfeito, e mesmo assim preso igual aos outros. Seus seguidores eram mais jovens, homens de ação. O terceiro líder era um vory. Com 40 anos talvez, olhos apertados e dentes pontiagudos, um sorriso de tubarão. Ele tomara posse do casaco do comandante. Grande demais para ele arrastava-se na neve.

Seus seguidores eram os outros vory: ladrões e assassinos. Três grupos, cada representado por seu líder, cada um com pontos de vista diferentes. Os choques de opinião foram imediatos. Lazar, intermediado pela voz do ruivo Georgi, aconselhava cautela e ordem: — Devemos estabelecer vigias. Precisamos espalhar armas ao longo do perímetro.

Após muitos anos de prática, Georgi era capaz de falar ao mesmo tempo em

que ouvia Lazar: — Além disso, temos que proteger e racionar nossos suprimentos de comida. Não podemos correr de um lado para o outro feito louco.

O trabalhador de queixo quadrado, que parecia ter saído diretamente de um comercial, discordou: — Temos direito a toda comida na qual pudermos pôr as mãos e a qualquer bebida que encontrarmos como compensação pelos salários perdidos, como recompensa por conquistarmos nossa liberdade!

O vory de casaco de pele de rena fez apenas uma exigência: — Após uma vida inteira de regras, a desobediência deve ser tolerada.

Havia um quarto grupo de prisioneiros, ou antes um não grupo, indivíduos que não seguiam um líder, intoxicados de liberdade, alguns correndo como cavalos selvagens, indo rapidamente de um alojamento para o outro, explorando, gritando entusiasticamente diante de prazeres inidentificáveis, ou enlouquecidos pela violência, ou loucos durante o tempo todo e só agora capazes de se expressar. Alguns adormeciam nas confortáveis camas dos guardas: liberdade significava a habilidade de fechar os olhos quando estavam cansados. Outros, dopados com morfina, ou bêbados da vodca de seus ex-captores. Rindo, esses homens cortavam pedaços da cerca de arame farpado, transformando o odiado fio metálico em ornamentos com os quais enfeitavam os guardas que antes os comandavam, pressionando coroas de arame farpado em suas cabeças, referindo-se a eles zombeteiramente como filhos de Deus e gritando: — Crucifiquem os filhos da puta!

Testemunhando a anarquia que os cercava, Lazar insistiu em seu argumento, sussurrando para Georgi, que repetiu: — Devemos proteger os suprimentos com urgência. Um homem esfomeado comerá até morrer. Devemos parar de cortar o arame farpado. É uma proteção contra as forças que inevitavelmente virão. Não podemos ordenar liberdade absoluta. Não sobreviveremos.

A julgar pela reação muda do vory de casaco de pena de rena, grande parte do saque já havia sido feita. Os recursos mais preciosos já estavam nas mãos do seu grupo.

O trabalhador de queixo quadrado, cujo nome Liev não sabia, concordou em tomar algumas das medidas propostas, medidas práticas, tão logo resolvessem a urgente questão das punições para os guardas capturados: — Meus homens necessitam de justiça! Eles esperaram anos! Eles sofreram! Não podem esperar um momento mais!

Ele falava em slogans, cada sentença acabando em um ponto de exclamação. Embora Lazar relutasse em adiar as medidas práticas, ele cedeu a fim de ganhar apoio. Os guardas seriam julgados. Liev seria julgado.

Um dos seguidores de Lazar fora advogado em sua vida anterior, como ele

dizia, e assumiu importante papel de instalar o tribunal no qual Liev e os outros seriam julgados. Ele inventou seu sistema com prazer. Após anos de submissão desprezível, o advogado se deliciava em voltar a um tom de autoridade e sabedoria, um tom que considerava naturalmente seu: — Concordamos em que apenas os guardas serão julgados. A equipe médica e os ex-prisioneiros que agora fazem parte da administração do gulag ficarão isentos.

A proposta foi aceita. O advogado continuou: — Os degraus para o escritório do comandante servirão como tribunal. O guarda será levado ao degrau de baixo. Nós, os homens livres, diremos em voz alta exemplos de sua brutalidade. Se um incidente for considerado válido, o guarda subirá um degrau. Se o guarda chegar ao último degrau, será executado. Se não, mesmo que cheguem ao antepenúltimo degrau e nenhum outro crime possa ser encontrado contra eles, o guarda terá permissão de descer e sentar-se.

Liev contou os degraus. Eram 13 no total. Já que começavam no degrau de baixo, isso significava 12 crimes para chegar ao alto: 12 para morrer, 11 ou menos para viver.

Baixando a voz, assumindo um tom de deliberada gravidade, o advogado chamou: — Comandante Zóris Siniávski.

Levado ao primeiro degrau, Siniávski encarou o tribunal. O ombro do comandante recebera um curativo rústico, o sangramento havia parado a fim de mantê-lo vivo o bastante para que enfrentasse a justiça. Seu braço pendia inútil. Apesar disso, ele sorria como uma criança no recreio, buscando um rosto amigo entre os prisioneiros reunidos. Não havia um representante só para a defesa e outro para a acusação: ambos os lados seriam debatidos pela assembleia de prisioneiros. O julgamento era coletivo.

Quase imediatamente um coro de vozes gritou. Houve insultos, exemplos de seus crimes, superposição, ininteligível. O advogado levantou o braço, pedindo silêncio: — Um de cada vez! Você levanta a mão, eu aponto, e então você fala. Todo mundo poderá falar.

Ele apontou para um prisioneiro, um homem mais velho. A mão do prisioneiro permaneceu levantada. O advogado observou: — Pode baixar a mão. Já pode falar.

— Minha mão é prova de seu crime.

Dois dedos estavam cortados na altura da junta, dois cotocos enegrecidos.

— Congelados. Sem luvas. Menos 50 graus: tão frio que quando você cuspia, a saliva se transformava em gelo antes de tocar o solo. Ele nos mandou sair assim mesmo, em condições que não davam nem para cuspir! Ele nos mandou sair! Dia após dia! Dois dedos, dois degraus!

Todos gritaram em apoio. O advogado endireitou o casaco de algodão cinza

de prisioneiro como se fosse uma túnica formal: — Não se trata do número de dedos perdidos. Você citou condições de trabalho inumanas. Todos concordaram com o crime. Mas esse é apenas um exemplo, portanto, um degrau.

Uma voz se ergueu na multidão:

— Eu perdi um dedão! Por que o meu dedão não pode contar como mais um degrau?

Havia mais que o bastante de dedos deformados e enegrecidos e dedões para forçar o comandante a ir para o topo dos degraus. O advogado estava perdendo o controle, incapaz de estabelecer regras suficientes para amenizar a multidão animada.

Interrompendo o debate, o comandante disse alto:

— Você tem razão! Seu ferimento é um crime. Cada uma das feridas que tem é um crime.

O comandante subiu outro degrau escada acima. As exclamações morreram, os argumentos silenciaram enquanto ouviam: — A verdade é que cometi mais crimes que os degraus que há aqui. Se houvesse degraus até o alto da montanha, eu teria que subi-los todos.

Ofendido pelo fato de seu sistema ter sido evitado por essa confissão, o advogado respondeu: — Você aceita que merece morrer?

O comandante respondeu indiretamente:

— Se você pode subir um degrau, você também pode descer um degrau? Se você faz errado, você também não pode fazer certo? Não posso tentar consertar os erros que cometi?

Ele apontou para o prisioneiro que havia perdido o dedão: — Você perdeu o dedão congelado, e por isso subi um degrau.

Mas no ano passado, você quis que seus salários fossem enviados para a sua família. Quando eu falei aquilo, que o nosso sistema não era justo, você não ganhara a quantia que eles necessitavam, eu não tirei do meu próprio salário para compensar a diferença? Não assegurei pessoalmente a você que sua mulher recebeu o dinheiro a tempo?

O prisioneiro olhou em volta, sem dizer nada. O advogado perguntou: — Isso é verdade?

O prisioneiro relutantemente assentiu:

— É verdade.

O comandante desceu um degrau:

— Por esse ato, não posso descer um degrau? Aceito que ainda não fiz o bem o suficiente para compensar meus erros. Então, por que não permitem que eu viva? Que eu passe o resto de minha vida tentando consertar meus erros? Isso não é melhor que morrer?

— E quanto as pessoas que você matou?

— E quanto as pessoas que salvei? Desde a morte de Stálin, a mortalidade no campo é a mais baixa de Kolima. Isso é resultado das mudanças que eu tive. Aumentei as rações de comida. Dei a vocês períodos mais longos de descanso e dias mais curtos de trabalho. Melhorei o sistema de assistência médica. A razão pela qual puderam dominar os guardas é porque estão mais bem alimentados, mais descansados e mais fortes do que jamais estiveram antes! Sou a razão pela qual esta rebelião foi possível!

O advogado deu um passo na direção do comandante, desconcertado pela confusão feita em seu sistema: — Não dissemos nada sobre poder descer os degraus. O advogado voltou-se na direção dos líderes dos presos: — Queremos mudar o sistema?

O líder de queixo quadrado virou-se para seus camaradas: — O comandante pede uma segunda chance. Vamos concedê-la? Começou como um murmúrio, a resposta tornando-se cada vez mais alta à medida que outros se juntavam ao coro: — Sem segunda chance! Sem segunda chance! Sem segunda chance!

O rosto do comandante mostrou desapontamento. Ele genuinamente acreditava que havia feito o bastante para ser poupado. O advogado virou-se para o homem condenado. Claramente não haviam pensado no processo até o final. Ninguém fora designado carrasco. O comandante tirou do bolso uma das pequenas flores secas, púrpura, segurando-a na mão fechada. Subiu ao alto dos degraus, olhando para o céu noturno. O advogado falou, a voz trêmula sob a pressão: — Oferecemos um julgamento coletivo. Devemos determinar uma punição coletiva.

Armas foram empunhadas. O advogado afastou-se. O comandante gritou: — Uma última palavra...

Revólveres, rifles e rajadas de metralhadora — o comandante caiu para trás, como se empurrado pelo dedo de um gigante. Vilão em vida, havia adquirido uma espécie de dignidade em face da morte. Os prisioneiros ficaram com raiva dele por isso. Não permitiriam que falasse mais.

O clima no tribunal improvisado passou de excitado a solene. Limpando a garganta, o advogado perguntou: — O que faremos com o corpo? Alguém disse:

— Deixe aí, para o próximo ver.

Todos concordaram. O corpo seria deixado ali.

— Quem é o próximo?

Liev ficou tenso. Georgi declarou:

— Liev Stepanovitch Demidov.

O advogado olhou para os guardas:

— Quem é esse? Quem é Liev?

Liev não se mexeu. O advogado gritou:

— Levante-se ou você perderá a chance de julgamento e nós o executaremos imediatamente!

Lentamente, não muito certo de que suas pernas não fraquejariam, Liev ficou de pé. O advogado o conduziu até o degrau de baixo, onde Liev se virou para enfrentar o tribunal. O advogado perguntou: — Você é um guarda?

— Não.

— O que você é?

— Sou membro da milícia moscovita. Estava aqui em missão secreta. Georgi gritou: — Ele é um chekista!

A multidão, seu júri e o juiz explodiram em um acesso de fúria. Liev olhou para o seu acusador. Georgi agia independentemente. Lazar estava lendo uma folha de papel, talvez uma lista dos crimes de Liev. O advogado perguntou: — Isso é verdade? Você é um chekista?

— No passado, fui membro do MGB

. O advogado gritou:

— Exemplos dos crimes dele! Georgi respondeu:

— Ele denunciou Lazar!

Os prisioneiros o insultaram. Liev subiu um degrau. Georgi continuou: — Ele espancou Lazar! Esmagou a mandíbula dele! Liev foi guiado ao degrau seguinte.

— Ele prendeu a mulher de Lazar! Liev estava agora no quarto degrau.

— Ele prendeu membros da congregação de Lazar!

Com Liev de pé no quinto degrau, Georgi não tinha mais nada a falar. Ninguém mais no complexo o conhecia. Ninguém mais podia dizer seus crimes. O advogado declarou: — Precisamos de mais exemplos. Sete mais! Frustrado, Georgi declarou: — Ele é um chekista!

O advogado sacudiu a cabeça discordando.

— Isso não é exemplo.

De acordo com as regras do sistema, ninguém o conhecia bem o bastante para condená-lo, ninguém mais, isto é, exceto o próprio Liev. Os prisioneiros estavam insatisfeitos. Eles estavam justamente certos de que, como chekista, deveriam haver muito mais exemplos que eles desconheciam. Liev sentiu que o sistema não o protegeria. Se não tivesse testemunhado a execução do comandante, poderia subir os degraus até o alto e admitir seus erros. Mas ele não tinha um discurso mais eloquente que o do comandante. Sua vida dependia das regras do sistema deles. Eles precisariam de mais sete exemplos. Eles não os tinham.

Georgi, recusando-se a desistir, gritou:

— Durante quantos anos você foi chekista?

Depois de servir o exército, Liev retornara à polícia secreta. Fora chekista durante cinco anos.

— Cinco anos.

Dirigindo-se à assembleia de prisioneiros, Georgi perguntou: — Não é fácil acreditar que ele prejudicou no mínimo duas pessoas por ano? Isso é tão difícil de acreditar da parte de um chekista?

A multidão concordou: dois passos para cada ano. Liev voltou-se para o advogado, esperando que ele rejeitasse a emenda. O advogado deu de ombros, a sugestão se tornou lei. Fez sinal a Liev para subir ao topo. Ele tinha sido condenado à morte.

Incapaz de compreender que esse era o fim, Liev não se mexeu. Uma voz gritou: — Suba, ou nós o mataremos aí onde está!

Tonto, Liev subiu até o alto, ficando de pé diante do corpo crivado de balas do comandante, um monte de armas apontadas para ele. Uma voz, do homem que o odiava, Georgi, gritou: — Esperem!

Liev observou quando Lazar falou ao ouvido de Georgi. Ao contrário do que acontecia, Georgi não traduzia simultaneamente. Quando Lazar terminou, Georgi olhou para ele, questionando-o. Lazar indicou que ele repetisse as palavras. Georgi voltou-se para Liev, perguntando: — Minha mulher está viva?

Georgi pegou o papel da mão de Lazar, carregando-o para Liev e entregando-o a ele. Liev se agachou, reconhecendo a carta escrita por Fraera, prova de que estava viva, com informação que apenas ela poderia saber. Timur havia trazido a carta. Antes de matá-lo, os guardas devem ter retirado todos os pertences que ele trazia: — Foi encontrada no bolso de um guarda. Você não estava mentindo.

— Não.

— Ela está viva?

— Sim.

Lazar indicou que Georgi devia voltar, sussurrando em seu ouvido. Com obediência relutante, Georgi anunciou: — Peço que ele seja poupado.

Moscou

Mesmo dia

COMO DOIS GATOS DE RUA, Zoia e Malich estavam sentados lado a lado no telhado do condomínio de apartamentos 424. Zoia estava bem perto de Malich, preocupada em provar para ele que não queria escapar. Após o exercício de viajar vários quilômetros pelo sistema de esgotos, subindo escadas, andando ao lado de paredes cobertas com grossas camadas de substâncias escorregadias, ambos estavam ensopados de suor e era agradável ficar no telhado, sendo bafejados pela brisa gelada da noite. Zoia sentia-se revigorada. Em parte devido ao exercício após muitos dias e noites sedentários. Mas principalmente porque estava com ele. Isso se parecia com a infância que lhe fora roubada — travessuras ao lado de alguém tão parecido com ela. Zoia olhou para a foto entre os dedos de Malich:

— Qual é o nome dela?

— Marina Niurina.

Zoia pegou a foto da mão dele. Niurina era uma mulher em seus 30 anos, severa e arrumada. Usava um uniforme. Zoia devolveu a foto, perguntando:

— Você vai matá-la?

Malich fez um pequeno aceno afirmativo com a cabeça, como se tivesse sido perguntado se ele tinha um cigarro. Zoia não sabia se deveria acreditar nele ou não. Ela o vira atacar o vory que tentara estuprá-la. Ele era habilidoso com a faca. Reticente e mal-humorado, não parecia alguém que contava vantagens para aparecer.

— Por quê?

— Ela é uma chekista.

— O que ela fez?

Malich olhou-a interrogativamente, sem entender. Zoia ampliou a pergunta:

— Ela prendia gente? Ela os interrogava?

— Não sei.

— Você vai matá-la, mas não sabe o que ela fez? —Já lhe disse. Ela é uma chekista.

Zoia se perguntou o quanto ele sabia sobre a polícia secreta. Ela observou, cautelosamente:

— Você não sabe muito sobre eles, sabe, a polícia secreta? Quero dizer, não

de verdade, não é?

— Sei o que eles faziam. — Malich pensou nisso durante algum tempo antes de acrescentar: — Eles prendiam pessoas.

— Você não precisa saber um pouco mais sobre uma pessoa antes de matá-la?

— Fraera me deu ordens. Não preciso de nenhuma outra razão.

— Isso é o que eles diriam os chekistas, sobre as atrocidades que faziam: que estavam seguindo ordens.

Malich irritou-se:

— Fraera disse que você podia ajudar. Então você pode ajudar. Ela não disse nada sobre fazer um monte de perguntas estúpidas. Posso levá-la de volta para a sua cela, se é isso que quer.

— Não fique zangado. Eu queria entender o motivo, só isso. Por que vamos matar essa mulher?

Malich dobrou a foto ao meio e colocou-a de volta no bolso. Zoia o havia pressionado demais. Ela ficara excitada e passara dos limites, sua impulsividade levando a melhor. Ficou em silêncio, desejando não ter arruinado tudo. Esperando uma irritação rabugenta, ficou surpresa quando Malich falou quase como se pedisse desculpa:

— Os crimes que ela cometeu estavam em uma lista. Não quis pedir a ninguém para ler em voz alta para mim.

— Não sabe ler?

Examinando atentamente a reação dela, ele sacudiu a cabeça. Ela tomou cuidado para manter a face inexpressiva, alerta para a insegurança dele:

— Nunca foi à escola?

— Não.

— O que aconteceu com seus pais?

— Eles morreram. Cresci principalmente em terminais ferroviários até Fraera aparecer.

Malich perguntou:

— Você acha ruim eu não saber ler?

— Você nunca teve oportunidade de aprender.

— Não sinto orgulho disso.

— Eu sei.

— Gostaria de saber ler e escrever. Vou estudar, algum dia.

— Vai aprender rápido, tenho certeza.

Ficaram em silêncio durante a hora seguinte, ou quase isso, observando as luzes nos prédios vizinhos se apagarem, uma por uma, os moradores indo para a cama. Malich levantou-se, esticando o corpo, uma criatura noturna que só se

mexia quando todos os demais dormiam. Dos bolsos de suas calças largas, tirou um cilindro de arame duro, desenrolando-o. No fim do fio atou um pedaço de espelho, enrolando-o com o fio até ficar bem preso. Cuidadosamente, entortou o espelho até ele ficar em um ângulo de 45 graus. Andando até a beirada do edifício, deitou sobre o estômago e baixou o fio até o espelho ficar na altura da janela do quarto de dormir. Zoia juntou-se a ele, deitando-se a seu lado e olhando para baixo. A cortina estava fechada, mas havia uma pequena abertura. No quarto escuro ele podia vislumbrar alguém na cama. Malich levantou o fio, tirando o espelho da ponta, enrolando o fio e pondo os objetos de volta no bolso.

— Vamos entrar pelo outro lado.

Zoia fez um sinal afirmativo com a cabeça. Ele parou, murmurando:

— Você pode ficar aqui.

— Sozinha?

— Confio em que não fugirá.

— Malich, odeio chekistas tanto quanto Fraera. Estou com você. Tirando os sapatos, deixando-os um ao lado do outro no telhado, os dois desceram pela parede de tijolos, segurando na calha para se apoiar. Era uma descida curta: 1 metro, se tanto. Malich chegou ao parapeito da janela com tanta facilidade como se tivesse descido por uma escada. Zoia seguiu devagar, tentando não olhar para baixo. Eles estavam no sexto andar e qualquer queda seria fatal. Abrindo a lâmina de uma faca, Malich suspendeu o trinco, abrindo a janela e entrando no apartamento. Cuidando para que Zoia não fizesse barulho, ele se virou, oferecendo a mão a ela.

Zoia a dispensou, descendo cuidadosamente até o chão.

Eles haviam entrado em um aposento, uma grande sala de estar. Zoia sussurrou no ouvido de Malich:

— Ela vive sozinha?

Ele assentiu brevemente, não gostando da pergunta — nenhuma pergunta. Queria silêncio. O tamanho do apartamento era notável. Somando os metros quadrados do espaço de piso vazio, Zoia podia imaginar a escala dos crimes dessa mulher.

No quarto de dormir a porta estava fechada. Malich estendeu a mão, segurando a maçaneta. Antes de abrir a porta, fez sinal, indicando que Zoia devia permanecer atrás, fora de vista, na sala de estar. Embora ela quisesse continuar, ele não permitiria que ela desse nem um passo mais. Zoia concordou, recuando, enquanto Malich abria a porta.

MALICH ENTROU NO QUARTO ÁS ESCURAS. Marina Niurina estava

na cama, deitada de lado. Preparando a faca, aproximando-se dela, ele parou, como se pendesse do alto de um penhasco. A mulher na cama era muito mais velha que a mulher da fotografia — tinha cabelo grisalho, face enrugada, tinha no mínimo 60 anos de idade. Ele hesitou, perguntando-se se tinha o endereço errado. Não, o endereço estava certo. Talvez a foto fosse de muitos anos atrás. Ele se inclinou para olhar mais de perto, pegando a foto dobrada para comparar. O rosto da mulher estava na sombra. Ele não podia ter certeza. O sono fazia todos parecerem inocentes.

Subitamente, Niurina abriu os olhos e levantou o braço de sob as cobertas. Ela segurava um revólver, levantando-o até que ficou entre os olhos de Malich. Suas pernas saíram da cama, revelando uma camisa florida.

— Afaste-se.

Malich obedeceu, os braços levantados, a faca em uma das mãos, a foto na outra, calculando se seria rápido o suficiente para desarmá-la. Ela adivinhou esses pensamentos, virando o revólver e atirando na faca que estava na mão dele, arrancando a ponta de seu dedo. Ele gritou, segurando o ferimento enquanto a faca batia contra o piso. Niurina disse:

— Aquele disparo vai atrair os guardas. Não vou matá-lo. Vou deixar que o torturem. Pode ser que eu me junte a eles. Vou descobrir onde estão seus companheiros. Depois, vamos matá-los também. Vocês realmente pensaram que íamos deixar que isso acontecesse e que você e sua horda nos matariam um a um?

Malich se afastou. Ela se levantou da cama:

— Se acha que por sair correndo terá uma morte fácil, uma bala nas costas, pense de novo. Vou cortar seu pé a tiros. Na verdade, é melhor fazer isso agora, só para garantir.

O CORAÇÃO BATENDO FORTE, mal podendo respirar, Zoia precisava agir rapidamente, não ficar no meio da sala, paralisada como uma criança estúpida. A velha não poderia tê-la visto. Olhando em volta, não havia lugar onde esconder-se, exceto sob a escrivaninha. Ferido, Malich recuava do quarto em sua direção, a mão pingando sangue. Tomava cuidado para não olhar na direção de Zoia, para não entregá-la. Ela era a única chance dele. A mulher estava quase na porta. Zoia se escondeu rapidamente embaixo da mesa.

De seu esconderijo, Zoia viu a mulher pela primeira vez. Ela era muito mais velha que a foto, mas a mesma mulher. Ela estava sorrindo, ou expressando desprezo, divertindo-se com o poder de seu revólver, seguindo Malich de perto. Se Zoia não fizesse nada, se permanecesse sob a mesa, os guardas viriam, Malich seria preso — ela seria salva, se reuniria a Elena e Raíssa, se reuniria a

Liev. Se não fizesse nada, sua vida voltaria ao normal.

Zoia deu um salto, gritando, em direção ao revólver. Surpreendida, Marina Niurina virou o revólver na direção dela. Zoia agarrou o pulso da mulher, afundando seus dentes o máximo que podia. Um tiro foi desferido, ensurdecedora mente alto ao lado de seu ouvido, a bala esmagando-se contra a parede — Zoia sentiu as vibrações do coice em seus dentes. Usando a mão livre, a mulher socou Zoia, e socou novamente, atirando-a ao chão.

Indefesa, Zoia viu quando a mulher apontou a arma para ela. Antes que pudesse atirar, Malich pendurou-se em suas costas, afundando os dedos em seus olhos. Ela gritou, deixando o revólver cair, arranhando suas mãos, o que só o levou a apertar mais. Malich olhou para Zoia:

— A porta!

Com a mulher gritando e rodando, Zoia correu para a porta da frente, trancando-a ao mesmo tempo em que o guarda subia a escada. Quando Zoia se voltou, Niurina caiu de quatro, Malich ainda agarrado às suas costas. Ele tirou os dedos, deixando uma massa sangrenta onde os olhos dela estavam antes. Malich pegou o revólver, fazendo um gesto para Zoia segui-lo: correram para a janela.

Atrás deles, os guardas chutavam a porta. Malich atirou através da madeira, detendo o avanço deles.

Com a câmara vazia, ele deixou o revólver cair, seguindo Zoia para a beirada da janela. Desferindo uma rajada de metralhadora, os guardas responderam ao fogo, as balas atingindo todos as paredes da sala de estar. Eles começaram a subir a parede do lado de fora. Zoia chegou primeiro ao telhado e se ergueu. Ouviu quando a porta da sala de estar foi derrubada, as exclamações dos guardas diante da cena sangrenta.

Zoia inclinou-se, ajudou Malich a subir. Com ambos no alto do telhado, agarrou seus sapatos, pronta para correr. Malich segurou o pulso dela:

— Espere!

Ouvindo os guardas na janela embaixo, Malich pegou um pedaço de ardósia do telhado, preparando-se. A mão de um guarda agarrou a beirada. Quando o guarda se suspendeu, Malich esmigalhou o pedaço da ardósia no rosto do guarda. O guarda se soltou, caindo lá embaixo na rua lateral. Malich gritou:

— Corra!

Eles correram pelo telhado, pulando o espaço para o edifício adjacente. Olhando para baixo, viram um enxame de guardas na rua. Malich observou:

— Era uma armadilha. Estavam vigiando o apartamento. Eles esperavam que Niurina fosse um alvo.

Com sua rota de fuga original bloqueada, foram forçados a entrar no novo bloco de apartamentos, escalando a janela de um quarto. Malich gritou:

— Fogo!

Nos edifícios superlotados, de antigas estruturas de madeira, com sistemas elétricos defeituosos, o fogo era um medo permanente. Agar-i ando a mão de Zoia, ele seguiu pelo corredor, ambos gritando:

— Fogo!

Mesmo sem fumaça, o corredor ficou lotado em segundos. O pâni-((> se espalhou rapidamente pelo edifício, auto alimentando-se. Nos degraus, Malich e Zoia ficaram de quatro, arrastando-se por entre as pernas dos residentes.

Do lado de fora, na rua, os moradores saíram do edifício, mistu-i .iiido-se com a KGB e a milícia. Zoia agarrou o braço de um homem, fingindo passar mal. Malich fez o mesmo, e o homem, solidário, guiou os dois, passando pelos policiais, que presumiram tratar-se de uma família. Assim que se sentiram livres, largaram o braço do homem e escapuliram.

Quando alcançaram o buraco de esgoto mais próximo, afastaram a tampa de metal da rua, e desceram para os túneis. No fim da escada, Zoia rasgou um pedaço da saia, enrolando-o em torno do dedo ensanguentado de Malich, enrolando o pano várias vezes, até que o dedo ficou grosso como uma salsicha. Recuperando o fôlego, ambos começaram a rir.

Kolima

Gulag 57

12 de abril

ALUZ DA MANHÃ ERA A MAIS CLARA e límpida que Liev já vira — um céu azul perfeito e o platô branco. De pé no telhado das instalações da administração, levou aos olhos os restos retorcidos e queimados de um binóculo. Salvo do fogo, apenas uma lente quebrada era útil. Perscrutando o horizonte, como um pirata na proa do navio, Liev avistou movimento em um ponto distante do platô. Havia caminhões, tanques e tendas — um acampamento militar temporário. Alertada pelas torres fumegantes do dia anterior, faróis do dissenso, a administração regional havia instalado durante a noite uma base rival para suas contra operações. Havia pelo menos quinhentos soldados. Embora os prisioneiros não fossem superados em número, eram grandemente superados em armamento, tendo recolhido apenas duas ou três metralhadoras pesadas, vários pentes de munição, e um sortimento de rifles e pistolas. Contra armamento de grande alcance, o Gulag 57 estava desesperadamente exposto, e a cerca de arame farpado não ofereceria proteção contra carros blindados. Ao completar seu sombrio levantamento, Liev baixou o binóculo, entregando-o a Lazar.

Um grupo de prisioneiros se juntara no telhado. Desde a destruição das torres, tornara-se um dos pontos mais vantajosos de observação do campo. Além de Lazar e Georgi havia dois outros líderes e seus apoiadores mais próximos: dez homens ao todo. O líder vory perguntou a Liev:

— Você é um deles. O que vão fazer? Vão negociar?

— Sim, mas não se pode confiar em nada que disserem. O mais jovem líder dos presos deu um passo à frente:

— E o discurso? Não estamos mais sob o domínio de Stálin. Nosso país mudou. Podemos nos defender. Estávamos sendo tratados injustamente. Muitas de nossas penas deveriam ser revistas. Devíamos ser soltos!

— Aquele discurso poderia fazê-los negociar a sério. No entanto, estamos muito longe de Moscou. A administração de Kolima pode ter decidido lidar com essa insurreição em segredo, para impedir que influências moderadoras de Moscou se envolvam no caso.

— Eles querem nos matar?

— O levante é uma ameaça ao modo de vida deles. No solo, um prisioneiro gritou:

— Estão chamando!

Os prisioneiros correram para a escada, embolando-se na pressa de descer. Liev foi o último a ir, incapaz de correr porque curvar as pernas causava uma dor

aguda em ambos joelhos, a pele machucada se esticava. Quando chegou ao fim da escada, ele suava, com respiração ofegante. Os outros já estavam perto do rádio.

Um receptor de rádio era o único meio de comunicação entre os vários campos e o quartel general administrativo em Magadan. Um dos prisioneiros com conhecimento rudimentar do aparelho o estava manejando. Usava microfones e repetia as palavras que conseguia ouvir:

— Diretor regional Abel Prezent... Ele quer falar com quem está no comando.

Sem discussão, o jovem líder pegou o microfone, lançando-se em uma explosão retórica:

— O Gulag 57 está nas mãos dos prisioneiros! Nós nos rebelamos contra os guardas! Eles nos espancavam e nos matavam sem piedade. Não mais...

Liev disse:

— Diga que os guardas estão vivos.

O homem fez um gesto para Liev calar-se, cheio da própria importância:

— Apoiamos o discurso do nosso líder Kruschov. Em nome dele, queremos que as sentenças dos prisioneiros sejam revistas. Queremos que a liberdade seja concedida àqueles que devem ser libertados. Queremos que aqueles que agiram errado sejam tratados humanamente. Exigimos isso em nome de nossos ancestrais revolucionários. Aquela causa gloriosa foi corrompida pelos crimes cometidos por vocês. Somos os verdadeiros herdeiros da revolução! Exigimos que nos peçam desculpas! E nos mandem comida, boa comida, não mingau de presos!

Incapaz de conter sua descrença, Liev sacudiu a cabeça, comentando:

— Se você quer que todos sejam mortos, peça caviar e prostitutas. Se quer viver, diga a eles que os guardas estão vivos.

O homem acrescentou, rabugenta mente:

— Devo dizer-lhes que os guardas estão vivos. Estamos mantendo-os em condições humanas, tratando-os muito melhor do que eles nos trataram. Continuarão vivos enquanto vocês não nos atacarem. Se atacarem, tomamos precauções para assegurar que todos os guardas sejam mortos!

A voz no rádio estalou em resposta, palavras que o homem repetiu:

— Ele quer provas de que estão vivos. Depois que isso acontecer, ele ouvirá nossas exigências.

Liev aproximou-se de Lazar, dirigindo-se a ele como a voz da razão:

— Os guardas feridos devem ser enviados. Sem atenção médica eles vão morrer.

O líder vory, aborrecido por ser deixado de lado, interveio:

— Não devíamos dar nada a eles. É sinal de fraqueza. Liev contrapôs:

— Quando aqueles guardas feridos já estiverem mortos, eles não terão nenhum valor para vocês. Desta forma, eles têm algum valor para vocês.

O vory zombou:

— E sem dúvida você espera ser incluído no caminhão que os levar daqui?

Ele imaginara exatamente a intenção de Liev. Liev assentiu:

— Sim.

Lazar sussurrou no ouvido de Georgi, palavras que ele anunciou com entonação surpresa:

— ... E eu quero ir com ele.

Todos se viraram para Lazar. Ele continuou, sussurrando para Georgi:

— Antes de morrer, quero ver minha mulher e meu filho. Liev os tirou de mim. Ele é a única pessoa que pode nos reunir.

O CAMINHÃO DE FRETE FOI CARREGADO com os guardas mais seriamente feridos, seis no total, nenhum dos quais sobreviveria 24 horas sem atenção médica. Transportados em tábuas de madeira, maças improvisadas, Liev assistiu à transferência do último guarda do alojamento. Com o último guarda na carroceria do caminhão, estavam prontos para partir.

Quando ia saindo, Liev viu brevemente o relógio de pulso do guarda. Era barato, folheado a ouro, sem nada especial exceto pelo fato de que era de Timur. Não havia dúvida: ele vira esse relógio inúmeras vezes. Ele ouvira a história de Timur de como seu pai fingia que era uma herança familiar de gerações, apesar de não valer nada. Agachando-se, Liev passou a ponta do dedo sobre o vidro quebrado. Ele olhou para o policial ferido. Os olhos do homem estavam nervosos. Ele havia entendido o significado daquilo. Liev perguntou:

— Você tomou isso do meu amigo? — O guarda não disse nada. — Isso pertencia ao meu amigo. — Liev sentiu a raiva subindo por seu corpo: — Este é o relógio de pulso dele. — O guarda começou a tremer. Liev deu um tapinha no relógio, e disse: —Vou ter que pegá-lo de volta.

Liev abriu a correia do relógio de pulso sem valor. Enquanto fazia isso, levantou a perna, pressionando o joelho contra o peito sangrento do homem ferido, apertando com força.

— Você vê... é uma herança de família... agora pertence à mulher de Timur... e aos filhos dele... seus dois filhos... dois filhos maravilhosos... dois garotos maravilhosos... pertence a eles porque você assassinou o pai deles... você assassinou meu amigo...

O guarda começou a sangrar pelo nariz e pela boca, seus braços batendo debilmente na perna de Liev, tentando empurrá-la para longe. Liev manteve seu

joelho firme, pressionado contra o torso ferido. A dor em seu joelho ferido trouxera lágrimas aos olhos dele. Não eram lágrimas por Timur. Isso era ódio, vingança, a força que o fazia empurrar para baixo, mais forte, mais forte. O tecido da calça de Liev ficou ensopado com o sangue do guarda.

Com a correia desapertada, o relógio saiu do pulso mole do guarda. Liev o guardou no bolso. Os cinco homens restantes na carroceria do caminhão o olhavam, aterrorizados. Ele passou por eles, dizendo em voz alta para os prisioneiros que estavam no chão:

— Um desses guardas está morto. Temos espaço para outros. Enquanto descarregavam o corpo, um evento que nenhum dos prisioneiros questionou, Liev examinou o relógio. Quando a raiva começou a passar, ele se sentiu fraco, não de arrependimento ou vergonha, mas de cansaço, enquanto o mais poderoso dos estimulantes — a vingança — saiu de seu sistema. A raiva que Fraera sentia dele devia ter aquela profundidade.

Liev espiou o guarda ferido que caminhava para o caminhão, o substituto do guarda que ele acabara de matar. Seu braço estava envolto em ataduras sangrentas. Algo estava errado. O homem estava nervoso. Talvez ele também estivesse envolvido no assassinato de Timur. Liev estendeu o braço, detendo-o, pegando as ataduras e arrancando-as, revelando um longo corte superficial que ia do cotovelo à mão, auto infligido. O mesmo valia para os ferimentos da cabeça. O homem sussurrou:

— Por favor...

Se ele fosse pego, seria fuzilado. Se os prisioneiros achassem que os guardas estavam explorando a sua bondade, uma bondade que eles nunca haviam demonstrado, toda a operação estaria em risco. Depois da execução do outro guarda, Liev hesitou apenas brevemente em permitir que ele entrasse na carroceria do caminhão.

Lazar, falando por intermédio de Georgi, se dirigia aos outros prisioneiros, explicando aos seus seguidores as razões para ele querer partir:

— Não espero viver por muito tempo. Estou fraco demais para lutar. Agradeço a vocês por me deixarem ir para casa.

O líder mais jovem respondeu:

— Lazar, você ajudou muitos homens. Inclusive a mim. Você mereceu esse pedido.

Os outros prisioneiros emitiram murmúrios de aprovação. Liev aproximou-se de Lazar, avaliando a aparência dele:

— Temos que nos vestir como guardas.

Liev, Lazar e Georgi despiram três guardas mortos de seus uniformes. Rapidamente trocaram de roupa, apressando-se, temerosos de que os prisioneiros

mudassem de idéia. Vestindo uniformes que mal cabiam neles, Liev tomou o volante, Georgi ficou no meio, Lazar do outro lado. Os prisioneiros abriram os portões.

Subitamente, o líder mais jovem bateu com a mão na porta do caminhão. Liev estava pronto para acelerar, se precisasse. Mas o homem disse:

— Eles concordaram em aceitar os feridos como sinal de boa-fé. Boa sorte, Lazar. Espero que encontre sua mulher e seu filho.

Ele se afastou do caminhão. Liev pôs o veículo em movimento, passando pelos remanescentes das duas torres de vigia, pelos portões do perímetro e para a estrada, dirigindo-se diretamente ao acampamento militar do outro lado do platô.

Correndo o mais rápido que podia, o operador do rádio chegou aos portões externos. Os prisioneiros olhavam enquanto o caminhão pegava a estrada. Sem fôlego, o operador exclamou:

— Elesjá partiram? Mas não avisamos ao comandante regional. Não dissemos a ele que estamos enviando doentes e feridos. Devo correr de volta e avisá-los?

O líder mais jovem agarrou o braço do homem, detendo-o:

— Não vamos dizer nada a eles. Não podemos fazer uma revolução com homens que querem fugir. Devemos fazer de Lazar uma lição. Os outros devem aprender que não há opção, a não ser lutar. Se os soldados abrirem fogo contra seus próprios colegas feridos, que seja.

Mesmo dia

LIEV DIRIGIA DEVAGAR, avançando gradualmente pelo meio da estrada em direção ao acampamento temporário. Restando apenas 2 quilômetros, a meio caminho entre os dois campos rivais, seu olho foi atraído por uma única descarga de fumaça no horizonte.

A visão desapareceu: engolfada em uma nuvem de pó. Uma explosão abriu um buraco na estrada, apenas a poucos metros à frente do caminhão. Sujeira, gelo e cascalho bateram contra o para-brisa. Liev girou o volante, evitando a cratera. O pneu direito deslizou no asfalto. O caminhão quase capotou, estremecendo ao passar de lado pela fumaça. Firmando o volante, ele puxou o freio de mão, escorregando de volta para o meio da estrada. Liev olhou pelo retrovisor, vendo a porção arrancada de asfalto.

Outro bolo de fumaça apareceu no horizonte, depois um segundo e um terceiro, eram morteiros sendo disparados um após o outro. Liev afundou o pé no acelerador. O caminhão saltou para frente, tentando acelerar sob a trajetória das balas, explorando a fração de segundo entre o disparo e o impacto. O motor roncou, a velocidade aumentava aos poucos. Só agora Lazar e Georgi viraram-se para Liev em busca de uma explicação. Antes que pudessem falar, a primeira bomba aterrou logo atrás — tão perto que a carroceria do caminhão chegou a se elevar. Por apenas uma fração de segundo, os pneus dianteiros tocaram a pavimentação, e Liev não pôde ver nada mais exceto a estrada, a cabine virando diretamente para baixo, para o asfalto. Convencido de que o caminhão daria uma cambalhota no ar e cairia com as rodas para cima, sentiu mais surpresa que alívio quando a traseira baixou com força no asfalto, um solavanco que os jogou para fora dos assentos. Liev agarrou-se ao volante, tentando retomar o controle. Uma segunda bomba aterrou longe, fora da estrada, despejando um chuveiro de pedaços de material arrancado do platô, estilhaçando a janela lateral.

Liev virou o volante, abandonando a estrada exatamente quando a terceira bomba aterrou — um tiro perfeito, detonando exatamente onde o caminhão estivera. O asfalto foi rasgado, seus restos atirados ao ar.

Chocando-se contra o solo irregular da tundra, sacudindo para cima e para baixo, Georgi gritou: — Por que estão atirando?

— Seus camaradas mentiram! Não avisaram que vínhamos! Pelos espelhos retrovisores, Liev via os guardas feridos, confusos, ensanguentados e em pânico, espiando pela lona, tentando imaginar por que estavam sob fogo.

Usando o cotovelo, Liev tirou os cacos de vidro que restavam na janela do

lado, esticando a cabeça por ali e gritando para os guardas: — Seus uniformes! Acenem com eles!

Dois dos guardas tiraram as jaquetas, agitando-as como se fossem bandeiras.

Quatro novelos de fumaça apareceram no horizonte.

Impossibilitado de acelerar na tundra, Liev não tinha outra opção a não ser segurar firme o volante e esperar. Ele imaginou as bombas descrevendo um arco no ar, acelerando e assobiando na direção deles. O tempo parecia esticar-se — um segundo se tornou um minuto —, e então as explosões soaram.

O caminhão ainda seguia adiante, sacolejando. Olhando pelo espelho, Liev viu as quatro colunas de fumaça elevando-se atrás do caminhão. Ele sorriu: — Estamos dentro do território deles! Ele bateu no volante aliviado: — Estamos muito próximos!

O alívio se desfez. Adiante, do lado de fora do acampamento temporário, dois tanques giraram suas torres na direção deles.

O tanque mais próximo disparou, uma explosão laranja. O corpo de Liev ficou tenso involuntariamente, o ar sugado de seus pulmões. Mas não houve explosão — pelo retrovisor ele viu que a bomba rasgara a parte de cima da lona do caminhão e saíra pelo outro lado. O atirador não cometeria o mesmo erro duas vezes, direcionando a próxima bomba para a cabine de aço onde certamente detonaria. Liev pisou no freio. O caminhão parou. Ele abriu a porta, subindo ao teto do caminhão, tirando a jaqueta, acenando, gritando: — Sou um de vocês!

Simultaneamente, ambos os tanques avançaram, suas esteiras fragmentando a tundra. Liev ficou no alto da cabine, sacudindo o uniforme de um lado para o outro. Menos de 100 metros à frente, um tanque parou. A tampa da torre se abriu. O operador do tanque olhou em volta, a metralhadora preparada. Ele gritou: — Quem é você?

— Sou um guarda. Tenho guardas feridos na carroceria.

— Por que não avisaram pelo rádio?

— Os prisioneiros nos disseram que haviam avisado. Eles disseram que falaram com vocês. Eles nos enganaram! Enganaram vocês! Queriam que vocês matassem seus próprios homens.

O segundo tanque fez uma volta em torno da carroceria do caminhão, sua torre apontada diretamente contra os ocupantes.

Os guardas feridos apontaram para seus uniformes. A tampa da segunda torre se abriu, o operador gritou: — Está limpo!

NO PERÍMETRO do acampamento militar temporário, Liev parou o caminhão. Os feridos foram descarregados, levados para uma tenda médica. Quando o último homem fosse levado, Liev ligaria o motor e seguiria para a

estrada, de volta ao porto de Magadan. A carroceria do caminhão estava vazia. Eles estavam prontos para partir. Georgi bateu em seu braço. Um soldado se aproximava: — É o oficial no comando?

— Sim.

— O diretor quer falar com você. Venha comigo.

Liev indicou que Lazar e Georgi deviam permanecer no caminhão.

O centro de comando ficava sob uma coberta de camuflagem na neve. Oficiais superiores observavam o platô com binóculos. Mapas detalhados da região estavam espalhados sobre a mesa, plantas do campo. Um homem emaciado, de aspecto doentio, saudou Liev: — Você estava dirigindo o caminhão?

— Sim, senhor.

— Sou Abel Prezent. Já nos encontramos?

Liev não podia ter certeza de que todos os guardas não tivessem encontrado Prezent em um momento ou outro, mas era improvável que conhecesse todos os guardas: — Brevemente, senhor.

Os dois apertaram as mãos.

— Peço desculpas por atirar em vocês. Mas sem comunicação, fomos forçados a considerá-los uma ameaça.

Liev não teve que fingir indignação:

— Os prisioneiros mentiram. Eles afirmaram que falaram com vocês.

— Eles logo terão o castigo merecido.

— Se for de alguma utilidade, posso detalhar as defesas dos prisioneiros. Posso marcar suas posições...

Os prisioneiros não haviam construído defesas, mas Liev achou prudente mostrar-se útil. No entanto, o diretor regional sacudiu a cabeça: — Isso não será necessário. Ele consultou o relógio.

— Venha comigo.

Sem poder fugir, Liev não teve escolha a não ser segui-lo.

Deixando o teto camuflado de neve, Abel Prezent olhou para o céu. Liev olhou na mesma direção. O céu estava vazio. Depois de um instante, Liev ouviu um zumbido distante. Prezent explicou: — Nunca houve intenção de negociar. Arriscaríamos cair na anarquia se suas exigências fossem atendidas. Todos os campos começariam uma revolução. Não importa o que viram em Moscou, não podemos nos permitir afrouxar.

O zumbido tornou-se cada vez mais alto, até que um avião rugiu sobre o platô, voando baixo, os números visíveis em seu ventre de aço quando passaram exatamente acima do acampamento temporário, afastando-se rumo ao Gulag 57. Era um Tupolev Tu-4, um antigo bombardeiro de carga, com desenho copiado

das fortalezas voadoras americanas — quatro motores de propulsão, 40 metros de extensão de asas e um corpo gordo e cilíndrico. Quando se aproximava do campo, o alçapão de baixo se abriu. Eles iam bombardear a base.

Antes que Liev tivesse chance de questionar a decisão, um objeto grande, retangular, caiu pelo alçapão, um paraquedas abrindo-se imediatamente. O Tu-4 subiu, empinando-se abruptamente para não se chocar com a montanha, enquanto a bomba se movimentava pelo espaço, virando-se em seu paraquedas, perfeitamente posicionado, guiado para o centro do campo. O avião saiu de vista, aterrissando, o paraquedas espalhando-se sobre um alojamento. Não houve explosão, nenhum incêndio: algo dera errado. A bomba não detonara. Aliviado, Liev olhou para o diretor regional, esperando que estivesse furioso. Em vez disso, ele parecia satisfeito: — Eles pediram comida. Então enviamos um pacote contendo um tipo de comida que não veem há anos, frutas enlatadas, carnes, doces. Vão comer feito porcos. Mas adicionamos uma coisinha...

— A comida está envenenada? Eles farão os guardas comerem primeiro.

— A comida está misturada a uma toxina. Em seis horas ficarão inconscientes. Em dez horas estarão mortos. Não importa se testarem primeiro nos guardas. Não há sintomas imediatos. Em oito horas invadiremos o campo, injetaremos um antídoto em nossos colegas guardas, e deixaremos que os revoltosos morram. Mesmo se algum prisioneiro não comer, a maioria o fará, e o número de prisioneiros estará pesadamente desfalcado. Devemos resolver essa revolução antes que Moscou e seus espiões comecem a interferir.

Não havia dúvida na mente de Liev: este era o homem que havia ordenado a morte de Timur. Mal contendo sua raiva, Liev observou: — Um excelente plano, senhor.

Prezent fez um aceno com a cabeça pelo elogio, sorrindo ante a sua engenhosidade mortífera. Ele pensava isso também.

Dispensado, Liev voltou do quartel-general para o caminhão. Chegou à cabine, subindo nela, sentindo a mesma raiva que experimentara ao ver o relógio de Timur. Ele olhou pela janela quebrada na direção de Abel Prezent. Eles tinham que partir agora. Era a única chance. Todos estavam preocupados com o avião. Mas ele não podia — não podia permitir que Prezent se safasse. Abriu a porta da cabine. Georgi agarrou seu braço: — Aonde você vai?

— Há uma coisa de que preciso cuidar. Georgi sacudiu a cabeça: — Precisamos partir agora; enquanto estão distraídos.

— Isso não vai demorar muito.

— O que você tem a fazer?

— E assunto meu.

— É nosso também.

— Aquele homem matou meu amigo.

Liev se soltou. Mas Lazar se inclinou, segurando o braço de Liev, indicando que queria falar. Liev baixou o ouvido, Lazar sussurrou: — As pessoas nem sempre... recebem o que merecem...

Com essas débeis palavras, a indignação de Liev extinguiu-se. Ele baixou a cabeça, aceitando essa verdade. Ele não havia vindo aqui para vingar-se. Viera por Zoia. Timur havia morrido por Zoia. Eles tinham que partir agora. Abel Prezent se safaria de assassinato.

Mesmo dia

A SOMBRA LANÇADA PELA MONTANHA envolveu o Gulag 57, estendendo-se pelo platô na direção do acampamento militar temporário. Abel Prezent checou o relógio: a toxina faria efeito muito em breve; os prisioneiros ficariam inconscientes. Eles cronometraram cuidadosamente. à noite, ninguém no campo acharia estranho que prisioneiros estivessem cansados. Antes que se levantassem suspeitas, as forças terrestres avançariam, sem ser vistas, invadindo a cerca e retomando o controle. Os prisioneiros seriam mortos, exceto um número simbólico para rechaçar as acusações de massacre. Notícias do sucesso se espalhariam pela região. Todos os outros receberiam a mensagem clara de que a revolta havia falhado e que os gulags estavam ali para ficar, que não faziam parte do passado — que eram parte do futuro, que seriam sempre parte de seu futuro.

— Licença, senhor?

Um guarda maltrapilho estava de pé diante dele.

— Eu estava no caminhão, do Gulag 57. Sou um dos guardas feridos que eles soltaram.

O homem tinha ataduras. Abel sorriu, condescendente: — E por que você não está na tenda médica?

— Coloquei ataduras de mentira para entrar no caminhão. Não estou seriamente ferido. O médico diz que posso voltar ao trabalho.

— Não se preocupe com seus camaradas. Logo enviaremos o resgate.

Abel estava a ponto de ir embora. O homem insistiu: — Senhor, não é sobre eles que quero falar. É sobre os três homens na cabine do caminhão.

Mesmo dia

DIRIGINDO PELA RODOVIA À NOITE, guiado pela fraca luz dos faróis, Liev se inclinava para a frente, agarrado ao volante, procurando ver na escuridão. Nada mais que adrenalina afastava a exaustão. A viagem para Magadan fora possibilitada pela simplicidade monótona da descida com apenas a ponte estreita de madeira oferecendo alguma dificuldade. Agora, pela primeira vez, as luzes de Magadan podiam ser vistas ao pé da montanha na beira do mar — uma vasta área negra. O campo de pouso estava próximo, logo ao norte do porto.

Houve um barulho de assovio. A frente deles, um clarão alaranjado suspenso no céu noturno emitia luz de fósforo com um chiado. Lançado da ponta da cidade houve um segundo clarão, depois um terceiro, um quarto — estrelas cor de laranja ao longo da rodovia. Liev apertou o freio.

— Estão atrás de nós.

Apagou os faróis. Debruçando-se na janela estilhaçada, olhou para trás.

A distância, havia numerosas duplas de faróis que se moviam sinuosamente montanha abaixo: — Vêm das duas direções. Terei que dirigir fora da estrada. Georgi sacudiu a cabeça: — Não.

— Se ficarmos na estrada vão nos achar em minutos.

— E fora da estrada, quanto tempo levará? Vocês precisam de mais tempo.

Georgi voltou-se para Lazar:

— Eu já havia aceitado que nunca deixaria Kolima. Aceitei esse fato há muito tempo.

Lazar sacudiu a cabeça. Mas Georgi, o homem que havia servido como sua voz, estava inflexível: — Me escute, Lazar, só desta vez. Eu nunca iria com vocês para Moscou. Deixe-me fazer isso.

Lazar sussurrou para Georgi, palavras que pela primeira vez ele não teria de dizer em voz alta, palavras só para ele.

Uma segunda onda de clarões foi lançada, iluminando a estrada, chegando mais perto. Liev saiu do caminhão, Lazar o seguiu. Georgi tomou o volante. Ele parou, olhando pela janela quebrada para Lazar, antes de sair dirigindo um pouco inseguro, em direção a Magadan. Lazar perdera uma parte de si mesmo — havia perdido sua voz.

A pé, Liev e Lazar tropeçavam no terreno gelado escuro e desigual em direção às luzes do aeroporto que piscavam. Georgi estava certo. O chão era tão irregular que o caminhão ficaria preso em uma questão de minutos. Espasmos de

dor percorriam as pernas de Liev, levando-o a cair. Lazar o ajudava, apoiando-o. Com os braços em torno dos ombros um do outro, eles eram uma equipe improvável.

Outra barragem de clarões foi lançada ao céu, seus olhos laranja de Ciclope concentrados na estrada. Houve ruído de disparos. Liev e Lazar pararam, virando-se. O caminhão tinha sido descoberto. Ele acelerou em direção a um bloqueio na estrada. Sob fogo pesado, o caminhão parecia virar para a esquerda e a direita, fora de controle, continuando brevemente pela estrada antes de derrapar e cair de lado. As autoridades encontrariam apenas um corpo. Eles rapidamente ampliariam a busca. Liev observou: — Não temos muito tempo.

Aproximando-se do perímetro do aeroporto, Liev parou, estudando seu desenho rústico. Havia três aviões parados. O único que podia fazer a viagem pela União Soviética era o de dois motores, o Ilyushin 11-12.

— Vamos caminhando até o Ilyushin, o avião maior — caminhando sem pressa, como se nada estivesse errado, como se devêssemos estar aqui.

Entraram em terreno aberto. Havia um punhado de tripulantes e soldados. Não havia patrulhas, nenhum senso de urgência. Liev bateu na porta do avião. Haviam prometido a ele que estaria pronto para voar de um momento para o outro. Já que havia uma chance de a fuga atrasar, Panin havia prometido a Liev que haveria sempre alguém a bordo não importava a hora que chegassem.

Liev bateu novamente, uma impaciência frenética que aumentava a cada segundo. A porta se abriu. Um jovem, de não muito mais que 20 anos, espiou para fora. Ele evidentemente estava cochilando. Um leve cheiro de álcool saía da cabina. Liev disse: — Você está sob as ordens de Frol Panin? O jovem esfregou os olhos.

— Isso mesmo.

— Precisamos voar de volta para Moscou.

— Devia haver três de vocês.

— As coisas mudaram. Precisamos ir agora.

Sem esperar resposta, Liev subiu no avião, ajudando Lazar a entrar, fechando a porta. O jovem estava confuso.

— Não podemos voar.

— Por que não?

— O piloto e o copiloto não estão aqui.

— Onde estão?

—Jantando, na cidade. Levará apenas trinta minutos para trazê-los de volta.

Liev estimou que tinham cinco minutos no máximo. Concentrou-se no jovem: — Como é o seu nome?

— Konstantin.

— O avião está pronto para voar?

— Se tivéssemos um piloto.

— Quantas vezes já voou?

— Neste avião? Nunca.

— Mas você é um piloto?

— Estou treinando. Já voei em aviões menores.

— Mas não neste avião? —Já os vi pilotar esse. Isso teria que bastar.

— Konstantin, ouça-me com cuidado. Eles vão nos matar, você também será morto, a menos que decolemos agora. Você pode morrer aqui, ou podemos tentar fazer esse avião voar. Não estou ameaçando você. Essas são as nossas únicas opções.

O jovem olhou para a cabine. Liev o dominou: — Acredito em você. Você pode fazer isso. Prepare o avião.

Liev tomou o assento do copiloto, um incompreensível painel de mostradores e botões diante dele. O conhecimento que ele tinha de aviões era rudimentar. As mãos de Konstantin estavam trêmulas.

— Estou ligando o motor.

Os propulsores tremeram e começaram a girar. Liev olhou pela janela. Eles haviam atraído a atenção dos soldados. Guardas começavam a caminhar na direção deles.

— Precisamos nos apressar.

O avião taxiou para a pista. O rádio começou a funcionar, mas antes que a torre de controle se dirigisse a eles, Liev o desligou. Não ajudaria se o jovem piloto ouvisse as ameaças. Lazar, sentado atrás dele, deu um tapinha no ombro de Liev, apontando para o lado de fora da janela. Os soldados corriam em direção ao avião. As armas estavam empunhadas.

— Konstantin, temos que decolar.

O avião começou a ganhar velocidade.

Os soldados estavam se espalhando, correndo paralelamente à cabine. Quando o avião acelerou, deixando-os para trás, começaram a atirar, as balas ricocheteando no motor. Pronto para decolar, eles iam escapar e Liev olhou para cima. O bombardeiro Tupolev Tu-4 descia na direção deles.

O jovem piloto sacudiu a cabeça, diminuindo a velocidade. Liev disse: .

— Não reduza a velocidade. Esta é nossa única chance!

— Que chance!

— Precisamos decolar!

— Vamos bater! Não conseguiremos passar por cima do bombardeiro!

— Voe na direção do Tupolev. Eles vão subir. Faça isso! Eles estavam chegando ao fim da pista.

O Ilyushin levantou voo, em curso de uma colisão em pleno ar com o bombardeiro. Ou o Tupolev parava de descer, ou os dois aviões se chocariam. Konstantin gritou: — Eles não estão desviando! Precisamos descer!

Liev agarrou a mão de Konstantin, segurando-a e mantendo o curso firme: se caíssem em terra, seriam apanhados e fuzilados Não tinham nada a perder. A tripulação do bombardeiro tinha.

O Tupolev empinou para cima, uma subida abrupta, exatamente quando o Ilyushin passava por baixo dele, a cauda raspando levemente na parte inferior da barriga do Tupolev quando os dois aviões se cruzaram. À frente deles pela primeira vez havia céu claro. Konstantin sorriu, o sorriso confuso de um homem que não acreditava no fato de ainda estar vivo.

Liev desceu do assento e juntou-se a Lazar na parte traseira. Magadan não era mais que uma coleção de luzes em uma vasta escuridão. Este era o mundo para o qual Liev havido banido Lazar — um deserto que fora o seu lar nos últimos sete anos.

Moscou

Mesmo dia

RAÍSSA SENTOU-SE NA CAMA DE ELENA, observando-a dormir. Desde a visita de Fraera, o questionamento de Elena se tornara mais agressivo, como se sentisse que a situação havia mudado. As promessas de que a volta de Zoia era iminente já não erarri suficientes. Ela se tornara imune a promessas, ficava contente por uma hora mais ou menos antes de o efeito passar e uma profunda insegurança se instalar novamente.

O telefone tocou. Raíssa apressou-se, correndo para pegar o fone.

— Raíssa, é Frol Panin. Fizemos contato com Liev por rádio. O avião está a caminho. Ele estará na cidade em menos de cinco horas. Lazar está com ele.

— Você fez contato com Fraera?

— Sim, estamos esperando receber instruções para a troca. Você quer encontrar-se com Liev no aeroporto?

— Claro.

— Vou mandar um carro buscá-la quando o avião estiver se aproximando. Estamos quase lá, Raíssa. Ela está quase em nossas mãos.

Raíssa pôs o fone no gancho. Ficou ao lado do telefone, pensando naquelas palavras.

Ela está quase em nossas mãos.

Panin estava falando de pegar Fraera: ele tinha pouco interesse em sua filha. Apesar do considerável charme de Panin, Raíssa concordava com a avaliação de seu caráter feita por Liev: havia algo de frio nele.

Elena estava de pé no corredor. Raíssa estendeu a mão. Elena deu um passo à frente. Raíssa levou-a à cozinha, sentou-a à mesa. Esquentou leite no fogão, colocando-o em uma caneca. Pôs a caneca na frente de Elena.

— Zoia virá para casa hoje à noite?

— Sim.

Elena pegou a caneca e deu um gole, satisfeita.

Não havia mais tempo para pensar na oferta de Fraera. Raíssa não acreditava mais nos planos de Liev. Tendo encontrado Fraera sozinha, tendo ouvido sua ira, não fazia sentido entregar Zoia a Liev e fazer dele um herói.

Ele conseguiria naquela troca de prisioneiros tudo que Fraera estava determinada a impedir que tivesse — uma filha, felicidade, uma família reunida.

A premissa estava errada. A crença de Liev nela era ingênua. Zoia estava em perigo. Não seria Liev quem iria salvá-la.

Raíssa abriu uma gaveta, tirando dela uma grande vela vermelha. Colocou-a no parapeito da janela, uma visão clara para a rua embaixo. Acendeu um fósforo e o pavio. Elena perguntou:

— O que você está fazendo?

— Acendendo uma vela para que Zoia possa achar o caminho para casa.

Raíssa olhou para a rua. A vela estava acesa. O sinal fora dado. Ela aceitaria a oferta de Fraera. Deixaria Liev.

Moscou

Mesmo dia

MALICH ESTAVA SENTADO EM UMA PRATELEIRA estreita, ouvindo a água do esgoto correr. Dois meses antes o mundo fazia sentido. Agora estava confuso. Alguém gostava dele, não porque ele podia manejar uma faca, não porque ele era útil, alguém gostava dele porque... ele não conseguia dizer exatamente por quê. Por que Zoia gostava dele? Ninguém havia gostado dele antes. Não havia lógica naquilo. Ela salvara a vida dele sem ter nenhuma razão para isso. Quando teve oportunidade de escapar, ela não apenas a recusara, ela arriscara a vida por ele.

Fraera aproximou-se, sentando-se a seu lado, as pernas balançando lado a lado, como amigos na beira de um rio, exceto que em vez de peixes e folhas caídas passarem por eles, o lixo da cidade fluía embaixo de seus pés. Fraera perguntou: — Por que está escondido aqui?

Malich queria manter um silêncio petulante, mas seria um insulto indesculpável não responder, então murmurou: — Não me sinto bem.

Para surpresa de Malich, Fraera riu.

— Dois meses atrás você teria matado aquela garota e nem pensaria nisso.

Fraera pôs a mão no ombro dele: — Preciso saber se você fará tudo que eu mandar sem perguntas.

— Nunca desobedeci a você.

— Também nunca discordou de nada que eu tenha mandado você fazer.

Malich não podia replicar — era verdade, ele nunca tivera uma opinião contrária, até agora. Ela o colocara junto com Zoia para testá-lo. Tecera sua relação com Zoia a fim de compará-la à sua própria relação com ele.

— Malich, quando fui presa, ouvi uma história, contada por um prisioneiro checo. Ela vem de um épico dos Narts, sobre um herói chamado Soslan. Era costume desse povo não vingar nenhum erro cometido contra eles, mas qualquer um cometido contra sua família ou ancestrais, sem importar o quão antigo fosse o crime. As brigas duravam centenas de anos. Soslan passou a vida inteira perseguindo a vingança. Quando você crescer, Malich vai precisar de um novo nome. Eu tinha a esperança de que esse nome fosse Soslan.

Embora a voz dela não tivesse mudado, Malich percebeu perigo. Fraera levantou-se.

— Siga-me.

Malich seguiu Fraera pelos túneis e câmara até a cela de Zoia. Ela destrancou a porta. Zoia estava no canto, ouvira-os aproximarem-se. Ela buscou confirmação nos olhos de Malich de que algo estava errado. Fraera segurou o pulso de Zoia, empurrando-a em direção à porta. Confuso, Malich não sabia se obedecia ou protestava. Antes que se decidisse, Fraera bateu a porta, trancando-o ali dentro.

Mesmo dia

DEPOIS DE CRUZAR O TERRITÓRIO da União Soviética, voando da costa do Pacífico à capital, o tanque de combustível do Ilyushin estava vazio. Eles tinham uma chance de aterrissar o avião. Uma tempestade se fechara sobre eles: o avião cavava buracos em nuvens furiosamente negras. Lazar estava ao fundo, mastigando biscoito com o lado bom de sua boca. Liev estava preso à cadeira do copiloto, tentando impedir que a confiança de Konstantin desmoronasse. Voando em direção ao campo de pouso militar de Stupino, na periferia de Moscou, o avião fez a descida final. Com pânico na voz, Konstantin declarou:

— Eu deveria estar vendo as luzes agora!

Passando pela nuvem que estava em cima da base, em vez das luzes estendendo-se a distância, elas apareciam diretamente abaixo deles. O avião estava alto demais. Em pânico, Konstantin jogou o avião em uma descida mais aguda: um grau catastrófico. Ajustando freneticamente, levantou o nariz, descendo de barriga no corredor. As rodas foram esmagadas, girando brevemente antes de saltar, o cilindro de aço raspando no asfalto, abrindo-se como se tivesse um zíper. A ponta da asa bateu no chão, girando o avião eviscerado sobre seu estômago rasgado 180 graus, atirando-o para fora da pista, propulsores escavando lama.

Tonto, a testa sangrando, Liev desafivelou o cinto, ficou de pé, abrindo a porta da cabine do piloto e revelando o corpo do avião partido ao meio. Lazar havia sobrevivido, posicionado do lado oposto aos danos, um halo da concha do avião intacto em volta dele. Ainda na cadeira, o jovem piloto começou a rir, gargalhadas histéricas, deliciado — quase louco —, a chuva entrando pela janela quebrada e escorrendo por seu rosto.

Liev duvidava de que o avião fosse pegar fogo: não havia combustível e a chuva era intensa, molhando os motores fumegantes. Depois de verificar que o piloto estava a salvo, Liev ajudou Lazar a sair do abdome rasgado, descendo pelas ruínas, usando os detritos da asa para chegar à grama. Veículos de emergência corriam na direção deles, paramédicos aproximavam-se. Liev dispensou a assistência médica com um gesto:

— Estamos bem.

Ele era a voz de Lazar agora. Frol Panin saltou de sua limusine executiva, um guarda movendo-se em perfeita sincronização, abrindo um guarda-chuva sobre Liev. Ele estendeu a mão para Lazar:

— Meu nome é Frol Panin. Sinto não ter cuidado de sua libertação de uma forma mais conveniente.

As ações de sua mulher impossibilitaram completamente a libertação oficial. Venha, temos que nos apressar. Nos falamos no carro.

No fundo da limusine ZIL, Lazar estudou a forração de couro suave e os painéis de nogueira com um fascínio infantil. Havia cubos de gelo em um pequeno vaso de prata, uma jarra de suco de fruta fresca. Lazar pegou uma laranja, envolvendo-a com as mãos, apertando-a. Panin ignorou polidamente seu comportamento: a confusão de um preso cercado de luxo. Ele entregou a Liev um mapa de Moscou.

— Isso foi tudo que recebemos de Fraera.

Liev examinou o mapa. Um lugar ao centro estava marcado com um crucifixo de tinta.

— O que existe ali?

— Não encontramos nada.

O carro começou a se movimentar.

— Onde está Raíssa?

— Falei com ela mais cedo. Ela ia esperar o carro. Quando o carro chegou, encontraram seus pais cuidando de Elena. Raíssa havia saído.

Alarmado, Liev inclinou-se:

— Ela devia estar sob proteção.

— Não podemos proteger alguém que não quer ser protegido.

—Você não sabe onde ela está? — Sinto muito, Liev.

Liev recostou-se. Não havia dúvida em sua mente de que Fraera estava envolvida no desaparecimento de Raíssa.

ERAM DUAS DA MANHÃ quando chegaram ao centro da cidade. O contraste com o deserto de Kolima era tão pronunciado, que Liev ficou tonto, desorientado, sensação exacerbada pela falta de sono e pela ansiedade que não diminuía. Pararam no meio da Moskvoretskaia Naberejnaia, a principal estrada que seguia para o rio Moscou, no ponto marcado no mapa. O motorista saiu. Os dois guardas examinaram a área, voltando para o carro.

— Não há nada aqui!

Liev saltou. A chuva era intensa: ficou ensopado em questão de segundos. A rua estava vazia. Ele podia ouvir a chuva correndo pelo dreno. Agachou-se. A abertura estava embaixo do carro.

— Vá um pouco mais adiante!

A limusine avançou, expondo a tampa. Liev levantou-a, puxando-a para o lado. Os guardas estavam a seu lado, as armas prontas. A descida era longa. Não

havia ninguém na escada.

Liev voltou para o carro:

— Tem lanternas? Panin assentiu:

— Na mala.

Liev abriu a mala, checando as lanternas, entregando uma a Lazar.

Liev tomou a frente, descendo primeiro, agarrando a escada, a lembrança de sua pele machucada fazendo-o estremecer, junto com a dor real que sentia nos joelhos. Lençóis de chuva espirravam da abertura, molhando suas mãos, seu pescoço e rosto. Lazar o seguiu. Panin disse alto:

— Boa sorte.

Assim que estavam ambos embaixo do nível da rua, a abertura foi fechada, a tampa de aço produzindo um estalo ao fechar-se, cortando os jorros de água da chuva e da luz da rua. Em completa escuridão, eles pararam, acenderam as lanternas, antes de continuar a descer.

Ao chegar ao fim da escada, Liev verificou o túnel principal. Estava cheio de uma torrente de água branca, que fazia redemoinhos. A chuva pesada ocasionara uma inundação. Em vez de riachos modestos, sujos, cascatas de água barulhenta eram canalizadas pela cidade. Incerto sobre a possibilidade de seguir adiante, Liev foi forçado a supor a existência de algum tipo de suporte estreito. Testando sua teoria, ele se pendurou, explorando o que havia embaixo com a bota. A estreita faixa de apoio estava sob a água.

Liev gritou para Lazar, projetando sua voz acima do barulho da água:

— Fique junto da parede!

Lazar desceu Liev o guiou. Apertando-se contra a parede, ambos apontaram a luz da lanterna em várias direções, procurando alguma instrução. A distância, a cerca de 100 metros, havia uma luz no túnel.

Eles partiram em direção à luz, pelo apoio estreito, o nível da água subindo no túnel, batendo em seus joelhos. Cada passo exigia intensa concentração. A alguns metros de distância, Liev viu uma lanterna presa à parede acima da moldura de uma porta. Raspando o limo espesso que recobria as paredes, ele abriu a porta. A água entrou, correndo por um lance de escadas de concreto que descia mais para o subsolo. Eles se apressaram, fechando a porta, cortando o fluxo de água — aliviados por estarem livres do perigoso parapeito de concreto.

Dentro do estreito espaço da escada em espiral, o ar era úmido e quente. Eles desceram em silêncio, a respiração ecoando na câmara fechada. Depois de cinqüenta passos encontraram outra porta. Liev empurrou com força a moldura de metal, as dobradiças rangendo. Não havia fedor de esgoto, nenhuma água corrente, apenas silêncio. Liev voltou-se para Lazar:

— Fique aqui.

Liev entrou no novo túnel, explorando-o com uma lanterna. As paredes estavam secas. Com o pé, chutou um trilho de metal — eles estavam em um túnel do metrô.

Como um nascer do sol no subsolo, uma suave luz amarela apareceu, emanando de uma velha lanterna de mina, uma chama de gás cintilante conduzida por um homem. Ele estava sozinho, exibia proporções grotescamente musculosas, tatuagens espalhadas pelas mãos e o pescoço.

— Não se mova.

O vory revistou Liev e Lazar. Quando acabou, fechou a porta de aço que levava aos esgotos, trancando-a. Virou-se, indicando a direção em que iriam caminhar. Partiram, Liev na frente, Lazar logo atrás, o vory no final, comentando enquanto andavam:

— Esta linha do metrô não está em nenhum mapa. Depois que o trabalho ficou pronto, os trabalhadores foram executados para que a existência deste trecho permanecesse em segredo. E chamado spetztunnel e vai do Kremlin a Ramenskoie, uma cidade no subsolo a 50 quilômetros de distância. Se o Ocidente atacar, nossos líderes vão descer até aqui, sentando-se sobre almofadas de seda, enquanto Moscou queima.

Depois de certa distância, o vory parou de andar.

— Aqui.

Havia uma porta de aço na parede. Liev a abriu, levantando a lanterna para a escada de concreto, agradecido por ela subir a outro nível. O vory fechou a porta atrás deles. Segundos depois houve um som sibilante: a fechadura era inutilizada com ácido. Ninguém poderia segui-los.

Molhados de suor, atingiram o topo dos degraus, encontrando a porta aberta e saindo na estação do metrô de Taganskaia. Liev caminhou da estação para o meio da praça Taganskaia, exasperado, sem saber o que fazer em seguida. Lazar levantou o braço, apontando na direção do rio, cerca de 200 metros adiante. Havia uma mulher no meio da ponte Bolshoi Krasnokolmskiy.

Liev se apressou Lazar a seu lado. Chegando à margem, sem a proteção dos edifícios, o vento dobrou de força. A ponte era um arco austero de concreto, e rodopiando abaixo, o rio Moscou estava tumultuoso com o temporal noturno. A mulher permanecia no meio da ponte, esperando por eles, a chuva escorrendo por sua jaqueta. Chegando perto, Liev reconheceu aquela jaqueta. Pertencia a ele. Raíssa tirou o capuz.

Correndo, chegando a seu lado, tomando suas mãos, as emoções de Liev estavam confusas — alívio e preocupação. Raíssa afastou as mãos dele.

— Por que não me contou sobre Zoia? Ela segurou uma faca em cima de você? Você me disse que não havia nada errado.

Mentiu para mim sobre algo assim? Nós não havíamos prometido? Chega de mentiras! Chega de segredos! Nós prometemos Liev!

— Raíssa, eu entrei em pânico. Queria ter uma chance de pôr as coisas em ordem antes de contar a você. Depois que saiu do hospital eu estava me preparando para ir a Kolima e você ainda estava fraca.

— Liev, eu não estava fraca. Você estava! Não se trata de ser herói. Trata-se do que é melhor para Zoia e Elena. Conheci Fraera. Ela me procurou. Não há forma de ela entregar Zoia a você. Isso nunca acontecerá.

Ao sul da ponte apareceram faróis, raios de luz borrados pela chuva. Uma caminhonete acelerou na direção deles, fazendo Liev levantar a mão, protegendo os olhos dos poderosos faróis. A caminhonete freou. Portas se abriram. O motorista era um vory. Fraera saltou do assento do passageiro, indiferente à chuva. Ela olhou para Liev, depois para Raíssa, antes de concentrar a atenção em Lazar, seu marido.

Lazar caminhou na direção dela, inseguro, evidentemente chocado, a despeito dos avisos de Liev, sobre a transformação dela. Ficaram um diante do outro. Examinando o aspecto dele, ela tocou a lateral da face de Lazar, sentindo a forma de sua mandíbula machucada. Ele gemeu ao toque, mas não se afastou. Ela disse:

— Você sofreu.

Liev observou enquanto Lazar pronunciava as palavras:

— Temos... um filho?

— Nosso filho está morto. Sua mulher está morta.

Um tiro, um clarão — Lazar caiu de joelhos, apertando o estômago.

Liev correu, segurando Lazar enquanto ele caía. Os dentes estavam vermelhos de sangue. Espantado com aquela execução sem sentido, Liev voltou-se para Fraera:

— Por quê?

Ela não respondeu, assomando sobre ele, sem dar nenhuma explicação. Ele olhou para o corpo de Lazar em seus braços. O homem que ele traíra e resgatara, o homem que salvara sua vida estava morto. Liev baixou o corpo de Lazar, deitando-o na estrada.

Fraera agarrou Liev pela camisa:

— Entre na frente da caminhonete. Ela apontou a arma para Raíssa:

— Você também!

Liev se levantou, entrando do lado do motorista. Raíssa estava no assento do carona. Zoia estava atrás, pulsos e tornozelos amarrados. A boca tapada, os olhos aterrorizados. A caminhonete havia sido modificada. Havia uma grade entre eles. Raíssa e Liev simultaneamente pressionaram as mãos contra o arame.

— Zoia!

Zoia pressionou o rosto contra o outro lado, implorando por socorro através da mordaça. Seus dedos se tocaram. Liev sacudiu a grade, mas ela era resistente.

Aporta traseira foi aberta: Fraera inclinou-se, agarrando Zoia, puxando-a, levantando-a e levando-a para fora. Liev virou-se, tentando abrir a porta. Estava fechada. Não podia ser aberta por dentro. Raíssa tentou a porta do seu lado, sem conseguir nada. Fraera e o vory estavam com Zoia fora da caminhonete. O vory pegou um saco de grão, abrindo-o, enquanto Fraera enfiava Zoia dentro dele.

Liev virou o corpo, direcionando suas botas diretamente contra a janela. Como uma mula, escoiceou uma e outra vez, as solas chocando-se, mas a lâmina de vidro permaneceu intacta. Raíssa gritou:

— Liev!

Liev foi rapidamente para o lado de Raíssa, que estava mais próximo do rio. O vory e Fraera carregavam o saco, Zoia esforçava-se para sair, rasgando e contorcendo-se, lutando pela vida. O vory esbofeteou-a, reduzindo sua resistência o bastante para empurrá-la para dentro do saco e fechá-lo. Os dois levantaram o saco. Estava pesado. Zoia, inconsciente, foi colocada sobre o parapeito. O rosto de Liev apertava-se contra o vidro da caminhonete enquanto olhava o saco ser empurrado para fora da ponte. Teve um relance dele mergulhando no rio.

Fraera se curvou sobre o capo da caminhonete, abaixando-se, o rosto perto do para-brisa, os olhos em fogo, lambendo a dor deles como um gato lamberia leite. Explodindo de raiva, Liev socou o para-brisa, batendo os punhos inutilmente, preso atrás de vidro reforçado. Fraera observava, deliciando-se com seu desamparo, antes de saltar e montar em uma motocicleta. Liev nem havia notado que duas motocicletas tinham sido empurradas até eles.

Preso na caminhonete, Liev chutou a ignição, expondo os fios. Juntando as conexões, baixou o pé no acelerador, ligando o motor, dirigindo como se perseguisse Fraera. Raíssa gritou:

— Liev! Zoia!

Liev não caçava Fraera. Ao pegar bastante velocidade, virou o carro violentamente à esquerda, na direção da parede lateral da ponte. A caminhonete chocou-se contra ela, e seu lado foi arrancado, abrindo-a. Com o motor fumegando, as rodas girando na beira do peitoril, Liev voltou-se para a mulher. Raíssa havia cortado a cabeça, mas já saíra do assento, subindo pelo lado amassado. Ele foi mancando atrás dela, chegando ao ponto em que Zoia havia caído.

Raíssa saltou primeiro, Liev depois. Caindo, ele viu Raíssa entrar na água, pouco antes que suas pernas varassem a superfície

. Embaixo da água, a corrente puxava para o fundo. Sugado para baixo, ele resistiu ao impulso de voltar à superfície e bateu as pernas para baixo com a força da corrente, dirigindo-se ao lugar no fundo onde Zoia teria de parar. Ele não sabia a profundidade do rio, batendo as pernas mais e mais — seus pulmões queimando, abrindo caminho para baixo. Suas mãos tocaram o espesso lodo do fundo. Ele olhou em volta, incapaz de ver o que quer que fosse. A água estava negra. Empurrando-se para cima, tentou procurar, virando-se, mas não adiantava nada—não podia ver nada. Desesperado por ar, forçado a voltar à superfície, ele tossiu. Olhando em volta, a ponte já estava distante, atrás dele.

Liev respirou profundamente, preparando-se para mergulhar novamente. Ouviu Raíssa gritar:

— Zoia!

Era um grito sem esperança.

CINCO MESES DEPOIS

Moscou

20 de outubro

FILIPP PARTIU O PÃO, estudando o jeito em que a massa ainda quente se separava, esticando-a brevemente antes de rasgar-se em tiras irregulares. Deu uma mordida e deixou o pedaço sobre a língua, mastigando-o lentamente. O pão estava perfeito, o que significava que a fornada estava perfeita. Ele queria deliciar-se, espalhando uma grossa camada de manteiga que o amoleceria e se derreteria. Mas era incapaz de engolir até mesmo esse modesto pedaço. De pé junto à lata de lixo, cuspiu a bola pegajosa de massa. O desperdício de comida o horrorizava, mas não tinha escolha. Apesar de ser um padeiro, um dos melhores da cidade, Filipp, de 47 anos, só podia consumir líquidos. Persistentes e intratáveis úlceras estomacais o aborreciam havia dez anos. Suas entranhas eram pontilhadas de crateras cheias de ácido — cicatrizes ocultas do domínio de Stálin testemunha de suas noites insones, preocupado em ter sido demasiado severo com os homens e mulheres que trabalhavam sob suas ordens. Era um perfeccionista. Quando se cometiam erros, perdia a cabeça. Trabalhadores desapontados poderiam ter escrito um relatório mencionando seu nome e citando suas tendências burguesas, elitistas. Até hoje, a recordação fazia seu estômago queimar. Correu até a mesa, misturando uma solução de giz e engolindo a água branca, de gosto ruim, lembrando a si mesmo que essas preocupações pertenciam ao passado. Não havia mais prisões no meio da noite. A família estava em segurança e ele não denunciara ninguém. Ele tinha a consciência limpa. O preço tinha sido o revestimento de seu estômago. Considerando todas as coisas, até para um padeiro e um amante da comida, aquele preço não era tão alto.

A água de giz acalmou suas entranhas, e ele se repreendeu por viver no passado. O futuro era brilhante. O Estado reconhecia seus talentos. A padaria estava se expandindo, ocupando todo o edifício. Antes ele estava limitado a dois andares, com o terceiro piso designado para uma fábrica de botões, um disfarce para um ministério secreto do governo. Situá-lo acima de uma padaria nunca

tivera sentido para ele: as salas estavam cheias de farinha de trigo e ficavam quentes com o calor dos fornos. Na verdade, ele queria que eles se fossem não porque precisasse de espaço. Ele nunca gostara da aparência das pessoas que trabalhavam ali. Seus uniformes e comportamento desconfiado ofendiam seu estômago.

Encaminhando-se para a escada comum, espiou para o andar de cima. Os ocupantes anteriores haviam passado duas semanas removendo móveis de fichário e mobília de escritório. Chegando ao patamar, parou à porta, notando as várias e pesadas fechaduras. Tentou a maçaneta. A porta se abriu. Empurrou-a, estudou o espaço escuro. As salas estavam vazias. Encorajado, adentrou os novos domínios. Procurando o interruptor de luz, viu um homem recostado na parede mais afastada.

Liev sentou-se, piscando os olhos diante da forte luz. O padeiro entrou em foco, um homem magro como um arame. A garganta de Liev estava seca. Ele tossiu e levantou-se, penteando-se com os dedos, e então observou as salas vazias do departamento de homicídios. As caixas com os arquivos confidenciais, provas dos crimes que ele e Timur haviam solucionado, tinhas sido removidas. Estavam sendo incineradas, destruídos todos os resquícios do trabalho que ele fizera nos últimos três anos. O padeiro, cujo nome ele não sabia, ficou de pé desajeitadamente — o embaraço de um homem compassivo testemunhando a infelicidade de um compatriota. Liev disse: — Três anos passando um ao lado do outro por esses degraus e eu nunca perguntei seu nome. Não queria...

— Me preocupar?

— Isso teria acontecido?

— Sinceramente, sim.

— Meu nome é Liev.

O padeiro estendeu a mão. Liev apertou-a.

— Meu nome é Filipp. Três anos, e eu nunca ofereci a você um pedaço de pão.

Deixando o departamento de homicídios pela última vez, Liev olhou para trás antes de fechar a porta. Sentindo uma terrível tonteira, ele seguiu Filipp ao andar de baixo, onde este entregou a Liev um pãozinho redondo — ainda quente, a casca dourada. Ele partiu o pão e o mordeu.

Filipp estudava cuidadosamente a reação dele. Sentindo que sua opinião estava sendo esperada, Liev engoliu e disse: — Este é o melhor pão que eu já comi.

E era verdade. Filipp sorriu e perguntou: — O que vocês faziam lá em cima? Por que tanto segredo? Antes que Liev tivesse tempo de responder, a pergunta foi retirada: — Não me dê atenção. Eu devia me preocupar com meus próprios

assuntos.

Ainda comendo, Liev ignorou as desculpas: — Eu era responsável por uma divisão especializada da milícia, um departamento de homicídios.

Filipp ficou em silêncio. Não havia entendido. Liev acrescentou: — Nós investigávamos assassinatos.

— Havia muito trabalho?

Liev fez um pequeno aceno afirmativo com a cabeça: — Mais do que você poderia imaginar.

Aceitando outro pão para levar para casa, além dos remanescentes do que havia começado a comer, Liev se virou para sair. Filipp o chamou, tentando encerrar com um tom positivo: — Fica quente aqui no verão. Você deve estar contente por mudar-se para outro lugar.

Liev olhou para baixo, estudando o padrão das pegadas na farinha de trigo: — O departamento não está se mudando. Está sendo fechado.

— E você?

Liev levantou a cabeça:

— Estou para entrar na KGB.

Mesmo dia

O INSTITUTO SERBSKI ERA UM EDIFÍCIO DE POUCOS ANDARES, com floreiras arredondadas de aço em torno de janelas compridas, mais parecia um condomínio de atraentes apartamentos do que um hospital. Raíssa parou como sempre fazia nesse ponto, a 50 metros de distância, perguntando-se se estava tomando a decisão correta. Olhou para Elena, de pé a seu lado, segurando sua mão. A pele de uma palidez sobrenatural, como se o corpo dela estivesse morrendo. Ela perdera peso e não se sentia bem com tanta freqüência que a doença se tornara um estado normal. Notando que o cachecol de Elena se soltara, Raíssa se agachou, arrumando-a:

— Podemos voltar para casa. Podemos ir para casa a qualquer hora. Elena ficou em silêncio, seu rosto branco, como se não fosse mais uma garota verdadeira, mas uma cópia criada com tecido de papel e olhos de contas verdes, sem emitir nenhuma energia própria. Ou seria o contrário? Seria Raíssa a réplica, arrumando Elena e cuidando dela em uma imitação do que uma mãe real faria?

Raíssa beijou Elena no rosto e, não obtendo resposta, sentiu um nó no estômago. Ela não era resiliente a essa indiferença, que havia começado quando ela se ajoelhara, os olhos cheios de lágrimas, e cochichara no ouvido de Elena:

Zoia morreu.

Esperando uma explosão de pesar, Elena não reagira. Cinco meses mais tarde, ela ainda não reagira não em um sentido comum, externamente.

Raíssa levantou-se, prestando atenção ao trânsito, cruzou a estrada e aproximou-se da entrada principal. O Instituto Serbski era uma medida desesperada, mas ela estava desesperada. O amor não os salvaria. Amor simplesmente não era o bastante.

Dentro — assoalhos de pedra, paredes nuas — enfermeiras em uniformes engomados empurravam carrinhos de aço equipados com algemas de couro. Portas trancadas. Janelas com grades. Não podia haver dúvida de que a reputação do instituto como o centro psiquiátrico mais avançado da cidade era um assunto mais de notoriedade do que de aclamação.

Centro de tratamento de dissidentes, opositores políticos eram admitidos para comas induzidos por insulina e a última palavra em terapia pirogênica e de choque. Era um lugar improvável para buscar ajuda para uma menina de 7 anos.

Em todas as discussões que tiveram Liev repetidamente afirmara sua

oposição a buscar ajuda psiquiátrica. Muitos dos que ele prendera por crimes políticos haviam sido enviados a um psikuchka, um hospital como esse. Liev concordava como de fato teria de concordar, em que deveriam existir bons médicos trabalhando dentro de um sistema brutal, mas não acreditava que o risco de procurar esses homens e mulheres valia o ganho potencial proveniente de sua competência. Declarar que não estava bem era equivalente a colocar-se à margem da sociedade, um lugar que nenhum pai, ou guardião, iria querer para os filhos. Mas parecia que sua opinião se parecia menos com cautela e mais com obstinação de mula — uma determinação cega de ser aquele que consertou a família, mesmo que ela se desmoronasse em suas mãos. Raíssa não era médica, mas entendia que a doença de Elena era tão ameaçadora quanto um mal físico. Ela estava morrendo. Era incivilizado esperar que o problema meramente fosse passar.

A mulher atrás da mesa de recepção reconheceu-as de visitas anteriores.

— Estou aqui para ver o Dr. Stávski.

Agindo escondido de Liev, falando com amigos, colegas, ela conseguiu ser apresentada a Stávski. Apesar da carreira tratando dissidentes, com tudo que isso significava, Stávski acreditava no valor da psiquiatria além da esfera política e desaprovava os excessos dos tratamentos punitivos. Ele era motivado por um desejo de curar e concordou em examinar Elena sem fazer nenhum registro oficial. Raíssa confiava nele da mesma forma que uma pessoa perdida no mar deposita fé em um pedaço de madeira flutuante. Ela tinha pouca escolha.

No andar de cima, chamadas a entrar no consultório, o Dr. Stávski agachou-se na frente de Elena.

— Elena? Como vai você? Elena não respondeu.

— Você lembra o meu nome?

Elena não respondeu. Stávski se levantou, dirigindo-se a Raíssa com um sussurro:

— E esta semana?

— Nenhuma mudança. Nem uma palavra. Stávski levou Elena à balança.

— Por favor, tire seus sapatos.

Elena não reagiu. Raíssa ajoelhou-se, tirando os sapatos dela, guiando Elena para a balança. Stávski olhou o mostrador, anotando o peso dela.

Ele bateu com a caneta contra o bloco, correndo os olhos pelos números acumulados nas últimas semanas. Ele se levantou, curvando-se sobre a mesa. Raíssa se adiantou para ajudar Elena a descer da balança, mas Stávski fez um gesto indicando que ela devia deixar Elena onde estava. Eles esperaram. Elena ficou de pé na balança, o rosto voltado para a parede, sem fazer nada. Dois

minutos se tornaram cinco, cinco minutos se tornaram dez e Elena ainda não tinha se mexido. Finalmente, Stávski indicou que Raíssa devia ajudar Elena a descer na balança.

Lutando contra as lágrimas, Raíssa terminou de amarrar os cordões dos sapatos de Elena e se levantou, a ponto de fazer uma pergunta, e viu Stávski ao telefone. Ele desligou, colocando seu bloco na mesa. Ela não sabia como ou por que, mas sabia que tinha sido traída. Antes que ela pudesse reagir, ele disse:

— Você veio a mim em busca de ajuda. É minha opinião que Elena necessita de supervisão profissional em tempo integral.

Dois ajudantes homens entraram na sala, fechando as portas atrás deles, como uma armadilha que se fechasse. Raíssa pôs os braços em torno de Elena. Stávski aproximou-se vagarosamente:

— Consegui que ela fosse admitida em um hospital na cidade de Kazan. Conheço bem a equipe médica do hospital.

Raíssa sacudiu a cabeça, tanto de descrença como de recusa à proposta dele:

— Isso não está mais nas suas mãos, Raíssa. A decisão foi tomada no interesse dessa menina. Você não é a mãe dela. O Estado apontou você como guardiã dela. O Estado está retirando a guarda.

— Doutor... Ela cuspiu a palavra com desprezo —Você não vai levá-la.

Stávski se aproximou, sussurrando:

— Direi a Elena que ela vai com esses enfermeiros para Kazan. Direi que ela não verá você novamente. Estou bastante certo de que ela não reagirá. Ela sairá desta sala com aqueles dois estranhos e nem sequer olhará para trás. Se ela fizer isso, você acreditará que não pode ajudá-la?

— Eu me recuso a aceitar esse teste.

Ignorando Raíssa, Stávski se agachou, falando clara e vagarosamente:

— Elena, você será levada a um hospital especial. Eles vão fazer você melhorar. É possível que você nunca mais veja Raíssa novamente. No entanto, vou assegurar que você seja bem cuidada. Esses homens vão ajudar você. Se não quiser ir, se quiser ficar, se quiser ficar aqui com Raíssa, tudo que precisa fazer é dizer que quer ficar. Tudo que precisa fazer é dizer não. Elena? Está me ouvindo? Tudo o que precisa fazer é dizer não.

Elena não respondeu.

Mesmo dia

INESSA, A VIÚVA DE TlMUR, abriu a porta. Liev entrou no apartamento. Vários meses depois de voltar de Kolima, ele esperava que Timur aparecesse na cozinha, explicando que não tinha sido morto, que sobrevivera e achara o caminho para casa. Era simplesmente impossível imaginar esta casa sem Timur. Era aqui que ele era mais feliz, cercado da família. No entanto, a designação de acomodações era um processo sem compaixão. De acordo com os cálculos do sistema, a morte de Timur significava, de modo bastante indiscutível, que a família precisava de menos espaço. Além disso, aquele apartamento moderno era uma vantagem obtida com o trabalho de Timur. Inessa trabalhava em uma fábrica de têxteis e os homens e mulheres que trabalhavam com ela viviam em apartamentos muito mais modestos. Lançando mão de argumentos, de sua influência, Liev havia lutado para manter essa família onde ela estava, solicitando a interferência de Frol Panin. Talvez por também se sentir responsável pela morte de Timur, Panin concordara. Mas para surpresa de Liev, Inessa se sentira tentada pela perspectiva da mudança. Cada aposento estava infiltrado pelas recordações que tinha do marido. Elas a deixavam sem respiração, tão triste que ela mal podia se mexer. Apenas quando Liev mostrou o condomínio de apartamentos para onde ela seria realocada, de apenas um quarto, área de serviço compartilhada, paredes finas, ela ficou aliviada, e só então por causa dos filhos. Se vivesse sozinha, teria se mudado naquele mesmo dia.

Liev abraçou Inessa. Separando-se, ela aceitou a bisnaga de pão. — De onde é isso?

— Da padaria que fica embaixo de nossos escritórios.

— Timur nunca trouxe pão para casa.

— O pessoal que trabalha lá ficava assustado demais para falar conosco.

— Mas agora não?

— Não.

Como o movimento de uma sombra, a tristeza passou pelo rosto de Inessa. O departamento de homicídio tinha sido de Timur também. Agora não existia mais.

Seus dois filhos, Efim, de 10 anos, e Vadim, 8, correram do quarto para cumprimentar Liev. Embora Timur tivesse morrido trabalhando para Liev, as crianças não tinham ressentimento dele. Ao contrário, gostavam das visitas de Liev. Entendiam que ele amara Timur e que seu pai amara Liev. Mesmo assim, para Liev, o afeto daqueles meninos era um prazer frágil, que certamente se romperia um dia.

Eles ainda não sabiam dos detalhes do que acontecera. Não sabiam ainda que Timur morrera tentando consertar os erros do passado de Liev.

Inessa correu os dedos pelo cabelo de Efim enquanto ele falava animadamente sobre o trabalho da escola, sobre os times esportivos em que jogava. Como filho mais velho, ele receberia o relógio de Timur quando fizesse 18 anos. Liev havia substituído o vidro quebrado e o mecanismo interno, que havia guardado consigo incapaz de jogá-lo fora, ocasionalmente pegando-o e observando-o na palma de sua mão. Inessa ainda não decidira que história contaria a Efim sobre a origem do relógio, se mentiria sobre ele ser herança de gerações de sua família. Aquela decisão ficaria para outra hora. Dirigindo-se a Liev, perguntou: — Você comerá conosco?

Liev estava confortável ali. Ele sacudiu a cabeça: — Tenho de ir para casa.

DE VOLTA AO SEU APARTAMENTO, Liev descobriu que Raíssa e Elena não estavam em casa. A dupla de seguranças que prestava serviço informou que as duas tinham saído para a escola pela manhã e que eles não haviam notado nada fora do comum. Ignorando os planos da mulher, não podia imaginar o que Raíssa estava fazendo fora de casa àquela hora da noite com Elena. Nenhuma roupa tinha sido arrumada: nenhuma mala separada. Telefonou para os pais, eles não tinham resposta alguma. O medo de Liev não era que Fraera estivesse envolvida. O assassinato de Zoia tinha sido o último ato de vingança dela contra o pessoal da segurança do Estado. Após cinco meses de ausência, ele duvidava que Fraera fosse retornar. Não havia necessidade. Liev tinha sido ferido exatamente como ela desejava.

Ouvindo o barulho da aproximação de alguém, correu para a porta de entrada, escancarando-a. Raíssa deu um passo à frente vacilante, agarrando a moldura da porta como se estivesse bêbada. Liev amparou-a, sustentando seu peso. Examinou o corredor. Estava vazio.

— Onde está Elena?

— Ela... se foi.

Raíssa revirou os olhos, a cabeça pendia. Liev carregou-a para o banheiro, colocando-a debaixo do chuveiro, abrindo a água fria.

— Por que está bêbada?

Raíssa engasgou, estremecendo com o choque da água.

— Bêbada não... dopada.

Liev fechou o chuveiro, afastando os cabelos de Raíssa dos olhos, sentando-a na beirada da banheira.

Os olhos dela, injetados de vermelho, não estavam mais fechados. Ela olhou para as poças que se formavam em volta de seus sapatos, suas palavras não

estavam mais arrastadas.

— Eu sabia que você não concordaria.

— Levou-a a um médico?

— Liev, quando alguém que você ama está doente, você busca ajuda. Ele disse que não seria oficial, não haveria documentos.

— Onde?

— Serbski.

Ao ouvir o nome — Serbski —, Liev ficou paralisado. Muitos dos homens e mulheres que ele prendera haviam sido mandados para lá para receberem tratamento. Raíssa começou a chorar: — Liev, ele a mandou para longe. Incompreensão muda, depois raiva: — Qual é o nome do médico? Raíssa sacudiu a cabeça: — Não pode salvá-la.

— Qual é o nome dele!

— Você não pode salvá-la!

Liev levantou a mão, levando-a para trás, pronto para esbofeteá-la. Em um segundo, desviando sua raiva, agarrou o espelho da parede e esmigalhou-o na pia. Os estilhaços cortaram-lhe a pele, tirando sangue, linhas vermelhas em volta de seu pulso, escorrendo pelos braços. Liev deixou-se cair no chão, pedaços sangrentos de vidro em volta dele.

Pegando uma toalha, Raíssa sentou-se ao lado dele, pressionando-a contra sua mão ferida: — Você pensa que eu não lutei? Pensa que não tentei detê-los? Eles me sedaram. Quando acordei, Elena se fora.

Liev revolvia a derrota em sua mente. Ela era completa. Suas esperanças de ter uma família tinham sido destruídas. Ele fracassara em salvar a vida de Zoia e em persuadir Elena de que valia a pena viver. Três anos de honestidade e confiança entre ele e Raíssa tinham sido apagados. Ele mentira para ela, uma mentira para sempre preservada pelas calamidades que se seguiram. Ele não sentia raiva alguma de Raíssa por aceitar a oferta de Fraera, por concordar em deixá-lo. Raíssa alegava que era tática e nada mais, uma promessa desesperada para salvar Zoia. Ela tomara o bem-estar da família em suas próprias mãos. O único erro que havia cometido era ter esperado demais.

Os três anos de fingimento tinham chegado ao fim. Ele não era pai, nem marido e, certamente, nenhum herói. Ele entraria para a KGB. Raíssa o deixaria. Como não poderia deixá-lo? Não haveria nada entre eles, exceto um sentimento de perda.

A cada dia Liev saberia que Fraera estava certa sobre ele: ele era um homem do Estado. Ele havia mudado, e mais importante que isso, ele voltara a ser o que era. Ele observou: — Houve um momento em que pensei que tivéssemos uma chance. Raíssa concordou: — Eu também pensei.

Mesmo dia

Liev não sabia direito quanto tempo havia passado. Eles não haviam se movido — Raíssa a seu lado, os dois no chão, encostados na banheira, a torneira pingando atrás deles. Ele ouviu a porta da frente abrir-se, mas não conseguia se levantar. Stepan e Anna apareceram na porta do banheiro. Preocupados, sem dúvida, com o telefonema anterior de Liev, vieram até a casa dele. Eles entraram no banheiro, viram o sangue, o espelho quebrado: — O que aconteceu?

Raíssa apertou a mão de Liev. Ele respondeu: — Levaram Elena.

Nem Stepan nem Anna disseram uma só palavra. Stepan ajudou Raíssa a pôr-se de pé, enrolando uma toalha nela, guiando-a para a cozinha. Anna levou Liev para o quarto e examinou o corte. Fez uma atadura, comportando-se como quando ele era menino e se feria. Depois de terminar, sentou-se ao lado dele. Liev beijou-a na bochecha, levantou-se, caminhou até a cozinha, estendendo a mão para Raíssa: — Preciso de sua ajuda.

FROL PANIN ERA O ALIADO MAIS INFLUENTE DE LIEV, mas ele não estava disponível, achava-se fora da cidade. Embora não fossem amigos, três anos antes o major Gratchov havia apoiado a proposta de Liev de criar um departamento de homicídio autônomo. Liev se reportara a ele durante os dois primeiros anos, até que Gratchov se afastou, abrindo espaço para Panin. Desde então, Liev vira o major com pouca freqüência. No entanto, como um propositor de mudanças, Gratchov acreditava que o único meio de governar era fazendo emendas, procurando admitir e consertar, com moderação, os erros perpetrados pelo Estado.

Com Raíssa ao lado, Liev bateu à porta do apartamento de Gratchov, examinando instintivamente o comprimento do corredor. Era tarde, mas eles não podiam esperar até o dia seguinte, com medo de que se seus esforços perdessem impulso, a sensação de depressão esmagadora voltaria. A porta se abriu. Acostumado a ver o major em seu uniforme impecável, foi um choque vê-lo com a roupa desmazelada, as lentes dos óculos cheias de marcas de dedos, o cabelo despenteado. Normalmente formal e reservado, ele abraçou Liev afetuosamente, como se reencontrasse um irmão perdido. Ele se inclinou afetuosamente para Raíssa.

— Entrem!

Dentro do apartamento havia caixas no chão, objetos sendo empacotados. Liev perguntou: — Está de mudança? Gratchov sacudiu a cabeça: — Não, estou

sendo mudado. Para fora da cidade, para muito longe, não poderia nem lhe dizer para onde, realmente não poderia. Eles me disseram. Mas nunca ouvi falar no lugar. Em algum lugar no norte, acho, frio e escuro, apenas para tornar a imagem do local algo mais real.

As frases eram despejadas uma após a outra. Liev tentou fazê-lo concentrar-se: — Sobre o que exatamente você está falando?

— Não sou mais um homem favorecido, não mais o homem a quem se designa uma missão, qualquer missão que não seja chefiar um escritório pequeno em uma cidade pequena. Lembra-se dessa punição, Liev? Raíssa? Exílio. Vocês dois passaram por isso.

Raíssa perguntou:

— Onde está sua mulher?

— Ela me deixou.

Antecipando-se às condolências deles, Gratchov acrescentou: — Por mútua concordância. Temos um filho. Ele tem ambições. Minha realocação arruinaria as oportunidades dela. Temos que ser práticos.

Gratchov enfiou as mãos nos bolsos:

— Se vieram pedir minha ajuda, temo que minha situação tenha se deteriorado.

Raíssa olhou para Liev, questionando se adiantaria explicar a delicada situação em que se encontravam. Gratchov percebeu a reação de Raíssa: — Conversem comigo, se não por minha ajuda, então como uma conversa entre amigos que pensam da mesma maneira.

Constrangida, Raíssa enrubesceu: — Me desculpe.

— Não por isso.

Ela explicou rapidamente:

— Elena, nossa filha adotada, foi tirada de nós e enviada para um hospital psiquiátrico em Kazan. Ela nunca se recuperou do assassinato da irmã. Eu havia conseguido que ela visitasse um médico em condições não oficiais.

Gratchov sacudiu a cabeça, observando:

— Nada é não oficial. Raíssa ficou tensa:

— O médico me prometeu que não faria nenhum registro do tratamento. Acreditei nele. Quando ela não reagiu ao tratamento...

— Ele a mandou para uma instituição a fim de proteger-se? Raíssa assentiu. Gratchov pensou, antes de acrescentar, como se tivesse tido a ideia naquele momento: — Acho que nenhum de nós se recuperará do assassinato de Zoia. Surpreso com o comentário dele, Liev buscou uma explicação: — Nenhum de nós? Não compreendo.

— Me desculpe. Não é justo comparar as consequências mais amplas com a dor que devem estar sentindo.

— Que consequências mais amplas?

— Não precisamos entrar nisso agora. Vocês estão aqui para ajudar Elena...

Liev interrompeu:

— Não, diga-me, que consequências mais amplas?

O major inclinou-se sobre uma caixa. Olhou para Raíssa, depois para Liev: — A morte de Zoia mudou tudo.

Liev olhou para ele com o rosto inexpressivo. Gratchov continuou: — O assassinato de uma garota para punir um ex-agente de segurança do Estado, além de 15 ou mais policiais caçados e executados, vários torturados. Esses eventos fizeram as autoridades tremerem. Eles haviam soltado essa mulher vory dos gulags. Como era mesmo o nome dela?

Liev e Raíssa responderam ao mesmo tempo:

— Fraera.

— Quem mais teriam soltado? Muitos milhares de prisioneiros estão voltando para casa; como iriam governar, mesmo que se um número insignificante deles se comportasse do mesmo modo que ela? A vingança dela iniciaria uma reação em cadeia que culminaria com o colapso da lei e da ordem? Haveria guerra civil uma vez mais. Nosso país seria rasgado ao meio. Este é o novo medo. Estão tomando medidas para impedir que isso aconteça.

— Que medidas?

— Uma atmosfera de permissividade infiltrou-se em nossa sociedade. Sabia que há autores escrevendo prosa satírica? Dudintsev escreveu um romance, Nem só de pão. Os funcionários do Estado são abertamente ironizados em letra impressa. O que virá em seguida? Permitimos que as pessoas critiquem. Permitimos que pessoas se oponham ao nosso governo. Permitimos que as pessoas se vinguem. A autoridade que antes parecia forte, subitamente parece frágil.

— Tem havido represálias pelo país?

— Quando me referi a conseqüências mais amplas não estava meramente me referindo a incidentes em nosso país. Há represálias em todos os territórios sob o nosso governo. Olhe o que está acontecendo na Polônia. Revoltas precipitadas pelo discurso de Kruschov. O sentimento antissoviético está se espalhando em toda a Europa Oriental, Hungria, Checoslováquia, Iugoslávia... Liev ficou chocado: — O discurso chegou a esses lugares?

— Os americanos o têm. Imprimiram-no em jornais. Tornou-se uma arma contra nós. Parece que desferimos um terrível golpe contra nós mesmos. Como prosseguir com a revolução global quando confessamos tais atos criminosos

contra o nosso próprio povo? Quem se uniria à nossa causa? Quem iria querer se tornar nossos camaradas?

O major fez uma pausa, enxugando o suor da sobrancelha. Liev e Raíssa estavam agora agachados diante dele, como crianças cativadas por uma história. Ele continuou: — Depois da morte de Zoia, todos os que defendiam a reforma, inclusive eu mesmo, fomos silenciados. Até Kruschov foi forçado a retratar-se de muitas críticas que havia feito no discurso.

— Eu não sabia disso.

— Você estava de luto, Liev. Enterrou sua filha. Enterrou seu amigo. Não estava prestando atenção ao mundo em torno de você. Enquanto estava enlutado, um discurso revisado foi escrito.

— Revisado como?

— As admissões de execuções sumárias e tortura foram cortadas. Esse documento foi publicado um mês após a morte de Zoia.

Não estou afirmando que a vingança de Fraera foi o único fator que contribuiu para isso. Mas aqueles assassinatos foram importantes. Eles foram de grande ajuda para os tradicionalistas. Kruschov não teve escolha: uma resolução do Comitê Central reescreveu seu discurso: Stálin não era mais um assassino: ele meramente cometera erros. O sistema não havia errado. Os poucos erros haviam sido apenas de Stálin. Escrevam o Discurso Secreto, mas sem os segredos.

Com a mente revirando os fatos, Liev observou: — O fracasso do meu departamento em deter esses crimes foi a razão de ele ser fechado.

— Não, isso é uma desculpa. Eles nunca aprovaram o departamento de homicídios. Nunca gostaram de eu ter ajudado a criá-lo. Seu departamento foi parte da cultura da permissividade que se infiltrava. Liev, nós caminhamos rápido demais. As liberdades são conquistadas lentamente, pouco a pouco — é preciso lutar por elas. As forças que querem a mudança, eu inclusive, fomos longe e rápido demais. Fomos arrogantes. Nós nos superestimamos. E subestimamos aqueles que queriam proteger e preservar o poder tal como era.

— Eles ordenaram que eu me juntasse à KGB.

— Isso teria um simbolismo poderoso. Um agente do MGB reformado voltando às estruturas tradicionais de poder. Eles estão usando você. Mas deve mesmo permitir-se ser usado. Se eu fosse você, Liev, tomaria muito cuidado. Não acredite que eles serão mais gentis que Stálin. O espírito dele ainda sobrevive, não em uma pessoa, mas difuso, em várias. É difícil ver, mas não se iluda: ele está lá.

FORA DO APARTAMENTO, Liev segurou as mãos de Raíssa: — Eu estive cego.

Blijnia Datcha

Kuntsevo
20 quilômetros a oeste de Moscou

21 de outubro

ESTA ERA A SEGUNDA VISITA DE FAROL PANIN a Blijnia Datcha, uma das antigas residências de Stálin, agora abertas a famílias da elite governante como um santuário. Tomara-se a decisão de que a residência não deveria ser fechada ou transformada em museu. A datcha devia ficar cheia de crianças brincando, equipes cozinhando e a elite governante reclinada em cadeiras de couro rangente, cubos de gelo batendo uns nos outros enquanto tomavam drinques. Depois da morte de Stálin, descobriu-se que o bar tinha garrafas cheias de álcool de imitação, chá fraco em vez de uísque, água em vez de vodca, para que Stálin continuasse sóbrio enquanto seus ministros perdiam o controle de suas línguas. Não mais necessário, o álcool de imitação foi jogado fora. Os tempos haviam mudado.

Depois de comer uma refeição de cinco pratos, provar três tipos de carne sangrenta e ignorar três vinhos, os deveres sociais de Frol Panin estavam encerrados naquela noite. Subiu as escadas, ouvindo a chuva intensa. Afrouxando o colarinho da camisa, entrou em sua suíte. Seus filhos estavam no quarto ao lado, colocados na cama por uma empregada. Sua mulher tirava o vestido, depois de pedir desculpas e retirar-se no fim dojantar, como se esperava que as mulheres fizessem, permitindo que seus maridos falassem de assuntos mais substanciosos, rotina dolorosa, pois a maioria estava bêbada e nada tinha a dizer. Entrando na sala de estar e fechando a porta, sentiu-se aliviado. A noite havia terminado. Ele odiava ir para lá, especialmente com os filhos. Em sua mente, a datcha era um lugar onde as pessoas perdiam a vida. Não importava quantas crianças agora brincassem no terreno, não importavam suas risadas altas — os fantasmas estavam ali.

Frol apagou as luzes da sala, dirigindo-se ao quarto de dormir e chamando pela mulher: — Nina?

Nina estava sentada na beirada da cama. Sentado ao lado dela estava Liev. Ensopado de chuva, as calças manchadas de lama, a mão com ataduras, e as ataduras ensopadas também. Água suja pingava de suas roupas e formava uma mancha circular nos lençóis.

No rosto de Liev, Frol observou a tranqüilidade que camuflava uma enorme força cinética, uma ira tremenda fervendo embaixo de uma fina folha de vidro.

Frol calculou rapidamente:

— Por que não me sento eu ao seu lado, Liev, em vez de minha mulher?

Sem esperar pela resposta, Frol fez um gesto para sua mulher aproximar-se.

Ela se levantou hesitante, movendo-se lentamente. Liev não a deteve. Ela sussurrou para Frol: — O que está acontecendo?

Frol respondeu, certificando-se de que Liev ouvisse também: — Você tem que entender que Liev passou por um choque terrível. Sua dor é imensa e ele não está pensando direito. Invadir uma datcha poderia causar sua execução. Vou fazer o impossível para que isso não aconteça.

Fez uma pausa, dirigindo-se diretamente a Liev: — Minha mulher pode ir ver se meus filhos estão bem? Os olhos de Liev soltaram faíscas: — Seus filhos estão a salvo. Você tem muita coragem de me pedir isso.

— Tem razão, Liev, peço desculpas.

— Sua mulher fica aqui.

— Muito bem.

Nina sentou-se em uma cadeira a um canto. Frol continuou: — Isso tem a ver com Elena, estou certo? Você devia ter ido ao meu escritório, marcado um encontro, eu teria providenciado para que ela fosse solta. Não tive nada a ver com a internação dela no hospital. Fiquei horrorizado quando soube. Completamente desnecessário, o médico agiu por conta própria. Acreditou que estava fazendo a coisa certa.

Frol fez uma pausa:

— Por que não pedimos uns drinques? Liev esvaziou seus bolsos: — Não represento ameaça alguma para você. Não trouxe arma. Se você chamasse seus guardas, eles me prenderiam. '

Nina levantou-se, pronta para gritar por socorro. Frol fez sinal para que ficasse em silêncio. Perguntou: — Diga-me Liev, o que quer?

— Fraera trabalhava para você?

— Não.

Frol sentou-se ao lado dele:

— Trabalhávamos juntos.

Liev esperava que Panin negasse. Mas não havia razão para ele mentir. Impotente, Liev poderia fazer tão pouco com a verdade quanto com a sua negação.

Panin levantou-se, tirou o colete, abriu alguns botões da camisa: — Fraera me procurou. Eu não sabia quem ela era. Não tinha nenhum conhecimento da existência de vory em Moscou. Sempre haviam sido irrelevantes. Ela invadiu meu apartamento e esperava por mim. Sabia tudo sobre você. Não apenas isso, sabia sobre a luta entre os tradicionalistas e os reformistas no partido. Propôs que trabalhássemos juntos e afirmou que nossos objetivos coincidiam. Ela teria liberdade para vingar-se dos envolvidos em sua prisão. Em troca, poderíamos explorar aquela série de assassinatos, usando-os para os nossos próprios

propósitos, criando um clima de medo.

— Ela nunca se importou com Lazar? Panin sacudiu a cabeça negativamente: — Ela via Lazar como alguém de sua vida anterior, nada mais. Ele era um pretexto. Queria que você fosse a um gulag como castigo, para forçá-lo a ver para onde mandou tantas pessoas. Quanto a nós, precisávamos que saísse do nosso caminho. O departamento de homicídios era uma força investigativa independente. Fraera queria ter a mão livre. Depois que você e Timur se fossem, ela poderia matar à vontade.

— A KGB nunca a procurou?

— Nós cuidamos para que nunca chegassem perto.

— Os policiais que você indicou para administrar o departamento de homicídios na minha ausência?

— Eram homens nossos, faziam o que lhes dizíamos. Liev, você quase conseguiu impedir o assassinato do Patriarca. Aquele assassinato era parte vital dos nossos planos. Sua morte chocou o regime inteiro. Se você tivesse ficado na cidade, Fraera teria sido forçada a matá-lo. Por razões próprias, ela não queria. Preferiu mandar você para longe, transformar a sua punição em algo mais terrível.

— E você concordou.

Panin pareceu intrigado por aquela declaração do óbvio: — Sim. Concordei. Removi o major Gratchov e me coloquei como seu supervisor imediato para ajudá-lo a tomar as decisões corretas, as decisões que queríamos que você tomasse. Consegui a papelada que permitiu a você invadir o Gulag 57.

— Você e Fraera planejaram isso?

— Esperávamos o momento certo. Quando ouvi falar no discurso de Kruschov, soube que era hora. Tínhamos que agir. As mudanças estavam indo longe demais.

Liev se levantou, encaminhando-se para Nina. Preocupado, Panin também se levantou, tenso. Liev pôs a mão no ombro dela: — Não era assim que interrogávamos nossos suspeitos? Um ser querido presente, as implicações claras, se o suspeito falhasse em dar a resposta correta, o ser querido seria punido?

— Estou respondendo às suas perguntas, Liev.

— Você autorizou o assassinato de homens e mulheres que serviram ao estado?

— Muitos deles eram criminosos. Se estivesse em minha posição, você teria feito a mesma coisa.

— Que posição é essa?

— Liev, essas reformas rápidas, mais que os crimes de Stálin, mais até que o

Ocidente, são a maior ameaça à nossa nação. Os assassinatos de Fraera foram uma ilustração do futuro. Os milhões que nós, como partido, prejudicamos, se revoltariam, exatamente como os prisioneiros a bordo do Stary Bolshevík se levantaram, exatamente como fizeram naquele gulag. Aquelas cenas se repetiriam em todas as cidades, todas as províncias. Você não notou, Liev, mas estamos engajados em uma batalha silenciosa pela sobrevivência de nossa nação. Não tem a ver com o fato de Stálin ter ido longe demais ou não. Claro que ele foi. Mas não podemos mudar o passado. E nossa autoridade se baseia no passado. Devemos nos comportar como sempre nos comportamos: com regras de ferro. Não podemos admitir erros e esperar que nossos cidadãos nos amem mesmo assim. É improvável que sejamos amados, então devemos ser temidos.

Liev tirou a mão do ombro de Nina.

— Você tem o que queria. O Discurso Secreto foi retratado. Você não precisa mais de Fraera. Deixe-a para mim. Dê-me a vingança como deu a ela. Você não devia se constranger em traí-la. Você traiu todos os demais.

— Liev, entendo que você não tenha razão para confiar em mim. Mas meu conselho é este: esqueça-se de Fraera. Esqueça-se de que ela existe. Deixe-me arranjar para que Elena seja liberada do hospital. Você e Raíssa podem mudar-se para fora da cidade, para longe de todas essas memórias. Encontrarei outro trabalho. O que você quiser.

Liev virou-se, ficando cara a cara com Panin: — Ela ainda trabalha para você?

— Sim, trabalha.

— Em quê?

— Aquele discurso nos enfraqueceu doméstica e internacionalmente. Em resposta, precisamos dar uma demonstração de nossa força. Por essa razão, estamos trabalhando para gerar um levante fora do país, em partes do bloco soviético, levantes pequenos, simbólicos, que possamos esmagar impiedosamente.

A KGB implantou uma série de células no exterior para estimular a desordem pela Europa Oriental. Fraera está no comando de uma dessas células.

— Onde?

— Ouça meu conselho, Liev, esta não é uma luta que você possa vencer.

— Onde ela está?

— Não pode derrotá-la.

— Como Fraera poderia me ferir mais ainda?

— Porque, Liev, sua filha Zoia está viva.

Europa Oriental sob controle soviético

Hungria
Budapeste

22 de outubro

ZOIA ANDAVA O MAIS RÁPIDO que podia, a caminho da Opereház, o ponto onde deixaria a carga ilícita. Os bolsos lotados de projéteis, cem ao todo, cada ponta com uma cruz para assegurar que a bala se dividisse em quatro depois de entrar no corpo. Embora fizesse uma noite fria, ela estava com calor e agitada. Usando um casaco até os joelhos, amarrado na cintura, uma boina preta caída sobre a testa, ela parecia ter mais de 14 anos, estava mais para uma estudante húngara do que para uma órfã russa. Nervosa, melada de suor, arrancou a boina da cabeça, pressionou-a dentro do bolso, por cima dos projéteis, abafando aquele ruído revelador.

Chegando ao bulevar principal Sztalin ut, não distante da Opereház, Zoia parou, verificando se ninguém a seguia. Pega de surpresa, alguém a agarrou pelos ombros. Ela se virou, achando-se cercada por um grupo de homens, convencida de que eram da polícia secreta húngara. Um homem beijou-a na bochecha, pondo uma folha de papel sobre a mão dela. Era uma espécie de cartaz. Os homens falavam em rápidas irrupções.

Há quatro meses na cidade, ela entendia apenas algumas frases em húngaro. A julgar pelas roupas, os homens eram estudantes ou artesãos, não policiais, e então ela relaxou. Mesmo assim, precisava ser cuidadosa: se percebessem que ela era russa, não havia meio de saber como eles se comportariam. Ela sorriu, humildemente, esperando que a considerassem tímida e a deixassem ir. Eles não estavam interessados nela, no entanto. Desenrolaram outro cartaz e o colaram na vitrine de uma loja. Zoia se afastou, apressando-se para chegar ao seu destino.

Chegando à Opereház, subindo os degraus de pedra, escondeu-se atrás das colunas, fora da vista da rua. Olhou para o relógio que levava no pulso, um presente de Fraera. Ela havia chegado cedo e se refugiado nas sombras, esperando nervosamente que seu contato aparecesse. Seria sua primeira tarefa sozinha. Normalmente, ela trabalhava com Malich. Eles eram uma equipe — uma parceria forjada em Moscou cinco meses antes.

Naquela noite, quando foi retirada da cela, Zoia estava certa de que Fraera iria executá-la para punir Liev. Encarando a morte, como fizera dias antes, Zoia descobriu que não era mais indiferente a essa perspectiva. Ela gritara:

— Malich!

Fraera a colocara no chão:

— Por que chamou pelo nome dele?

— Porque eu... gosto dele.

Fraera sorrira, um sorriso que se transformou em uma risada, baixa a princípio, tornando-se mais alta depois, o vory ao lado dela, ambos num coro de escárnio. Zoia enrubescera o rosto queimando de vergonha. Humilhada, correu para Fraera, os braços levantados, os punhos cerrados. Antes que desse um golpe, Fraera agarrou a mão de Zoia.

— Vou lhe dar uma chance, uma chance. Se falhar, vou matar você. Se for bem, você se tornará um de nós. Você e Malich poderão ficar juntos.

Levada em um carro para a ponte Bolshoi Krasnokolmskiy, aquela noite se desenrolara como Fraera previra. Liev e Raíssa estavam esperando na ponte. Ensopados de chuva subiram na dianteira do carro. Separados por unia grade de aço, Zoia vira o rosto de Raíssa enrugar-se de agonia. Naquele momento, Zoia ficara em dúvida. Mas era muito tarde para mudar de ideia. Apertando as mãos contra a grade, dera adeus à vida infeliz que levava: uma decisão que implicava em deixar sua irmãzinha para trás. Ela fingiu resistir quando era arrastada para fora do carro. Fora de vista, entrou voluntariamente no saco. Já dentro dele, Malich esperava por ela.

O saco fora carregado para o parapeito, enquanto Zoia continuava a dar um espetáculo de luta até que o vory a atingira, algo inteiramente inesperado. Ela caíra. O saco fora fechado.

Na escuridão, Malich colocara os braços em torno dela, amparando-a enquanto caíam. Brevemente no ar, um nos braços do outro, na escuridão — logo já tinham se chocado contra a água.

Pesos de aço tinham levado o saco diretamente para baixo. À prova d'água, a lona encerada os envolvia e lhes dava um minuto de ar. O aço havia batido no leito do rio, jogando Malich e Zoia para o lado. Trabalhando sem conseguir enxergar, Malich sacou a faca e cortou o material que os envolviam. Água gelada entrara quando ele cortou um pedaço, enchendo o saco em um instante. Malich ajudara Zoia a sair. De mãos dadas, bateram as pernas até chegar à superfície. Nadando para a beira do rio, viram os momentos finais do que aconteceu na ponte, quando Liev e Raíssa pularam juntos, acreditando erradamente que iriam salvá-la.

Lutando contra a correnteza, Zoia e Malich tinham subido pela lateral de pedras altas do rio. Chegando à proteção de madeira, reuniram-se a Fraera enquanto ela ouvia os gritos distantes, desesperados, de Raíssa e Liev, saboreando o sofrimento do casal por uma criança que eles achavam ter perdido.

HAVIA UM HOMEM PARADO no início dos degraus da Opereház. Zoia emergiu do esconderijo. O homem olhou para um lado e para o outro da Sztalin ut, antes de começar a subir os degraus. Zoia esvaziou os bolsos enchendo a

mochila dele com as balas customizadas. Ele puxou um revólver, carregando a câmara. Zoia continuou a transferir as balas de seus bolsos para a mochila. Quando acabou, o homem escondeu o revólver, baixando a cabeça em sinal de agradecimento antes de descer rapidamente. Zoia contou até 20 antes de sair novamente, de volta para casa.

Era estranho pensar nesta cidade como lar. Cinco meses atrás Zoia não sabia nada da Hungria exceto que era um aliado leal da União Soviética, parte de uma irmandade de nações, um estado da linha de frente da revolução mundial. Fraera corrigiu esta lição escolar, explicando que a Hungria não tivera nenhuma chance. Libertada das forças fascistas, fora ocupada e colocada sob o domínio soviético. A Hungria era uma nação soberana sem soberania. O líder há muito anos, Matias Rakosi, fora indicado por Stálin e havia imitado exatamente seu mestre, torturando e executando cidadãos. Ele criara a AVH — a Polícia Secreta Húngara —, que imitava a Polícia Secreta Soviética. A linguagem e o lugar eram diferentes, mas o terror era o mesmo. Com a morte de Stálin, começara a luta por reformas, eletrizada por sonhos de independência.

Zoia era uma estrangeira ali, uma forasteira, mas desde que seus pais morreram não havia outro lugar em que se sentira mais em casa que aqui, um país que, assim como ela, fora adotado contra a sua própria vontade.

Aliviada porque era quase de noite e ela não carregava mais balas, Zoia virou e desceu a Nagymezo ut. Diretamente à sua frente, uma pequena multidão se reunira. No meio estavam os mesmos homens com quem havia esbarrado antes, sentados uns nos ombros dos outros a fim de transformar toda a altura do poste com o lampião da rua em um totem com cartazes com texto impresso. Uma mulher na multidão viu Zoia aproximar-se. Por volta dos 30 anos, forte e sólida, a mulher estava bêbada — as faces avermelhadas. Enrolada a ela, como um enorme xale, havia uma bandeira húngara. Zoia olhou para o lampião e puxou o mesmo cartaz amassado do bolso como se dissesse "Eu sei, eu sei!" Não contente com o gesto, a mulher puxou-a para dentro da multidão, falando de maneira gentil, nada que Zoia pudesse entender. A mulher começou a dançar e a cantar. Os outros se uniram a ela, todos sabiam as letras, exceto Zoia. Ela só dava risadas e sorria, na esperança de que finalmente a deixassem ir. Alerta para sair antes de alguém notar que ela não estava falando, Zoia tentou desembaraçar-se do afeto da estranha. Mas a mulher não estava mais banhada de felicidade. Uma caminhonete havia dobrado do bulevar principal e acelerava na direção deles. O carro parou com os pneus cantando. Dois policiais da AVH saltaram.

A multidão fechou fileiras em torno do poste de luz como se fosse um território a defender. Um dos policiais agarrou a bandeira, que estava em volta de Zoia, arrancando-a e segurando-a desdenhosamente. Só agora Zoia notava

que o martelo e a foice comunistas no centro tinham sido cortados, havia um buraco no meio do tecido. Incapaz de entender uma só palavra que ele dizia, o policial da AVH soava como um cachorro latindo. Ele revistou o bolso de Zoia, enfurecido pelo silêncio dela. Não encontrando nada além da boina, ele a jogou para ela. Uma única bala presa dentro do tecido caiu na rua.

O policial apanhou a bala, olhando diretamente para Zoia. Antes que ele pudesse falar, a mulher bêbada estendeu a mão e tirou a boina do policial, colocando-a orgulhosamente em sua cabeça. Ficou ridícula, pequena demais para ela. O policial voltou-se para a mulher e Zoia não precisou saber húngaro para entender que ele perguntava se a boina pertencia a ela. O policial levou a bala à altura dos olhos da mulher. Isso também pertence a você, ele devia ter perguntado. Em resposta, a mulher cuspiu em seu rosto. Enquanto o policial enxugava o cuspe da bochecha, a mulher olhou rapidamente para Zoia: corra!

Cortando em diagonal pela rua, Zoia correu. No meio da corrida, olhou para trás, espiando por cima do ombro. Ela viu o policial da AVH lançar um soco que atingiu a lateral do rosto da mulher. Como se o soco tivesse atingido seu próprio rosto, as pernas de Zoia bambearam e ela caiu — as mãos raspando no chão. Rolando sobre as costas, acima da ponta dos pés, viu a mulher cair. Um homem pulou à frente, agarrando o policial. Outro homem juntou-se à refrega. Pondo-se de pé, Zoia lançou-se em outra corrida, desta vez chegando ao outro lado da rua. Fora de vista, não parou. Tinha que buscar ajuda. Fraera saberia o que fazer.

Fraera e seu vory ocupavam diversos apartamentos em um pequeno pátio cercado na Rakoczi ut. Alcançados mediante uma passagem estreita, os apartamentos não podiam ser vistos da rua principal. Chegando lá, Zoia parou de correr. Ninguém a seguia. Na passagem sem iluminação, aliviada por deixar a rua, sentiu uma mão em seu ombro. Era Malich. Eles se abraçaram. Ele disse:

—Você está bem?

Ela apenas assentiu.

Eles entraram no pátio. Havia seis andares de apartamentos. Fraera ocupara vários espalhados em diversos andares, cada um para coisas diferentes. Havia uma pequena gráfica, que produzia panfletos e cartazes. Em outro apartamento havia estoques de armas e munição. Um terceiro cômodo para reuniões, para comer, dormir e discutir. Entrando no apartamento coletivo, Zoia ficou surpresa com o número de pessoas — muito mais que o normal. De um lado havia homens e mulheres húngaros, a maioria em torno de 20 anos, discutindo apaixonadamente. Do outro lado estavam os vory. A maioria não fizera a viagem de Moscou a Budapeste, ficando para trás, preferindo a certeza do mundo no submundo. Eles não entendiam o acordo que Fraera fizera com Panin. Não

podiam conceber a vida fora da Rússia. Apenas um pequeno número de seus mais ardentes seguidores fora com ela, em parte por lealdade, em parte porque sabiam que nenhuma outra gangue vory de Moscou os aceitaria. De 15, apenas quatro permaneceram.

Fraera estava no meio da sala, entre os dois grupos, ouvindo até quando o húngaro estava sendo falado, sensível à linguagem corporal e aos gestos. Ela viu Zoia imediatamente, percebendo a perturbação da menina perguntou:

— O que aconteceu?

Zoia explicou. Os olhos de Zoia brilhavam, virando-se, dirigindo-se ao seu intérprete, um estudante húngaro chamado Zsolt Polgar:

—Junte o maior número possível de bandeiras húngaras. Corte a foice e o martelo delas, para que fique um buraco no meio. Este é o símbolo que estávamos esperando!

Fraera não tinha interesse algum na mulher que arriscara a vida para salvar Zoia. Perturbada, Zoia saiu do apartamento. Inclinou-se no parapeito da varanda. Malich juntou-se a ela. Ele acendeu um cigarro, hábito que copiara de outros vory. Ela pegou o cigarro dos lábios dele, jogando-o ao chão e pisando-o:

— Ele faz você ficar com cheiro ruim.

Ela lamentou as palavras. A fumaça de fato o fazia cheirar mal: fazia-o cheirar mal como todos os outros vory. Mas ela não queria embaraçá-lo. Machucado, ele se afastou, entrando novamente no apartamento com expressão ressentida. Ela precisava lembrar que ele não era sua irmã pequena para ficar mandando nele.

À memória de Elena, a culpa deu um nó na garganta de Zoia. Já pensara sobre a decisão tomada inúmeras vezes — se não se tivesse unido a Fraera, teria sido morta. Mas a verdade é que ela queria partir, fugir, e se a escolha tivesse sido livre, se Fraera tivesse oferecido a ela a chance de voltar para casa ou ir embora com ela — ela teria deixado a irmãzinha para trás.

— Você está zangada?

Espantada, ela encarou Fraera. Embora vivessem juntas havia cinco meses, Fraera continuava intimidante e inacessível, mais como uma fonte de energia que uma pessoa. Zoia se recompôs:

— A mulher que me salvou. Ela pode morrer por isso.

— Zoia, você deveria se preparar... muitas pessoas inocentes deverão perder a vida.

Mesmo dia

DESCENDO AS ESCADAS E SAINDO DO PÁTIO, Fraera verificou se alguém a seguia. Era tarde da noite. As ruas estavam vazias. Não havia sinal dos policiais da AVH de que Zoia falara. Fraera começou a andar rápido, parando frequentemente com estudada brusquidão, virando-se e assegurando-se de que ninguém a seguia. Não confiava em ninguém: incluindo seus apoiadores. Os trabalhadores, estudantes e representantes dos vários movimentos de resistência antissoviética eram indulgentes e pouco práticos, preocupados com debates teóricos irrelevantes. Seria fácil para a AVH infiltrar-se em suas fileiras. Estariam demasiado absorvidos em si mesmos para notar os sinais, colocando a todos em perigo. Apesar de agir conforme instruções de Panin, a AVH não sabia nada sobre suas operações. Se fosse presa, seria fuzilada. A ninguém, à exceção dos conspiradores em Moscou, tinha sido confiada informação relativa aos planos de desencadear um levante. Se seus apoiadores dissidentes descobrissem que ela simultaneamente trabalhava com os ministros soviéticos, eles a matariam.

Curvando-se, Fraera pegou um panfleto que boiava na sarjeta — uma cópia dos 16 pontos revistos, 16 exigências de mudança. Os pontos tinham sido formulados na tarde do dia anterior em uma concorrida reunião na Universidade Tecnológica. Impossibilitada de se passar por estudante, Fraera ficara do lado de fora. Quando ouviu falar que a motivação do encontro era discutir se os estudantes deixariam o DISZ, a organização do partido comunista no campus, como um protesto contra os governantes soviéticos, ela condenou a falta de ambição do grupo, estimulando os estudantes que ela conhecia a mudar o rumo da discussão para questões mais sérias. Fraera vinha trabalhando dessa maneira nos últimos quatro meses, pressionando, oferecendo material de apoio e pondo lenha na fogueira do ressentimento contra a ocupação o melhor que podia. Se a raiva era real e profunda, ela lutava para converter o sentimento em ação direta. Não havia muito que ela mesma pudesse fazer. O papel dela era profissionalizar dissidentes amadores. No dia anterior, finalmente, tivera sucesso. Com uma determinação e clareza que surpreendeu Fraera, os estudantes haviam dividido o debate em 16 pontos:

Exigimos a retirada imediata de todas as tropas soviéticas, de acordo com a declaração do tratado de paz.

Nas desordenadas notas manuscritas levadas da sala, essa exigência vinha em quarto lugar. Fraera se apressara em voltar ao apartamento, transcrevendo as notas e fazendo uma emenda: colocar a exigência da retirada das tropas soviéticas no início.

Em horas, seus vory estavam distribuindo cópias das notas revistas em cada esquina, entremeadas de trechos provocativos do Discurso Secreto.

Fora os poucos vory, remanescentes de sua gangue, a relação mais próxima de Fraera era com Zsolt Polgar, seu tradutor, um estudante de engenharia que conhecera em um bar revolucionário underground, situado no porão de uma fábrica. Com tetos baixos que nunca estavam visíveis por causa da espessa névoa de cigarro, Fraera achara que a população do lugar era rica em ambição. Zsolt—filho de um rico diplomata húngaro, destinado ao poder e ao dinheiro se apenas se conformasse com a ocupação soviética e encontrasse seu lugar nela — falava fluentemente russo e húngaro e se tornara o mais valioso intermediário de Fraera. Ela o mimava, dormia com ele, atraindo-o com suas histórias de crueldade. Apreciando suas habilidades, ela o bajulava, chamando-o de libertário e revolucionário. Na realidade, ela o via como pouco mais que um jovem rebelde, que esperneava contra o pai a quem desprezava como um sicofanta e pacificador soviético. Sem considerar suas motivações, ele era corajoso e idealista, fácil de manipular. Ele sugerira uma manifestação em favor dos 16 pontos — uma ideia inspirada. Por acaso, a ideia fora duplicada pela cidade e Fraera se perguntou se poderia ser o trabalho de outra célula de Panin. De qualquer modo, o resultado é que no dia seguinte duas passeatas sairiam ao mesmo tempo, uma de cada lado da cidade, e ambas se juntariam na Praça Palffy. Houve outras demonstrações de inquietação na capital, mas nenhuma delas deu em nada. Fraera estava certa de que apenas quando as pessoas ficassem lado a lado, nutrindo umas às outras, haveria alguma chance de que o ponto fraco da raiva se transformasse, como uma crisálida em borboleta, de amarga obediência em gloriosa violência.

Ao chegar ao hotel Astoria, a vários quarteirões de distância de seu bloco de apartamentos, Fraera ficou um momento observando as janelas do andar mais alto do hotel. Na última janela, na esquina, uma vela vermelha queimava o estranho sinal que ela inventara. Nesse contexto, significava que ela deveria subir. Indo para os fundos do hotel, entrando pelas cozinhas desertas, ela subiu ao último andar, caminhando até o quarto no extremo do corredor. Bateu à porta. Um guarda a abriu, a arma empunhada. Havia um segundo guarda atrás dele. Ela entrou na suíte, foi revistada antes de ser conduzida à porta seguinte. Sentado a uma mesa, olhando pela janela como um poeta contemplativo, estava Frol Panin.

Uma aliança com Panin, ou com qualquer homem como ele, nunca fizera

parte dos planos de Fraera. Ao chegar a Moscou, ela aceitara que, a menos que quisesse meramente enfiar uma faca nas costas de Liev, precisaria de ajuda. Similarmente, Budapeste nunca fizera parte de seus planos.

Era outra improvisação. Com a ilusão da morte de Zoia, suas ambições originais — arruinar as esperanças de felicidade de Liev — tinham sido satisfeitas. Liev fora torturado do mesmo jeito que ela: a perda de um filho paga com a perda de uma filha. Ele estava quebrado, forçado a viver com a dor e nem sequer fora permitido a ele o fogo de uma indignação injusta que a sustentara durante aquele mesmo sofrimento. Completada a sua vingança, ela se vira diante da decisão do que fazer em seguida. Tornara-se evidente que ela não poderia desligar-se de Panin e desaparecer. Se Fraera parasse de ser útil para ele, ele ordenaria sua morte. Se escapasse, teria uma vida de desfrutar a riqueza e envelhecer, vida em que não tinha interesse. Ouvindo falar em suas operações internacionais, suas tentativas de semear distúrbios dentro do bloco soviético, ela oferecera o próprio serviço e o de seus homens como voluntários. Panin fora cético, mas Fraera dissera que ela seria uma agitadora contra a Rússia Soviética muito mais convincente do que os agentes leais da KGB que ele estava usando.

Panin estendeu a mão — um gesto formal, polido, que ela achou absurdo. Mesmo assim, ela apertou a mão dele. Ele sorriu:

— Voei até aqui para monitorar o progresso. Nossos soldados estão em posição na fronteira. Estão lá há algum tempo. Mas não há nada para eles fazerem.

— Você terá o seu levante.

— Precisa ser agora. Não adiantará nada daqui a um ano.

— Estamos quase lá.

— Minhas outras células foram consideravelmente mais bem-sucedidas que a sua. A Polônia, por exemplo...

— Os distúrbios que você instigou em Poznan foram esmagados sem desmoralização séria de Kruschov. Eles não tiveram o impacto que você queria, ou não estaria me incomodando aqui em Budapeste.

Panin apenas assentiu, admirando o talento de Fraera para pesar as situações corretamente. Ela estava certa. Os planos de Kruschov de reduzir o poder militar não foram sabotados. Eles eram a plataforma central de suas reformas. Kruschov argumentara que a União Soviética não precisava mais de tantos tanques e soldados. Em vez disso, eles tinham um dissuasor nuclear e estavam construindo um sistema experimental de lançamento de mísseis que não requeria mais que um punhado de engenheiros e cientistas, não milhões de soldados.

Panin considerava que a imprudência dessa política era do tipo mais perigoso. Ao lado das inadequações dos mísseis, Kruschov desconhecia

fundamentalmente a importância dos militares, da mesma forma que não compreendia o alcance de seu Discurso Secreto. Os militares não existiam apenas para proteger contra invasores externos, seu propósito era manter a União Soviética unificada. A cola entre as nações do bloco soviético não era a ideologia, mas tanques, soldados e aviões. Os cortes que propunha, combinados com a incauta sabotagem infligida por seu discurso, colocavam a nação em perigo. Panin e seus aliados estavam dizendo que eles não apenas deveriam manter o tamanho do exército convencional, como também ampliá-lo e rearmá-lo. Deveriam aumentar os gastos e não reduzi-los. Um distúrbio em Budapeste, ou de fato em qualquer outra cidade da Europa Oriental, provaria que todo o tecido da revolução dependia de seu poderio militar convencional, não meramente de um arsenal nuclear. Vários milhões de homens com fuzis eram úteis para relembrar a população, nativa e estrangeira, quem mandava. Panin disse:

— Quais são as notícias que tem para mim?

Fraera entregou-lhe o panfleto com os 16 pontos impressos:

— Haverá uma demonstração amanhã. Panin olhou para a folha de papel.

— O que diz?

— A primeira exigência é que as tropas soviéticas deixem o país. É um chamado à liberdade.

— E podemos ligar sua inspiração ao discurso?

— Certamente. Mas a demonstração não será suficiente.

— De que mais você precisa?

— Uma garantia de que vocês vão atirar acima da multidão. Panin colocou o panfleto na mesa:

— Verei o que posso fazer.

— Você precisa conseguir isso. Apesar de tudo o que essas pessoas passaram, as prisões, as execuções, elas não se tornarão violentas a menos que sejam provocadas. Elas não são como...

— Nós?

Pronta para sair, Fraera hesitou à porta, virando-se para encarar Panin:

— Havia alguma outra coisa?

Panin sacudiu a cabeça negativamente.

— Não. Nada mais.

União Soviética

Fronteira húngara
Cidade de Bereehawo

23 de outubro

O TREM ENCONTRAVA-SE LOTADO DE SOLDADOS SOVIÉTICOS, conversas barulhentas cruzando o vagão. Eles estavam sendo mobilizados em preparação para o planejado levante, do qual não sabiam nada. Não havia nenhum clima de ansiedade ou agitação, a disposição jovial dos soldados contrastando agudamente com a de Liev e Raíssa, os únicos civis a bordo.

Quando Liev ouvira a notícia — Zoia está viva —, o alívio se transmutara em dor. Sem acreditar, ouvira a explicação de Panin: um novo relato dos eventos sobre a ponte, inclusive o calculado fingimento de Zoia e sua voluntária colaboração com uma mulher que não desejava nada além de ver Liev sofrer. Zoia estava viva. Era um milagre, mas um milagre cruel, talvez a boa notícia mais cruel que Liev já ouvira.

Ao explicar os acontecimentos a Raíssa, ele testemunhara a mesma mudança de alívio para angústia. Ajoelhou-se diante dela, pedindo desculpas repetidamente. Ele havia provocado tudo aquilo. Ela estava sendo punida porque o amava. Raíssa controlara sua resposta, concentrando-se nos detalhes do que ocorrera e o que eles revelavam sobre o estado mental de Zoia. Havia em sua mente apenas uma pergunta: como trariam a filha de volta para casa?

Raíssa não teve dificuldade em aceitar que Panin os traíra. Ela compreendia a lógica da cooperação de Fraera com ele a fim de encenar sua vingança em Moscou. No entanto, as tentativas de Panin de iniciar levantes dentro do bloco soviético era uma audaciosa manobra política que condenaria milhares à morte a fim de consolidar a posição dos linhas-duras do Kremlin. Raíssa não podia entender qual a parte disso que atraía Fraera. Ela estava alinhada com os stalinistas, homens e mulheres que não se incomodaram com a prisão ou com a perda de um filho, nem de criança alguma, na verdade. Quanto à defecção de Zoia, se este era o jeito certo de olhar para isso, trocar de uma família desajustada para outra, Raíssa estava menos surpresa. Era fácil imaginar a atração tóxica de Fraera sobre uma adolescente infeliz.

Liev não fez nenhuma tentativa de dissuadir Raíssa de acompanhá-lo a Budapeste. Uma coisa era verdade: ele precisava dela. Raíssa representava uma chance muito melhor de chegar a Zoia.

Raíssa perguntou a Liev se estavam preparados para usar a força caso Zoia se recusasse a vir, confrontando Liev com a sombria perspectiva de seqüestrar a própria filha. Liev fez um sinal afirmativo.

Uma vez que nem Liev nem Raíssa falavam húngaro, Panin arranjara para

que fossem acompanhados por Karoli Tegas, de 45 anos. Karoli trabalhara disfarçado em Budapeste. Nascido na Hungria, fora recrutado pela KGB depois da guerra e servira sob o odiado Rakosi. Karoli estivera recentemente em Moscou, por um período, aconselhando-os sobre a crise potencial na Hungria. Ele concordara em atuar como guia e intérprete, acompanhando Liev e Raíssa.

Voltando do banheiro, Karoli enxugou as mãos nas calças, sentando-se em frente a Liev e Raíssa. Com estômago avantajado, bochechas gordas e vermelhas e óculos redondos, dificilmente haveria uma linha reta em qualquer lugar de sua aparência. Uma coleção de curvas, ele parecia, à primeira vista, um improvável agente, definitivamente não letal.

O trem diminuiu a marcha, aproximando-se da cidade de Berehowe do lado soviético da fronteira fortificada. Raíssa inclinou-se, dirigindo-se diretamente a Karoli:

— Por que Panin permitiu que fôssemos a Budapeste quando Fraera está trabalhando para ele?

Karoli encolheu os ombros:

— Terão de perguntar ao próprio Panin. Não sou a pessoa certa para falar sobre isso. Se querem voltar, é problema de vocês. Não tenho poder sobre os seus movimentos.

Karoli olhou pela janela, observando:

— Os soldados não vão cruzar a fronteira. Daqui em diante, nos comportamos como civis. Aonde nós vamos, os russos não são amados.

Ele voltou-se para Raíssa:

— Eles não vão fazer nenhuma distinção entre você e o seu marido. Não importa que você seja uma professora e ele um policial. Serão odiados do mesmo jeito.

Raíssa se irritou pelo jeito de ele falar, de cima para baixo:

— Eu compreendo o ódio.

Na fronteira, Karoli entregou os documentos. Olhou para trás, observando Liev e Raíssa conversarem, sentados no fundo do vagão — ambos tomando cuidado para não olhá-lo, sinal de que discutiam até que ponto confiar nele. O sábio seria não confiar nele de forma alguma. As ordens que ele recebera eram simples. Ele deveria atrasar a chegada de Liev e Raíssa a Budapeste até que um levante começasse.

Assim que Fraera conseguisse seu propósito, Liev, um homem tido como de grande tenacidade e fervor, um assassino treinado, teria permissão para se vingar.

Europa Oriental sob controle soviético

Hungria
Budapeste

Mesmo dia

EUFÓRICA, ZOIA AGARROU A MÃO DE MALICH, sem querer perdê-lo entre as milhares de pessoas que se aglomeravam na praça do Parlamento, vindas de todas as ruas e cruzamentos. Depois de tantos anos romanceando a morte, certa de que era a única resposta para a solidão, ela agora tinha vontade de sair pulando, como se devesse desculpas ao mundo, gritando: Estou viva!

A passeata excedera em muito as expectativas. Não mais meramente integrada por estudantes e dissidentes, toda a cidade parecia juntar-se na praça, atraída para fora de seus apartamentos, escritórios, fábricas, incapaz de resistir ao impulso gravitacional da demonstração, que se tornava mais forte à medida que cada pessoa se unia ao grupo. Zoia entendia o significado de sua localização. O Parlamento deveria ser o centro do poder, o lugar onde o destino da nação era decidido. Na realidade, o edifício era irrelevante, um adorno, uma fachada majestática para a autoridade soviética. Sua beleza de alguma forma tornava o insulto pior.

Já não havia sol, mas a noite não diminuía o entusiasmo. Mais e mais pessoas estavam chegando, abandonando hábitos de prudência e cautela, o influxo continuava embora a praça já estivesse cheia, os recém-chegados forçavam a multidão a apertar-se mais. Longe de claustrofóbica, a atmosfera era de afeto. Estranhos se falavam, riam e abraçavam uns aos outros. Zoia nunca estivera antes em uma assembleia pública como esta. Ela tinha sido forçada a assistir às celebrações do 1° de Maio em Moscou, mas isso era diferente. Não era nem o tamanho. Era a desordem, a ausência de autoridade. Não havia policiais nas esquinas.

Nem formações de tanques se movimentando. Nenhum soldado batendo os calcanhares enquanto passavam por fileiras de crianças escolhidas a dedo acenando com bandeiras. Um protesto destemido, um ato de desafio: todos se sentiam livres para fazer o que quisessem, para cantar, bater palmas e recitar slogans:

Russkik haza! Russkik haza! Russkik haza!

Centenas de pés golpeavam o chão ao ritmo de três batidas e Zoia fez o mesmo, punhos fechados, socando o ar, presa de uma indignação que era, considerando sua nacionalidade, absurda.

Russos vão para casa!

Ela não se importava de ser russa. Sua casa era aqui, entre pessoas que haviam sofrido tanto quanto ela e que entendiam a opressão do mesmo modo que ela.

Mais baixa que os homens e mulheres em volta, Zoia ficava nas pontas dos pés. Subitamente sentiu duas mãos segurarem sua cintura enquanto Fraera a levantava, colocando-a sobre os ombros, permitindo que ela tivesse uma vista de toda a praça. A multidão era maior do que ela havia pensado, estendendo-se até o edifício do Parlamento e ao rio atrás dele. Havia pessoas nas ruas e nos gramados, nos bondes, subindo em postes e monumentos.

Sem aviso, as luzes do Parlamento se apagaram, mergulhando a praça na escuridão. Houve confusão entre a multidão. Havia energia nas ruas laterais. Devia ser um ato deliberado contra eles, uma tentativa de mandá-los embora, de quebrar o clima de revolta usando a escuridão como arma. Soou um alarido. Zoia viu uma única tocha, um jornal enrolado. Rapidamente novos pontos de fogo apareceram, tochas improvisadas. Eles fariam sua própria luz! Fraera deu a Zoia uma cópia enrolada do jornal UM POVO LIVRE. Um vory acendeu a ponta, rodando-a devagar até a chama se espalhar. Zoia a manteve acesa e erguida, as chamas tingidas de azul-esverdeado pela tinta. Ela balançou-a de um lado para o outro, e mil tochas acesas responderam.

Enquanto Fraera a colocava no solo, corada de emoção, Zoia se esticou para a frente e beijou-a no rosto. Fraera se imobilizou. Mesmo depois que os pés de Zoia chegaram ao chão, as mãos de Fraera permaneceram em sua cintura, sem soltar.

Zoia esperou, prendendo a respiração, com medo de ter cometido um terrível erro. Na escuridão, não podia ver a reação de Fraera, até que alguém próximo acendeu um jornal. As faíscas da luz vermelha revelaram a expressão de Fraera, abalada como se tivesse visto um fantasma.

Fraera sentia o beijo demorando-se em seu rosto, queimando. Ela empurrou Zoia para o lado, tocando o lugar onde fora beijada. Tinha sido um erro pôr Zoia sobre os ombros. Burramente, permitira que Anísia retornasse, seu antigo eu, mãe e mulher. Ternura, afeto, características que ela exorcizara, se insinuaram de volta. Agarrando a faca que levava, cravou a lâmina na face beijada e puxou para baixo, raspando a pele, removendo os vestígios do beijo. Sentindo-se aliviada, enxugou a beira da lâmina e guardou a faca.

Retomando a compostura, olhou para o alto dos telhados dos prédios vizinhos, furiosa com Panin por ele não ter disponibilizado franco atiradores. Zsolt Pogar seguiu o olhar de Fraera, perguntando:

— O que está procurando?

— Onde estão os AVH?

Zsolt replicou:

— Está preocupada com a nossa segurança?

Fraera ocultou o desprezo que sentiu ante a ingenuidade dele, respondendo:

— Não há ninguém contra quem lutar.

— Os estudantes estão na estação de rádio, tentando transmitir os 16 pontos. O boato é que a direção da rádio está se recusando. A AVH está protegendo o edifício para assegurar que continue sob controle soviético.

Fraera segurou-o pelos ombros:

— É isso! É ali que vamos lutar!

Abrindo caminho com os ombros pela multidão, Fraera saiu da assembleia tranquila, sufocada por sua passividade. Pouco além da praça do Parlamento, o clima mudara. Ao longo da Muzeum Korut, próximo ao Nemzeti Muzeum, as pessoas corriam caoticamente em todas as direções, algumas assustadas, outros iradas, carregando pedras, pedaços arrancados do pavimento. O foco da atividade era na estação de rádio, situada na Brody Sandor ut, uma estreita rua que ficava ao lado do museu. Qualquer protesto pacífico que tivesse começado ali evoluíra para uma multidão violenta, as janelas da estação de rádio quebradas, os estilhaços de vidro esmagados sob pés como poças de água congelada. Uma caminhonete estava virada no meio da rua, as rodas girando, a frente amassada. As portas da estação de rádio estavam trancadas e seguras.

Zsolt fez perguntas aos homens e mulheres que estavam próximos e retornou a Fraera, vertendo de húngaro para russo, falando aos sussurros:

— Os estudantes exigiram ler os 16 pontos. A mulher que dirige a estação...

Fraera interrompeu:

— Quem é ela?

— O nome dela é Benke, uma comunista leal, mas não muito inteligente, ao que parece. Ela propôs um acordo. Eles não teriam acesso à estação, mas ela disponibilizada a eles uma caminhonete de transmissão móvel. A caminhonete chegou. Os estudantes fizeram a leitura dos pontos.

Fraera se adiantou:

— Era um truque?

— A caminhonete não estava transmitindo. Em vez disso, a estação continuou a transmitir ordens para que todos fossem para casa, condenando o distúrbio. Os estudantes viraram a caminhonete e empurram-na contra os portões. Agora eles querem a estação, nada menos, e dizem que a estação é nacional e pertence a eles, não aos soviéticos.

Fraera observou em volta, avaliando a força da multidão:

— Onde estão os AVH?
— Lá dentro.
Fraera olhou para cima. Figuras apareciam às janelas — policiais. Houve um barulho sibilante, novelos de fumaça se desenrolaram no fim da rua. Gás lacrimogêneo estava saindo dos tubos de aço como gênios vingativos libertados das garrafas, inchando em forma e tamanho, subindo. Fraera recuou seus homens, olhando Zoia e Malich, retirando-se, subindo nas cercas de isolamento, em direção ao museu, enquanto o gás os perseguia, cobrindo a grama como névoa matinal. Chegando ao topo das escadas do museu, viraram-se. Fios brancos envolviam seus tornozelos, mas não representavam perigo. A maior parte do gás fora canalizada pela rua, sendo vomitada na rua principal. Saindo da névoa química, homens e mulheres ajoelhavam-se, nauseados.

Quando o gás se tornou menos espesso, Fraera aproximou-se da rua, examinando-a. Uma quietude sombria prevalecia. A multidão estava vencida. A luta se extinguira. Fraera sacudiu a cabeça. Se esta noite terminasse sem um sério incidente, as autoridades retomariam as rédeas, o controle seria reafirmado. Fraera caminhou em direção à estação de rádio.

— Sigam-me.

O gás ainda não se dispersara totalmente. Fraera não iria esperar. Subiu as cercas de isolamento, indo para o meio da rua, plumas de gás abraçando-a. Ela cobriu a boca e o nariz com a mão. Quase imediatamente começou a tossir, os olhos lacrimejavam, mas ela continuou, caminhando em direção à entrada da estação de rádio.

Zoia agarrou o braço de Malich:

— Temos de segui-la!

Malich rasgou a camisa, improvisando uma máscara para ele e Zoia, Escalando a cerca, entraram na rua, os dois ao lado dela. O gás subia, circulando pelas janelas quebradas da estação de rádio, tornando mais fácil respirar na rua e forçando as figuras a se afastarem das janelas. Lentamente, a multidão aglutinou-se novamente em torno do núcleo formado por Zoia, Malich e Fraera. Os vory voltaram com barras de ferro. Foram para as portas, tentando arrebentá-las.

Zoia olhou para cima. Policiais da AVH estavam nas janelas, desta vez munidos de fuzis. Ela agarrou Malich e correu para a frente. Eles se apertaram contra a parede exatamente quando soou uma rajada de tiros. Todos na rua se agacharam, curvando-se, olhando para os lados para ver quem fora ferido. Ninguém se ferira. Os tiros foram dados acima de suas cabeças, contra a parede do edifício do outro lado. A rajada tinha como objetivo acovardá-los, exatamente quando as portas da estação se abriram.

Cheios de decisão, policiais da AVH deram um passo para fora, as armas preparadas, uma falange romana protegendo a estação de rádio. Os policiais dividiam-se em duas fileiras, uma de costas para a outra — uma linha subindo a rua, outra descendo, cortando a multidão em duas. Com baionetas ajustadas na ponta dos fuzis, avançaram. Malich e Zoia estavam sendo empurrados na direção do museu enquanto os policiais brandiam baionetas. Zoia olhou para a garota que estava a seu lado, tinha talvez uns 18 anos. Longe de estar amedrontada, deu um largo sorriso ti iunfante para Zoia, oferecendo o braço a ela. Ficariam juntas. Ela gritou para os policiais, xingando-os. Inspirada pela atitude desafiadora da garota, Zoia abaixou-se, pegou uma pedra não maior que sua mão e atirou-a, atingindo um policial no rosto. Entusiasmada, ainda sorria quando ele virou o fuzil em sua direção.

Houve um clarão, as pernas de Zoia bambearam, ela caiu. Sem respirar, ignorando se fora atingida, rolou para o lado, olhando nos olhos da garota que dera o braço a ela. A bala atingira a garota no pescoço.

Os policiais continuavam a avançar. Zoia não se mexia, incapaz de afastar-se. Tinha que se levantar. Os policiais pisariam nela. Poderiam matá-la. Mas ela não podia deixar essa garota. Subitamente, Fraera agachou-se, tomando a menina morta nos braços. Malich ajudou Zoia a levantar-se — os dois correram. Atrás deles, os policiais pararam de avançar, mantendo a posição que estavam.

Fraera pôs a menina no chão, gritando de raiva, como se fosse a mãe dela, como se amasse aquela menina. Zoia recuou, observando homens e mulheres se ajoelharem junto à jovem vítima, atraídos pelos gritos de Fraera. Essa dor era uma encenação?

Antes que Zoia pudesse pensar mais nisso, Fraera se levantou, puxando um revólver e disparando contra a linha de policiais. Era a deixa que seus vory esperavam. De ambos os lados da rua, eles puxaram as armas e abriram fogo. A formação de policiais começou a se desfazer, recuando para o prédio da estação, sem ter certeza de que poderiam manter o controle. Os policiais supunham, como homens em luta com animais, que eles eram os únicos com armas de fogo. Sob ataque, se apressaram a voltar para a segurança da estação de rádio.

Zoia ficou ao lado da menina morta, fitando seus olhos sem vida. Fraera puxou-a, oferecendo a ela um revólver:

— Agora, nós lutamos. Zoia replicou:

— Eu a matei. Fraera esbofeteou-a.

— Nada de culpa. Apenas raiva. Eles atiraram nela. O que você vai fazer em relação a isso? Chorar como uma criança! Você vem chorando a sua vida inteira! É hora de agir!

Zoia agarrou o revólver e atirou contra a estação de rádio, mirando as figuras

nas janelas, puxando o gatilho e disparando todos os seis tiros.

24 de outubro

O DIA CLAREARA E ZOIA AINDA NÃO DORMIRA. Longe de estar embotada de fadiga, seus sentidos estavam aguçados, seus olhos captavam todos os detalhes do lugar onde ela se encontrava. A seu lado, xícaras de café quebradas em centenas de pedaços e fragmentos, inexplicavelmente empilhados na sarjeta até a altura dos joelhos, como se marcassem o local de um enterro. Em frente, os remanescentes de uma fogueira composta inteiramente de livros queimados, de Marx e Lênin, saqueados de livrarias. Flocos frágeis de cinzas subiam para o céu em um movimento contrário ao da neve. Paralelepípedos faltavam, arrancados do chão para servir como mísseis, buracos nos dentes da rua. Era como se a própria cidade tivesse lutado, e Zoia lutara a seu lado. Suas roupas cheiravam a fumaça: as pontas de seus dedos estavam sujas, a língua tinha gosto de metal. Seus ouvidos zumbiam. Debaixo da camisa, apertado contra o estômago, estava o revólver de Zoia.

A estação de rádio caíra pouco antes do amanhecer: fumaça saía pelas janelas. As portas de madeira foram finalmente postas abaixo. A resistência do lado de dentro enfraquecera, enquanto o ataque do lado de fora se consolidara com um suprimento de armas, fuzis da academia militar, disparados pelos cadetes dessa mesma academia. Fraera encontrara Zoia e Malich e ordenara que eles não participassem da tomada do edifício. Ela não queria que fossem flagrados no meio de uma batalha em um lugar fechado, lutando em corredores cheios de fumaça com policiais da AVH desesperados espreitando atrás das portas. Ela dera a eles um objetivo diferente:

Encontrem Stálin.

CHEGANDO AO FIM DA GORKI FASOR, uma rua que levava ao principal parque da cidade, o Varosliget, Malich e Zoia ficaram chocados com a ausência de seu principal marco. No centro da praça dos Heróis a vasta estátua de Stálin — um colosso de bronze da altura de quatro homens com um bigode grande como um braço — não estava mais ali. Havia o pedestal de pedra, mas nenhuma estátua sobre ele. Malich e Zoia aproximaram-se do monumento mutilado. As duas botas de aço do generalíssimo tinham sido cortadas na altura dos joelhos, um suporte retorcido de bronze que saltava da bota direita. O corpo e a cabeça estavam decepados, a estátua de Stálin tinha sido assassinada, e o cadáver roubado.

Dois homens estavam ocupados tentando fixar uma bandeira húngara

modificada na bota oca de Stálin.

Zoia começou a rir. Ela apontou para o lugar onde Stálin estivera:

— Ele morreu! Ele morreu! O bastardo morreu!

Malich saltou, dando um tapa na boca de Zoia. Ela havia gritado em russo. Os dois homens que estavam no pedestal pararam e se viraram. Malich levantou os braços, golpeando o ar.

— Russkik Haza!

Os homens concordaram sem entusiasmo, distraídos enquanto a bandeira caía.

Malich levou Zoia embora, sussurrando:

— Lembre-se de quem você é.

Em resposta, Zoia beijou-o na boca — um beijo rápido, impulsivo. Ela recuou e antes que ele pudesse reagir, ela fingiu que nada acontecera, apontando para grandes arranhões no pavimento:

— Foi por aqui que arrastaram o corpo!

Ela saiu correndo, o coração batendo, seguindo as marcas do atrito do bronze contra os paralelepípedos:

— Eles devem ter arrastado até aqui com uma camionete ou um caminhão.

Malich não respondeu, e, incapaz de manter a zanga por muito mais tempo, Zoia parou e perguntou:

— Você está aborrecido?

Ele sacudiu vagarosamente a cabeça, dizendo que não. As faces de Zoia começaram a queimar.

Mudando de assunto, ela apontou para os arranhões:

— Vou apostar corrida com você. O primeiro a chegar ao corpo de Stálin. Quando eu disser três...

Antes que um só número fosse dito, os dois saíram correndo, trapaceando em perfeita sincronização.

Malich ganhou a dianteira, mas parou quando perdeu a pista dos arranhões na rua, forçado a correr de volta, buscando pistas da direção para onde o corpo tinha sido arrastado. Como cães farejadores, pararam no primeiro cruzamento, cabeças baixas, circulando em torno das possíveis curvas feitas. Zoia encontrou a pista, disparando, Malich logo atrás. Eles iam para o sul e viraram em direção à praça Blaha Lujza, um grande cruzamento cheio de lojas.

Logo à frente viram o corpo de bronze, deitado de barriga para baixo, grande como um vagão de bonde. Os dois aceleraram, correndo desabaladamente.

Mas Zoia tinha mais reserva de força, tendo poupado as energias, explorando o erro inicial de Malich sobre o quanto teriam de correr. Ela estava à frente, por muito pouco, aumentou a velocidade, esticando-se — as pontas dos dedos

tocando a panturrilha de bronze de Stálin. Arfando, sorrindo, ela olhou para Malich e viu que ele estava genuinamente aborrecido. Ele odiava perder e tentava pensar em uma razão para anular a corrida.

Para selar sua vitória, Zoia subiu na estátua, seus sapatos de sola lisa escorregando nas coxas de bronze polido de Stálin, até que ela apoiou os dedos nas pregas do casaco e puxou o corpo para cima. De pé, viu que a cabeça de Stálin estava faltando, cortada no pescoço, uma crua decapitação. Ela andou sobre as costas de Stálin, pondo um pé cuidadosamente na frente do outro — uma artista do trapézio andando na corda bamba. Malich ficou na rua, as mãos nos bolsos. Ela sorriu para ele, esperando que ele enrubescesse. Em vez disso, ele sorriu de volta. Uma explosão de prazer brotou no peito de Zoia, que, para celebrar, fez acrobacias imaginárias ao longo da espinha de Stálin.

Ao chegar ao pescoço de bronze, ela correu os dedos pela beirada áspera onde a cabeça parecia ter sido cortada, amassada e arrancada a maçarico. De pé, mãos nos quadris, conquistadora, matadora de gigantes, ela olhou para a praça. Havia uma pequena multidão do lado oposto da Jojef Korut. Enquanto se movimentavam, ela teve um vislumbre da cabeça de Stálin. Apoiada nos remanescentes de seu pescoço irregular, ele parecia olhar para ela, estupefato com a humilhação. Havia um buraco em sua testa, entortando a linha do cabelo, do qual se projetava uma placa de rua: 15 quilômetros. O caminhão que arrastara a estátua para o bairro, também arrastara a cabeça para longe do corpo. Ainda havia correntes presas. Zoia desceu para a rua, olhando para dentro do estômago escuro de Stálin — oco negro e frio, exatamente como ela imaginava — antes de correr para a multidão.

Malich alcançou-a, segurando sua mão:

— Vamos voltar.

— Ainda não.

Zoia desvencilhou-se dele, passou pela multidão, andando direto até o rosto de Stálin e cuspindo em seu olho enorme e liso. Depois de correr tanto, Zoia estava seca e saiu muito pouco cuspe. Não importava. Houve risadas. Satisfeita, estava pronta para ir embora. Mas antes que pudesse recuar, Zoia foi levantada e colocada sobre a cabeça de Stálin, montada em seus galões de bronze. Começou uma discussão entre as pessoas. Eles se dirigiram a ela diretamente.

Sem nenhuma ideia do que estavam dizendo, ela assentiu. Dois homens correram até o caminhão e falaram com o motorista, enquanto outro homem entregava a ela uma bandeira húngara recém-modificada. O motor do caminhão foi ligado, o veículo avançou lentamente. As correntes soltas que iam da traseira do caminhão até a cabeça de Stálin se levantaram da rua. Assim que as correntes se esticaram, a cabeça mudou de posição, rodando, como se tivesse ganhado

vida. Zoia agarrou-se à placa 15 quilômetros, firmando-se. Todos falavam ao mesmo tempo: ela entendeu que estavam perguntando se ela estava bem. Ela fez que sim com a cabeça. Fizeram um sinal para o motorista. Ele acelerou. A cabeça de Stálin avançou subitamente, saltando sobre os trilhos do bonde.

Tentando imaginar o que fazer para que a cabeça gigante não a lançasse ao chão, ela posicionou seus pés abertos bem distantes, cavalgando a crista do cabelo de Stálin, as mãos agarradas à placa de rua. Zoia ganhou confiança, ficando de pé. Vendo o rosto preocupado de Malich, ela sorriu para acalmá-lo, chamando-o para onde ela estava, querendo que se juntasse a ela, mas ele se recusou, cruzando os braços, ficando atrás, aborrecido com a imprudência dela. Ignorando a zanga dele, ela acenou para a multidão, apontando para frente como uma imperatriz em sua carruagem. O caminhão avançava em um ritmo constante: a cabeça de Stálin era arrastada à velocidade de uma caminhada, a bandeira húngara seguia atrás, murcha, arrastando-se no solo. Ela fez um gesto para o motorista — mais rápido.

O caminhão acelerou. Faíscas saíram da parte de baixo do queixo de Stálin. O vento batia no cabelo de Zoia. Com o aumento da velocidade, a bandeira também começou a tremular, abrindo-se atrás dela. Naquele segundo, ela se tornou o emblema de seu desafio, a cabeça de Stálin sob seus pés, a nova bandeira húngara desfraldada. Ela olhou em volta esperando ver admiração nos olhos da multidão, esperando que uma câmera pudesse capturar esse momento.

A plateia havia desaparecido.

No fim da Jojef Korut havia um tanque, a torreta apontada diretamente para eles, rodas de trator rolando sobre a rua, avançando rápido. O caminhão freou. As correntes penderam. A cabeça de Stálin caiu tão subitamente que deu uma cambalhota, o nariz batendo na rua, atirando Zoia fora. Tonta, sufocada, ela ficou esparramada no meio da praça.

Malich agarrou-a. Ela se sentou, ofegando, contundida, vendo o tanque avançar diretamente na direção deles, a apenas 200 metros de distância. Apoiando-se em Malich, ela se levantou, caminhando com dificuldade. Tentando cobrir-se, correram para a loja mais próxima. Ela olhou para trás. O tanque disparou: um clarão amarelo, um ruído de assobio.

A bomba caiu na rua atrás deles — uma nuvem de fumaça, fragmentos de pedra, línguas de fogo. Zoia e Malich foram jogados com força ao chão.

Saindo da nuvem, a cabeça gigante de Stálin apareceu, lançada do chão e balançando como uma bola na ponta de uma corrente, virou na direção deles, vingando-se da profanação sofrida. Zoia puxou Malich para baixo exatamente quando a cabeça de Stálin passou por cima deles, o pescoço irregular a apenas centímetros deles antes de se chocar contra a vitrine de uma loja, lançando um

chuveiro de estilhaços sobre eles. Aonde ia a cabeça, o caminhão a seguia, puxado pelas correntes, capotando, rodando, esmagando-se na rua, o motorista de cabeça para baixo.

Antes que pudessem levantar-se, o tanque surgiu da fumaça, um monstro metálico. Eles se arrastaram para trás, chegando à devastada vitrine da farmácia. Não havia lugar aonde ir, nenhum jeito de escapar. Mas o tanque não houve disparo. A tampa da cabine foi levantada. Um soldado apareceu, assumindo o controle de uma metralhadora montada. Paralisados de medo, permaneceram petrificados. Quando o soldado apontou a metralhadora para eles, foi atingido na própria mandíbula. Mais projéteis atingiram o tanque, disparadas de todos os cantos da praça. Sob bombardeio, o soldado morto foi puxado para dentro do compartimento do tanque. Antes que pudessem fechar a tampa, dois homens correram até o tanque, os braços levantados, segurando garrafas de vidro, um trapo queimando em cada uma. Eles as atiraram dentro do tanque, enchendo-o de fogo.

Malich agarrou Zoia:

— Precisamos ir.

Desta vez, ela não discordou.

Europa Oriental sob controle soviético

Hungria
Periferia de Budapeste
Colinas Buda

27 de outubro

LIEV ESTAVA FRUSTRADO com a aparente falta de pressa de seu guia. O progresso deles era lento. Levaram dois dias para atravessar mil quilômetros até a fronteira húngara e mais três dias para viajar pelos remanescentes 300 quilômetros até Budapeste. Só quando ouviu as transmissões de rádio anunciando que havia distúrbios em Budapeste é que Karoli se apressou. Karoli não podia oferecer mais que uma tradução das notícias do rádio — intranquilidade civil insignificante perpetrada por bandos de fascistas. Era impossível avaliar a escala da intranquilidade por aquelas palavras. As transmissões de rádio eram censuradas e quase com certeza minimizavam os distúrbios. O pedido para os agitadores irem para casa sugeria que as autoridades não controlavam mais a situação. Com informação insuficiente, Karoli decidiu que era perigoso demais entrar diretamente na cidade, preferindo pegar uma estrada circular e evitar vários bloqueios soviéticos do exército. Eles haviam circulado até o bairro residencial de Buda, evitando o centro, os edifícios públicos e os quarteirões comunistas — pontos críticos para uma insurreição.

O dia estava nascendo quando Karoli estacionou o carro em um ponto elevado das colinas Buda, várias centenas de metros acima da cidade. As ruas adjacentes estavam desertas. Ao pé das colinas, o Danúbio atravessava a cidade, dividindo-a em duas metades Buda e Pest. Enquanto a metade Buda permanecia bastante calma, do outro lado do rio havia ruído de tiroteio. Tufos de fumaça subiam de vários edifícios. Liev perguntou: — Os soldados soviéticos já invadiram a cidade? A insurgência foi derrotada?

Karoli deu de ombros:

— Sei tanto quanto você. Raíssa virou-se para Karoli: — Este é o seu país. Estes são seus concidadãos. Panin está usando ambos em uma disputa política. Como pode trabalhar para ele?

Karoli ficou aborrecido: — Meu povo seria inteligente se pusesse de lado os sonhos de liberdade. Eles apenas nos levarão à morte.

Se isso levar embora os criadores de caso, melhor para o resto de nós... Pode pensar o que quiser de mim, mas eu apenas quero viver em paz.

Abandonando o carro, Karoli começou a descer a colina: — Primeiro, vamos ao meu apartamento.

O apartamento de Karoli era perto, logo abaixo do castelo nas encostas que descortinavam o Danúbio. Subindo a escada até a porta, Liev perguntou: — Vive sozinho?

— Vivo com o meu filho.

Karoli não fizera menção a sua família e não disse mais nada, entrando no apartamento, percorrendo os quartos. Finalmente, chamou: — Victor? Raíssa perguntou:

— Quantos anos tem seu filho?

— Ele está com 23 anos. Raíssa comentou: — Tenho certeza de que existe uma explicação simples de onde ele está.

Liev acrescentou:

— O que ele faz?

Karoli hesitou antes de responder:

— Ele entrou recentemente para a AVH.

Liev e Raíssa Ficaram em silêncio, compreendendo tardiamente o motivo da apreensão do guia que os acompanhava. Karoli olhou para a janela, falando mais consigo mesmo do que com Liev e Raíssa.

— Não há nada com que se preocupar. A AVH deve ter chamado todos os funcionários para o quartel-general quando os distúrbios começaram. Ele está lá, com certeza.

O apartamento tinha estoques de comida, parafina, velas e uma seleção de armas. Karoli passara a usar um revólver a partir do momento em que cruzaram a fronteira. Ele sugeriu que Liev e Raíssa fizessem o mesmo, uma vez que estar desarmado não era garantia de que seriam tratados como não combatentes. Liev escolheu o TT-33, uma pistola esguia, soviética. Raíssa segurou-a com relutância. Concentrando-se no perigo oferecido por Fraera, forçou-se a familiarizar-se com ela.

Eles saíram do apartamento, dirigindo-se ao sopé da colina, com a intenção de cruzar o Danúbio e entrar do outro lado da cidade, onde era provável que Zoia estivesse com Fraera, no centro do levante. Passaram pelo Szena ter, tomaram o caminho pelas improvisadas fortificações da praça. Jovens sentavam-se às portas, fumando nas soleiras, criando um perímetro, bloqueando o acesso às ruas. Do alto dos telhados, franco atiradores seguiam seu movimento. Tentando não levantar suspeitas, os três andavam lentamente, mantendo-se nas proximidades do rio.

Karoli os levou por Margithid, uma ampla ponte conectada a uma pequena ilha no centro do Danúbio antes de chegar a Pest. Aproximando-se do centro, Karoli fez um gesto para pararem. Ele se agachou, apontando para a ponte do lado oposto. Havia tanques estacionados sobre ela. Pesados carros blindados podiam ser visto em torno da Praça do Parlamento. Soldados soviéticos estavam evidentemente engajados em luta, mas ainda não controlavam a situação, a julgar pelas fortificações dos insurgentes. Exposto por todos os lados, Karoli

curvou-se, andando mais rápido. Liev e Raíssa seguiram, atingidos pelos ventos gelados, grandemente aliviados quando atingiram o outro lado.

O estado da cidade era esquizofrênico, não se tratava nem de urna zona de guerra, nem nada parecido com normalidade, mas algo que oscilava entre um e outro. Zoia podia estar em qualquer lugar. Liev trouxera duas fotos, uma de Zoia, e outra que eles haviam tirado pouco antes com a família reunida. Ela parecia infeliz, miserável, pálida de ódio. A outra era uma fotografia da prisão de Fraera. Ela mudara tanto que a foto tornara-se inútil. Karoli mostrava a foto a todos os passantes — todos queriam ajudar. Havia, sem dúvida, muitas famílias fazendo exatamente o mesmo, procurando parentes desaparecidos. As fotos eram devolvidas com um apologético sinal negativo com a cabeça.

Seguindo rapidamente, entraram em uma rua estreita que parecia inteiramente intocada pela luta. Era o meio da manhã e havia um pequeno café aberto. Fregueses tomavam café como se não estivesse acontecendo nada de extraordinário. A única coisa errada era uma pilha de panfletos na sarjeta. Liev abaixou-se, pegando alguns papéis, limpando a sujeira. No alto havia uma gravura, um emblema — um crucifixo ortodoxo. Embaixo, o texto estava em húngaro, mas ele reconheceu o nome: Nikita Kruschov. Isto era trabalho de Fraera. Animado com a confirmação da presença dela na cidade, entregou o panfleto a Karoli.

Karoli estava de pé, olhando fixamente para um ponto a distância. Liev seguiu seu olhar até o fim da rua. Ela se abria para uma pequena praça. Nela, havia uma única árvore, sem folhas. A luz do sol encheu o espaço, contrastando com as sombras onde eles estavam. Quando seus olhos se ajustaram, Liev focalizou o tronco da árvore. O tronco parecia estar balançando.

Karoli começou a correr. Liev e Raíssa o alcançaram, passando pelo café, atraindo a atenção dos que estavam sentados à janela. Chegando ao fim da rua, quase à beira do espaço iluminado pelo sol, eles pararam. Do galho mais grosso da arvore, o corpo de um homem pendia de cabeça para baixo. Os pés estavam amarrados com corda. Os braços balançavam para a frente e para trás, como um abominável talismã ao vento.

O fogo fora aceso logo abaixo do corpo. Os cabelos tinham sido arrancado pelo fogo: a pele, a carne, as feições, irreconhecíveis. O homem havia sido desnudado, mas apenas até a cintura. As calças tinham sido deixadas em um ato de pudor incongruente com a selva-geria do assassinato. O fogo queimara seus ombros, enegrecendo o torso. Apele não atingida revelava a idade do homem. Ele fora jovem. Seu uniforme, casaco, camisa e quepe estavam nas cinzas embaixo. Ele fora queimado até a morte trajando o próprio uniforme. Como se ela estivesse sussurrando em seu ouvido, Liev podia ouvir a voz de Fraera:

Isto é o que eles farão com você.

O homem fora membro da AVH, a Polícia Secreta Húngara. Liev virou-se e viu Karoli com as mãos na cabeça, como se seu cabelo estivesse infestado de piolhos, murmurando: — Não sei...

Karoli se aproximou, estendendo a mão para tocar no rosto queimado antes de se afastar, andando em torno do corpo: — Eu não sei...

Ele se virou para Liev:

— Como posso saber se ele não é meu filho?

Caiu de joelhos no fogo frio, um sopro de cinza erguendo-se. Uma multidão se juntou, observando a cena. Liev virou-se para ver as expressões — hostilidade, raiva ante essa demonstração de dor diante do inimigo, raiva por sua justiça estar sendo rejeitada. Liev deixou-se cair ao lado de Karoli, pondo o braço em volta dele: — Temos que ir.

— Sou o pai dele. Eu devia saber.

— Não é o seu filho. Seu filho está vivo. Nós o encontraremos.

Temos que ir.

— Sim, ele está vivo. Não está?

Liev ajudou Karoli a levantar-se. Mas a multidão não os deixava passar. Liev viu a mão de Raíssa mexer-se para pegar o revólver escondido no cós. Ela estava certa. Eles estavam em perigo. Vários na multidão começaram a falar — ali havia um homem carregando uma tira de balas grossas como dedos enrolada no pescoço. As expressões eram acusatórias. Ainda com lágrimas nos olhos, Karoli puxou as fotos de Zoia e Fraera. Depois de ver as fotos, o homem das balas relaxou, apoiando a mão no ombro de Karoli. Eles conversaram durante algum tempo. A multidão começou a se dispersar. Quando todos se foram, Karoli cochichou para Liev e Raíssa: — Sua filha acabou de salvar a nossa vida.

— Aquele homem a viu?

— Lutando perto do cinema Corvin.

— O que mais ele disse? Karoli fez uma pausa: — Que você devia estar orgulhoso. Ela matou muitos russos.

Mesmo dia

O veículo que se aproximava trazendo os soviéticos causou pânico entre a multidão, tão certo como se houvesse uma explosão no meio deles, cada cidadão impulsionado em uma direção diferente, desesperado para sair da rua. Raíssa correu o máximo que pôde, homens, mulheres e crianças a seu lado, todos se esbarravam. Um homem idoso caiu. Uma mulher tentou ajudá-lo, puxando-o pelo casaco, tentando tirá-lo da rua. O veículo blindado soviético ou não viu o homem, ou não deu importância àquilo: preparou-se para passar por cima do casal como se fossem lixo. Raíssa voltou correndo e tirou o homem do caminho quando o veículo passou pesadamente — as esteiras tão perto que Raíssa sentiu uma golfada de ar metálico.

Raíssa examinou a rua. Não havia sinal de Liev e Karoli, mas eles estavam por perto. Explorando a confusão criada pelo carro de transporte soviético, ela entrou em uma rua lateral — qualquer rua — correndo, até que, exausta, parou. Esperou, tomando fôlego. Ela se separara de Liev. Agora estava livre para procurar Zoia sozinha.

Raíssa tivera essa ideia em Moscou mais ou menos quando ouviu que Zoia estava viva. Zoia podia cogitar viver com Raíssa. Ela dissera isso. Mas Zoia não cogitava viver com Liev. Ao longo daqueles cinco meses, Raíssa era incapaz de ver como aquele ponto de vista podia mudar. O mais provável era que a atitude de Zoia tivesse endurecido. No trem para Budapeste, sua decisão se fortaleceu ao observar Karoli interagir com Liev — dois ex-agentes, suspeitosos um do outro, ainda conectados como membros de uma sociedade secreta. Zoia perguntaria: dois agentes da KGB mandados para me resgatar? Ela teria cuspido ante essa ideia. Como eles a compreendiam pouco, o exato sentimento que Fraera sem dúvida explorou, afirmando se solidarizar com a sensação de isolamento de Zoia.

Raíssa duvidava de que Liev aceitasse que o desaparecimento dela fora algo deliberado. Karoli podia adivinhar a verdadeira intenção de Zoia.

Liev a negaria. O atraso dava a Raíssa uma pequena vantagem. Karoli dera a eles um mapa da cidade, assinalando seu apartamento para o caso de eles se separarem. Ela viu que estava mais ou menos próxima à Stahly ut. Precisava caminhar diretamente para o sul, mantendo-se fora das rotas mais óbvias para o cinema Corvin, onde Zoia havia sido vista.

Fazendo um progresso lento, forçada a manter o mapa escondido, ela chegou a Ulloi Ut. O bairro fora palco de luta intensa: havia bombas disparadas por

tanques espalhadas pelo pavimento cujas pedras estavam quebradas. Apesar do tamanho da rua, Raíssa via muito poucas pessoas, figuras correndo de uma porta para outra e depois mais nada — quietude assustadora para uma rua de passagem importante. Permanecendo junto à parede dos edifícios, avançando com cuidado, ela pegou um tijolo quebrado, pronta para esconder-se no vão de uma porta, ou quebrar uma janela e entrar caso precisasse proteger-se. Quando seus dedos seguraram o tijolo, ela notou que a parte de baixo estava molhada. Perplexa, olhou para baixo e viu que a rua estava coberta de algum tipo de substância fina e escorregadia.

O material tinha sido estendido em toda a rua. Era seda, rolos e rolos de preciosa seda. Mas estava ensopada de espuma de sabão. Confusa, Raíssa deu um passo cauteloso, seus sapatos de sola lisa escorregavam aqui e ali. O progresso só era possível apoiando a mão na parede. Como se ela tivesse acionado um alarme, começaram a soar gritos das janelas acima. Havia pessoas de ambos os lados, às janelas, no telhado, homens e mulheres fortemente armados. Ouvindo algo trepidar, sentindo as vibrações, Raíssa virou-se. Um tanque entrou na rua, rodou, examinando as duas direções antes de seguir em direção a ela, as esteiras rolando e acelerando. Todos na janela e no telhado desapareceram, recuando, desaparecendo de vista. Era uma armadilha. Ela estava no meio dela.

Raíssa correu pela seda molhada, caiu, ergueu-se e alcançou a loja mais próxima. A porta estava fechada. O tanque estava muito perto. Ela balançou o tijolo para trás, quebrou a vitrine — pedaços enormes de vidro caíram em torno dela. Ela entrou na loja exatamente quando o tanque chegou à beirada da seda pegajosa. Raíssa olhou para trás, convencida de que ele passaria por esse obstáculo rústico com facilidade. Mas o tanque imediatamente foi lançado para um lado, as lagartas não aderiam mais, mastigando a seda pegajosa. Não havia tração, não havia controle. Olhando para o telhado, Raíssa viu as forças que esperavam aglutinarem-se — uma descarga de bombas de petróleo se quebrou em volta do tanque, lançando chamas sobre ele. O tanque angulou a torreta para o alto do telhado, disparando uma bomba. Incapaz de controlar sua posição, a bomba errou o alvo, projetando-se no céu.

Raíssa correu para dentro da loja. As paredes começaram a sacudir-se. Ela se virou. Pela vitrine quebrada, viu o tanque virando-se em sua direção. Mergulhou no chão enquanto o tanque entrava pela frente da loja, a torreta espetando o teto acima dela, as paredes desmoronando. O tanque parou.

No meio da fumaça e da poeira, Raíssa levantou-se, caminhando aos tropeções para os fundos da loja arruinada, alcançando os degraus e ouvindo os insurgentes descerem de suas posições nos telhados. Presa entre o tanque e a

força que descia, ela recuou para trás do balcão da loja, puxando a arma. Com o olho logo acima do contador, viu um soldado soviético abrir a tampa do compartimento.

Os insurgentes chegaram. Raíssa viu de relance uma metralhadora carregada por uma jovem que usava uma boina. A mulher levantou a arma, apontando-a para o soldado russo, pronta para atirar. A jovem era Zoia.

Raíssa se levantou. Reagindo ao movimento, Zoia se virou, apontando a arma para ela. Face a face depois de cinco meses, cercada de pó de tijolo e fumaça, a metralhadora pendeu das mãos de Zoia como se tivesse se tornado impossivelmente fechada. Ela ficou muda, de boca aberta. Ao fundo, o soldado russo com o rosto sujo, de talvez não mais de 20 anos, explorou a oportunidade. Apontou o revólver para Zoia. Reagindo instintivamente, Raíssa apontou sua 11-33, puxou o gatilho, disparando vários tiros, um atingiu a cabeça do jovem, lançando-o para trás.

Sem acreditar no que havia feito, Raíssa olhou para o corpo do soldado, a arma ainda apontada para ele. Recompondo-se, consciente de que havia muito pouco tempo, ela olhou novamente para Zoia. Dando um passo à frente, agarrou as mãos da filha.

— Zoia, temos de ir. Por favor, você confiava em mim antes, confie em mim mais uma vez.

Havia conflito na expressão de Zoia. Raíssa ficou contente — havia algo com que trabalhar. A ponto de explicar-se, Raíssa fez uma pausa. Fraera estava ao pé dos degraus.

Raíssa puxou Zoia para o lado, fazendo pontaria. Desprevenida, Fraera não se defendeu. Raíssa tinha um tiro limpo. Ela hesitou. Naquele momento, sentiu o cano de um revólver pressionado contra suas costas. Zoia apontava diretamente para o coração dela.

Mesmo dia

DEPOIS DE PASSAR VÁRIAS HORAS procurando Raíssa, com medo de que estivesse ferida, Liev finalmente entendeu que ela o havia deixado a fim de encontrar Zoia. Ela não acreditava que Zoia voltasse para casa com ele. Correndo na tentativa de alcançá-la, ele chegou ao cinema Corvin, o lugar onde Zoia fora vista. O cinema era um edifício oval defensável, afastado da rua, conectado por uma passarela de pedestres que fora bloqueada e fortificada. Um insurgente havia se aproximado deles. Karoli tinha sido deixado bem para trás, incapaz de acompanhar Liev. Sem tradutor, Liev foi salvo de ser interrogado pela chegada de um tanque soviético T-34, agora nas mãos dos insurgentes, uma bandeira húngara tremulando na torreta. Os insurgentes o cercaram, dando vivas. Passando entre a multidão, Liev levantou a foto de Zoia. Depois de examinar a foto, o homem apontou para o outro lado do bulevar.

Liev partiu, correndo novamente. O bulevar estava vazio. Ele parou, curvando-se — toda a rua estava coberta de seda rasgada. Alguns pedaços de seda queimando, fumegando, enquanto outros estavam completamente ensopados. Ele viu onde o tanque capturado tinha feito uma curva na rua e entrado na frente de uma loja. Os cadáveres de quatro soldados soviéticos estavam amontoados no chão. Nenhum tinha muito mais de 20 anos.

Não havia ninguém por perto.

Mesmo dia

RAÍSSA FECHOU OS OLHOS, concentrando-se nos ruídos dos aposentos vizinhos — pessoas correndo, gritando, objetos sendo arrastados, ordens sendo bradadas em russo e húngaro. Homens e mulheres feridos gritando de dor. Um quarto estava sendo usado para o tratamento rústico dos ferimentos adquiridos na luta; outro servia como local de reunião para o bando de insurgentes de Fraera — o cheiro de desinfetante misturado com o cheiro de comida, carne frita e gordura animal.

Escoltada do tanque, Raíssa mal prestara atenção ao lugar aonde estava sendo levada, inteiramente focada em Zoia enquanto ela caminhava à frente, marchando como um soldado, a arma sobre o ombro — a arma que havia apontado para o coração de Raíssa. Chegando a um bloco de apartamentos afastado da rua e ao qual se tinha acesso por uma passagem estreita, Raíssa fora levada ao andar de cima e empurrada para dentro de um cômodo pequeno, cujos móveis haviam sido rapidamente retirados para que fosse improvisado como cela.

As paredes começaram a chacoalhar. Carros blindados pesados passavam por perto. Raíssa espiou por uma janela pequena. Havia conflito na rua abaixo. Diretamente sobre sua cabeça, havia ruído de pés pisando em telhas, franco atiradores tomando posição. Raíssa agachou-se junto à parede mais distante da janela, exausta, com as mãos nos ouvidos. Pensou em Zoia. Pensou em Zoia, pensou no jovem soldado soviético que havia matado. Finalmente, permitia-se chorar...

ouvindo passos do lado de fora e uma chave na fechadura, Raíssa se levantou. Fraera entrou. Se em Moscou ela parecia imperturbável e senhora da situação, agora parecia cansada, estressada pela pressão de sua operação.

— Então, você me encontrou...

As palavras de Raíssa eram trêmulas de raiva:

— Estou aqui por Zoia.

— Onde está Liev?

— Estou sozinha.

— Está mentindo. Mas nós o encontraremos logo. Esta cidade não é grande.

— Deixe Zoia ir embora.

— Você fala como se eu a tivesse roubado. A verdade é que eu a resgatei de vocês.

— Seja qual for o problema que tenhamos como família, nós a amamos.

Você, não.

Fraera não pareceu sequer registrar a observação: — Zoia queria se juntar a mim, então eu deixei; Ela é livre para fazer o que quiser. Se quiser voltar para casa com você, ela pode fazer isso. Não a impedirei.

— É fácil agradar a uma criança deixando-a fazer o que quer e dizendo apenas o que ela quer ouvir. Dê uma metralhadora a ela; diga que ela é uma revolucionária. É uma mentira sedutora. Não acredito que ela a ame por isso.

— Eu não peço pelo amor dela. Você e Liev, por sua vez, exigem amor. Estão ambos obcecados por isso. E a verdade é que ela era infeliz quando vivia com vocês, enquanto comigo ela é feliz.

Por cima do ombro de Fraera, no fim do corredor, Raíssa podia ver um homem ferido deitado sobre a mesa da cozinha. Não havia médicos, nenhum equipamento, farrapos sangrentos e panelas de água fervente.

— Você vai morrer se ficar aqui. Zoia morrerá com você. Fraera sacudiu a cabeça negativamente: — Preocupação não é prova de que você é mãe. A verdade é que você não é mais mãe dela do que eu.

RAÍSSA ACORDOU. O quarto estava escuro e frio e ela tremia, puxando o fino lençol para cima de seu corpo. Era noite. A cidade estava calma. Ela não esperava dormir, mas assim que se deitou, seus olhos se fecharam. Havia um prato de carne com batata no chão, colocado ali enquanto ela dormia. Ela estendeu a mão, puxando o prato para perto. Só então notou que a porta estava aberta.

De pé, caminhou para a porta, olhou para o corredor. Estava vazio. Escapar era uma questão de sair do apartamento, descer a escada e ir para a rua. Era possível que Zoia tivesse aberto a porta e quebrado à fechadura, querendo ajudá-la e ao mesmo tempo ocultando seu envolvimento? O gesto demonstrava astúcia e inteligência, mas se baseava em uma premissa errada. Raíssa não estava ali para fugir: ela estava ali para levar Zoia para casa. Zoia entenderia isso. O método era inconsistente com o caráter dela, reservado, enquanto ela era corajosa e impulsiva.

Insegura, Raíssa se afastou. Ao mesmo tempo, uma silhueta escura apareceu à porta. Era a figura de um garoto. Ele falou em um sussurro: — Por que não foge?

— Não sem Zoia.

Ele saltou à frente, lançou uma perna em volta das pernas dela, dando uma rasteira em Raíssa e jogando-a ao chão, abafando com a mão o grito que ela teria soltado. Ela estava de costas, imobilizada. Raíssa sentiu uma faca contra a

garganta. Ele sussurrou: — Devia ter corrido.

Ela repetiu, falando por entre os dedos dele:

— Não sem Zoia.

À menção do nome de Zoia, ela sentiu o corpo dele ficar tenso, a lâmina ser pressionada contra o pescoço. Raíssa perguntou: — Você gosta dela?

Houve uma mudança na postura dele. A mão sobre a boca de Raíssa afrouxou. Ela estava certa. Isso tinha a ver com Zoia: o garoto estava preocupado em perdê-la. Raíssa disse: — Ouça. Ela está em perigo. Você também. Venha conosco.

— Ela não é sua!

— Você está certo. Ela não é minha. Mas eu me importo muito com ela. E se você se importa também vai achar um jeito de tirá-la daqui. Você ouve a diferença entre a minha voz e a voz de Fraera, não ouve? Você ouve a minha preocupação? Você sabe que ela não se importa.

O garoto tirou a faca do pescoço dela. Ele parecia inseguro. Raíssa adivinhou seus pensamentos: — Venha conosco. Você é a razão de ela estar feliz, não Fraera.

O garoto levantou-se, apressando-se, fechando a porta e depois abrindo-a novamente. Lembrando-se de que á fechadura estava quebrada, sussurrou: — Finja que está tentando escapar. Se não fizer isso, eles me matam. O garoto desapareceu. Raíssa disse: — Espere!

O garoto reapareceu:

— Qual é o seu nome? Ele hesitou:

— Malich.

28 de outubro

LIEV CONTOU PELO MENOS TRINTA TANQUES, uma coluna avançando ao longo do bulevar principal para dentro da cidade. Uma exibição desse tamanho, mobilizada às seis da manhã, significava que uma invasão soviética total era iminente. A insurreição estava a ponto de ser exterminada.

Liev apressou-se montanha abaixo, correndo para o apartamento de Karoli. Subindo os degraus, dois de cada vez, chegou ao piso térreo do apartamento e abriu a porta. Karoli estava sentado em uma mesa, lendo um panfleto. Liev explicou: — Os soviéticos mobilizaram mais de trinta tanques. Estão entrando na cidade. Temos que encontrar Zoia e Raíssa imediatamente.

Karoli entregou-lhe o panfleto. Impaciente, Liev olhou-o. Em cima havia uma foto. Era Liev. Karoli traduziu o texto: — Este homem é um espião soviético. Ele está disfarçado como um de nós. Informe seu paradeiro à fortificação revolucionária mais próxima.

Liev baixou o panfleto.

— Se Fraera está procurando por mim, é prova de que Raíssa foi capturada.

Karoli observou:

— Liev, não é mais seguro para você ficar circulando. Liev abriu a porta, pronto para ir: — Ninguém vai ligar para um espião russo quando há vários tanques russos em todas as esquinas.

A porta do apartamento oposto ao de Karoli estava aberta. Parte do rosto do vizinho estava visível. Eles se olharam nos olhos. Então, o vizinho fechou a porta.

Mesmo dia

DOIS VORY ENTRARAM NO QUARTO DE RAÍSSA agarraram-na pelos braços, levando-a para o corredor, pela porta e para a varanda. O pátio embaixo estava lotado. Fraera estava no meio. Ao ver Raíssa chegar, acenou para seus homens que estavam a um lado. Eles se separaram, revelando Liev e Karoli ajoelhados, os braços amarrados na frente deles, como se fossem escravos à venda. Zoia estava entre a multidão que assistia.

Liev se levantou. Armas foram apontadas para ele. Fraera fez um gesto para que as armas fossem afastadas: — Deixem-no falar.

— Fraera, não temos muito tempo. Há mais de trinta T-34 na cidade neste momento. Os soviéticos vão esmagar a resistência. Vão matar todos os homens, mulheres e crianças que estiverem segurando uma arma. Não há chance de vitória.

— Eu discordo.

— Frol Panin está rindo de você. Esta insurreição é um fingimento. Não se trata aqui do futuro da Hungria. Você está sendo usada.

— Maxim, você vê tudo de cabeça para baixo. Eu não estou sendo usada: estou usando Panin. Nunca poderia ter feito isso sozinha. Minha vingança teria terminado em Moscou. Em vez de ser capaz de me vingar apenas dos homens e mulheres envolvidos na minha prisão, como planejei no início, ele me apresentou uma oportunidade de me vingar do próprio Estado que destruiu minha vida. Aqui, estou ferindo a Rússia.

— Não, não está. As forças soviéticas podem perder cem tanques e mil soldados e isso não vai importar. Eles não ligam.

— Panin subestimou a profundidade do ódio que existe aqui.

— Ódio não é o bastante.

Fraera voltou sua atenção para Karoli: — Você é o intérprete dele? Uma indicação de Frol Panin?

— Sim.

— Você tem instruções para me matar? Karoli pensou um pouco, depois respondeu: — Ou eu ou Liev devíamos matar você. Depois que o levante começasse.

Liev ficou chocado. Fraera sacudiu a cabeça desdenhosamente: — Você não percebeu o verdadeiro propósito dele, Liev? Você é um assassino inadvertido. Está trabalhando para Panin, não eu.

— Eu não sabia.

— Esta é a sua resposta para tudo... você não sabia. Deixe-me explicar. Não iniciei este levante. Tudo que fiz foi estimulá-lo. Você poderia me matar. Não faria diferença.

Liev voltou-se para Zoia. Ela estava com uma arma ao ombro, granadas no cinto. Suas roupas estavam rasgadas, as mãos arranhadas. Ela sustentou o olhar dele, uma expressão rígida de ódio como se estivesse temerosa de que outra emoção pudesse insinuar-se. O garoto que matara o Patriarca estava ao lado dela. Segurava a mão de Zoia.

— Se vocês lutarem vão morrer. Fraera dirigiu-se a Zoia: — Zoia? O que você diz? Liev está falando com você. Zoia ergueu seu fuzil no ar: — Vamos lutar!

Mesmo dia

EMBORA RAÍSSA QUISESSE FALAR a linguagem corporal de Liev era contrária a isso. Ele não dissera nada desde que foram levados para a cela. Do outro lado do quarto, Karoli estava deitado sobre as cobertas, os olhos fechados. Sua perna fora ferida durante a sua captura. Rompendo o silêncio, Raíssa disse: — Liev, desculpe-me. Liev olhou para ela:

— Eu cometi um erro, Raíssa. Deveria ter contado sobre Zoia. Eu devia ter falado que ela segurou a faca acima de mim.

Ainda deitado, com os olhos fechados, Karoli observou: — A filha que nós estamos tentando salvar, ela desafiou você segurando uma faca?

Liev baixou a voz, tentando cortar Karoli da conversa: — O único jeito de escapar será confiando um no outro. Raíssa fez um sinal afirmativo com a cabeça: — A confiança não vai nos tirar deste quarto. Liev perguntou: — Tem alguma ideia de como vamos tirar Zoia daqui?

— Ela está apaixonada. Liev recuou surpreso: — Apaixonada por quem?

— Um vory, ele é jovem, da mesma idade que ela, o nome dele é Malich.

— Aquele garoto é um assassino. Eu o vi matar o patriarca. Ele decapitou um homem de 70 anos com um pedaço de fio.

Karoli sentou-se:

— Eles parecem ser uma boa dupla. Raíssa tomou as mãos de Liev.

— Malich pode ser nossa única esperança.

Mesmo dia

ZOIA ESTAVA DEITADA NA BEIRA da casa que desabara. Atingida por uma bala de canhão, toda a frente da casa ruíra. Deitada sobre o estômago, com o fuzil diante dela, o olho de Zoia estava colado à mira. Havia dois tanques na boca da Kossuthhid, a ponte próxima ao Parlamento, sem dúvida esperando a ordem de avançar para dentro da cidade, como Liev dissera.

Ela nunca esperou ver Liev novamente. Ela não conseguia concentrar-se, vendo o rosto dele. Inquieta, sentiu vontade de urinar. Examinando os tanques, não vendo nenhum movimento, ela deixou o fuzil e verificou os remanescentes do quarto de dormir. Uma vez que toda a frente da casa desabara, o quarto estava exposto. O guarda-roupa era o único lugar que oferecia alguma privacidade sem que ela se afastasse muito de seu posto. Ela entrou nele e fechou as portas, agachando-se. Ela sentiu-se culpada ao secar-se com a manga de um casaco, um estranho tipo de culpa, considerando que estava para atirar em um homem. Ela disparara em inúmeras ocasiões e era possível ter matado alguém que não vira morrer ou cair. Inesperadamente, agarrando um sapato que estava perto, ela vomitou, enchendo o sapato.

Com as pernas bambas, saltou do guarda-roupa, fechando as portas. O fuzil estava onde ela o havia deixado, sobre os tijolos. Tremendo, ela lentamente voltou à sua posição. Um soldado soviético andava com dificuldade em direção aos dois tanques. Zoia mirou no soldado ferido. Ela não podia ver seu rosto, apenas suas costas — seu cabelo castanho. Os outros soldados poderiam vir ajudá-lo. Fraera lhe ensinara que esses eram os oficiais que deviam ser alvejados, o verdadeiro prêmio, antes de ultimar o homem ferido.

O soldado ferido caiu a dez passos do tanque, incapaz de seguir. Zoia virou a mira para a tampa do compartimento do tanque, esperando para ver se mordiam a isca. O tanque se mexeu, avançando, chegando o mais próximo possível do homem ferido. Eles iam salvá-lo. A tampa abriu-se. Um soldado levantou cautelosamente a tampa de aço, esperando para ver se seria alvejado, pronto para se abaixar. Depois de uma pausa, ele saiu do tanque, correndo para ajudar seu camarada ferido. Zoia tinha o homem na mira. Se não puxasse o gatilho, ele ajudaria o camarada a voltar para o tanque e eles entrariam na cidade e matariam mais famílias inocentes e o que adiantaria sua culpa então? Ela estava ali para lutar. Eles eram o inimigo. Eles matariam crianças, mães e pais.

Quando ia puxar o gatilho, a mão de alguém baixou o fuzil. Era Malich. Ele se deitou ao lado dela. Ela tremia. Ele tomou o fuzil dela, verificando os

tambores. Ela espiou por cima do entulho. Os tanques se movimentavam novamente. Mas eles não iam em direção à cidade: iam na direção oposta, de volta à ponte. Zoia perguntou:

— Aonde eles vão?

Malich sacudiu a cabeça negativamente:

— Não sei.

Mesmo dia

LIEV EXAMINOU O QUARTO, procurando uma forma de sair dali. Envolvido no exame da porta, da janela, das tábuas do assoalho, notou o relativo silêncio. O som de explosões e tiroteio cessara. Ouviu passos do lado de fora. A porta se abriu. Fraera entrou.

— Ouçam!

Um rádio no quarto adjacente foi ligado a todo volume. O locutor falava em húngaro. Liev virou-se para Karoli. Ele ouviu durante alguns segundos. Impaciente, Fraera gritou: — Traduza!

Karoli olhou para Liev: — Foi declarado um cessar-fogo. As forças soviéticas estão saindo da cidade.

Mesmo dia

PERCEBENDO O CETICISMO, Fraera insistiu em fazer uma turnê da vitória. Eles saíram Liev, Raíssa e Karoli, cercado de insurgentes e remanescentes da gangue de Fraera. Liev contou apenas quatro vory, excluindo Fraera e Malich, muito menos do que havia em Moscou. Alguns deviam ter morrido. Outros deviam ter abandonado a causa: a vida de um revolucionário não era a vida de um criminoso profissional. Fraera não parecia ligar, liderando-os pela via de passagem Sztalin Ut tão orgulhosamente como se estivesse caminhando sobre a tumba de Stálin. Raíssa estava ao lado de Liev, Karoli vinha logo atrás, arrastando a perna ferida. Através do círculo de homens armados, Liev tinha vislumbres de Zoia orbitando o grupo. Ela andava ao lado de Malich. Embora Zoia ignorasse Liev completamente, de tempos em tempos Malich lançava a ele um olhar hostil. Raíssa tinha razão. Eles estavam apaixonados, sem dúvida.

Liev não via como um triunfo húngaro seria possível sequer teoricamente. Ele observara os insurgentes armados de tijolos e garrafas cheias de gasolina. Eles lutavam destemidamente, lutavam por seus lares, pelo chão em que pisavam. Mas como um antigo soldado, não via estratégia. A campanha era feita ao acaso, improvisada. Em contraste, o Exército Vermelho era a mais poderosa força militar do mundo, em número e tecnologia. Panin e seus coconspiradores pretendiam que isso continuasse assim. A perda da Hungria não seria tolerada, não importava quanto sangue fosse derramado. Mas, caminhando pelas ruas, Liev era forçado a aceitar que não havia mais presença soviética na cidade. Não havia tanques ou soldados. Muitos dos húngaros que lutavam abandonaram suas posições.

Fraera parou de andar. Chegaram a um edifício, de tamanho médio, sem nada de notável. Havia comoção nas portas da frente, um grande número de pessoas entrando e saindo. Karoli arrastou-se para a frente, emparelhando com Liev:

— É a central de operações da AVH. Liev perguntou:

— E seu filho?

— Ele trabalha aqui. Os funcionários devem ter fugido assim que o levante começou.

Fraera notou que conversavam. Ela atravessou a linha de seus homens, perguntando:

— Você conhece esse edifício? É a sede da polícia secreta húngara. Eles a abandonaram e agora estão se escondendo em algum lugar. Mas nós os

acharemos.

Karoli conseguiu disfarçar sua preocupação. Fraera continuou:

— Agora que a cidade está livre, o edifício está aberto ao público. Os segredos guardados aqui não são mais segredos.

A maioria dos insurgentes permaneceu do lado de fora. O edifício era movimentado demais para abrigar a gangue inteira. Fraera liderou um pequeno grupo que passou pelas portas e foi para um pátio interno. Folhas de papel, datilografadas e carimbadas, a burocracia do terror, flutuavam, lançadas dos balcões. O sol se punha. A iluminação era irregular. Para compensar, velas foram acesas, espalhadas nas varandas e assoalhos. Os escritórios estavam cheios de cidadãos que faziam buscas em arquivos. Lidos à luz de velas, homens e mulheres viraram páginas de informações acumuladas sobre eles. Notando que muitos deles choravam, Liev não precisava que os documentos fossem traduzidos. Os arquivos continham nomes de familiares e amigos que os denunciaram, as palavras ditas contra eles. Como uma centena de espelhos caindo ao chão, em toda a sua volta ele viu a fé na humanidade se estilhaçando. Fraera sussurrou:

— Para baixo.

Enquanto os escritórios estavam apinhados, os degraus que levavam ao porão estavam vazios. Pegando uma vela, desceram. O ar estava úmido e frio. Assim como Liev sabia as palavras escritas naqueles arquivos, ele sabia o que encontrariam embaixo — as celas onde os suspeitos tinham sido interrogados e torturados.

Água pingava sobre os assoalhos de concreto fissurado. Todas as portas das celas tinham sido abertas. Na primeira, havia uma mesa e duas cadeiras. Na segunda, havia um ralo no centro e nada mais. Liev olhava para o rosto de Zoia, desesperado para levantá-la nos braços e levá-la para fora daquele lugar. Ela segurou a mão de Malich. Liev fechou a mão, apertando os dedos e perguntando-se por quanto tempo Fraera os faria ficar ali embaixo. Para a surpresa de Liev, Fraera, aparentemente sem medo, pareceu abalar-se com o lugar. Ele pensou nas torturas pelas quais ela devia ter passado depois de sua prisão. Ela suspirou:

— Vamos beber pelo fim de tudo isso.

E brevemente, na escuridão, ela era humana novamente.

INSTALANDO-SE NO PÁTIO de seu complexo de apartamentos, Fraera tinha a intenção de ser a anfitriã da primeira celebração da vitória. Aberto a todos, ela providenciou barris de uísque, licores e champanhe — as reservas da elite, bebidas que nunca tinham sido provadas, guardadas para este exato momento. Liev observou os preparativos: prova de que ela sempre acreditara que

a vitória fosse possível.

Para afastar o frio, uma fogueira foi acesa no pátio, com pedaços de madeira do tamanho de um homem, as chamas erguendo-se bem alto para o céu noturno. Estátuas rústicas de Stálin e seu equivalente húngaro, Rakosi, eram vestidas com uniformes tirados dos cadáveres de soldados soviéticos. Liev notou que Fraera fotografava as figuras em chamas, de pé na varanda do último andar, tomando cuidado ao clicar, antes de guardar a câmera.

Quando os uniformes que queimavam viraram cinza, um bando cigano chegou carregando instrumentos musicais pintados. Após um início tímido, como se preocupados com que seus violinos atraíssem uma barragem de bombas soviéticas, eles gradativamente esqueceram suas ansiedades. A música se tornou cada vez mais alta e os combatentes começaram a dançar

Liev e Raíssa estavam sentados ao fundo do baile, sob guarda armada, enquanto Zoia se embebedava, tomando champanhe, as bochechas se avermelhando. Fraera bebia de uma garrafa, que não compartilhava com ninguém, sempre senhora da situação. Cruzando o olhar com Liev, ela se juntou a eles.

— Vocês podem dançar, se quiserem. Liev perguntou:

— O que vai fazer conosco agora

— A verdade é que ainda não decidi.

Zoia tentava persuadir Malich a dançar. Sem conseguir, agarrou a mão de Malich e puxou-o para o círculo de pessoas em volta da fogueira. Embora ela o tivesse visto subindo em drenos de esgoto, ágil como um gato, ele era desajeitado. Zoia sussurrou:

— Finja que apenas você e eu estamos aqui.

Sob a fantasia de que estavam sozinhos, rodopiaram em volta do fogo, o mundo se tornando uma mancha, o fogo aquecendo seus rostos, dançando cada vez mais rápido até que a música parou e todos bateram palmas. Mas, para eles, o mundo continuava a rodar e eles tinham apenas um ao outro.

30 de outubro

A FOGUEIRA QUEIMARA, TORNAND-SE, um monte de brasas e tocos carbonizados. O bando cigano não estava mais tocando. Os celebrantes voltaram para casa, aqueles que não desmaiaram. Malich e Zoia estavam encolhidos debaixo de um cobertor, perto dos restos da fogueira. Karoli sussurrava uma canção indistinguível, bêbado depois de pedir bebida para amortecer a dor na perna. Fraera, tão cheia de energia como se tivesse descansado a noite inteira, declarou:

— Por que dormir em apartamentos entulhados?

Forçados a participar da expedição de Fraera, deixaram o pátio, cruzando o Danúbio, caminhando fatigados para seu destino — as mansões ministeriais nas colinas Buda. Malich e Zoia os acompanhavam, junto com os vory e o intérprete húngaro de Fraera. Do alto das colinas Rose, viram o sol se levantar sobre a cidade. Fraera comentou:

— Pela primeira vez em dez anos, a cidade despertará em liberdade. Chegando a uma mansão de muros altos, surpreendentemente havia guardas estacionados no perímetro. Fraera virou-se para o intérprete:

— Diga a eles para irem para casa. Diga a eles que isso agora é propriedade do povo.

O intérprete aproximou-se do portão, repetindo as palavras dela em húngaro. Talvez tendo observado a luta, os guardas já haviam chegado a uma decisão semelhante. Estavam protegendo os privilégios de um regime caído. Levantaram o portão, pegaram suas coisas e saíram. O intérprete voltou, entusiasmado.

— O guarda diz que esta mansão pertenceu a Rakosi. Engolindo as palavras, Karoli observou para Liev:

— Aqui era onde o meu ex-patrão se divertia o outrora glorioso líder do meu país. Aqui era para onde costumávamos telefonar e perguntar: quer que urinemos dentro da boca do suspeito, senhor? Quer ouvir enquanto fazemos isso? Sim, ele dizia, quero ouvir tudo.

Eles entraram no terreno imaculadamente desenhado.

Fraera estava fumando um cigarro enrolado à mão. Pelo cheiro, Liev imaginou que continha estimulantes. Anfetaminas explicariam como Fraera mantinha seus ferozes níveis de energia. Seus olhos pareciam completamente negros, as pupilas como poças de petróleo. Liev usara aquela droga durante as noites de prisões e interrogatórios que ele fez como agente do MGB. Ela exacerbava a agressão. Tornava o raciocínio impossível, distorcendo sua mente

para a violência enquanto selava cada decisão com uma confiança inabalável.

Com as chaves que pegara da guarita dos guardas de segurança, Fraera subiu correndo os degraus, destrancou as portas e as abriu de par em par. Inclinou-se para Malich e Zoia:

— Um novo casal deve ter uma casa nova.

Malich enrubesceu. Zoia sorriu quando entrou na casa, sua exclamação de espanto ecoando pelo grande salão de entrada:

— Tem uma piscina aqui!

A piscina estava coberta com uma capa de plástico protetora cheia de folhas de árvores. Zoia pôs o dedo na água.

— Está fria.

Os aquecedores tinham parado de funcionar. As cadeiras de teca estavam empilhadas em um canto. Uma bola de praia murcha de cor brilhante era empurrada de um lado para o outro pelo vento.

Dentro da casa, o luxo havia deteriorado. A cozinha estava coberta de pó, sem uso desde que Rakosi fora obrigado a deixar a Hungria, exilado para a União Soviética após o Discurso Secreto. Construída segundo especificações detalhadas, os materiais de acabamento e de uso pessoal eram estrangeiros. Cristais e porcelana fina enchiam as prateleiras. Garrafas de vinho francês estavam fechadas. Fascinados pelo conteúdo da geladeira, tentando identificar os itens manchados pelo mofo, Liev e Zoia se cruzavam. Lado a lado, era o mais próximo que estiveram desde a caotura de Liev.

— Zoia...

Antes que ele pudesse terminar, Fraera chamou:

— Zoia!

Zoia correu, obedecendo à voz da nova mestra.

Seguindo atrás, entrando na sala de estar, Liev ficou face a face com Stálin. Um enorme retrato a óleo pendia da parede, olhando fixamente para baixo, um deus observando seus súditos. Fraera tirou uma faca, oferecendo-a a Zoia:

— Não há ninguém para denunciá-la agora.

Com a faca na mão, Zoia subiu em uma cadeira, seus olhos ficando à altura do pescoço de Stálin. Em uma posição perfeita para mutilar seu rosto, ela não fez nada. Fraera gritou:

— Arranque os olhos dele! Cegue-o! Tire seu bigode! Zoia desceu, estendendo a faca para Fraera:

— Não... tenho vontade.

A disposição de Fraera mudou do entusiasmo para a irritação.

— Não tem vontade? A raiva não vai e vem. A raiva não é inconstante. Raiva não é como amor.

Não é algo que você sente em um minuto e não sente no seguinte. A raiva fica com você para sempre. Ele assassinou seus pais.

Zoia levantou a voz ao responder:

— Não quero pensar nisso o tempo todo!

Fraera esbofeteou Zoia. Liev deu um passo à frente. Fraera puxou seu revólver, apontando-o para o peito de Liev, mas continuando a falar com Zoia.

— Você esqueceu seus pais? Foi tão fácil assim? O que mudou? Malich a beijou? É isso?

Fraera andou até onde Malich estava agarrando-o e beijando-o. Ele resistiu, mas ela o segurou firme. Quando acabou, ela o empurrou:

— Ótimo, mas ainda estou zangada.

Ela disparou um tiro entre os olhos de Stálin e depois, outro, mais outro, esvaziando sua arma no retrato a óleo, a tela tremendo a cada projétil. O revólver descarregado, o cão estalou contra a câmara vazia. Fraera atirou a arma contra o rosto de Stálin, a arma voltou e bateu no chão. Ela enxugou a testa antes de rir:

— Hora de ir para a cama...

Cheia de insinuações, empurrou Zoia e Malich juntos.

SURPRESO, LIEV ACORDOU, sacudido por um dos vory.

— Estamos indo embora.

Sem explicações, Liev, Raíssa e Karoli foram levantados. Eles tinham sido trancados no banheiro de mármore e usaram toalhas para fazer uma cama. Eles não haviam dormido mais de duas horas. Fraera estava do lado de fora da casa, junto ao portão. Malich e Zoia estavam a seu lado, todos exaustos, exceto Fraera, tensa de energia química. Ela apontou para baixo, em direção ao centro da cidade:

— O boato é que acharam os policiais da AVH que faltavam. Estavam o tempo todo escondidos na sede do partido comunista.

A expressão de Karoli mudou. Sua exaustão desapareceu.

Levou uma hora para descer a colina e cruzar o rio de volta, se aproximando da Praça da República, onde se localizava a sede dos comunistas. Havia tiroteio e fumaça. O quartel-general dos comunistas estava sob cerco. Tanques sob o controle de insurgentes derrubavam as paredes externas. Dois caminhões pegavam fogo. As janelas estavam destruídas: pedaços de concreto e tijolos caíam no chão.

Fraera avançou para dentro da praça, tomando cobertura atrás de uma estátua enquanto projéteis passavam assobiando, disparadas dos telhados. Um homem com uma bandeira branca improvisada saiu da sede, implorando por sua vida.

Foi alvejado. Quando ele caiu, os insurgentes que estavam mais adiantados avançaram, invadindo as instalações.

Na segurança da calmaria temporária, Fraera liderou-os de trás da estátua, cruzando a praça. Uma multidão de combatentes estava na entrada ao lado dos caminhões fumegantes. Fraera juntou-se a eles, Liev e os outros em volta dela. Sob o caminhão estavam corpos enegrecidos de soldados. A multidão esperava que os policiais capturados da AVH fossem entregues a ela. Liev observou que nem todos os integrantes da multidão eram combatentes: havia fotógrafos e membros da imprensa internacional, câmeras penduradas em volta do pescoço. Liev virou-se para ver Karoli. A expressão que ele exibia anteriormente de esperança de que pudesse encontrar o filho transformara-se em horror, desejando que o filho estivesse em qualquer outro lugar, menos ali.

O primeiro dos policiais da AVH foi empurrado para fora, um jovem. Quando levantou as mãos, foi alvejado. Um segundo homem foi empurrado. Liev não entendia o que ele dizia, mas era óbvio que ele pedia por sua vida. No meio do pedido, foi morto com um tiro. Um terceiro policial correu para fora e ao ver os companheiros mortos tentou voltar para o edifício. Liev viu Karoli dar um passo à frente. Aquele jovem era o filho dele.

Enfurecidos com essa tentativa de fugir da justiça, os combatentes agarraram o policial, espancando-o enquanto ele se agarrava às portas. Karoli avançou, afastando Liev, metendo-se entre os combatentes e envolvendo o filho com os braços. Espantado com o encontro, o filho estava chorando, esperando que de alguma maneira o pai pudesse protegê-lo. Karoli gritava para a multidão. Pai e filho ficaram juntos por alguns segundos antes que Karoli fosse afastado, imobilizado, forçado a assistir enquanto o uniforme de seu filho era arrancado, os botões saltando, a camisa rasgada. O rapaz foi posto de cabeça para baixo, os tornozelos amarrados, carregado em direção às árvores da praça.

Liev voltou-se para Fraera, para pedir pela vida do rapaz, e viu que Zoia já agarrara os braços dela, dizendo:

— Faça com que parem. Por favor.

Fraera agachou-se, como um pai quando explica o mundo para uma criança:

— Isso é raiva.

Com isso, Fraera pegou sua própria câmera.

Karoli conseguiu escapulir, andando com dificuldade atrás do filho, chorando quando o viu amarrado, de cabeça para baixo na árvore, ainda vivo — o rosto vermelho, as veias intumescidas. Karoli segurou os ombros do filho, amparando-o, até que a coronha de um fuzil chocou-se contra seu rosto. Caiu ao chão. Gasolina foi jogada sobre o filho.

Movimentando-se rapidamente, Liev foi até um vory distraído com a execução. Socou-o na garganta, fazendo com que ele desmaiasse e então pegou seu fuzil. Pondo um joelho no chão, Liev mirou entre a multidão. Ele tinha uma chance, um tiro. A gasolina foi acesa. O filho estava em chamas, tremendo, gritando. Liev fechou um olho, esperando que a multidão se abrisse. Atirou bala atingiu o jovem na cabeça. Ainda queimando, o corpo se imobilizou. Os combatentes viraram-se, olhando para Liev. Fraera já tinha a arma apontada para ele:

— Abaixe-o.

Liev deixou cair o fuzil.

Karoli levantou-se, agarrando o corpo do filho, tentando apagar as chamas, como se ele pudesse ser salvo. Ele agora estava queimando também, a pele das mãos enchendo-se de bolhas vermelhas. Ele não se importou, segurando o filho mesmo enquanto suas próprias roupas pegaram fogo. Os combatentes viam o homem sofrer e queimar e não se vangloriavam mais. Liev queria gritar para que alguém ajudasse, fizesse alguma coisa. Finalmente, um homem grisalho levantou a arma e atirou na nuca de Karoli. O corpo dele caiu por cima do fogo, embaixo do corpo de seu filho. Enquanto queimavam juntos, muitos na multidão já se afastavam apressadamente.

Mesmo dia

DE VOLTA AO APARTAMENTO, entre os vory de ressaca e alegres estudantes húngaros, Malich tentou encontrar algum espaço, abrigando-se na cozinha, fazendo uma cama sob a mesa. Ele segurou as mãos de Zoia. Como se tivesse sido resgatada de um mar gelado, ela não conseguia parar de tremer. Quando Fraera entrou no aposento, ele sentiu o corpo de Zoia tenso, como se um predador estivesse por perto. Fraera estava com uma arma em uma das mãos e uma garrafa de champanhe na outra. Ela se agachou os olhos vermelhos, os lábios partidos: — Haverá uma festa em um dos quarteirões hoje à noite, milhares de pessoas vão para lá. Fazendeiros do interior vão trazer comida. Porcos serão assados inteiros.

Malich respondeu:

— Zoia não está se sentindo bem.

Fraera estendeu a mão, tocando a testa de Zoia: — Não haverá policiais, nem o Estado, apenas cidadãos de uma nação livre, e todos nós sem medo. Todos nós teremos de estar lá.

Assim que ela deixou a cozinha, Zoia começou a tremer novamente, depois de conseguir controlar as emoções durante a conversa. Os soldados que estavam nas ruas, corpos cobertos de cal, eram mais uniformes que homens, símbolos de uma força invasora. Os húngaros mortos, com flores jogadas sobre seus túmulos, eram símbolos de uma nobre resistência. Todos, mortos ou vivos, eram símbolos de alguma coisa. Embora Karoli fosse, antes de mais nada, um pai e o policial de cabeça para baixo, seu filho.

Malich sussurrou para Zoia:

— Vamos fugir esta noite. Não sei para onde iremos. Mas sobreviveremos. Sou bom em sobreviver: é a única coisa em que sou bom, exceto talvez em matar.

Zoia pensou por um momento, perguntando:

— E Fraera?

— Não podemos dizer-lhe. Vamos esperar até que todos estejam na festa e depois vamos. O que diz? Virá comigo?

ZOIA OSCILAVA ENTRE SONO E VIGÍLIA. Em seus sonhos, ela imaginava o lugar onde viveriam algum lugar distante, uma fazenda remota, em um país livre, escondida pelas florestas. Eles não tinham muita terra: apenas o suficiente para alimentar-se. Havia um rio, nem muito rápido, nem profundo,

onde nadavam e pescavam. Ela abriu os olhos. O apartamento estava escuro. Sem saber o quanto havia dormido, olhou para Malich. Ele levou um dedo aos lábios.

Ela notou a trouxa que ele havia preparado e imaginou que continha roupas, comida e dinheiro. Devia tê-la aprontado enquanto ela dormia. Saindo da cozinha, não viram ninguém na sala. Todos estavam na festa. Eles se apressaram, desceram os degraus para o pátio. Zoia se demorou, lembrando-se de Liev e Raíssa, trancados no apartamento do último andar. Uma voz disse alto da passagem escura: — Eles ficarão emocionados quando eu lhes contar que você hesitou, pensando neles, antes de fugir.

Fraera saiu das sombras. Raciocinando rapidamente, Zoia mentiu: — Estamos indo para a festa.

— Então, para que a trouxa?

Fraera sacudiu a cabeça. Malich deu um passo à frente: — Você não precisa mais de nós. Zoia acrescentou: — Você fala em liberdade. Então, deixe-nos ir.

Fraera fez que sim com a cabeça:

— Liberdades são conquistadas. Eu lhe darei essa chance. Tire sangue e deixarei que ambos se vão. Um simples arranhão, um corte, um machucado, nada além. Derrame uma gota de sangue.

Malich hesitava inseguro. Fraera começou a caminhar na direção deles.

— Não pode me cortar sem uma faca.

Malich tirou sua faca, empurrando Zoia para trás. Desarmada, Fraera continuou a avançar na direção deles. Malich agachou-se, pronto para atacar.

— Malich, pensei que você entendesse. Relacionamentos são uma fraqueza. Veja como está nervoso. Por quê? Porque há muito em jogo, a vida dela e a sua. O sonho de ficarem juntos faz você ter medo, ser vulnerável.

Malich atacou. Fraera desviou-se para o lado, agarrando-o pelo pulso e atingindo-o com um soco no rosto. Ele caiu ao chão, a faca estava agora na mão dela. Ela se curvou sobre ele: — Você é uma grande decepção para mim.

LIEV VOLTOU-SE PARA A PORTA. Malich entrou primeiro, Zoia o seguiu, uma faca ao pescoço dela. Fraera baixou a lâmina, empurrando Zoia para dentro.

— Não fiquem animados demais. Eu os peguei tentando fugir, felizes por deixarem-nos para trás sem sequer um adeus.

Raíssa deu um passo adiante:

— Nada do que disser fará diferença em relação ao que sentimos por Zoia.

Fraera retorquiu com sinceridade irônica:

— Isso de fato parece verdade Não importa o que Zoia faça, se segura uma

faca sobre a cama de vocês, se foge, finge que morre, seja o que for. Ainda acreditam que existe uma chance de que ela vai amá-los.

É um tipo de fanatismo sentimental. Vocês estão certos: não há nada que eu possa dizer. No entanto, pode haver algo que eu diga que poderá mudar o que sentem por Malich.

Ela fez uma pausa:

— Raíssa, ele é seu filho.

Mesmo dia

LIEV ESPEROU QUE RAÍSSA REJEITASSE a ideia. Quando ela finalmente falou, sua voz era de derrota:

— Meu filho está morto.

Fraera virou-se para Liev, satisfeita com os segredos, gesticulando com a faca:

— Raíssa deu à luz um menino. Concebido durante a guerra e o resultado de soldados recompensados por arriscar suas vidas e terem permissão para pegar quem quisessem. Eles a agarraram, diversas vezes, produzindo uma criança bastarda do Exército Vermelho.

As palavras de Raíssa eram vazias de emoção, sumidas, mas eram firmes e calmas:

— Eu não me importava em saber quem era o pai. A criança era minha, não dele. Jurei que o amaria mesmo que fosse concebida nas mais odiosas circunstâncias.

— Mas depois você abandonou o menino em um orfanato.

— Eu estava doente e não tinha onde morar. Não tinha nada. Não tinha o que comer.

Raíssa ainda não olhara para Malich. Fraera sacudiu a cabeça desgostosa:

— Eu jamais entregaria meu filho, não importa o quão assustadoras fossem as circunstâncias. Eles tiveram que tirar meu filho de mim enquanto eu dormia.

Raíssa parecia exausta, incapaz de defender-se: —Jurei que voltaria. Assim que estivesse bem, assim que tivesse um lar.

— Quando voltou ao orfanato, eles disseram que seu filho havia morrido. E como uma idiota, você acreditou neles. Tifo, não foi o que falaram?

— Sim.

— Eu tenho alguma experiência em mentiras contadas por orfanatos, eu investiguei a história deles. Uma epidemia de tifo matou um grande número de crianças. No entanto, muitas fugiram e sobreviveram. Os que fugiram foram contados como mortos para disfarçar. As crianças que fogem de orfanatos com freqüência se tornam batedoras de carteiras nas estações de trem.

O passado reescrito em cada palavra, Malich reagiu pela primeira vez:

— Quando roubei você na estação aquela vez?

— Eu já havia começado a procurar por você. Queria que acreditasse que o nosso encontro era acidental. Planejei usar você em minha vingança contra a mulher que se apaixonou pelo homem que eu odiava. No entanto, gostei de você.

Logo passei a vê-lo como um filho. Adaptei meus planos. Ficaria com você como se fosse meu próprio filho.

Da mesma maneira, comecei a gostar de Zoia e decidi mantê-la ao meu lado. Hoje, vocês dois jogaram fora esse amor. À mais mínima provocação, você puxou a faca contra mim. A verdade é que se você tivesse se recusado a puxar a faca, eu deixaria que ambos fossem embora livres.

Fraera caminhou para a porta, parou, virando-se para encarar Liev:

— Você sempre quis uma família, Liev. Agora tem uma. É bem-vindo nela. Eles são uma vingança pior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

Mesmo dia

RAÍSSA VIROU-SE DE FRENTE PARA OS OUTROS. Malich estava de pé diante dela, com o peito e os braços cobertos de tatuagens. Exibia uma expressão cautelosa, defensiva, protegida contra a rejeição ou o desinteresse. Zoia falou primeiro: — Não importa se ele é seu filho. Porque ele, na verdade, não é mais, você desistiu dele, o que significa que não é a mãe dele. E eu não sou sua filha. Não há nada para falar. Não somos uma família.

Malich tocou o braço dela. Zoia entendeu isso como censura: — Mas ela não é sua mãe. Zoia estava quase chorando: — Ainda podemos fugir.

Malich fez um sinal afirmativo com a cabeça: — Nada mudou.

— Promete?

— Prometo.

Malich caminhou na direção de Raíssa, mantendo os olhos no chão: — Não ligo se for ou não minha mãe. Eu só queria saber.

Foi bem direto, infantil em sua tentativa de ocultar a vulnerabilidade. Ele não esperou Raíssa responder, acrescentando: — No orfanato me chamavam de Feliks. Mas foi o orfanato que me deu esse nome. Eles mudavam o nome de todos, para outros que pudessem lembrar. Não sei meu nome verdadeiro.

Malich contou nos dedos:

— Tenho 14 anos. Ou poderiam ser 13. Não sei quando nasci. Então, sou seu filho, ou não?

Raíssa perguntou:

— O que você lembra do orfanato?

— Havia uma árvore no pátio. Costumávamos brincar ali. O orfanato era próximo de Leningrado, não na cidade, no interior. Era esse o lugar, com a árvore no pátio? Foi lá que você foi procurar seu filho?

Raíssa respondeu:

— Sim.

Raíssa se aproximou de Malich:

— O que o orfanato lhe disse sobre seus pais.

— Que estavam mortos. Para mim, você sempre esteve morta. Zoia acrescentou em tom de conclusão: — Não há nada mais para falar.

Zoia levou Malich para um canto, sentando-se. Raíssa e Liev ficaram de pé perto da janela.

Liev não insistiu em mais informações, deixando que Raíssa se recompusesse. Finalmente, ela sussurrou, virando o rosto para que Malich não a

ouvisse: — Liev, eu desisti de meu filho. É a maior vergonha de minha vida. Nunca contei a você, nunca contei a ninguém. Nunca quis tocar nesse assunto novamente, embora pense nisso todos os dias.

Liev fez uma pausa:

— Malich é...?

Raíssa baixou ainda mais a voz:

— Fraera está certa. Houve uma epidemia de tifo. Muitas crianças tinham morrido. Mas quando voltei, meu filho ainda estava lá. Ele estava morrendo. Não me reconheceu. Não sabia quem eu era. Mas fiquei ao lado dele até ele morrer. Eu o enterrei. Liev, Malich não é meu filho.

Raíssa cruzou os braços, perdida em pensamentos. Rememorando os acontecimentos, especulou: — Fraera deve ter voltado em 1953 ou 1954, depois de ser solta, para procurar meu filho. Os registros deviam estar caóticos. Não havia como ela descobrir a verdade sobre meu filho. Ela não saberia que eu estava lá quando ele morreu. Ela achou alguém com a idade aproximada: talvez planejasse usá-lo contra mim. Talvez não tenha usado porque realmente amava Malich. Talvez não tenha usado porque não tinha certeza de que eu acreditaria na mentira dela.

— Pode não ser nada mais que uma tentativa desesperada de nos ferir?

— E a ele. Liev pensou:

— Por que não conta a Malich a verdade? Fraera está jogando com ele também.

— E como essa verdade soaria? Ele poderia não aceitá-la. Poderia sentir que o estou rejeitando, inventando razões pelas quais não poderia ser meu filho. Liev, se ele quer que eu o ame se está procurando uma mãe...

COM SUA QUEDA CARACTERÍSTICA PARA A MANIPULAÇÃO, Fraera trouxe um único prato grande de cozido. Não havia alternativa a não ser sentar-se em volta, de pernas cruzadas e comer juntos. Zoia recusou-se a princípio a sentar-se com os outros, ficando à parte. No entanto, a comida estava esfriando e como o fato de ser quente era sua única qualidade, relutantemente ela se juntou aos outros, comendo junto com eles, lado a lado, os garfos se esbarrando, enquanto espetavam pedaços de carne e vegetais. Malich perguntou: — Zoia me disse que você é professora. Raíssa concordou: — Sim.

— Não sei ler, nem escrever. Mas gostaria de saber.

— Posso ajudá-lo a aprender, se quiser.

Zoia sacudiu negativamente a cabeça, ignorando Raíssa e dirigindo-se a Malich: — Posso ensinar a você. Não precisa dela.

O prato de comida estava quase no fim. Eles logo se separariam e voltariam

para cantos separados do quarto. Aproveitando o momento, Liev disse para Zoia: — Elena quer que você volte para casa.

Zoia parou de comer. Não disse nada. Liev continuou: — Não quero que se preocupe, mas Elena ama você. Ela quer que volte para casa.

Liev não disse mais nada, suavizando a verdade.

Zoia se levantou, deixou cair o garfo, afastando-se. Permaneceu de pé, o rosto virado para a parede, antes de se deitar nas cobertas, no canto, as costas viradas para o quarto. Malich seguiu-a, sentando-se ao lado dela, pondo o braço nas costas dela.

LIEV ACORDOU TREMENDO. Era de manhã cedo. Ele e Raíssa estavam juntos em um canto do quarto — Malich e Zoia do outro lado. No dia anterior, Fraera estivera ausente: a comida fora trazida por um húngaro combatente da liberdade. Liev notou uma mudança. A seriedade caíra sobre o apartamento. Não se ouviam bêbados dando vivas, nem celebrações.

Pondo-se de pé, ele se aproximou da janela. Esfregou um pedaço da condensação causada pelo gelo. Do lado de fora nevava. O que devia comprovar a impressão de uma cidade em paz, branca de tão limpa e tranquila, dava a Liev uma sensação de insegurança. Ele não via crianças brincando, lutas com bolas de neve. A primeira neve em uma cidade libertada, mas não havia animação nem paz. Não havia ninguém nas ruas.

4 de novembro

EM ALGUM LUGAR NO CÉU ACIMA do apartamento um ruído fraco de gemido aumentou até se tornar uma explosão alta. Um jato passara por cima. Liev sentou-se ereto. O quarto estava escuro. Raíssa acordou imediatamente, perguntando: — O que é isso?

Antes que Liev pudesse responder, explosões soaram pela cidade, várias em rápida sequência, em muitos lugares. Em um instante, Raíssa, Malich e Zoia estavam de pé, ao lado dele, espiando pela janela. Dirigindo-se a eles, Liev disse: — Eles estão de volta.

Houve pânico nos quartos adjacentes, passos no telhado, insurgentes pegos de surpresa, correndo para suas posições. Liev viu um tanque na rua. A torreta apontou para várias direções antes de mirar diretamente nos franco atiradores no telhado.

— Saiam daqui!

Empurrando os outros para o lado mais distante do quarto, houve uma fração de silêncio, depois uma explosão. Arrancados do chão, o telhado desabou e a parede dos fundos caiu, as vigas desmoronando. Restou apenas uma pequena parte do quarto, fechada pelo entulho. Liev cobriu o rosto com a parte de baixo da camisa, lutando para respirar e olhando para ver como estavam os outros.

Raíssa agarrou os remanescentes de uma viga de madeira, batendo com ela contra a porta, Liev juntou-se a ela, tentando abrir a porta. Malich chamou: — Por aqui!

Havia um espaço embaixo da parede do quarto ao lado. Deitados sobre o estômago, correndo o risco de o teto desabar completamente, eles andaram de quatro por baixo dos pedaços de madeira, alcançando o corredor. Não havia nenhum guarda, nenhum vory. O apartamento estava vazio. Abrindo a porta da varanda que dava para o pátio, viram moradores fugindo de suas casas, muitos em grupo, indecisos entre enfrentar as ruas ou ficar mais seguros onde estavam.

Malich voltou para dentro da casa, Liev gritou: — Malich!

Ele voltou, segurando um cinto de munição, granadas e um revólver. Raíssa tentou desarmá-lo, sacudindo a cabeça: — Eles vão matar você.

— Vão nos matar de qualquer jeito.

— Eu não quero que você leve essas armas.

— Se vamos sair da cidade, vamos precisar delas. Raíssa olhou para Liev. Ele disse: — Me dê o revólver.

Malich relutantemente entregou a arma a ele. Uma explosão próxima

encerrou o debate: — Não temos muito tempo.

Liev olhou para o céu escuro. Ouvindo o zumbido dos motores dos jatos, ele os apressou em direção aos degraus. Não havia nenhum vory: ele achou que deviam estar lutando ou haviam fugido. Chegaram na base dos degraus, passaram pela multidão aterrorizadas em direção à passagem para a rua: — Maxim!

Liev se voltou, olhou para cima. Fraera estava no telhado, de metralhadora na mão. Presos no meio do pátio não teriam chance de chegar a passagem antes que ela atirasse neles. Ele gritou: — Acabou Fraera! Esta nunca foi uma luta que você pudesse vencer!

— Maxim, eu já venci!

— Olhe à sua volta!

— Não venci com uma arma. Venci com isto.

Em volta do pescoço dela havia uma câmera.

— Panin sempre usaria toda a força de seu exército. Eu queria que ele fizesse isso. Queria que ele esmagasse esta cidade até ela virar lixo e enchê-la de cidadãos mortos! Queria que o mundo visse a verdadeira natureza de nosso país. Chega de segredos! Ninguém mais acreditará na benevolência de nossa mãe-pátria. Esta é minha vingança.

— Vamos embora.

— Maxim, você ainda não está entendendo. Eu poderia tê-lo matado uma centena de vezes. A sua vida é uma punição maior que a morte. Volte para Moscou, vocês quatro, com um filho procurado por assassinato, apaixonado por uma filha cheia de ódio. Tentem ser uma família.

Liev separou-se do grupo: — Fraera, desculpe-me pelo que fiz a você.

— A verdade, Maxim... é que eu não era ninguém até odiar você. Liev se virou, encarando a passagem, esperando um projétil atingi-lo nas costas. Nenhum foi disparado. Na saída para a rua, ele parou e olhou para trás. Fraera se fora.

Mesmo dia

DENTRO DAS RUÍNAS de uma cafeteria abandonada, com toalhas de mesa enroladas nas mãos para proteger-se dos vidros. Liev estava deitado, esperando os tanques passarem. Levantou a cabeça, espiando pela janela quebrada. Havia três tanques, as torretas virando de um lado para o outro, examinando os edifícios — em busca de alvos. O Exército Vermelho não posicionava mais unidades isoladas de desajeitados e vulneráveis T-34. Estes eram os T-54, maiores, pesadamente blindados. Pelo que Liev vira, a estratégia soviética mudara. Dispostos em colunas, os tanques respondiam com força desproporcional — um simples projétil seria respondido com o poder de destruição do tanque inteiro. Os tanques se movimentariam apenas depois que a devastação fosse completa.

Levou duas horas para eles andarem menos de 1 quilômetro, forçados a buscar refúgio em quase todos os cruzamentos. Amanhecia eles não eram mais protegidos pela escuridão e o progresso se tornara ainda mais lento, presos em uma cidade que estava sendo sistematicamente destruída. Ficar dentro de casa não era mais garantia de segurança. Os tanques estavam equipados com projéteis que perfuravam aço e atravessavam três aposentos antes de detonar no próprio centro das (asas, provocando a queda de sua estrutura.

Testemunhando a exibição de poderio militar, Liev podia apenas se perguntar se o fracasso inicial em retomar o controle não fora deliberado. Ele não apenas enfraquece a posição de repressão moderada, como ilustrou a ineficácia do antigo exército, derrotado por uma simples multidão. Agora a última palavra em equipamentos se pavoneava nas ruas de Budapeste como um filme de propaganda militar. Uma audiência moscovita podia tirar apenas uma conclusão: os planos de reduzir o exército convencional eram errados. Necessitava-se de mais dinheiro, não de menos, mais desenvolvimento de armas — a força da União dependia disso.

Pelo canto dos olhos, Liev captou um lampejo laranja brilhante, chamativo em meio ao entulho de pedra cinza e luz acinzentada da manhã. Três jovens que correram pela rua estavam preparando coquetéis Molotov. Liev tentou chamar a atenção deles, acenando. Bombas caseiras não funcionariam porque as unidades de refrigeração dos T-54 não sofriam das mesmas falhas que as dos T-34. Eles estavam lutando com uma geração inteiramente diferente de armas. Seus artifícios rústicos eram inúteis. Um dos homens o viu e interpretando mal o aceno que Liev dera, ergueu o punho em desafio.

Os três homens se ergueram, correndo atrás do último tanque — eles atiraram as bombas, arremessos perfeitos, todos os três atingindo o alvo, cobrindo a traseira do T-54 com gasolina em chamas. As chamas aumentaram. Eles fugiram, olhando por cima dos ombros à espera de uma explosão que nunca viria. O fogo rugindo sobre o tanque era irrelevante. Os homens correram mais rápido, buscando abrigo. Liev abaixou-se. O tanque se virou e abriu fogo. A cafeteria tremeu, os pedaços de vidro remanescentes nas janelas tremeram e caíram ao chão, estilhaçando-se ao redor. Poeira e fumaça entraram pela janela. Protegido pelo nevoeiro, Liev recuou, tossindo, rastejando entre cacos de vidro até a cozinha, onde Raíssa, Zoia e Malich estavam agachados atrás das unidades de aço.

— As ruas estão intransponíveis. Apontando para o telhado, Malich observou:

— Que tal os telhados: Podemos passar de um para o outro Liev pensou:

— Se eles nos virem, ou nos ouvirem, vão atirar. Lá em cima será muito mais difícil de escapar. Estaremos presos.

Raíssa observou:

— Estamos presos aqui dentro.

No andar mais alto havia duas janelas: uma para o bulevar principal, outra para uma ruela de fundos, que não era suficientemente grande para um T-54. Liev abriu a janela dos fundos, estudando a descida. Não havia calha para drenagem da água da chuva, nenhum apoio para o pé, nenhuma forma de chegar ao telhado. Malich deu um tapinha na perna de Liev.

— Deixe-me dar uma olhada.

Liev abriu caminho para Malich subir no peitoril. Logo após calcular rapidamente a distância até o telhado, Malich saltou, e suas pernas ficaram balançando enquanto ele estava pendurado na beirada do telhado. Liev fez um movimento para dar suporte a ele, mas Malich disse:

— Tudo bem.

Malich subiu, pondo primeiro um pé na beirada, depois o outro. Ele disse:

— Agora Zoia.

Raíssa olhou para baixo, cerca de 15 metros:

— Espere.

Raíssa pegou as tolhas de mesa que Liev atara nas mãos, unindo-as com nós e envolveu a cintura de Zoia. Ela se aborreceu:

— Sobrevivi durante meses sem você. Raíssa beijou-a na bochecha, comentando:

— Razão pela qual seria particularmente embaraçoso se você morresse agora.

Zoia conteve um sorriso, ocultando-o com um franzir de testa. De pé no peitoril, Liev levantou-a. Ela agarrou a beira do telhado:

— Você tem que soltar minhas pernas para que eu possa balançá-las. Relutantemente Liev soltou, observando-a balançar as pernas até conseguir colocar uma no telhado. Malich agarrou-a e puxou-a para cima. A corda de segurança feita com as toalhas de mesa estava esticada.

— Subi.

Raíssa soltou as toalhas, permitindo que Zoia puxasse a improvisada corda salva-vidas. Raíssa era a próxima. Liev foi o último a subir.

O telhado subia até uma faixa estreita, Malich e Zoia estavam ilhados na beira. Raíssa estava atrás, formando uma fila única. Ao subir, os pés de Liev escorregaram nas telhas, deslocando uma—a telha chacoalhou no telhado antes de cair da beirada. Houve uma pausa antes que se ouvisse a telha cair na rua dos fundos despedaçando-se. Os quatro se imobilizaram, apertados contra o telhado. Se algo caísse do outro lado, no bulevar, a posição deles seria denunciada para os tanques patrulheiros.

Liev olhou a paisagem. Viam-se espessos rolos de fumaça por toda a cidade. Casas estavam sem telhado. Havia falhas onde antes haviam edifícios. Jatos de combate — MIGS — faziam voos rasantes na cidade, assumindo posições de ataque, metralhando alvos. Até no telhado eles estavam expostos. Liev comentou:

— Precisamos nos apressar.

Andando de quatro, transpondo os perigos abaixo, eles eram, ao menos, capazes de algum avanço.

Adiante, as casas acabavam: eles chegariam ao fim ao quarteirão. Malich comentou:

— Teremos de descer, cruzar a rua e depois subir do outro lado. As telhas começaram a chacoalhar. Liev foi até a beira do telhado,

espiando para o bulevar principal abaixo. Quatro tanques passavam diretamente embaixo. Um por um eles viraram uma esquina e saíram do bulevar. Para desânimo de Liev, o quarto parou. Ele parecia vigiar o cruzamento. Eles teriam que dar a volta pelo tanque.

Prestes a retornar com as más notícias, Liev percebeu movimento na janela do apartamento diretamente abaixo dele. Espichou o pescoço sobre a beirada, vendo quando duas mulheres penduravam a bandeira húngara modificada, a bandeira com a foice e o martelo cortados, da janela do andar mais alto. O tanque vira os que protestavam. Liev levantou-se rapidamente, acenando para os outros:

— Saiam daí! Agora!

Eles se afastaram do bulevar o máximo que podiam.

O trecho do telhado atrás deles inflou rapidamente no ar e choveram lascas de madeira. A onda de choque fez com que todas as telhas escorregassem.

Malich, próximo da beirada, perdeu o apoio e escorregou, tudo que havia embaixo dele cedendo. Zoia atirou para ele a ponta da corda de toalhas de mesa. Ele a agarrou justo quando o arranjo de telhas caiu do telhado, levando-o junto.

Quando Malich caiu, Zoia foi puxada; tentou agarrar-se a alguma coisa e não encontrou nada. Liev estendeu a mão, perdeu Zoia, mas agarrou a corda de toalhas. Ele conseguiu firmá-los — Zoia estava na beirada, e Malich, pendurado. Se o tanque visse Malich, atiraria, matando todos eles. Liev puxou as toalhas. Raíssa estendeu a mão:

— Me dê a mão!

Agarrando a mão de Malich, ela o puxou, os dois deitando-se lado a lado. Liev rolou para a beirada, observando o tanque. A torreta estava virando em direção a eles.

— Subam!

Levantando-se, eles correram pelo telhado em direção ao apartamento desmoronado do outro lado. A bomba impactou atrás deles, no lugar onde Malich escorregara — no canto do prédio. Todos os quatro foram lançados para cima e para frente, caindo sobre as mãos e os joelhos. Os ouvidos zumbindo, tossindo com a poeira, observaram a devastação à frente e agora atrás deles: dois buracos enormes, como se um monstro gigante tivesse dado duas dentadas no prédio.

Liev examinou o apartamento bombardeado à frente. A primeira bomba tinha atingido o alto, levando o telhado a desmoronar e cair comprimindo o andar de cima sobre o de baixo. Eles podiam descer pelas vigas dos telhados destruídos. Ele tomou a dianteira, esperando que o tanque os considerasse mortos. Chegando à camada do teto que havia caído, ele viu a mão coberta de pó da mulher que pendurara a bandeira. Sem tempo para se demorar, buscou uma saída. A escada ficava atrás. Ele puxou o que sobrara de uma porta, tentando ter acesso aos degraus, o espaço estava cheio de entulho.

Na frente do apartamento danificado, olhando para o bulevar, Raíssa disse:

— Eles estão ciando a volta!

O tanque estava voltando. Presos, não tinham onde se esconder, nem lugar para onde correr.

Liev aumentou seus esforços, tentando afastar o entulho dos degraus, a única saída. Zoia e Raíssa juntaram-se a ele. Malich sumira. Ele fugira, salvando a si mesmo — um vory até o fim. Liev olhou por cima do ombro. O tanque estava tomando posição diretamente do lado de fora, fazendo pontaria para um terceiro

tiro. Ele ia disparar sucessivamente até que as duas casas fossem um monte de entulho.

Dentro do apartamento destruído, paredes de tijolos de ambos os lados, a escada bloqueada, a única chance de escapar era pular rua abaixo.

Liev agarrou Raíssa e Zoia correndo diretamente na direção do tanque. Na beira, parou. Malich já descera pela parede destruída até a rua. Ele corria diretamente para o tanque. Havia uma granada em sua mão.

Malich puxou o pino, subindo agilmente pela frente do tanque, escalando. O tanque levantou o cano do canhão para o céu em uma tentativa de impedi-lo de chegar à ponta do cano. Mas Malich era rápido demais, ágil demais, envolvendo as duas pernas no cano do canhão, subindo. A tampa do compartimento abriu-se, um soldado ia atirar em Malich antes que ele tivesse tempo de deixar cair a granada.

Liev sacou a arma e atirou no soldado, os projéteis batendo na blindagem. O soldado foi forçado a se retirar, fechando a tampa. Malich chegou ao alto do cano deixou cair a granada. Soltou-se, despencando na rua.

A granada explodiu uma fração de tempo depois, a bomba dentro da torreta explodiu um barulho muito maior — a força destruiu o interior do tanque. Os pés de Malich foram levantados do chão e ele foi atirado na rua. Saía fumaça do tanque Ninguém emergiu de seu interior.

Zoia já descera o edifício, correndo, ajudando Malich a levantar-se. Ela sorriu. Descendo também e juntando-se a Zoia, Liev disse:

— Temos que sair da rua...

A camisa de Malich ficou vermelho escuro, uma mancha formando-se no centro.

Liev se ajoelhou, abrindo a camisa de Malich. Havia um corte do tamanho de seu dedo, um talho em seu estômago, uma linha negra, dois lábios sangrentos. Examinando as costas do garoto, Liev não encontrou a ferida de saída.

Mesmo dia

COM MALICH NOS BRAÇOS, Liev correu para a Segunda Clínica Médica, Zoia e Raíssa a seu lado. Eles chegaram ao hospital correndo pelas ruas, arriscando-se com os tanques de patrulha. Várias torretas os seguiram, mas nenhuma abriu fogo. A entrada do hospital estava cheia de gente ferida, alguns apoiados em familiares e amigos, outros deitados no chão. Havia sangue nas paredes, sangue no chão. Procurando um médico ou enfermeira, Liev viu de relance um casaco branco. Seguiu adiante. O médico estava cercado de pacientes, incapaz de dar a cada um mais de dois segundos de seu tempo, examinando feridas, dando ordens para onde deviam ser levados, conduzindo os mais necessitados para dentro do hospital. O restante permanecia no corredor.

Liev esperou no círculo pelo julgamento do médico. Finalmente chegando a ele, o médico tocou o rosto de Malich, sentindo sua testa. A respiração do garoto estava ficando fraca. Sua pele estava pálida. Liev usara a camisa de Malich para apertar o ferimento, o tecido agora estava empapado de sangue. Removendo a camisa, o médico inclinou-se mais. Com os dedos tocou a abertura do corte, abrindo-o — o sangue minando. Olhou as costas do garoto, sem encontrar nenhum orifício de saída. Pela primeira vez, o médico olhou para Liev. Não disse nada, fazendo um movimento quase imperceptível com a cabeça. Com isso, afastou-se.

Zoia agarrou o braço de Liev:

— Por que não o estão ajudando?

Liev, um soldado, vira feridas como essa antes. O sangue estava negro: um fragmento penetrara no fígado de Malich. No campo de batalha não havia esperança de sobreviver. As condições no hospital eram um pouco melhor que aquilo. Não havia nada que pudessem fazer.

— Por que não estão cuidando dele? Não havia nada que Liev pudesse dizer.

Zoia meteu-se no meio da multidão, agarrando o braço do médico, tentando puxá-lo para junto de Malich novamente. As outras pessoas reclamaram dela. Mas ela não soltou o braço do médico até que finalmente gritaram com ela e a empurraram. Ela caiu ao chão, perdida entre as pernas da multidão. Raíssa levantou Zoia do chão do hospital.

— Por que não o estão ajudando?

Zoia começou a chorar, colocando as mãos no rosto de Malich. Ela olhou para Liev, os olhos vermelhos, implorando:

— Por favor, Liev, por favor. Farei o que você quiser, serei sua filha, serei

feliz. Não o deixe morrer.

Os lábios de Malich se mexeram. Liev baixou a cabeça, ouvindo:

— Aqui...não.

Liev carregou Malich pela entrada, entre os que chegavam empapados de sangue, para fora das portas principais, longe da recepção, encontrando um lugar onde pudessem ficar sozinhos. Nos canteiros, onde as flores haviam morrido e a terra estava gelada, Liev sentou-se, apoiando Malich em suas pernas. Zoia sentou-se ao lado dele. Ela segurou a mão de Malich. Raíssa ficou de pé, inquieta, andando de um lado para o outro:

— Liev, talvez eu encontre algo para aliviar a dor...

Liev olhou para ela, sacudindo a cabeça. Doze dias de conflito — não devia haver mais nada na clínica.

Malich estava calmo, sonolento, os olhos abrindo e fechando. Ele Olhou para Raíssa:

— Eu sei que...

A voz dele estava fraca. Sem poder ouvir, Raíssa sentou-se ao lado dele. Malich continuou:

— Fraera mentiu... eu sei... você não é... minha mãe.

— Não há nada de que eu gostaria mais que ser sua mãe.

— Eu teria gostado de... ser seu filho.

Malich fechou os olhos, virando a cabeça, descansando-a contra Zoia. Ela deitou-se ao lado dele, a cabeça junto à dele, como se fossem dormir. Ela pôs o braço em torno dele, sussurrando:

— Eu já contei para você como será a fazenda em que vamos viver? Malich não respondeu. Não abriu os olhos.

— É perto de uma floresta, cheia de frutas e cogumelos. Há um rio, e no verão vamos nadar... Seremos muito felizes juntos.

Mesmo dia

DE PÉ SOBRE OS RESTOS DO TELHADO, Fraera não segurava mais uma arma e sim uma câmera, fotografando a destruição: imagens que logo seriam impressas em todo o mundo. Se este, seu último rolo de filme, não sobrevivesse, não importava. Ela já acumulara centenas de fotografias, contrabandeando-as para fora da cidade, usando as famílias dos dissidentes e insurgentes assim como a imprensa internacional. As imagens de cidadãos mortos, edifícios destruídos seriam publicadas nos anos que viriam sob o título: fonte anônima.

Talvez pela primeira vez desde que o filho fora tomado dela, quase sete anos atrás, ela estava sozinha, sem Malich a seu lado, sem homens prontos para quando ela chamasse. A gangue que ela levara anos reunindo estava desfeita. Os poucos vory remanescentes haviam fugido.

O bando de insurgentes se separara. Na primeira onda de ataque daquela manhã muitos haviam morrido. Ela fotografara os corpos. Zsolt Polgar, o intérprete, permanecera a seu lado. Ela estivera errada sobre ele. Ele morrera por suas ideias. Enquanto ele morria, ela o fotografava com especial cuidado.

O restante de filme dava apenas para três fotos. À distância, o caça havia Feito um círculo, vindo diretamente em sua direção. Levantou a câmera e pôs o jato em foco. O MIG assumiu posição de ataque. Telhas em volta dela começaram a tremer. Ela esperou até que o jato estivesse quase diretamente sobre sua cabeça. Quando o telhado explodiu, fraguimentos de pedra queimando seus braços e seu rosto, Fraera não linha dúvida de que esta última foto seria a melhor de todas.

DUAS SEMANAS DEPOIS

União Soviética

Moscou

19 de novembro

SEU PRIMEIRO DIA DE TRABALHO: as mãos de Liev estavam cobertas de farinha de trigo e o rosto estava quente dos fornos. Enquanto carregava uma fornada de pães recém assados, ouviu Filipp gritar: — Liev, você tem visita.

Um imaculado Frol Panin entrou na padaria. Ele supervisou as instalações com bom humor condescendente. Liev observou: — Não há pedido que não possamos atender: centeio com sementes de coentro, ou adoçados com mel em vez de açúcar. Kosher, ou sem óleo...

Ele pegou um dos pães ainda quentes, partiu-o, oferecendo um pedaço a Panin. Ele aceitou, dando uma mordida. O homem que o traíra e colaborara com seus inimigos, não mostrou nenhum embaraço, culpa ou vergonha, mastigando satisfeito.

— Está muito bom.

Panin pôs o pedaço de pão na mesa, limpando a farinha dos dedos e verificando se Filipp não ouviria o que ele ia dizer: — Liev, ninguém vai voltar ao stalinismo. Não haverá mais prisões em massa. Os campos estão sendo fechados. As celas de interrogatório estão sendo destruídas. Essas mudanças estão acontecendo. E vão continuar. Mas elas devem continuar em segredo, sem nenhuma administração de responsabilidade. Vamos em frente... sem olhar para trás.

Apesar de tudo, Liev não podia impedir-se de admirar Panin. Ele podia ter tramado para Liev jamais sair de Budapeste. Embora Panin pesasse cada decisão em termos puramente práticos. Não fazia nada por malícia ou desprezo. Com o levante derrotado e Fraera morta, Liev era uma irrelevância e por isso tivera permissão para viver.

— Frol Panin, o que quer de mim? Você venceu.

— Eu diria que todos nós vencemos.

— Não, eu perdi há muito tempo. Estou apenas tentando não perder mais.

— Liev, seja o que for que pense de mim, minhas decisões foram sempre...

Liev interrompeu:

— Por um bem maior? Panin assentiu:

— Quero que trabalhe para mim. Precisamos de homens como você.

— Homens como eu.

Liev deixou a frase pendente antes de perguntar: — Vão reabrir o departamento de homicídios?

— Não, ainda não estamos prontos para isso.

— Quando estiverem, estarei aqui.

— Assando centeio com sementes de coentro? Panin sorriu: — Muito bem, espero que algum dia possa ajudar você.

Era um pedido de desculpas de baixa qualidade: desculpas secretas. Liev aceitou o gesto: — Existe algo que poderia fazer por mim.

Mesmo dia

NA RECEPÇÃO DO CONSERVATÓRIO DE MOSCOU, Liev perguntou por Piotr Orlov, um dos jovens compositores mais promissores do país. Foi conduzido diretamente a uma sala de audiências. Orlov, de quase 30 anos, abriu a porta dupla, à prova de som, comentando bruscamente: — Sim?

— Meu nome é Liev Demidov. Frol Panin disse que você poderia ajudar.

Ao ouvir o nome de Panin, o compositor se tornou mais amigável.

A sala de audiências era pequena. Havia um estrado, um piano comum. Orlov segurava o violino junto ao pescoço. O arco estava no banco, junto com um toco de cera.

— O que posso fazer por você?

Liev abriu a pasta, tirando uma única folha de papel, com um buraco queimado no meio. O buraco tinha sido queimado sete anos antes por uma vela na igreja de Lazar. Quando o papel ficou preto, Liev impulsivamente mudou de ideia. Colocou-o sobre o chão de pedra, pisando nas chamas para apagá-las. A música queimada — tudo que restava do trabalho do compositor preso — tinha sido colocado na pasta de arquivo sobre Lazar, uma prova de suas associações contrarrevolucionarias.

Orlov subiu ao estrado, examinando as poucas notas musicais remanescentes. Liev comentou: —Não sei ler música, então não sei se existe o bastante para dar uma ideia de toda a peça. Queria ouvi-la tocada bem alto, o mais alto possível.

Orlov levou o violino ao queixo, pegou o arco e começou a tocar. Liev não tinha a menor sensibilidade para música. Ele esperava que ela fosse lenta e triste. Mas era rápida e alegre e ele gostou muito dela.

Levou um momento para ele perceber que não havia meio de Orlov tocar durante tanto tempo com as poucas notas que ele apresentara. Confuso, esperou que Orlov parasse de tocar. Finalmente, ele disse: — Isso é muito popular, uma das composições recentes de maior sucesso.

— Você deve estar enganado. Pensava-se que essa música se perdera. O compositor morreu antes que ela sequer fosse tocada.

Orlov ficou intrigado.

— Foi tocada na última semana. O compositor está vivo

NA ENTRADA DE UM exclusivo condomínio de apartamentos, Liev bateu à porta. Houve uma grande demora antes que um homem de meia-idade abrisse a porta, um criado, trajando um uniforme preto bem cuidado.

— Posso ajudá-lo?

— Estou aqui para ver Robert Mechik.

— Tem hora marcada?

— Não.

— Ele não recebe ninguém sem hora marcada. Liev entregou a folha de música queimada.

— Ele me receberá. Relutantemente, o homem obedeceu.

— Espere aqui.

Minutos depois, o homem voltou sem a música.

— Por favor, siga-me.

Liev o seguiu pelo apartamento dispendiosamente mobiliado até o estúdio nos fundos. O compositor Robert Mechik estava de pé na janela, segurando a folha de música queimada. Dirigindo-se ao criado, ele disse: — Pode retirar-se.

O homem saiu. Liev observou: —Você se saiu bem. Mechik suspirou: — Estou aliviado de várias maneiras. Espero por este momento há muitos anos, para que alguém apareça com a prova e anuncie que sou uma fraude.

Liev perguntou:

— Você conheceu o verdadeiro compositor?

— Kirill, sim, éramos amigos. Éramos os melhores amigos. Praticávamos juntos. Eu tinha inveja dele. Ele era um gênio. Eu não sou.

Liev perguntou:

— Você o denunciou?

— Não, nunca. Eu o amava. E a verdade. Você não tem motivo para acreditar em mim. Quando ele foi preso, naturalmente, não fiz nada. Não disse nada. Ele e seu tutor de música foram mandados para um campo de trabalho. Depois que Stálin morreu, tentei encontrá-los. Disseram-me que ele não havia sobrevivido. Fiquei arrasado. Tive a ideia de copiar uma das músicas de Kirill, como um memorial para ele. Elas tinham sido perdidas, mas aquilo não importava, eu o ouvira tocá-las muitas vezes. Estavam no meu sangue. Fiz algumas mudanças pequenas. A composição foi um sucesso.

— Mas você não declarou a origem da canção?

— Fui seduzido pelo elogio. Desde então, copiei todas as músicas de que pude me lembrar, fazendo pequenas mudanças, recebendo todo o crédito por elas, desfrutando de todos os privilégios. Kirill não tinha família. Não tinha ninguém. Ninguém acreditava nele.

Ninguém conhecia a música dele, exceto seu professor. E eu.

— Havia outra pessoa.

— Quem?

— A mulher de um padre.

—Foi por meio dela que você me encontrou?

— De certa forma, sim.

Após um silêncio, o compositor perguntou:

— Você vai me denunciar? Liev sacudiu a cabeça.

— Não tenho autoridade para prendê-lo. Mechik pareceu não entender: — Então, a primeira coisa que farei amanhã será contar a verdade ao mundo.

Liev atravessou a sala, olhando pela janela para a neve que começara a cair. Havia crianças brincando na neve.

— O que vai dizer? Que o Estado assassinou um gênio e você roubou a música dele? Quem vai amá-lo por essa confissão? Quem quer ouvi-la?

— O que gostaria que eu fizesse? A neve começava a assentar.

Mesmo dia

SENTADA NO TELHADO DO CONDOMÍNIO de apartamentos de Liev e Raíssa, Zoia tremia enquanto a neve caía em torno dela. Todos os dias desde que voltara ela subia ali, esforçando-se para alçar-se, olhando a cidade de cima. Nenhum telhado estava desabando, não havia ruído de tiroteio, as telhas não tremiam, nem tanques passavam. Mas ela não sentia que estivesse em Moscou ou em nenhum outro lugar, mas no limbo. A sensação de pertencer a algum lugar que havia experimentado em Budapeste não tinha nada que ver com aquela cidade em particular, ou com a revolução, e tudo que ver com Malich. Ela sentia falta dele, ou era daquela parte dela que sentia falta? Ele tirara o peso da solidão de seus ombros, e agora aquele peso parecia maior que nunca.

Eles enterraram Malich fora de Budapeste. Ela não quisera deixar o corpo dele no hospital, perdido entre os mortos, um entre muitos, sem família ou amigos que chorassem por ele. Cavando no solo congelado, eles o enterraram junto a uma árvore, afastado da estrada, ianques e caminhões passando. Ela usou uma faca para gravar seu nome no tronco da árvore. Lembrando-se de que ele não sabia ler, desenhou um coração em torno das letras.

A princípio, quando Zoia subia ao telhado, Raíssa corria atrás dela sem-dúvida com medo de que ela fosse pular. Entendendo que não era nada além de um lugar para sentar-se, Raíssa não interferia mais, nem Liev, permitindo que Zoia ficasse ali durante horas, sem interrupção. Ela pegou um floco de neve e o viu derreter em suas mãos.

ARRUMANDO A LOUÇA APÓS O JANTAR, Raíssa se virou. Zoia estava à porta, trêmula, neve em seus cabelos. Raíssa tomou as mãos de Zoia.

— Você está fria. Quer comer alguma coisa? Eu preparo para você.

— Elena está na cama?

— Sim.

— Liev?

— Ainda não voltou.

Elena retornara do hospital rejuvenescida pelo milagre de Zoia estar viva. Zoia chorara de culpa ao ver a irmã. Elena estava perigosamente magra. Mesmo sem que ninguém tivesse dito, Zoia entendeu que sua irmãzinha não teria sobrevivido por muito mais tempo. Elena não perguntara nada, louca de felicidade, indiferente aos detalhes do que havia acontecido ou por quê. Sua família estava viva.

Raíssa ajoelhou-se diante de Zoia: — Diga para mim.

Houve o som de uma chave na fechadura. Liev entrou, o rosto vermelho e apressado.

— Desculpem-me. Raíssa respondeu: — Chegou a tempo de ler para as garotas. Zoia sacudiu a cabeça: — Posso falar com vocês antes? Com vocês dois?

— Claro.

Liev entrou na cozinha, puxando duas cadeiras, sentando-se ao lado de Zoia.

— O que aconteceu?

— Sempre contei tudo a Elena. Desde que voltei, ela está feliz, não quero estragar isso. Não quero contar a ela o que aconteceu. Não quero contar a verdade. Não quero dizer que a deixei sozinha.

Zoia começou a chorar.

— Se eu contar a verdade, ela me perdoará?

Embora quisesse fazer isso, Liev ainda não sentia que podia pôr o braço em torno dela. Ele disse: — Ela ama muito você.

Zoia olhou para Liev, depois para Raíssa: — Mas ela me perdoará?

Os três se viraram para a porta. Elena estava bem ali de pé, vestindo o pijama. Ela estava em casa há apenas uma semana e já estava transformada, ganhando peso, a cor voltando à pele.

— O que está acontecendo? Zoia foi até ela: — Elena, tenho uma coisa para contar a você. Liev se levantou: — Antes de fazer isso, por que eu não conto uma história de dormir? Elena sorriu.

— Uma que você inventou?

Liev balançou a cabeça afirmativamente: — Uma que eu inventei.

Zoia enxugou as lágrimas e segurou a mão de Liev.